

ALBERT DE ROCHAS

EXTERIORIZAÇÃO DA MOTRICIDADE



ALBERT DE ROCHAS
EXTERIORIZAÇÃO DA MOTRICIDADE

Coleta de experiências e observações

Lançamento original em francês:

ALBERT DE ROCHAS
L'EXTÉRIORISATION DE LA MOTRICITÉ

Recueil d'expériences et d'observations

Imp. e Liv. de Jorge Montero

Chamuel, Éditeur.

5, Rue de Savoie, 5

Paris, 1896.

Versão Espanhola:

ALBERT DE ROCHAS
EXTERIORIZACIÓN DE LA MOTILIDAD

Colección Observaciones y Experiencias

Tradução: Víctor Melcior y Farré (Médico Cirurgião e Acadêmico correspondente da Academia de Medicina de Barcelona)

Prólogo: Dr. Abdón Sánchez Herrero (Catedrático de Medicina da Universidade Central)

Imprenta de Pujol Y C^a - Calle de Tallers, n^o 45

Barcelona, 1897.

Tradução: Teresa da Espanha

Prefácio: Wilson Garcia

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2023

Distribuição gratuita:

[Blog WGarcia](#)

[Autores Espíritas Clássicos](#)

[Portal Luz Espírita](#)

Albert de Rochas

Exteriorização da Motricidade

COLETA DE EXPERIÊNCIAS E OBSERVAÇÕES

PARIS

Chamuel, Éditeur

5, rue de savoie, 5

1896

Em face da realidade insofismável dos fatos, ele não trepidou em render-se à evidência. Se enfrentou alguns insucessos iniciais, isso não constituiu entraves ao seu Espírito dotado de inquebrantável vontade de desvendar a verdade, por isso não esmoreceu enquanto não se capacitou de que produção dos fenômenos constituía patente realidade.

Seu pai e avó foram magistrados, por isso, após seus brilhantes estudos no Liceu de Grenoble, inclinou-se para essa carreira, na qual, não se sentindo realizado, por julgar que tais estudos não eram suficientes para dar vazão às suas atividades intelectuais, voltou ao Liceu para estudar Ciências.

No ano de 1875, obteve o prêmio de honra de Matemáticas espaciais, o que o animou a entrar, no ano seguinte, na Escola Politécnica. No ano de 1861, já havia alcançado a terceira colocação na lista de promoção à Escola de Aplicação, de Metz, o que o levou a ingressar no Exército, no posto de tenente de Engenharia.

Promovido a capitão em 1864, teve importante participação na guerra de 1870 a 1871. Em 1880 foi promovido a comandante de batalhão, entretanto, no ano de 1889, a fim de atender à sua natural inclinação para o estudo científico, abandonou as atividades militares, passando para o Exército territorial no posto de Tenente-Coronel.

Alcançaram grande projeção os trabalhos militares e científicos do Coronel de Rochas, porém, neste ligeiro resumo biográfico, nos tingiremos apenas aos seus estudos no campo do Magnetismo e do Espiritismo.

Experimentador consumado e grande conhecedor de tudo o que se havia escrito sobre esses transcendentais assuntos, colaborou assiduamente para fazer com que o Magnetismo fosse classificado entre as ciências puramente físicas. Estudou a polaridade, contribuiu para a classificação atual das fases do estudo sonambúlico, observou com verdadeiro critério científico a produção de fenômenos espíritas, descobriu a exteriorização da sensibilidade, até então apenas suspeitada, e revelou o mecanismo do desdobramento astral.

O Magnetismo e o Espiritismo muito devem a esse renomado sábio, pois ele publicou uma dezena de importantes obras sobre matérias pertinentes a eles, procurando sempre destacar a sobrevivência da alma.

Albert de Rochas foi membro de numerosas sociedades científicas, oficial da Legião de Honra, oficial da Instrução Pública, em França; agraciado da

Ordem de S. Salvador, da Grécia; da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro, da Itália; comendador de Sant'Ana, da Rússia; do Mérito Militar, de Espanha; do Medjidie, Turquia; do Nicham, de Turus; do Dragão Verde, de Annam.

Este cientista, em sua importante obra intitulada “Forças não Definidas”, diz: “Depois de ter afirmado, por meio de fenômenos verificados por mim e admitidos por todos, a existência no corpo humano de uma força análoga à eletricidade, segui, socorrendo-se do testemunho histórico, as manifestações mais acentuadas de tal força, demonstrando que há entre eles um laço continuo e servem às vezes para nos por em comunicação com seres cuja natureza ignoramos”.

De sua bibliografia salientamos: "L'extériorisation de la motricité", "L'extériorisation de la sensibilité", "La suspension de la vie", "Les forces non définies", "La Lévitación", "Les états profonds de l'hypnose", "Les frontières de la science", "Les Vies successives".

Albert de Rochas desencarnou na cidade de Grenoble, França, no dia 2 de setembro de 1914.

UNIFICAÇÃO – Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE / Novembro de 1960.

AO CONDE

ALBERT DE ROCHAS

Coronel de Engenheiros, Administrador da Escola Politécnica de Paris, membro honorário do Comitê de Obras Históricas e Cientistas do Ministério da Instrução Pública, da Academia Dauphiné, da Academia Savoie, Oficial da Legião de Honra, etc., etc.

Vós sois o arauto da ciência futura que irá estabelecer a fraternidade entre os humanos.

Vós acendestes a tocha que guia os eruditos no caminho da Verdade.

Vós levantais e resolveis o problema transcendental do SER ou do NÃO SER.

Como, então, não vos admirar e estimar?

Permiti que eu me declare defensor da nobre causa que patrocinais e, ao mesmo tempo, vos dê uma insignificante amostra de consideração, dedicando-vos o trabalho que tenho colocado neste livro.

Víctor Melcior

Sumário

Prefácio — pág. 10

Prólogo — pág. 15

Apresentação — pág. 24

PRIMEIRA PARTE - EXPERIÊNCIAS COM EUSÁPIA

Capítulo I - Eusápia Palladino

I. - Seu «Debuts» — pág. 28

II. Sua história, sua pessoa — pág. 37

Capítulo II - Experiências de Nápoles em 1891

I. Relatório apresentado pelo Sr. Ciolfi — pág. 43

II. Relato do Dr. Lombroso — pág. 49

Capítulo III - Experiências de Milão em outubro de 1892

I. Parecer da comissão — pág. 53

II. Notas do Dr. Charles Richet — pág. 73

Capítulo IV - As experiências de Nápoles em Janeiro de 1893

I. Relato feito pelo Dr. Wagner - Catedrático de Zoologia no Instituto Anatômico de São Petersburgo — pág. 93

Capítulo V - As experiências de Roma em 1893 e 94

I. Experiências em maio de 1893 — pág. 100

II. Experiência de 1894 — pág. 106

Capítulo VI - As experiências de Varsóvia de 25 de Novembro a 15 de Janeiro de 1894

I. Análise da declaração do Sr. de Kranz — pág. 110

II. Conclusões do Doutor Ochorowicz — pág. 126

Capítulo VII - As experiências realizadas em 1894 em Carqueiranne e na Ilha Roubaud

I. Análise da comunicação do Sr. Lodge — [pág. 129](#)

II. Extratos da resposta do Dr. Richet ao Dr. Hodgson — [pág. 135](#)

Capítulo VIII - As experiências de Cambridge em 1895

I. Análise da comunicação enviada à 75ª assembleia geral da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres — [pág. 142](#)

II. A questão da fraude nas experiências com eusápia Palladino, *por* J. Ochorowicz — [pág. 145](#)

Capítulo IX - As experiências de Agnélas em 1895

Relatório da comissão — [pág. 181](#)

SEGUNDA PARTE – EXPERIÊNCIAS E OBERVAÇÕES DIVERSAS

Capítulo I - As experiências de Gasparin em 1854

I. Experiências do Conde Gasparin — [pág. 215](#)

II. Os comentários do Dr. Thury — [pág. 218](#)

Capítulo II - Relatório da Sociedade Dialética de Londres em 1869 — [pág. 222](#)

Capítulo III - As experiências do Dr. Crookes — [pág. 238](#)

Capítulo IV - Experiências com Henry Slade — [pág. 261](#)

Capítulo V - As experiências de Donald Mac-Nab, realizadas em 1888, em Paris — [pág. 272](#)

Capítulo VI - Experiências do Sr. Pelletier em 1891 — [pág. 285](#)

Capítulo VII - Experiências do Dr. Pablo Joire em 1895 — [pág. 289](#)

Capítulo VIII - As mulheres elétricas — [pág. 294](#)

Capítulo IX – As casas mal-assombradas — [pág. 308](#)

Conclusões — [pág. 323](#)

Prefácio

Este é um livro sobre gente, sobre fatos e sobre investigações científicas, abonado por uma hipótese que cativa o senso do novo e desafia a percepção: a motricidade humana pode exteriorizar-se a ponto de se manifestar para além do indivíduo, em objetos e coisas. Em síntese, é o que propõe o autor, Albert De Rochas, engenheiro, que também escreveu o livro *Exteriorização da sensibilidade* e do qual este é uma espécie de irmão gêmeo. Lá, De Rochas observa os fenômenos ditos de feitiçaria, magia etc., de forma tão interessante quanto neste, *Exteriorização da motricidade*. Ele mesmo o afirma na Apresentação: “Pretendo demonstrar neste livro a realidade de um fato que se afasta dos dados da ciência oficial, mas que, sobre a chuva de pedras, tem a vantagem de poder ser observado e experimentado. Este fato é o de pôr em movimento, SEM CONTATO, objetos inertes, por meio de uma força que emana do organismo de certas pessoas.”

Assim, convém observar que o presente livro não atende, primacialmente, ao tipo de leitor que deseja um texto leve, livre e solto, por pura curiosidade e, assim, passar um tempo de modo agradável, sem aquela cansativa necessidade de atenção aos detalhes intercalados no texto. Por se tratar de um livro que relata experiências com os rigores do controle da observação, por natureza foge às narrativas envolventes para expor os métodos necessários à credibilidade das conclusões.

Mas – e isto é extraordinário – este é também um livro especial para quem deseja colecionar casos e histórias críveis em torno de pessoas e médiuns à luz, portanto, da fenomenologia mediúnica. E tem muitos! Se este for o principal propósito do leitor, com certeza pode ler, que será muito bem atendido. Com uma vantagem: trata-se de experimentos feitos por pessoas sérias, competentes e de credibilidade indiscutível, muitas das quais capitaneadas pelo autor, Albert De Rochas, que exerceu, entre outras atividades profissionais, a importante função de diretor do Instituto Politécnico de Paris.

À riqueza e quantidade dos relatos o leitor verá somarem-se informações e nomes de prestígio em profusão, presentes ora como personagens centrais dos fatos, ora como interessados nos estudos, observadores, indo de personalidades incrédulas até cientistas dispostos a denunciarem fraudes possivelmente praticadas durante as sessões de experimentos. A começar por um nome que se destaca entre os grandes médiuns espíritas mundiais: o da Sra. Eusápia Palladino, italiana, de origem simples e poucos recursos intelectuais, mas com uma condição mediúnica exponencial, entre cujos prodígios está o de surpreender personalidades do meio científico, com a produção de fenômenos inexplicáveis.

Os relatos das sessões feitas com a famosa médium tomam toda a primeira parte deste livro, de título *Experiências com Eusápia*, parte esta composta por nada menos do que nove capítulos e ocupando mais de 180 páginas. Por isso mesmo, reúne informações das mais oportunas sobre essa grande médium, permitindo que o leitor possa ter sobre ela uma ideia bastante nítida de sua vida e dos seus atributos, bem assim de seu desempenho nas lides mediúnicas.

De Rochas, de modo instigante, inicia por um desafio que o professor Ercole Chiaia faz ao conhecido professor Cesare Lombroso, então completamente cético quanto ao espiritismo. Chiaia havia publicado num jornal de Roma, em 1.888, uma longa carta em que utilizava um argumento do próprio Lombroso para desafiá-lo a presenciar uma sessão com a médium Eusápia Palladino. Em resumo, eis o que em um artigo Lombroso havia escrito: “Cada século é precoce pelas descobertas que não vê nascer, porque não tem consciência de sua própria incapacidade e dos meios que lhe faltam para fazer outras descobertas. (...) Quinze ou vinte anos são suficientes para fazer o mundo inteiro admirar uma descoberta descrita como loucura na época em que foi feita...”. De forma um tanto irônica, neste mesmo trecho Lombroso cita o espiritismo, dizendo: “...quem sabe se eu e meus amigos, que rimos do espiritismo, não incorremos no erro...”. A Chiaia pareceu que ali estava o mote para desafiar o famoso homem de ciência, mas não logrou êxito. Três anos depois as coisas mudaram.

Em fevereiro de 1891, Lombroso foi a Nápoles cheio de curiosidade para estar com Eusápia Palladino, já muito famosa em toda a Itália, ocasião em que na companhia do professor Ernesto Ciolfi e de outras sete personalidades, incluindo-se um sobrinho de Lombroso residente em

Nápoles, participou de sessões realizadas no próprio hotel onde ele havia se hospedado. A médium foi, então, personagem importante de diversos fenômenos que instigaram os participantes e levaram Lombroso a solicitar uma segunda sessão, pois a programação inicial previa uma única. Eis que dois dias depois, no mesmo local, essa segunda sessão se deu com a ocorrência de novos fenômenos e outras surpresas mais para os presentes. Lombroso ficou muito impressionado com os fatos e declarou algum tempo depois: “Estou confuso por ter combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos espíritas; e digo dos fatos, porque ainda me oponho à teoria”. E publicou depois um relatório detalhado sobre as sessões, reafirmando a inutilidade de seu ceticismo.

Em decorrência do relatório de Lombroso, novas sessões foram programadas e mais personalidades se interessaram em analisar a médium e ver de perto os fenômenos, sob severo controle metodológico. É assim que em outubro de 1892, na cidade de Milão, realizaram-se nada menos do que 17 sessões mediúnicas, todas num mesmo local, uma residência, e num mesmo horário: entre 21 e 24 horas. Eis que então se vê um verdadeiro desfile de nomes de pesquisadores sérios, muitos deles céticos, com participação presencial nas sessões, tais como: Alexandre Aksakof, Conselheiro de Estado do Imperador da Rússia, Barão Carl Du Prel, doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, César Lombroso, professor de medicina em Turim, Charles Richet, professor de Medicina em Paris, Giovanni Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão, entre outros.

Os relatórios dessas sessões dão uma amostra da inumerável quantidade de fenômenos produzidos por intermédio de Eusápia Palladino, os quais não deixavam de surpreender os presentes e muitas vezes causar verdadeiros sustos. Cansativas, como de fato é esse tipo de experimento, as reuniões se realizavam em meio às não poucas possibilidades de contrariar o protocolo inicial e a todos os planos estabelecidos. Ainda hoje é assim e a explicação reside no fato de estar-se lidando com inteligências livres, autônomas, fora do nosso campo visual, as quais, além de tudo, possuem seus próprios planos e objetivos. Daí a causa de muitas surpresas e mudanças de rota durante os eventos.

São mesas que se movimentam ora lateralmente, ora inteiramente, cadeiras que mudam de lugar, estejam ou não ocupadas por alguém, às

vezes sendo transportadas por mãos invisíveis com seus ocupantes para cima da mesa; são objetos que se deslocam dos seus lugares originais, ou vindos do teto ou de outros cômodos. São mãos semelhantes a humanas tocando partes do corpo dos presentes, fazendo pressão e transmitindo calor ou frio, luzes que pipocam no ambiente feito vaga-lumes e até mesmo raios e assim por diante.

Muitas vezes, as inteligências atrás do fenômeno provocavam riso, medo e até mesmo surpresas com ações inesperadas. Para exemplo, vejamos como um dos relatórios das reuniões em Milão descreve a elevação e transporte da cadeira, com a médium que nela estava, para sobre a mesa: "Na sessão de 28 de setembro, enquanto os Drs. Richet e Lombroso seguravam as mãos da médium, ela disse, com a voz peculiar costumeira que apresenta quando está em *trance*: "Agora vou colocar minha médium em cima da mesa." Dois ou três segundos depois, a médium e a cadeira em que estava sentada foram cuidadosamente levantadas e colocadas sobre a mesa. Os doutores Richet e Lombroso alegaram não ter contribuído minimamente para essa ascensão. Então anunciou sua descida, verificando-a com a maior segurança e precisão".

Do ponto de vista do espiritismo, a realidade de tais fenômenos mediúnicos, e muitos outros semelhantes, é aceita e explicada em teoria, mas pesquisadores do porte de Charles Richet, entre outros, são severamente prudentes ao observá-los, como se pode ver em seu depoimento a respeito das sessões de Milão com a médium Eusápia Palladino. Os fenômenos lhe parecem surpreendentes, um verdadeiro "transtorno radical do pensamento e da experiência humana", entretanto, que explicação final se pode dar às suas causas e evidências. Eis, então, como se pronuncia: "Se se tratasse de provar algum fato simples e natural, quase evidente *a priori*, ou que não resultasse em contradição com as vulgares noções científicas, eu estaria plenamente satisfeito; mas trata-se de demonstrar a realidade de fenômenos absurdos, contrários a tudo aquilo que o vulgo e o sábio têm admitido de milhares de anos atrás. É um transtorno radical do pensamento e da experiência humana; é um mundo novo que se abre para nós e, conseqüentemente, não é possível ser muito afirmativo na conclusão desses estranhos e surpreendentes fenômenos".

Milão, Nápoles, Roma, Varsóvia, Londres, as sessões com Eusápia se desenrolaram sucessivamente nos anos seguintes e com a presença de

inúmeros outros interessados no seu estudo, produzindo resultados semelhantes, mas também novos e inesperados fenômenos. Em 1894, durante mais de dois meses, nada menos do que 35 sessões ocorreram nas propriedades de Charles Richet em Toulon: o Castelo de Carqueiranne e Ilha Roubaud. A todas se pode aplicar a afirmação feita por esse notável pesquisador, em seu relatório das experiências em Milão: “Nunca a pegamos em contradição alguma, e depois de tais antecedentes, é preciso confessar que seria necessária uma dose maravilhosa de astúcia e habilidade para manter-se a tão boa altura por oito anos”.

Na segunda parte do livro, de pouco mais de 100 páginas, o autor, De Rochas, utiliza-se de inúmeras experiências realizadas em outros locais, países e épocas, envolvendo médiuns diferentes, bem como inúmeros outros observadores. São relatos importantes para fenômenos extraordinários que convergem à proposta central do livro: a exteriorização da motricidade. Essas experiências narradas têm seu início em 1.854, ano em que Allan Kardec dava seus primeiros passos na direção da construção da doutrina dos espíritos, cujo livro inaugural, como é de conhecimento público, foi lançado em 1857.

Registre-se, por importante: nessas outras experiências vão surgir nomes de destaque como o do conhecido cientista inglês William Crookes, Fredrick Zoellner, Alfred Russel Wallace, bem como o médium Henry Slade, de origem norte-americana, que grande destaque teve em países da Europa. E para fecho desta série magistral de fenômenos, o autor relata casos ligados às casas mal-assombradas, a partir de sua ocorrência e grande repercussão nos Estados Unidos da década de 1.850.

Exteriorização da motricidade é, pois, um livro que se inclui, com destaque, entre os melhores clássicos do espiritismo, digno de um autor sério e perspicaz, como o francês Albert De Rochas.

Wilson Garcia

São Paulo, Brasil, maio de 2023.

Prólogo

O meu excelente amigo, o Dr. Melcior, ao traduzir este livro, dá uma prova conclusiva da independência do seu espírito, e se afirma em posição de honra na vanguarda, tão reduzida como heroica, da falange inquiridora da verdade; posição bem conquistada por méritos anteriores. Porque um livro deste tipo não se traduz sem partilhar com o autor a responsabilidade pela sua publicação, nem sem aceitar a realidade dos fatos a que se refere, embora na interpretação racional dos mesmos se mantenha um diferente critério.

E compartilhar a responsabilidade de um livro assim, e aceitar a realidade de tais fatos perante a sociedade espanhola, é enfrentar o fantasma aterrorizante do sorriso desdenhoso e estúpido, que os nega por sistema, formado pelas forças psíquicas escravas da rotina ignorante: e é também desafiar o perigo de um estigma estampado pelos dominadores representantes da falsa ciência, ora materialista e ateuísta, ora panteísta e fanática, no rosto daqueles que lutam na primeira fila e a peito descoberto, pela santa causa da razão e da dignidade humanas: o estigma da incurável loucura.

A valentia com que o meu amigo arremeteu contra o inimigo é uma garantia segura de seu triunfo e torna minha ajuda desnecessária. Mas é que eu tenho singular prazer em dar a ele essa ajuda, valha muito ou pouco, dizendo aos leitores deste livro: os fenômenos que De Rochas viu, eu os vi; aqueles que outros observadores declaram, eu os declaro; a realidade dos fatos tacitamente proclamada por Melcior ao traduzir a obra que os relata, eu a proclamo de forma expressa e terminante.

Agora: que os fatos em questão sejam realizados por exteriorizações da alma ou das almas, da energia ou das energias dos seres humanos vivos; sejam elas devidas a uma especial sobrevivência e ajuda dos mortos, ou pela intervenção do diabo, isso, a seu devido tempo e ocasião iremos ver.

No primeiro caso, aprenderemos a nos exteriorizarmos e a nos assenhorearmos dos espaços infinitos; no segundo, nossas súplicas e

esconjuros forçarão os falecidos a retirar os negros véus da ignota vida além-túmulo; e no terceiro, iremos pegar o diabo pelos chifres, e queira ou não, iremos torná-lo boa pessoa à força de preces ao Deus Grande demandando sua redenção, ou pedindo-lhe que ao menos nos conceda, juntamente com a Graça, a permissão para aproveitar a diabólica sabedoria.

Enquanto chega o momento de investigar as causas e mecanismos de tais fenômenos, iremos resumi-los e refletir um pouco sobre a categoria lógica que lhes corresponde, pois está começando a tendência a considerá-los produto de forças físicas brutas, e é necessário nos opormos imediatamente a essa irracional direção das investigações.

Há sujeitos, chamados médiuns, que, sem sinais objetivos verificados de mudança no estado ordinário de sua vida, ou com prévia autoprovocação de um estado de semi-inconsciência ou de inconsciência completa, frequentemente doloroso, e sempre esgotador de suas forças, que é chamado de transe; às vezes com a intervenção de sua vontade, outras sem a intervenção desta faculdade, e ainda outras a despeito dela, dão origem a fenômenos físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos, contrários às leis conhecidas da estática e da dinâmica do corpos inanimados, incluindo o éter, contrários às leis conhecidas do funcionamento fisiológico dos seres vivos, e contrários às leis conhecidas do funcionamento psicológico dos seres humanos. A faculdade de provocação ou de realização, voluntária ou involuntária, de ditos fenômenos, é denominada mediunidade.

Essa faculdade, que aparece espontaneamente em tais sujeitos, parece desenvolvível em muitos e talvez em todos os indivíduos de nossa espécie, sofre intermitências de atividade e declínio, desaparece em alguns, e pode se manifestar em todas as idades do médium, sem qualquer relação com sua cultura ou com suas crenças.

Os fenômenos físicos que provocam ou realizam voluntária ou involuntariamente, contrários às leis conhecidas da estática e dinâmica dos corpos inanimados, são:

1.º A variação do peso desses corpos, aumentando-o ou diminuindo-o, sem contato material averiguado, nem por ora determinável.

2.º Movimentos ordenados e inteligentes dos mesmos corpos, também sem contato apreciável, obedecendo a um desejo mental ou expresso de qualquer pessoa presente, ou sem propósito conhecido.

3.º Escrita direta em condições absolutamente inexplicáveis sem a admissão de um ser racional invisível e impalpável que a realizasse, e para o qual os obstáculos materiais que se opõem à sua realização não são obstáculos.

4.º A impressão de pegadas humanas em argila ou outra substância apropriada, mesmo dentro de caixa pregada e selada, sem prejuízo do fecho ou dos selos.

5.º Produção de sons sem significado preciso, e com significado intelectual, estabelecendo uma comunicação psíquica com o experimentador ou experimentadores e com a própria consciência ordinária do sujeito, às vezes na forma de golpes – cujo agente não é descoberto – nos móveis, paredes, teto ou piso da sala, outras vezes na forma de ruídos no espaço, sem colisão de corpos visíveis ou palpáveis, outras fazendo soar instrumentos musicais com ou sem acordes harmônicos, sempre sem contato de ser perceptível.

6.º Desenvolvimento de calor e frio sem substâncias caloríferas ou refrigerantes conhecidas.

7.º Desenvolvimento de luz sem corpos luminosos averiguados, e com as qualidades e ações da luz sobre as chapas fotográficas.

8.º Desenvolvimento de eletricidade positiva e negativa atuando no eletroscópio, sem o auxílio de nenhuma das fontes conhecidas de eletricidade.

9.º Desenvolvimento do magnetismo positivo e negativo atuando na agulha magnetizada.

10.º Desintegração e reintegração dos corpos, tornando-os penetráveis sem prejuízo da sua constituição física.

Os fenômenos químicos da mediunidade contrários às leis conhecidas da gênese, composição e decomposição dos corpos inanimados, são:

1.º Aparição desses corpos dos quais nenhuma substância formadora pode ser descoberta.

2.º Composições químicas com absoluta falta de suas condições conhecidas.

3.º Decomposições químicas sem influência direta ou indireta perceptível.

Os fenômenos fisiológicos da mediunidade, contrários às conhecidas leis de geração, vida e morte, são:

1.º A percepção de contatos, dolorosos ou não, sem agente visível que os causasse.

2.º Formação momentânea de fantasmas visíveis e fotografáveis, embora impalpáveis, dotados de movimentos intencionais.

3.º Formação de seres humanos, ou de qualquer de suas partes, visíveis, palpáveis e fotografáveis, que se movimentam com inteligência, que falam racionalmente, que tocam, acariciam e castigam; que, pela boca do médium, por contatos, movimentos mímicos ou sons inarticulados, significam seus medos e desejos, nomeando representações de pessoas falecidas, dissolvendo-se e evaporando-se da mesma forma inexplicável como surgiram.

4.º Aceleração da germinação, crescimento, floração e frutificação das plantas.

5.º Autossupressão da dor e de todas as sensibilidades.

6.º Autoexaltação de todas as sensibilidades, a ponto de ver através de corpos opacos, ouvir o inaudito, cheirar o inodoro, saborear o insípido e tocar o intangível.

7.º Autossupressão quase completa das funções de nutrição, permitindo ao médium permanecer enterrado por alguns meses.

8.º Automanutenção do modo nutricional, retardando sua evolução para a senilidade, permitindo uma longevidade extraordinária.

9.º Autoexaltação nutritiva, até a reparação instantânea de lesões consideráveis.

10.º Escrita automática.

11.º A mudança de personalidade, até representar várias pessoas completamente diferentes, por muitos caracteres fisiopsicológicos.

12.º Ascensões do mesmo médium ou de outras pessoas, por impulso ignorado.

E por último: os fenômenos psicológicos da mediunidade, contrários às conhecidas leis da percepção, memória, pensamento, julgamento, afeto, volição e determinação, são:

1.º Percepção e diferenciação de impressões sem contato direto ou imediato do agente impressionante com o organismo do médium.

2.º Percepção distinta dos pensamentos de pessoas próximas e de pessoas distantes até milhares de léguas.

3.º Memórias implausíveis da própria existência e de outras pretensas existências anteriores.

4.º Clarividência através do tempo e do espaço.

5.º Manifestação de conhecimentos não adquiridos.

6.º Resolver problemas sem base matemática aprendida.

7.º Julgamentos exatos sem elementos de conhecimento verificáveis.

8.º Simpatias e antipatias inexplicáveis.

9.º Vontade de ferro e hipobulia extrema.

10.º Coragem heroica e pusilanimidade covarde.

Acredito que com apenas este resumo, qualquer um irá perceber que aqueles de nós que estamos empenhados em tais pesquisas e investigações, e além disso o declaramos *urbi et orbi*, corremos o risco do sorriso zombeteiro dos positivistas equilibrados, e de sermos vistos com um pé no hospício.

Nem todos os fatos resumidos são atestados neste livro: mas quem quiser extensos ensinamentos sobre eles, leia a já numerosa biblioteca, de Louis Jacolliot e William Crookes, a Otero Acevedo, e os outros livros do ilustre De Rochas; e se tantos testemunhos não lhe bastarem, experimente e veja com seus próprios olhos, e depois vá para a Índia para completar sua instrução sobre o para nós novo mundo fenomenal, que é tão antigo quanto o universo. E, em todo caso, estes que estão atestados neste livro bastam para o informar de que as existências contêm mistérios além do alcance dessas toupeiras materialistas, que não fazem ideia do que é matéria, e que são, no entanto, os prestigiosos mestres da atual geração pseudocientífica.

O vendaval provocado pelos enciclopedistas do século passado ainda é tão forte que mesmo as inteligências de primeira linha, que – no fundo de suas consciências – acreditam no fato de que por trás do fenômeno se esconde um nómeno, por trás da substância tangível, uma energia intangível e senhora de átomos e moléculas, e por trás das aparências físico-químicas dos seres vivos, uma alma livre e criativa, são arrastadas, em suas publicações, para o pensamento extremamente limitado, e para a expressão grosseira do infértil e desolador materialismo.

“Por que a célula medular produz movimentos e a célula cerebral elabora ideias?”, pergunta uma eminência espanhola em certo prólogo ou livro ainda non nato sobre anatomia da medula, de um seu colega. E quer responder com conjecturas baseadas nas relações anatômico sensoriais de

cada foco ganglionar; porém, mantendo o erro de que nas sensações celulares estão as ideias simples, depois combinadas e elaboradas para formar as complexas, pelas células materialmente relacionadas; e assim chegando à consciência cerebral ou de conjunto, ignorante das consciências ganglionares subordinadas. Ou seja, que entre o movimento signo – única coisa que uma célula pode dar de si mesma, embora possua mais células conexas por suas patas de aranha do que areias as praias, – e a interpretação desse movimento signo, não há ponte; e a célula cerebral é terreno e planta ao mesmo tempo do fato de consciência; e o fato de consciência é algo que resulta diretamente da assimilação e desassimilação celular, sem mais substrato que o substrato anatômico, nem mais formas que as anatômicas, que se supõem iguais no vivo e no cadáver, já que do cadáver nascem tão estranhas e irracionais induções e conclusões.

Nada mais confortável, elementar e inocente em presença de um fenômeno, do que atribuí-lo ao corpo ponderável em que se realiza; e para atribuir a vida e a consciência ao organismo ponderável dos seres vivos, os materialistas certamente não precisaram esquentar muito seus cascos. É uma grande pena que os próprios fenômenos do mundo físico lhes tenham imposto, com imposição incontestável, a admissão de algo imponderável que eles chamam de éter, necessário para se darem conta do calor, da luz, da eletricidade, do magnetismo e até da atração universal, e da harmonia dinâmica dos mundos.

Mas até aqui chegaram em suas concessões; e tudo aquilo que não for matéria ou éter ponderável, não é; e tudo o que não for transformação de uma substância ponderável regida por leis imutáveis, ou movimentos do éter sujeitos a leis mecânicas subordinadas à primordial da conservação e equivalência da força, e da eternidade e eterna quantia da matéria ponderável e conhecida ou cognoscível, também não é; a liberdade humana fica reduzida à escravidão do mundo físico; a consciência, ao mero movimento do éter circulante através dos nervos e células nervosas, em virtude do impulso cósmico; a vida, a resultâncias de mudanças químicas; a morte, ao acabar e ao não-ser. A própria existência de Deus é um sonho dos ignorantes, que ignoram que com matéria ponderável e éter, Deus não toca em nenhum pau do universo; e a alma humana, outra ilusão dos tolos que não chegaram a descobrir certas fibras colaterais de comunicação celular, nas quais ela reside, e cujo conjunto emaranhado é a essência do que

chamamos de EU. O universo vem a ser uma nuvem de água turva, sem limites nem contornos, semeada de pontos brilhantes onde não há e não pode haver nada além de atrações e repulsões atômicas, casamentos e divórcios contínuos por apetites e saciedades intermitentes, sem espontaneidade, tendo por lei a fatalidade sem moralidade, sem finalidade, nem qualquer outro regime que não o derivado das intrínsecas propriedades atômicas ou moleculares. Resumindo: uma podridão de cemitério iluminada por fogos-fátuos.

Para combater essas tristezas desoladoras e essas mentiras descaradas do materialismo, vamos raciocinar em seu próprio terreno. Para a constituição de todo corpo, dizem, concorrem duas substâncias: a ponderável, específica ou especificada, e a imponderável ou éter, idêntica a si mesma, e na qual dão-se apenas diferentes condensações ou intensidades de movimento. A primeira limita-se para formar os corpos, a segunda é contínua no universo, e assim preenche os espaços interatômicos, como os interplanetários, estabelecendo as relações universais intercorpóreas, cuja manifestação mais evidente é a atração recíproca na razão direta das massas, e inversa do quadrado das distâncias.

O éter é uma substância em movimento, e a matéria ponderável outra substância também em movimento, os dois diferentes, e o da matéria ponderável diferente em cada corpo simples, segundo a natureza ou a forma de seus átomos. A partir dessas verdades fundamentais, todos os fenômenos do mundo físico-químico, forma dos corpos, densidade, gravidade, transformações, calor, luz, eletricidade, magnetismo, atrações e repulsões, dependem das condições de conflito das substâncias em movimento, ou seja, do modo de relação dessas substâncias, sendo, portanto, o fenômeno, um movimento resultante, em que o etéreo, que se supõe ser de expansão, atua em função de causa influente, e o material, que se supõe ser de concentração e tendência à solidez e repouso, age em função da causa influenciada.

Com esses elementos, que surgem da eternidade e do caos, explicar-se-ia o momento criador dos corpos físicos, a ordem universal ou custo de imensas conflagrações, mas nada mais. Uma vez estabelecidas as relações definitivas, viriam as diferenciações corpóreas permanentes, as rotações uniformes, as órbitas invariáveis, a impossibilidade de toda mudança e toda evolução, o absurdo de toda espontaneidade e toda nova variação.

E assim, descobre-se uma evolução no universo e um mudar contínuo: então, essa evolução e essas mudanças são presididos por uma Ideia. E assim, surgem continuamente, mesmo em nosso misérrimo planeta, por procedimentos muito especiais, corpos dotados de espontaneidade, capazes de criar novos movimentos, mudando a disposição das substâncias e determinando novos conflitos; corpos dotados de percepção, de consciência, de pensamento, de afetos e de vontade, que já não são mais corpos apenas, mas também seres vivos dominadores das substâncias material e etérea: portanto, nesses corpos, há algo mais do que matéria e éter.

É uma inconsequência lógica o fato de que, por aparecerem fenômenos calóricos, luminosos, elétricos e magnéticos, um éter substrato seja admitido para eles; e quando os fenômenos de consciência e volição aparecem, lhes seja negada a alma substrato; e quando se presencia a vida e a evolução universal, Deus onisciente e onipotente seja negado; que seja admitido o éter que ilumina, e não a alma que o acende e o apaga quando quer, o éter que se repele a si mesmo, e não o Deus que o submete ao cumprimento de seus inescrutáveis desígnios.

Por outro lado, supor que entre os átomos etéreos separados pela repulsão essencial não há nada, é o cúmulo das suposições brutais.

De modo que para a constituição dos seres vivos contribuem pelo menos três substâncias: a corpórea ou ponderável, substrato das mudanças nutricionais; a etérea, substrato dos fenômenos térmicos, luminosos, elétricos e magnéticos; e a anímica, substrato dos fenômenos mentais. E se a junção das três é necessária para formar um ser humano, a relação de dependência fica bastante evidente. O éter e a matéria nunca poderão formar mais do que um corpo físico; e se contribuem para formar os seres vivos, é porque a alma se apodera e domina o éter e a matéria, aproveita ou se opõe às suas propriedades e os obriga a contribuir, até que cansada da luta ou aperfeiçoada à força de dores, abandona em detritos aquelas substâncias que lhe serviram para viver esta vida terrena.

Uma coisa é que durante a sua encarnação não tenha consciência de tudo o que faz, e outra coisa é que deixe de fazê-lo; com consciência e sem consciência o faz, como provam os fatos acima, e aqueles que neste livro o leitor aprenderá.

E, se matéria e éter provêm da Criação ou da eternidade, da Criação ou da eternidade provêm a substância anímica, que é certamente universal e forma as almas, assim como o éter forma os corpos físicos com a contribuição do próprio éter, talvez com a contribuição de outros éteres, dirigida ela mesma e seus congêneres pela eminente dominação do Deus criador. A supremacia dos fenômenos anímicos sobre os fenômenos materiais e etéreos, a ponto de determiná-los, credencia sua distinta e superior categoria lógica, e qualquer explicação dos primeiros pelos segundos é irracional *ad absurdum*.

Provado isso, nada mais há a fazer do que continuar a investigação fenomenal no mundo psicológico, não para demonstrar a imortalidade das almas, fato do quais os mesmos ateus e os materialistas mais inveterados compartilham – sendo, portanto, sua campanha uma campanha de hipocrisia – mas para averiguar os destinos de nossas almas e de nossa personalidade psíquica, no tempo e no espaço, para transformar nossas crenças em conhecimento positivo, para admirar mais em breve e mais de perto a magnificência de Deus.

A. Sánchez Herrero.
Madri, Dezembro 1896.

Apresentação

Em 1837, quando Guizot recebeu J. B. Biot na Academia Francesa, parabenizou-o por ter conseguido fazer a Academia de Ciências admitir a realidade da existência de meteoritos, até então descartados como um preconceito popular, em virtude do seguinte raciocínio atribuído a Lavoisier: *Pedras não podem cair do céu porque lá não existem.*

«A Academia, disse Guizot, nomeou-o para determinar se era verdade, como se afirmava, que uma chuva de pedras caía no departamento de Orne, nos arredores de Laigle, e em caso afirmativo, para estudar a autenticidade e a natureza do fenômeno. Parece estranho que do seio de uma Assembleia tão familiarizada com as novidades da ciência, muitos membros se opusessem a tratar publicamente deste assunto, por medo de comprometer a sua dignidade. A sábia e independente curiosidade de Laplace foi o que decidiu a Academia a passar por cima destas indecisões; e o ditame que vós destes dois meses depois, demonstrou plenamente a eficácia e oportunidade da missão que vos foi confiada. Este ditame é um modelo de sagacidade engenhosa e prudente na investigação de um fato. Nenhum dos nossos mais hábeis juízes investigadores jamais colocou maior perspicácia, sutileza e paciência em desvendar um crime do que vós colocastes nesta circunstância na investigação de uma aparente desordem da natureza.»

Pretendo demonstrar neste livro a realidade de um fato que se afasta dos dados da ciência oficial, mas que, sobre a chuva de pedras, tem a vantagem de poder ser observado e experimentado. Este fato é o de pôr em movimento, SEM CONTATO, objetos inertes, por meio de uma força que emana do organismo de certas pessoas.

Em um livro anterior, desenvolvi a *Exteriorização da sensibilidade*. Esse fenômeno também pode ser experimentado; mas, infelizmente, nem sempre o experimentador é capaz de perceber as sensações descritas, devendo, portanto, referir-se ao testemunho de um *sujeito*.

O mesmo não acontece aqui; já que qualquer pessoa que deseje dar-se ao trabalho de investigar, se encontrar ocasiões favoráveis ficará convencida pelo testemunho concordante de todos os sentidos, de que o fenômeno da *exteriorização da motricidade* apresenta o mesmo grau de certeza que qualquer um dos fenômenos em que as ciências físicas se apoiam.

Se todos ainda não o admitiram é porque é relativamente raro e de difícil observação. O domínio da ciência, limitado em sua origem a fatos materiais e constantes, foi sendo gradualmente ampliado através do estudo daqueles que, por sua delicadeza e instabilidade, escaparam a nossos predecessores. Mas digamos como Carl du Prel: «As forças da Natureza não esperam, para entrarem em atividade, a serem descobertas e nomeadas; elas agem de muito antes, dando origem a fenômenos de uma física desconhecida, negada por muitos séculos, até o momento em que são impostos pela frequência de suas manifestações.»

A antiguidade já conhecia as mesas girantes, as varas divinatórias e os pêndulos exploradores. Enquanto esses fenômenos só podiam ser observados por contato, e usando as forças combinadas de muitos experimentadores, a hipótese do engodo se apresentava naturalmente à inteligência e, em outros casos, especialmente quando os movimentos eram muito pequenos, era permitido serem atribuídos a causas acidentais, como a trepidação do solo, a corrente de ar que partia do nariz, etc.

Quando a força desenvolvida era grande demais para atuar à distância e produzir movimentos consideráveis, então, ou o fato era negado, ou era atribuído ao diabo, ou ensaiava-se um estudo dos fenômenos; mas como as circunstâncias favoráveis à sua produção eram ignoradas, os observadores paravam por não querer se submeter a condições que pareciam favorecer a fraude.

De quarenta anos atrás, esforços consideráveis têm sido feitos, tanto no antigo como no novo mundo, para esclarecer essas questões que têm o privilégio de entusiasmar os espíritos independentes e ávidos de verdade. Farei aqui apenas um resumo dos principais trabalhos verificados sobre o assunto, referindo, sobretudo, aqueles que partem de autores cujo nome ocupa lugar de destaque na ciência ortodoxa.

Para não assustar demais muitos leitores não iniciados nesses estudos em que se baseará a ciência do século XX (1), teria preferido limitar-me a expor fenômenos específicos por seu título; mas ver-se-á que, se algum dia

ocorrerem sozinhos, o mais frequente é que sejam acompanhados de manifestações ainda mais estranhas, e que segundo teorias que não julgo oportuno desenvolver aqui, seriam a consequência normal de um aumento em intensidade. Deixar de fazer essas manifestações e insistir o experimentador em trilhar novos caminhos, teria sido muito exposto a críticas.

(1) Aqueles que desejarem se familiarizar com essas investigações devem ler o notável livro do Sr. Aksakof, intitulado Animismo e Espiritismo.

Então, eu peço a meus leitores que consideram apenas como simples notícias as menções que acabei de fazer até chegar o dia em que possa discuti-las em detalhes. No momento, peço que concentrem toda a sua atenção no fato relativamente simples de colocar em movimento, sem contato, um corpo inerte, coisa que pude estabelecer com todo tipo de provas, que não poderão deixar qualquer dúvida nos espíritos das pessoas que não estiverem cegas pelo preconceito.

Nessas experiências, limitei-me mais a demonstrar as suspicácias de que foram objeto, de que modo se chega a imitá-las, que tipo de circunstâncias podem fazer presumir injustamente que existe fraude, e de quantas maneiras elas foram comprovadas, sem me circunscrever apenas a apresentar os fatos fazendo ressaltar seu encadeamento.

Por isso procurei reproduzir com a maior exatidão os processos verbais fornecidos por testemunhos oculares, certamente chamando a atenção para a semelhança com que todos os médiuns conseguem realizar os mesmos atos sob a influência do mesmo impulso físico.

Eu poderia ter multiplicado os argumentos em apoio da minha tese, principalmente pelos fenômenos de levitação e casas mal-assombradas, apelando à história de todos os tempos e lugares; mas preferi limitar-me aos fatos mais recentes, que são os mais apropriados para trazer convicção aos espíritos adaptados à ciência atual. Foi assim que a balança permitiu demonstrar o aumento ou diminuição do peso em corpos submetidos à influência de uma força emanada do organismo humano; e inclusive as variações dessa força foram inscritas em aparelhos de gravação, de modo que qualquer explicação baseada na alucinação deve ser descartada.

Recusar-se a acreditar em afirmações tão numerosas, tão claras e precisas seria transformar em um impossível o estabelecimento de qualquer ciência física, pois o estudante não pode pretender ser

testemunha de todos os fatos que lhe são ensinados e cuja observação é com frequência difícil. Recusar-se a lidar com certos fenômenos, quando se está convencido de sua realidade, por temor ao *que dirão*, é mostrar uma fraqueza de caráter desprezível e trair os interesses da humanidade.

Ninguém pode, de fato, prever as consequências de uma descoberta quando se trata de forças novas; aquilo que há cem anos se manifestava pela contração das coxas da rã suspensas na varanda de Galvani, não é a maravilhosa fonte de movimento e luz que hoje anima nossas locomotivas mais poderosas e ilumina ambos os continentes?

Albert De Rochas

PRIMEIRA PARTE

EXPERIÊNCIAS COM EUSÁPIA

Capítulo I Eusápia Palladino

I. - Seu «debuts»

O grande público tomou conhecimento pela primeira vez dos poderes maravilhosos de Eusápia, em virtude de uma carta inserida em um jornal de Roma em 9 de agosto de 1888. Esta carta foi dirigida ao professor Lombroso. Vejam a tradução.

Senhor:

Em vosso artigo *Influência da civilização sobre o Gênio* publicado no número 20 da *Fanfulla della Domenica*, entre inegáveis belezas de estilo e lógica, vi uma frase feliz, que me parece a síntese do movimento científico (a partir do momento em que homem inventou o quebra-cabeça chamado alfabeto) até o nosso tempo. Eis a frase:

«Cada século é precoce pelas descobertas que não vê nascer, porque não tem consciência da sua própria incapacidade e dos meios que lhe faltam para fazer as outras descobertas. A repetição da mesma manifestação, imprimindo-se nos cérebros, prepara os espíritos e os torna cada dia mais capazes de descobrir as leis a que esta manifestação está sujeita. Quinze ou vinte anos são suficientes para fazer o mundo inteiro admirar uma descoberta descrita como loucura na época em que foi feita; atualmente, as

sociedades acadêmicas riem do hipnotismo e da homeopatia; quem sabe se eu e meus amigos, que rimos do espiritismo, não incorremos no erro, exatamente como acontece com os hipnotizados? Graças à ilusão que nos envolve, talvez somos incapazes de reconhecer nosso engano e, como muitos alienados, colocando-nos do lado oposto da verdade, rimos de quem não está conosco».

Impressionado com esta frase espiritual e que por acaso julgo adequada a um fato com o qual tenho lidado há algum tempo, apanhei-a com alegria e sem comentários, e obedecendo às regras cavalheirescas, servi-me dela como de um reto.

As consequências deste desafio não serão perigosas nem sangrentas; iremos lutar lealmente, e quaisquer que sejam os resultados do encontro, tanto se eu sucumbir ou me render ao adversário, terá de ser com benevolência; o final levará consigo a retificação de um dos dois adversários e, em todo caso, será útil à grande causa da verdade.

Atualmente fala-se muito em uma determinada doença, que se encontra no organismo humano; observa-se todos os dias, embora sem saber a causa e sem saber que nome dar a ela. Esta doença é evidente; seus efeitos sensíveis são comprovados pela experiência, relacionando-se, principalmente, ao sentido do tato, ou seja, à inspeção geral de todo conhecimento.

O sujeito é seriamente chamado para exame pela ciência contemporânea, mas esta, como única resposta, zomba com a risada irônica de Pirro de Élis, precisamente porque, como já foi dito, o século não está pronto.

Mas o autor da frase citada acima certamente não a escreveu pelo prazer de escrevê-la; pois acho que ele não sorrirá desdenhosamente se for convidado a observar um caso particular, digno de chamar a atenção e ocupar seriamente o espírito de um Lombroso.

Refiro-me a uma enferma de uns 30 anos de idade que pertence à classe mais humilde da sociedade e que é bastante ignorante. Seu olhar não é fascinante nem dotado daquela força que os criminalistas modernos chamam de irresistível; mas em virtude de fenômenos surpreendentes peculiares à sua doença, ela pode, se quiser, divertir por uma hora, tanto à noite quanto durante o dia, um grupo de curiosos, mais ou menos céticos, mais ou menos fáceis de contentar.

Amarrada a uma cadeira, ou agarrada com força pelos braços dos curiosos, ela atrai os móveis que a rodeiam, levanta-os, mantém-nos no ar como o sepulcro de Maomé e os faz descer com movimentos ondulantes como se obedecessem a uma vontade estranha; seu peso aumenta ou diminui; golpeia as paredes, o teto e o chão, com ritmo e cadência, respondendo aos convites dos assistentes; resplendores semelhantes aos da eletricidade saem de seu corpo, envolvendo-a ou cercando aqueles que assistem a essas cenas maravilhosas; desenha o que se quiser no papel, números, assinaturas, nomes, frases, apenas estendendo a mão até o local indicado; se um vaso cheio de argila úmida é colocado em um canto da sala, encontra-se nele após alguns momentos a impressão de uma mão, grande ou pequena, a impressão de um rosto de admirável precisão, visto de frente ou de perfil, e dos quais é possível se obter uma máscara.

Esta mulher eleva-se no ar, quaisquer que sejam os laços que a prendem, permanecendo como se estivesse no vazio, contrariando todas as leis da estática e parecendo franquear as da gravidade; faz soar instrumentos musicais, órgãos, sinos, tambores, como se fossem tocados por mãos, ou agitados pelo sopro de duendes invisíveis.

Vós chamareis a isto um caso particular de hipnotismo; direis que essa enferma é um faquir de anágua, que a trancaríeis em um hospício... Peço-vos, eminente professor, não mudar de questão.

O hipnotismo não causa mais do que a ilusão de um momento; após a sessão, tudo assume sua forma primitiva. Mas aqui o caso é diferente: nos dias que se seguem a essas cenas maravilhosas, ficam vestígios, documentos dignos de consideração.

O que achais de tudo isso?

Mas deixai-me continuar; esta mulher, sob certas condições, pode aumentar de tamanho em mais de dez centímetros; é como uma boneca de guta-percha, como um autômato de um novo tipo; assume formas estranhas; quantas pernas e braços tem? não sabemos.

Enquanto seus membros são segurados pelos participantes mais incrédulos, vemos outros aparecerem sem saber de onde saem. Seus sapatos são pequenos demais para conter os pés enfeitiçados, e essa circunstância faz supor a intervenção de um poder misterioso.

Não riais porque eu diga *faz supor*. Eu não afirmo nada. Vós, em qualquer caso, podereis rir quando chegar a ocasião.

Quando esta mulher é amarrada, vê-se aparecer um terceiro braço, o qual ninguém sabe de onde vem, que retira chapéus, relógios, dinheiro e outras joias, devolvendo-os com alegre familiaridade.

Algumas peças da roupa dos espectadores são trocadas de lugar, acaricia e torce os bigodes, dando a oportunidade de distribuir algum bofetão, pois também tem seus momentos de mau humor.

É sempre uma mão áspera e calejada (já dissemos que a de Eusápia é pequena), úmida e de unhas compridas, seu contato faz estremecer, porque passa do calor natural ao frio glacial do cadáver. Essa mão se deixa apertar e observar com atenção, tanto quanto a luz da sala permite, e acaba por se elevar, ficando suspensa no ar, como se tivesse sido amputada na raiz do antebraço, assemelhando-se às mãos de madeira que estão expostas nas vitrines das lojas de luvas.

Juro-vos que saio com o espírito calmo do antro di Circe; uma vez liberado de seus encantos, reviso minhas impressões e acabo não acreditando em mim mesmo, embora o testemunho de meus sentidos me acuse de não ter sido vítima de um erro ou ilusão.

Uma pilha de volumes composta pelos mais ilustres experimentadores antigos e modernos atestam a verdade desse charlatanismo paradoxal.

Nestas experiências há sempre coisas novas ou inesperadas. Trocam-se cumprimentos e apertos de mão entre personagens vestidos com roupagens, que aparecem e desaparecem como sombras, no espaço de poucos instantes.

Essas manobras extraordinárias não podem ser atribuídas a prestidigitação. Vós direis que é preciso estar alerta contra toda trapaça, fazer uma investigação escrupulosa da pessoa de quem falo, para impedir a enganação. Sabei que os fatos nem sempre respondem à atenção inquieta dos espectadores, o qual por outro lado é um mistério, e que bem considerado, demonstra que o indivíduo que opera não procede de forma arbitrária.

Sem dúvida, o sujeito possui a faculdade exclusiva desses atos prodigiosos, mas eles só podem ser produzidos com a ajuda de um agente desconhecido, um ser que chamamos de *Deus ex machina*.

De tudo que foi dito, fica evidente a grande dificuldade de se estudar o fundo desta questão, e a necessidade de verificar uma série de experiências até reunir um número capaz de esclarecer as dúvidas e superar as

suposições dos confrontadores, que, como sabemos, negam o privilégio dos espíritos observadores.

Esses confrontadores, a partir de um indício, descobrem evidências de forças ocultas na natureza; da queda de uma maçã, do movimento de um pêndulo, deduzem as grandes leis que regem o universo.

Eis aqui a minha provocação. Se vós não escrevestes a frase citada pelo único prazer de escrevê-la, se tendes um verdadeiro amor pela ciência, se sois desprovido de preconceitos, vós, o primeiro alienista da Itália, tendes a obrigação de ir ao campo em que estais convidado; e ficai convencido de que ireis medir forças com um homem honesto.

Quando dispuserdes de uma semana de licença, deixai os vossos estudos e, em vez de ir para o campo, designai-me um lugar onde possamos nos encontrar, escolhei o horário que vos agradar, e eu vos apresentarei a minha maga.

Tereis à vossa disposição um gabinete onde entrareis antes da experiência. Vós colocareis os móveis e instrumentos musicais da maneira que quiserdes e fechareis a porta à chave.

Considero inútil apresentar-vos a dama seguindo o costume adotado no paraíso terrestre, porque essa nova Eva é incapaz de tomar revanche da serpente.

Quatro senhores nos acompanharão, como se faz nos encontros de cavalheiros; vós escolhereis dois, que eu só vou poder ver no momento do encontro, e eu irei levar os dois restantes.

Nunca em melhores condições os Cavaleiros da Távola Redonda poderiam ter se encontrado. É evidente que, se a experiência não der certo, só posso acusar os rigores do destino; podereis então julgar-me, por vossa parte, como um alucinado que anseia ser curado de suas extravagâncias. Mas se o sucesso coroar a obra, a lealdade irá impor-vos o dever de escrever um artigo, no qual, sem rodeios, reticências ou erros, atestareis a realidade dos fenômenos misteriosos, prometendo investigar as causas.

Se recusais o encontro, tende a bondade de me explicar esta frase: *o século não está pronto*. Sem dúvida, isto pode ser aplicado às inteligências vulgares, mas não a um Lombroso, a quem vai dirigido este conselho de Dante: *Com a verdade, a honra deve fechar os lábios ao erro*.

Vosso dedicado e respeitoso, *Professor* ERCOLE CHIAIA.

Esta brilhante introdução, destinada a despertar a curiosidade do leitor, parece uma exposição mais ou menos fantástica do que a imaginação pode atribuir às faculdades de Eusápia, exaltadas ao supremo grau; muitos dos fatos extraordinários relatados não foram observados pelos sábios cujas experiências vou expor. No entanto, antes de formar um juízo definitivo, é preciso observar que a rigorosa fiscalização a que a médium foi submetida impôs uma sujeição física e moral que podia prejudicar o desenvolvimento dos fenômenos.

Seja como for, Lombroso não aceitou este ruidoso desafio, e poucos meses depois (junho de 1889) o Sr. Chiaia dirigiu ao Congresso Espírita de Paris a seguinte comunicação, ainda mais maravilhosa, mas cuja forma tende a inspirar mais confiança ao leitor.

..... Quatro amigos nos reunimos ao redor da mesa de costume, junto com a médium Eusápia Palladino. As cadeiras de honra foram distribuídas da seguinte forma: à esquerda da médium, Sr. Tassi de Pérouze; à direita, o Dr. Manuel Otero Acevedo, de Madri, que veio expressamente a Nápoles para estudar *de visu* os fenômenos que mencionei em outras ocasiões.

O Dr. Otero estava encouraçado de incredulidade, mas é um observador escrupuloso, e quase tenho o direito de supor que ele seja a reencarnação de um inquisidor dos tempos de Torquemada, a julgar pela maneira de amarrar a médium e colocá-la em impossibilidade de fazer o menor movimento. Devo acrescentar que, para convencê-lo da sinceridade dos fenômenos, exigi praticar a experiência, não em minha casa, mas no quarto que ele ocupava na pousada.

Depois dos habituais prelúdios, como levantar a mesa, batidas no centro dela, troca de saudações e reverências dirigidas ao Dr. Otero, o espírito familiar, que sempre se revelou sob o nome de John King, manifestou-se muito feliz por ter-lhe sido apresentada a oportunidade de converter um materialista tão endurecido.

Fiel à sua promessa, ele começou aproximando as cadeiras da mesa, dando-lhes vários movimentos. Às vezes, um braço misterioso era vislumbrado saindo por baixo da roupa da médium, um braço que podia ser tocado para garantir que não se fosse vítima de uma alucinação. Este fenômeno, que ocorreu mesmo em plena luz do dia, foi um dos mais evidentes, bastando por si só para destruir a couraça do mais obstinado São Tomé.

O espírito de John nos pediu para diminuir a luz da lâmpada. Essa ordem (sempre suspeita para quem assiste as experiências pela primeira vez) deu motivos para esperar que os fenômenos que viriam fossem extraordinários. Depois de alguns momentos, durante os quais nada se ouvia a não ser o ranger de dentes da médium, que estava em letargia, ela começou a falar em italiano puro, em vez do mau dialeto napolitano que costuma falar, e pediu às pessoas sentadas em ambos os lados, para segurarem suas mãos e seus pés. Então, e sem perceber a menor fricção, nem o movimento rápido de sua pessoa, nem a menor ondulação da mesa, os Srs. Otero e Tassi sentiram seus braços se elevarem muito suavemente; e não querendo soltar as mãos da médium, tiveram de acompanhá-la em sua ascensão. Este esplêndido caso de levitação é ainda mais notável porque ocorreu sob a mais estrita vigilância e com tal leveza que parecia uma pluma que subia. O que mais surpreendeu aqueles senhores foi sentir os dois pés da médium aplicados na pequena superfície da mesa (0,80m por 0,60m) já parcialmente coberta pelas mãos de quatro participantes, *sem que nenhuma dessas mãos fosse tocada*, apesar de estarmos na mais completa escuridão.

Apesar de estonteados por um acontecimento tão extraordinário e imprevisto, um de nós perguntou a John se seria possível levantar um pouco a médium da mesa e com os pés juntos, para podermos certificar melhor a subida. A seguir, e sem discutir a demanda exigente e maliciosa, Eusápia foi elevada de 10 a 15 centímetros, podendo cada um de nós passar livremente a mão sob os pés da maga suspensa no ar.

Ao relatar estes fatos, não sei qual o sentimento que me domina; seria a satisfação de obter um fenômeno tão magnífico e maravilhoso, ou a dolorosa presunção de ser considerado um visionário, mesmo entre meus mais íntimos amigos? Felizmente éramos quatro, incluindo o espanhol, sempre desconfiado, e dois quase crentes, dispostos a aceitar a evidência dos fatos.

Quando a nossa maga quis descer da mesa sem a nossa ajuda, com uma habilidade não menos admirável daquela que empregara para se elevar, ficamos novamente atônitos.

Encontramos a médium estendida, apoiando a cabeça e uma pequena parte das costas na beirada da mesa, o restante do corpo na horizontal, reto como uma barra e sem apoio na parte inferior; enquanto as roupas

estavam aderidas às pernas como se estivessem amarradas ou costuradas. Embora este importante fato fosse produzido no escuro, no entanto, foi escrupulosamente vigiado por todos, a fim de torná-lo mais evidente do que se tivesse ocorrido em plena luz do dia.

Além disso: tive ocasião de testemunhar uma coisa ainda mais extraordinária. Certa tarde, vi a médium em completo estado de catalepsia, mantendo-se em posição horizontal, com *apenas a cabeça* apoiada na beirada da mesa, por espaço de cinco minutos e *sob a luz do gás*, na presença dos professores de Cintiés, Dr. Capuano, escritor muito conhecido, Sr. Federico Verdinois e outras pessoas.

O que aumentou nossa surpresa depois de nos reunirmos em volta da mesa e deixarmos a sala *às escuras*, por ordem de John, foi encontrar sob a cabeça da médium um colchão enrolado, que antes estava em um canto do quarto. Achamos menos surpreendente encontrar o colchão neste lugar, transportado por alguém invisível, do que pensar que uma massa tão volumosa pudesse passar entre nossos braços sem tocá-los.

Após colocar as coisas em seus lugares e ligar o gás novamente, nos reunimos ao redor da mesa... Logo vimos uma porção de fagulhas azuladas emanar do corpo de Eusápia, que eram lançadas pelo ar em diferentes direções, algumas chegando a grande altura, e dividindo-se em três ou quatro menores. Dominado por uma profunda emoção, o professor espanhol teve a ideia de perguntar a John se ele queria iluminar com aquelas chamas o mostrador de seu relógio colocado sobre a mesa. De repente Eusápia começou a soprar com toda a força de seus pulmões em direção ao relógio, e depois de alguns segundos, um disco de luz, do tamanho do vidro do relógio, colocou-se em cima dele, permitindo que a hora fosse vista com clareza; e depois o relógio iluminado deu uma volta no ar, acomodando-se novamente sobre a mesa.

Encorajado por essa complacência, o professor espanhol teve outra ideia: "*Você pode, estimado John, tentar levantar o meu relógio*". Assim que ele disse essas palavras, a corrente e o relógio subiram com certo estrondo até tocarem o teto, e entendemos perfeitamente o ruído que se produz quando uma mão experiente dá corda em um *remontoir*.

Mas, qual era aquela mão misteriosa que verificava a referida operação? Este problema, bastante difícil, perturbará, sobretudo, o espírito daquele que com malícia o terá proposto. O fato é que deveria haver pelo menos

duas mãos no ar, ajudando-se mutuamente nessa manobra, já que o operador invisível respondeu à nossa aclamação, batendo palmas ruidosamente com as duas mãos, repetindo esse fato muitas vezes e com uma velocidade que deveria afastar a dúvida do cético mais contumaz.

Depois disso, Eusápia disse que estava cansada, e isso nos pareceu muito verossímil, pois com a chama aplicada no relógio, pudemos ver que eram duas horas da madrugada. Só o Dr. Otero, tão exigente e atento quanto difícil de contentar, lembrou a John uma promessa feita no início da sessão, ou seja, uma impressão sobre a argila já preparada num vaso colocado num canto da sala. Foi-lhe respondido que seria atendido em outra noite, pois a médium havia consumido muito fluido.

Enquanto a mesa respondia tipologicamente deste modo e *em plena luz*, Eusápia, subitamente sugerida, disse a Otero: “*Tome aquele vaso cheio de argila; coloque-o na minha frente, nesta cadeira, e indique a direção onde você quer que o fenômeno ocorra.*” A argila foi colocada a uns dois metros da médium, o Dr. Otero a examinou, cobrindo-a a seguir com um lenço branco, e indicou o local onde queria que o fenômeno ocorresse. Todos olhamos para Eusápia, que, com o braço direito em convulsão, virou a mão para a argila, estendeu três dedos e, fazendo um movimento indefinível, disse: “*Pronto*”.

Retirado o lenço, encontramos a impressão de três dedos no ponto preciso indicado pelo Dr. Otero (1).

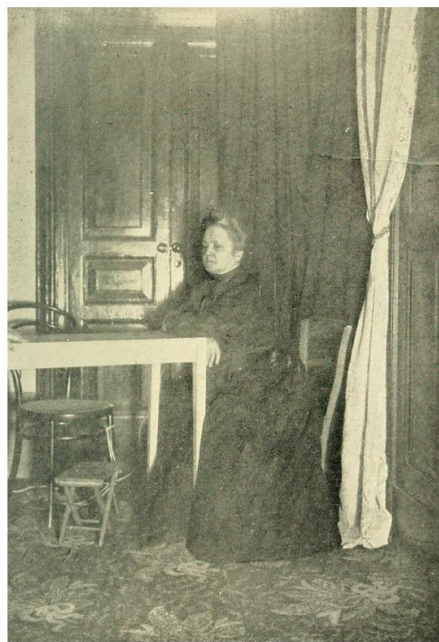
(1) O Sr. Aksakof, que relata esta experiência em seu livro Animismo e Espiritismo (p. 509), diz que o Dr. Otero garantiu-lhe que não tinha dúvidas sobre a realidade dos fatos, por mais que abordasse essas sessões com as ideias preconcebidas de um materialista enragé, segundo sua própria expressão.

Diante desta prova evidente de um poder sobrenatural, de uma força fluídica invisível que emana desta mulher, que emerge de todos os seus poros e de seus dedos de maga, mas que se encontra sujeita a uma vontade estranha à nossa humanidade, o Dr. Otero, o Sr. Tassi e o engenheiro Agrise, ficaram estupefactos e agradeceram respeitosamente ao invisível John, que respondeu instantaneamente saudando com quatro batidas muito fortes na mesa que estava isolada no meio da sala. Assim terminou a sessão.

Antes de iniciar a exposição das experiências feitas com Eusápia por outros estudiosos, parece-me útil dar alguns detalhes sobre sua pessoa.

II. Sua história, sua pessoa

O Sr. de Kranz, relator da comissão que estudou Eusápia em Varsóvia durante o inverno de 1893-1894, retomou os documentos que diferentes observadores lhe forneceram, especialmente o Dr. Harusewicz. Acrescento a esse trabalho minhas próprias observações feitas em Agnélas em setembro de 1895, cujo processo verbal é apresentado a seguir.



EUSÁPIA PALLADINO (1854 - 1918)

Eusápia Palladino (1854 - 1918)

Eusápia aproxima-se dos quarenta anos e, como se pode ver na fotografia em anexo, não está envelhecida. Sua cabeleira espessa e preta apresenta uma faixa branca na parte anterior da região temporal esquerda, que cobre uma cicatriz proveniente de uma ferida que ocorreu durante um ataque de delírio, quando ela estava doente de tifo. Os braços e as pernas são mais desenvolvidos do que normalmente se vê em mulheres da mesma compleição. A estatura é baixa, a gordura bastante considerável, e como as pernas são relativamente curtas, aparenta ser pesada e desajeitada em seus movimentos; mas a partir do momento em que se anima durante as

sessões, seu corpo e membros movimentam-se com maior flexibilidade e desenvoltura.

Apesar de sua aparência saudável, alguns médicos que a examinaram cuidadosamente diagnosticaram nela uma *histeria com tendência erótica*. No mais, uma leve paresia da metade direita do corpo explica a superioridade muscular das extremidades esquerdas sobre as direitas (a mão direita desenvolve 45 no dinamômetro, a esquerda 50) sem que Eusápia seja canhota. A sensibilidade à dor é normal. Frequentemente ela diz que experimenta constrictões ascendentes do esôfago (*bola histérica*). Apesar do que foi dito, as funções fisiológicas são regulares, embora as emoções fortes causem distúrbios típicos da histeria erótica.

“Eusápia, diz o Dr. Harusewicz, dá a impressão de mulher dotada de uma inteligência notável, embora pouco desenvolvida e até desviada por más influências; é facilmente orientável mesmo sem conhecer nossa língua; muitas vezes ela entende o que lhe está sendo falado prestando atenção à gesticulação e às características fisiognomônicas do interlocutor (1).

(1) Ela imita admiravelmente os sábios italianos, franceses, ingleses, alemães e poloneses que a têm estudado, e diz com certo humor que ela tem amigos de todos os tipos: em sim, em oui, em yes, em iá e em tac.

Acrescente-se a isso um temperamento variável e irritável, uma ambição desmedida, uma certa embriaguez de “glória medianímica”, um grande desinteresse, e temos uma ideia do caráter dessa italiana, curiosa mistura de franqueza e dissimulação.

Ele nasceu perto de Nápoles em uma obscura família camponesa, tendo testemunhado cenas terríveis durante sua infância. Seu pai morreu assassinado por ladrões. Retornando de suas viagens em Varsóvia, roubaram todo o seu dinheiro e os numerosos presentes que trazia consigo, e a partir de então ela se tornou muito medrosa.

Em Agnélas deixava todas as noites a porta do quarto aberta, para poder ser socorrida imediatamente em caso de necessidade. Desde a idade de oito anos ela estava sujeita a uma alucinação obsessiva no estado de vigília; dois olhos expressivos a fitavam por trás de uma pilha de pedras ou de uma árvore, fixando-lhe o olhar para o seu lado direito. Ela também tinha sonhos frequentes.

As primeiras manifestações mediúnicas coincidiram com o início da menstruação, por volta dos 13 ou 14 anos, e essa concordância é

encontrada em quase todos os casos com a singular propriedade de produzir movimentos à distância.

Neste momento de sua vida pôde perceber que sua presença nas sessões espíritas favorecia o sucesso das mesmas. Por não gostar desse tipo de reuniões, ela se absteve de participar e até de se submeter à experimentação por um período de 8 ou 9 anos. Só aos 22 ou 23 anos é que começou a cultura espírita de Eusápia, dirigida pelo Professor Damiani, espírita fervoroso. Nesse momento, a personalidade de *John King* apareceu, tomando posse dela quando ela estava em "*transe*".

Este John King afirmava ser o irmão daquela *Katie King* do Sr. Crookes e pai de Eusápia em outra existência. Quando Eusápia se encontra em "*transe*", John alude a ela chamando-a de filha, e dá conselhos sobre como tratá-la. O Dr. J. Ochorowicz acredita que este John é uma personalidade criada no espírito de Eusápia pela reunião de uma série de impressões coletadas em vários lugares. Esta seria, mais ou menos, a mesma explicação que é dada para as personalidades sugeridas, que foram sucessivamente estudadas por Charles Richet e por mim, e para as variações espontâneas de personalidade observadas pelos Srs. Azam, Bourru, Burot, etc.

Eusápia tem sido magnetizada com frequência pelo Dr. J. Ochorowicz. Ao submeter-se à minha influência magnética por meio de passes que dei em sua mão, pude determinar a exteriorização da sensibilidade; mas reconhecendo a existência de uma primeira camada sensível na pele, afastei meus dedos para procurar outra camada, e então sua mão seguia a minha.

O fenômeno da sensibilidade foi transformado no de atração passiva. Esse tipo de atração estava altamente desenvolvido nela, mesmo em estado de vigília. Uma vez aconteceu de eu colocar meu pé ao lado do dela sem tocá-lo, enquanto ela estava sentada com as pernas cruzadas e um pé no ar; e aproveitando sua distração, conseguia atrair para mim uma de suas extremidades inferiores apenas afastando o meu pé.

Apesar de tão medrosa como ela está – uma vez que os sábios a têm martirizado tanto – um dia ela concordou em ser magnetizada na presença da Sra. de Rochas. Rapidamente alcançou os estados profundos da hipnose, vendo surgir, para seu grande espanto, um fantasma azul à sua direita. Perguntei a ela se era John, e ela disse que não, mas que era isso *o que John*

utilizava. Depois ela sentiu medo e me pediu para acordá-la, o que fiz de imediato, embora lamentando não poder continuar essa experiência.

Em 24 de setembro, o conde de Gramont queixava-se de enxaqueca, e pedi a ele que segurasse as duas mãos de Eusápia. Fiz alguns passes do conde para ela e, em breves segundos, Eusápia lamentava-se de que eu lhe causava dor de cabeça, acrescentando que a dor vinha do Sr. de Gramont pela mão e pelo braço, "como por ondas sucessivas".

No mesmo dia, querendo comprovar se ela era sugestionável, e se a sugestionabilidade obedecia nela às mesmas leis que nos outros sujeitos, levei-a para o corredor, perto da porta da frente da casa, que naquela hora estava aberta, e apertando em sua testa o ponto da memória sonambúlica, eu lhe disse que o Sr. Richet, a quem ela tanto estima, acabava de chegar e estava na varanda externa. Imediatamente ela se precipitou com violência para a porta, com os olhos fixos como se o estivesse vendo, e foi muito difícil para mim convencê-la de que ela tinha sido joguete de uma alucinação.

Poucos momentos depois, o Sr. de Gramont colocou o braço de Eusápia em catalepsia por meio de alguns passes longitudinais, do qual ela pareceu ficar muito surpresa.

A insuflação e alguns passes laterais devolveram o braço ao estado normal.

Acreditava-se notar que Eusápia se preparava consciente ou inconscientemente para as sessões, moderando sua respiração, enquanto seu pulso aumenta gradualmente de 88 para 120 batimentos por minuto, e também aumenta de vigor. Seria uma prática análoga à empregada pelos faquires da Índia, ou um simples efeito da emoção, por nunca ter completa certeza da produção dos fenômenos?

Esses fenômenos estão ligados aos sintomas convulsivos histéricos e guardam com eles uma proporcionalidade quantitativa e qualitativa; aparecem em intervalos que variam entre três e dez minutos ou mais, e ora deixam a consciência intacta, ora perturbam-na ou anulam-na.

Eusápia não é adormecida nas sessões; é ela mesma que entra em "*transe*" quando faz parte da cadeia magnética. Então começa a suspirar profundamente, boceja e soluça. O rosto passa imediatamente por uma série de expressões diferentes. Ora assume uma expressão demoníaca, acompanhada de uma risada áspera como a que Gounod dá a Mefistófeles

em Fausto, e que geralmente precede fenômenos importantes, ora seu rosto se ilumina, os olhos ficam brilhantes, úmidos e bem abertos; o sorriso e os movimentos caracterizam o êxtase erótico, ela diz «*mio caro*», apoia-se nas costas do vizinho e busca carícias quando o acha simpático. Então é quando, ao ocorrerem os fenômenos, causam nela arrepios prazerosos e voluptuosos. Durante esse tempo, as pernas e os braços ficam em estado de forte tensão, quase rígidos, ou experimentam contrações convulsivas e, às vezes, uma trepidação que se espalha por todo o corpo.

Os estados de hiperatividade nervosa acima mencionados são seguidos por um período de depressão caracterizado pela palidez quase cadavérica da face, coberta de suor, e pela inércia quase completa dos membros. Se sua mão é levantada, ela cai pelo próprio peso.

Esses sintomas são reproduzidos alternadamente muitas vezes durante as sessões, após o que Eusápia fica completamente exausta, quase inconsciente e até parece envelhecida. Ela mal consegue ficar de pé e está completamente apática, de modo que para levá-la à sala de jantar é necessário conduzi-la apoiada no braço.

Enquanto as sessões estão em andamento, ela pede insistentemente água pura, que é proibido dar a ela, porque John King havia prescrito para não dar nada além de vinho enquanto ela estivesse em "*transe*". Às refeições, ela normalmente bebe vinho puro. O Dr. Harusewicz, o Dr. Higier e o Sr. Siemiradki observaram que naquele estado apresenta-se o fenômeno do *toque à distância*, ou seja, a *exteriorização da sensibilidade*.

Não tive ocasião de demonstrá-lo, embora em outras circunstâncias tenha podido reconhecê-lo. A exaustão dura de 10 minutos a um quarto de hora e depois desaparece gradualmente. Quando é feita uma tentativa de desanuviá-la por meio de passes transversais ou sopros, a tentativa dificilmente é alcançada.

Após as sessões bem-sucedidas, ela dorme com sono tranquilo; após sessões difíceis ou negativas, ela dorme mal.

Durante o "*transe*", ela apresenta olhos convulsivos e olhando para cima. A presença de espírito e a consciência em geral estão diminuídas ou anuladas, não respondendo a perguntas ou fazendo-o com demora. A memória das sessões é preservada apenas para aquelas cenas próximas ao estado normal.

Frequentemente, para ajudar nas manifestações, ela pede para ser reforçada, acrescentando para tanto mais uma pessoa à corrente. Já aconteceu que, não fazendo eu parte dela, ela me chamou, e depois apertava meus dedos como se quisesse extrair algo, e a seguir os repelia bruscamente, dizendo que tinha força "magnética" demais e que o que ela queria era a força "medianímica". Em uma das sessões de levitação, um dos participantes achou-se extremamente desfalecido.

À medida que o *transe* se aprofunda, a sensibilidade à luz aumenta. A passagem de uma lâmpada acesa por um quarto contíguo, cuja porta está aberta, provoca verdadeiros espasmos em todo o corpo de Eusápia, ela vira a cabeça gemendo e seu rosto expressa o sofrimento. Ela diz que a luz repentina causa nela falta de ar, palpitações cardíacas, sensação de bola histérica, irritação geral dos nervos, dor na cabeça e nos olhos, tremor geral no corpo e convulsões, exceto quando ela mesma pede a luz (o que acontece quando há necessidade de verificar comprovações interessantes), caso em que sua atenção é fortemente direcionada para a experiência.

Durante o período ativo das sessões, agita-se constantemente, o qual poderia ser atribuído a crises histéricas; mas eu entendo que é necessário para a produção de fenômenos. Veremos no processo verbal das experiências de Agnélas, que sempre que devia acontecer um movimento à distância, ela o simulava, seja com as mãos ou com os pés, desenvolvendo uma força maior do que a necessária para produzir o movimento ao contato.

Eis o que ela faz (como ela mesma nos conta) quando quer produzir um movimento à distância.

“Para começar, deseja ardentemente executar o fenômeno; mais tarde, experimenta obtusão e horripilação em seus dedos. Essas sensações vão aumentando, ao mesmo tempo em que sente na região inferior da coluna vertebral, como uma corrente que se espalha rapidamente pelo braço, até chegar ao cotovelo, onde para suavemente. Aí é quando o fenômeno ocorre.”

Durante a levitação, e depois dela, sente dores nos joelhos; quando ocorrem outros fenômenos, a dor é nos cotovelos e braços.

Capítulo II

Experiências de Nápoles em 1891

No final de fevereiro de 1891, o professor Lombroso, vivamente excitado em sua curiosidade, decidiu ir a Nápoles para ver Eusápia Palladino, de quem toda a Itália falava. Na ausência do cavalheiro Chiaia, foi o professor Ernesto Ciolfi quem lhe apresentou a médium, verificando-se duas sessões no hotel de Gênova, onde Lombroso estava hospedado, que aconteceram no sábado, 28 de fevereiro, e na segunda-feira, 2 de março.

Algum tempo depois, Sr. Ciolfi publicou em um jornal de Nápoles as duas cartas que escreveu a Sr. Chiaia, para relatar suas experiências.

I. Relatório apresentado pelo Sr. Ciolfi

PRIMEIRA SESSÃO

Lombroso e os amigos que o acompanhavam escolheram um vasto salão no primeiro andar do hotel e, depois de examinar cuidadosamente a médium, nos acomodamos em volta de uma mesa, a Sra. Palladino, em uma extremidade; à sua esquerda, os Srs. Lombroso e Gigli; eu, na frente da médium, entre os Srs. Gigli e Vizioli, seguidos pelos Srs. Ascensi e Tamburini, que fechavam o círculo, colocando-se o último à direita da médium.

Duas velas colocadas em uma estante localizada atrás da Sra. Palladino, iluminavam a sala; Os Srs. Tamburini e Lombroso seguravam, cada um, uma das mãos da médium; seus joelhos estavam em contato com os de Eusápia, e os pés desses senhores apoiavam-se nos da médium.

Após algum tempo, a mesa começou a se mover, lentamente no início, o qual explica o ceticismo, ou a oposição declarada daqueles que compõem o círculo pela primeira vez; depois os movimentos foram aumentando de intensidade.

O Dr. Lombroso certificou-se do levantamento da mesa e avaliou em 5 ou 6 quilos a resistência à pressão que a mesa opunha. Esse fenômeno de um corpo pesado que se mantém no ar, por fora de seu centro de gravidade, e que resiste a uma pressão de cinco a seis quilos, surpreendeu muito os sábios presentes, que o atribuíram a uma força magnética desconhecida.

A meu pedido, houve várias batidas e outros ruídos na mesa, novamente espantando os presentes, que pediram que as luzes fossem apagadas.

Em meio a uma escuridão que não impedia a vigilância atenta, primeiro se ouviram batidas violentas no centro da mesa, e depois uma campainha que estava colocada em um tripé a um metro de distância da médium, e atrás e à direita do Dr. Lombroso. Esta campainha elevou-se no ar, soando por cima das cabeças dos participantes, descrevendo um círculo ao redor de nossa mesa e terminando por se colocar em cima dela.

Em meio às frases de profundo estupor proferidas por esses sábios observadores, o Dr. Lombroso, muito impressionado, expressou o forte desejo de observar mais uma vez esse evento extraordinário, repetindo-se da mesma forma, e até batendo com força na mesa, a ponto de que o Sr. Ascensi, dominado pelo espanto e o medo de que seus dedos fossem machucados (porque a campainha pesava cerca de 300 gramas), levantou-se rapidamente, indo sentar-se em um sofá atrás de mim.

Não temo afirmar que não tínhamos nada a recear, pois as manobras eram produzidas por uma força inteligente. O Sr. Ascensi recusou-se a ocupar o local designado para ele. Afirmei então que o círculo ficava interrompido, pois um dos experimentadores havia se afastado, e que se quiséssemos observar os fenômenos com seriedade, era necessário que o Sr. Ascensi guardasse o maior silêncio e imobilidade. Então este senhor expressou o desejo de se agregar.

Com a luz apagada e a corrente reconstituída, retomaram-se as experiências, ficando o Sr. Ascensi sentado no divã.

Enquanto isso, a campainha balançava no ar descrevendo círculos. O Sr. Ascensi, avisado por Tamburini, colocou-se à direita da médium, sem que o percebêssemos, por causa da escuridão; e, nesta situação, surgiu

rapidamente uma luz que iluminou a campainha que balançava no ar, caindo abruptamente sobre uma cama dois metros atrás da Palladino.

Após minhas observações sobre a intervenção do Sr. Ascensi, que era muito a propósito para perturbar seriamente o organismo da médium, a luz se apagou, continuando as experiências.

A princípio, uma mesa pequena, porém pesada, localizada à esquerda de Eusápia, iniciou um movimento. O referido móvel esbarrou na cadeira do Dr. Lombroso e tentou subir até a nossa mesa.

Perante este novo fenômeno, o Sr. Vizioli fez-se substituir pelo Sr. Ascensi, indo colocar-se de costas e em pé, entre a mesa e Eusápia. Isto segundo as suas declarações, porque a escuridão não nos permitia vê-lo.

O Sr. Vizioli pegou a mesa com as duas mãos, fazendo um esforço para retê-la; mas, apesar de seus esforços, a mesa soltou-se, rolando pelo chão a uns três metros de distância.

Ponto importante a ser observado. Embora os Srs. Lombroso e Tamburini não deixaram de segurar as mãos de Eusápia, o professor Vizioli afirmou que o beliscavam nas costas. Uma risada geral acolheu esta declaração.

O Sr. Vizioli acrescentou que, em sua opinião, a hipótese da corrente magnética não era suficiente para explicar o movimento da mesa, que, embora pequena, era pesada, e que por mais esforços que fez para retê-la, não conseguiu.

Lombroso, por sua vez, fez constar que sentiu sua cadeira se elevar, pelo que foi obrigado a ficar em pé, e que depois de se estabilizar o assento novamente, sentou-se outra vez. Ele também sentiu suas roupas sendo puxadas, assim como o toque de uma mão invisível em seus dedos e faces. A mesma coisa aconteceu com Tamburini.

Não consideraram levar a sério esses contatos, atribuindo-os apenas a movimentos voluntários, embora afirmassem não ter quebrado a corrente por um momento.

Em definitiva: o que chama a atenção de todos, e de Lombroso em particular, são os fatos sobre a mesa e a campainha. O famoso professor os julgou tão importantes que adiou por mais um dia sua partida de Nápoles. Atendendo ao seu convite, concordamos em realizar outra sessão na segunda-feira, no hotel de Gênova.

SEGUNDA SESSÃO

Na segunda-feira, dia 2 do presente mês, às oito horas da noite, cheguei ao hotel de Gênova, acompanhado por Eusápia Palladino. Fomos recebidos no saguão pelos Srs. Lombroso, Tamburini, Ascensi, Gigli, Limoncelli, Vizioli Bianchi, diretor do manicômio de Sales, o Dr. Penta e um sobrinho de Lombroso, que mora em Nápoles.

Após as apresentações de costume, seguimos para o último andar do hotel, sendo conduzidos a uma espaçosa sala com alcova.

Naquela manhã a médium já havia sido examinada pelo Dr. Lombroso, mas um novo exame psiquiátrico foi praticado em conjunto com seus colegas e amigos.

Concluído o exame, e antes de se sentar em torno de uma pesada mesa situada na sala, os grandes cortinados de pano que cobriam o quarto foram descidos e, a uma distância de um metro atrás dos cortinados, foi colocado um tripé com um pires de porcelana cheio de farinha, na esperança de obter impressões, uma corneta acústica de estanho, papel e um envelope lacrado contendo uma folha de papel em branco, para o caso de acontecer *escrita direta*. Após essas preliminares, todos os presentes (exceto eu) revistaram cuidadosamente o quarto, a fim de certificar-se de que não havia qualquer preparação.

Eusápia sentou-se ao redor da mesa, a cinquenta centímetros dos cortinados e de costas para eles, e depois, a seu pedido, seu corpo e pés foram amarrados à cadeira por meio de bandagens aplicadas por três professores, deixando-lhe apenas os braços em liberdade. Feito isso, sentamos à mesa na seguinte ordem: à esquerda de Eusápia, o Dr. Lombroso, seguido do Sr. Vizioli, eu, o sobrinho de Lombroso, os Srs. Gigli, Limoncelli, Tamburini, e por último o Dr. Penta, que completou o círculo e ficou à direita da médium.

A meu pedido, os senhores presentes deram as mãos uns aos outros, contactando-se também pelos pés e joelhos. Os Srs. Ascensi e Bianchi se recusaram a formar parte do círculo e permaneceram em pé, atrás de Tamburini e Penta.

Deixei que o fizessem, porque imaginei que era uma combinação premeditada para redobrar a vigilância. Limitei-me a aconselhar a maior tranquilidade.

As experiências começaram à luz de várias velas, algumas das quais foram apagadas por acreditarmos que tanta iluminação era inútil.

Após uma longa espera, a mesa começou a se mover, primeiro devagar, depois com mais energia; no entanto, os movimentos eram mais intermitentes e trabalhosos do que na sessão do sábado.

A mesa solicitou espontaneamente, por meio de um alfabeto convencional representado por golpes dados com uma de suas pernas, que os Srs. Limoncelli e Penta trocassem respectivamente de lugar. Feita essa troca, a mesa indicou que as luzes podiam ser apagadas.

Um instante depois, os movimentos da mesa recomeçaram, ouvindo-se pancadas violentas no centro dela. Uma cadeira, colocada à direita de Lombroso, tentou elevar-se e ficou suspensa no braço do sábio professor. De repente, as cortinas da alcova se agitaram e foram projetadas sobre a mesa, envolvendo Lombroso, que se emocionou vivamente, segundo seu próprio depoimento.

Todos esses fenômenos, ocorridos a longos intervalos, no escuro e em meio ao barulho da conversa, não foram levados a sério. Consideravam-se como efeitos do acaso ou brincadeira de algum dos participantes.

Enquanto estávamos à expectativa discutindo o valor dos fenômenos, percebemos o barulho de um objeto caindo. Ao acender a luz, encontramos aos nossos pés a corneta acústica que havíamos colocado em cima do tripé localizado na alcova.

Esse fato, que fez os Srs. Bianchi e Ascensi rirem muito, surpreendeu os experimentadores, fazendo-os prestar muita atenção. A luz foi apagada novamente e pudemos ver alguns resplendores fugidios que apareciam a longos intervalos. Este fenômeno impressionou os Srs. Bianchi e Ascensi, e pôs fim às suas incessantes caçadas, somando-se então à corrente.

No momento do aparecimento dos clarões e depois que eles se manifestaram, os Srs. Limoncelli e Tamburini disseram que uma mão os havia tocado em diferentes pontos. O sobrinho do Dr. Lombroso, absolutamente cético, declarou sentir o toque de uma mão de carne e perguntou insistentemente quem é que estava tocando nele. Esquecia, em meio à sua dúvida ingênua, que todos os presentes, inclusive ele próprio, estavam em contato uns com os outros.

Devido ao adiantado da hora e a que falta de homogeneidade do círculo dificultava a realização dos fenômenos, achei prudente levantar a sessão e iluminar a sala.

Enquanto os Srs. Limoncelli e Vizioli descansavam, a médium permanecia sentada e amarrada, e o resto estávamos em volta da mesa, conversando sobre os fenômenos luminosos e comparando os efeitos produzidos com os ocorridos no sábado anterior; ouvimos um barulho na alcova, os cortinados agitaram-se fortemente, e o tripé se moveu em direção a Eusápia, que ainda continuava sentada e amarrada. Diante desse fenômeno estranho, inesperado e em plena luz, o estupor tomou conta de todos. O Sr. Bianchi e o sobrinho do Dr. Lombroso correram para a alcova no intuito de encontrar alguém escondido. Seu espanto não teve limites depois de certificar-se de que não havia ninguém e que diante de seus olhos o tripé continuava avançando para a médium. As coisas não pararam por aqui. O Dr. Lombroso notou que o pires estava virado sobre o tripé em movimento, sem que tivesse escapado uma partícula sequer da farinha contida nele, acrescentando que nenhum prestidigitador seria capaz de fazer um número como aquele.

Diante de tais fenômenos, ocorridos após a quebra da corrente, o professor Bianchi, obedecendo ao amor à verdade e à ciência, confessou que foi ele quem jogou a corneta acústica por brincadeira; mas que diante dos fatos que acabara de presenciar, não podia mais negar sua evidência, prometendo estudá-los para descobrir suas causas.

O professor Lombroso lamentou tal procedimento, e fez o Sr. Bianchi observar que entre professores, reunidos para fazer pesquisas científicas, uma mistificação, partindo de um colega como ele, não podia senão ferir o respeito devido à ciência.

O Dr. Lombroso, atormentado em seu espírito pelo que acabara de acontecer, prometeu voltar a Nápoles no verão seguinte, para participar de novas reuniões espíritas.

Mais tarde, encontrei com o professor Bianchi, que estava ansioso para participar de outra sessão com a Palladino, além de examiná-la cuidadosamente no manicômio que ele dirige.

O Sr. Ciolfi enviou ao Dr. Lombroso as atas dessas sessões, redigidas nos mesmos termos descritos, e o eminente professor de Turim respondeu com a seguinte carta, datada em 25 de junho de 1891:

Meu senhor:

As duas atas que você me envia são completamente exatas. A elas deve-se acrescentar que antes de ver a farinha virada, a médium anunciou que borrifaria nossos rostos com ela, e deve-se acreditar que essa era sua intenção e que ela só conseguiu realizá-la em parte, o que prova, em minha opinião, a honestidade da moça e seu estado de semi-inconsciência.

Estou confuso por ter combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos espíritas; e digo dos fatos, porque ainda me oponho à teoria.

Por favor, cumprimente o Sr. E. Chiaia e mande examinar pelo Sr. Albini, se for possível, o campo visual e o fundo do olho da médium, agradecendo me comunicar o resultado.

Seu devotado,
C. LOMBROSO.

O eminente italiano não demorou a publicar suas experiências e reflexões em um artigo que vou reproduzir dos *Annales des Sciences physiques*.

II. Relato do Dr. Lombroso

Poucos sábios têm sido mais incrédulos do que eu em questões de espiritismo. Para se convencer disso, basta consultar minha obra *Pazzi ed Anomali* (Os loucos e os anormais), bem como meu *Studi sull'Ipnatismo* (Estudos sobre o hipnotismo), em cujas produções quase cheguei a insultar os espíritas. Encontrava neles muitas afirmações inadmissíveis; assim, por exemplo, a possibilidade de fazer os mortos falarem e se moverem, já que, não sendo o cadáver nada mais do que um conjunto de substâncias inorgânicas, era como pretender que as pedras falem e pensem.

Outra razão para minha descrença era que esse tipo de experiências quase sempre requer escuridão, e um fisiologista não admite mais do que os fatos que ele pode perceber em plena luz. Mas depois de ter ouvido alguns sábios negarem os fatos do hipnotismo, como a transmissão do pensamento e a transposição dos sentidos, que não por serem raros deixam de ser positivos, como verifiquei *de visu*, tive de me perguntar se o ceticismo que eu possuía sobre os fenômenos espíritas não seria da mesma natureza daquele de alguns sábios sobre os fenômenos hipnóticos.

Tendo-me sido oferecida a oportunidade de estudar os fatos produzidos pela extraordinária médium Eusápia, aceitei o convite, com tanto mais prazer pelo fato de poder fazê-lo acompanhado de ilustres alienistas (Tamburini, Virgílio, Bianchi, Vizioli), tão cétricos quanto eu.

Tomamos as maiores precauções. A sujeita foi examinada de acordo com o método da psiquiatria moderna, encontrando nela uma acentuada obtusão do tato, (3, 6) distúrbios histéricos e talvez epiléticos e uma cicatriz bem marcada no parietal esquerdo.

As mãos e os pés de Eusápia foram imobilizados pelo Dr. Tamburini e por mim, com a ajuda de nossas mãos e pés.

As experiências começavam e terminavam com a luz acesa e, no decorrer delas, o grupo era iluminado de tempos em tempos com um fósforo, para evitar fraudes.

Os fatos observados foram muito singulares; vimos em plena luz do dia uma mesa e nossas cadeiras se erguerem, devendo fazer um esforço de 5 a 6 quilos para abaixá-las. A pedido do Sr. Ciolfi, que conhece a médium há muito tempo, produziram-se várias batidas na mesa. Essas batidas respondiam, por meio de um alfabeto convencional, às perguntas que fazíamos sobre a idade das pessoas ali reunidas.

Com a luz apagada ouvimos fortes pancadas no centro da mesa, e logo em seguida uma campainha, colocada em um tripé, balançou no ar passando por cima das cabeças dos reunidos, indo depois colocar-se sobre a mesa. Em poucos instantes ela foi parar sobre uma cama localizada a 2 metros da médium. Enquanto o fenômeno acontecia, o Dr. Ascensi postou-se atrás de Eusápia e, acendendo um fósforo, viu a campainha suspensa no ar e caindo logo depois sobre uma cama situada atrás das cortinas. Ouvimos então o movimento de uma mesa, e o Dr. Vizioli sentiu o bigode sendo puxado e uma mão pequena e fria tocando seus joelhos. Durante tudo isso, as mãos da médium estavam sendo seguradas por mim e pelo Dr. Tamburini. Ao mesmo tempo, senti minha cadeira se elevar.

Um pesado cortinado colocado na alcova a mais de um metro da médium, de repente foi transportado até onde eu estava, envolvendo-me completamente. Tentei me libertar daquilo, e só com dificuldade consegui.

Os outros presentes perceberam, dez centímetros por cima da minha cabeça e da do Dr. Tamburini, várias pequenas luzes amarelas.

Mas o que mais me surpreendeu foi o transporte, da alcova, de um prato cheio de farinha, que estava coagulada como gelatina. A médium havia pensado em borrifar nossos rostos, e ela o manifestou durante as convulsões com as seguintes palavras: "Fiquem alertas, pois quero polvilhar seus rostos com a farinha que se encontra aqui". Com a sala iluminada, encontramos o prato e a farinha transportados.

Pouco depois, vimos aproximar-se um móvel pesado que parecia um paquiderme gigantesco. Recentemente tenho visto, juntamente com os professores de Amicis, Chiaia e Verdinois, saltar um banquinho do chão para a mesa e vice-versa.

Fiz Eusápia segurar dois dinamômetros, que marcaram 37 e 36 quilos. Durante a sessão, esse número subiu para 42 quilos. Experiências semelhantes foram feitas pelos Drs. Barth e Defiosa, que me escreveram que viram e ouviram, muitas vezes, uma campainha que se agitava no ar sem ser tocada por ninguém. O banqueiro Hirsch, que estava entre eles, pediu para falar com uma pessoa que lhe era muito querida, e chegou a ver sua imagem, ouvindo-a falar francês (essa pessoa era francesa e morreu há 20 anos). (1)

(1) Eusápia ficou doze dias em minha casa e nunca conseguiu falar em francês, apesar do evidente desejo que tinha de falar comigo, que mal entendo italiano — A. R.

Da mesma forma, o Dr. Barth viu seu falecido pai e sentiu que ele o abraçou duas vezes seguidas.

Nenhum desses fatos, que é preciso admitir porque foram vistos, implica a necessidade de explicá-los com um mundo diferente daquele admitido pelos neuropatologistas.

Principalmente, não perca de vista que Eusápia é uma neuropata, que na infância recebeu um golpe no parietal esquerdo que causou uma ferida profunda, após o qual ficou sujeita a ataques de epilepsia, catalepsia e histeria, que se manifestam, sobretudo, durante fenômenos medianímicos e, por último, que apresenta uma notável obtusão do tato.

Os admiráveis médiuns Home, Slade, etc., também eram neuropatas.

O que se segue disso? Não vejo nada de inadmissível no fato de histéricas e hipnotizados apresentarem uma poderosa excitação em certos centros devido à paralisia de outros, provocando uma transposição e transmissão de forças psíquicas que dão origem à força luminosa ou motriz. Entende-se também que a força que chamarei de cortical cerebral de um médium

possa, por exemplo, levantar uma mesa, puxar a barba de alguém, acariciá-lo etc.

Quando no hipnotismo ocorre o fenômeno de transposição dos sentidos, e se chega a *ver* através do nariz e do queixo (fato que verifiquei), os outros sentidos ficam paralisados e, em troca, o centro cortical da visão, que tem sua sede no cérebro, adquire tal energia, que chega a substituir o olho.

Fiz essa verificação com Ottolenghi em três hipnotizados, usando a lente e o prisma.

Capítulo III

Experiências de Milão em outubro de 1892

I. Parecer da Comissão

PREÂMBULO

O organismo humano está sujeito desde sua formação aos processos dinâmicos, químicos e orgânicos aos quais estão submetidos os demais corpos da natureza.

Levando em consideração o depoimento do Professor Lombroso a respeito dos fenômenos mediúnicos que ocorrem por intermédio de Eusápia Palladino, os abaixo assinados reuniram-se em Milão para estudar esses fenômenos com a maior escrupulosidade. As dezessete sessões realizadas transcorreram na casa do Sr. Finzi (Rua Monte de Piedade), entre as nove e as doze horas da noite.

Convidada a médium para essas sessões pelo Sr. Aksakof, quem ficou encarregado de apresentá-la foi o Sr. Chiaia, que só assistiu às primeiras sessões.

Perante o entusiasmo que o anúncio destas sessões provocou na imprensa e as diversas opiniões expressas em relação a Eusápia e Chiaia, entendemos ser um dever publicar prontamente este relatório.

Antes de entrar no assunto, devemos notar que os resultados obtidos nem sempre corresponderam ao que esperávamos, não porque deixassem de ocorrer fenômenos muito importantes, mas porque na maioria dos casos não foi possível aplicar as regras da arte experimental, que em outros

campos de observação são vistas como imprescindíveis para alcançar resultados positivos.

A mais importante dessas regras consiste em variar continuamente os modos de experimentação, até chegar a encontrar a causa, ou pelo menos as verdadeiras condições de todos os fatos.

É verdade que a médium, para provar sua boa-fé, às vezes propõe alterar alguma particularidade das experiências; mas isso está relacionado a circunstâncias que a nosso ver são indiferentes. As mudanças que julgamos necessárias para tirar dúvidas, ou não foram aceitas como possíveis pela médium, ou então, se realizadas, chegaram a influenciar no desenvolvimento das experiências, obscurecendo-as bastante.

Não cremos estar em posse do direito de atribuir essas deficiências a suposições injuriosas, como fizeram alguns jornais. Nós, pelo contrário, acreditamos que lidamos com fenômenos de natureza desconhecida, cujas condições de produção desconhecemos completamente. Queremos estabelecer, de nossa parte, essas condições, seria tão extravagante quanto pretender fazer o experimento do barômetro de Torricelli com um tubo fechado na parte inferior, os experimentos eletrostáticos em uma atmosfera saturada de umidade, ou os testes fotográficos expondo a placa sensível em plena luz antes de colocá-la na câmara escura.

Admitindo tudo isso, o qual é muito razoável, também é preciso admitir que a impossibilidade de podermos variar as experiências à nossa maneira, diminuiu o valor e o interesse dos resultados obtidos, tirando deles esse rigor de demonstração que estamos no caso de exigir, ou mesmo de aspirar, para eventos desta natureza.

Por estas razões, entre as inúmeras experiências verificadas, deixaremos de mencionar, ou apenas o faremos rapidamente, aquelas que nos parecem pouco evidentes, consignando com maior detalhe aquelas que atingiram um grau de probabilidade suficiente (1).

(1) A esta relação foram acrescentadas algumas observações enviadas posteriormente pelo Sr. Aksakof.

DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

§ A.

FENÔMENOS OBSERVADOS EM PLENA LUZ

Art. 1. Movimentos mecânicos não explicáveis pelo simples contato das mãos.

a) Elevação lateral da mesa sob as mãos da médium sentada em uma de suas cabeceiras.

Para esta experiência usamos uma mesa de abeto construída expressamente pelo Sr. Finzi, com 1,10m de comprimento por 0,70m de largura, 0,80m de altura e pesando 8 kg. Entre os diversos movimentos produzidos pela mesa, chamaram a atenção principalmente as batidas dadas por duas de suas pernas para responder à pergunta, *sem serem precedidos por nenhum movimento lateral*, cujas batidas eram dadas com força e rapidez; e elas resultavam mais notáveis porque a médium nunca se movia do seu assento, nem nós deixávamos de segurar suas mãos e pés. Como esses fenômenos sempre ocorrem com a maior facilidade, na sessão de 3 de outubro deixamos a médium sozinha à mesa, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, possibilitando assim uma melhor vigilância. Nós nos colocamos em círculo, e a mesa elevou-se, inclinando-se em um ângulo de 30 a 40 graus, permanecendo nessa posição por alguns minutos, enquanto a médium, com as pernas estendidas, batia um pé contra o outro. Exercendo pressão com a mão na extremidade levantada da mesa, sentimos uma resistência considerável.

b) Medição da força aplicada à elevação lateral da mesa.

Neste experimento, a mesa foi pendurada por uma de suas extremidades em um dinamômetro amarrado a uma corda; a corda estava fixada a um poste sustentado por dois armários. Nessas condições, a mesa foi elevada a 15 centímetros do chão, com o dinamômetro indicando 35 quilos. Sentada perto da mesa, a médium colocou as palmas das mãos em cima dela e a ambos os lados do dinamômetro, enquanto nós formávamos uma corrente aplicando nossas mãos na mesa sem fazer pressão. Caso a tivéssemos exercido, teríamos contribuído para fazer a mesa descer. Pouco tempo

depois, a mesa foi se elevando e chegou a tal ponto que o Sr. Gerosa, que observava o aparelho, indicou a diminuição da pressão pelos números sucessivos de 3, 2, 1, 0 quilogramas. A elevação foi tal que o dinamômetro ficou horizontalmente sobre a mesa.

Em seguida, colocamos nossas mãos sob o referido móvel, e a médium, em particular, as colocou no ponto onde as pernas começam, aplicando essas mãos pelo lado dorsal, diante de cuja disposição devíamos favorecer a diminuição da tração no dinamômetro; mas em breves instantes o Sr. Gerosa anunciou que as indicações estavam crescendo de 3,5k para 5,6k. Durante essas experiências os pés da médium foram rigorosamente vigiados.

c) Elevação completa da mesa.

Era natural concluir que, se a mesa podia elevar-se em parte, também poderia fazê-lo em sua totalidade: e, de fato, foi assim.

Esse fenômeno geralmente ocorre da seguinte forma: as pessoas sentadas ao redor da mesa formam uma corrente, de mãos dadas umas com as outras. Cada mão da médium é segurada pela mão adjacente dos vizinhos, e cada pé sob os deles, que também juntam seus joelhos aos da médium. Em poucos minutos a mesa inclina-se, tanto para a direita como para a esquerda e então levanta-se horizontalmente, pairando no ar como se flutuasse em um líquido.

Normalmente ascende a uma altura de 10 a 20 centímetros, embora excepcionalmente atinja 60 ou 70 centímetros, e depois cai simultaneamente sobre suas quatro patas. (Ver a gravura número 1)

Gravura 01 - Levitação da Mesa, Milão em 1892



Gravura 01 - Eusápia Palladino - Levitação da Mesa, Milão em 1892.



Médium: Eusápia - Controlador: Barão Du Prel - Assistentes:
Prof. Brofferio, Schiaparelli

*Médium: Eusápia Palladino,
Controlador: Barão Du Prel,
Assistentes: Prof. Brofferio, Schiaparelli.*

Frequentemente sustenta-se no ar por alguns segundos, verificando movimentos ondulatórios que permitem examinar os pés da mesa. Durante a ascensão, a médium às vezes afasta sua mão e a de seu vizinho, e as mantém no ar.

Enquanto o experimento está sendo realizado, o rosto da médium convulsiona, suas mãos se contraem, ela geme e parece sofrer.

Para melhor examinar o fato em questão, eliminamos gradualmente as pessoas ao redor da mesa, tendo reconhecido que não era necessário um grande número de pessoas para realizar esse fenômeno e os outros.

Por isso, deixamos um único indivíduo do lado esquerdo da médium, que, enquanto apoiava uma mão nos joelhos, com a outra segurava a mão esquerda de Eusápia, cuja direita se apoiava na mesa, ou ficava no ar durante a ascensão do móvel. (Gravura número 3)

Como esse móvel permanecia no ar por muitos segundos, foi possível tirar algumas fotos do fenômeno, o qual constitui uma novidade (Gravura número 2.)

Gravura 02 - Levitação da Mesa, Milão em 1892, após uma fotografia instantânea



Médium: Eusápia - Controladores: Os professores Lombroso e Richet

Gravura 02 - Levitação da Mesa, Milão em 1892, após uma fotografia instantânea.

Médium: Eusápia Palladino

Controladores: Os professores Lombroso e Richet

Em todas as experiências anteriores, dirigimos nossa atenção principalmente para vigiar a posição das mãos e pés da médium e, desse ponto de vista, acreditamos estar a salvo de qualquer objeção.

No entanto, por escrúpulo de sinceridade, não podemos deixar passar em silêncio um fato que começou a chamar nossa atenção em 5 de outubro, mas que provavelmente deveria ter ocorrido em experiências anteriores. O fato consiste em que os quatro pés da mesa não podiam ser considerados como perfeitamente isolados, pois pelo menos um deles estava em contato com a borda inferior do vestido da médium. Naquela noite observou-se que pouco antes de a mesa se elevar, a saia do lado esquerdo do vestido de Eusápia inchava até chegar a tocar o pé vizinho da mesa. Quando um de nós se encarregou de impedir o contato, a mesa não pôde subir como

outras vezes, e isto só pôde ocorrer quando o observador permitiu intencionalmente que o contato ocorresse, o qual é evidente nas fotografias tiradas dessa experiência, e também naquelas onde fica visível o pé em questão.

Observou-se também que a médium estava com a mão do mesmo lado apoiada na mesa, de modo que a perna da mesa estava sob a influência da médium, tanto na parte superior quanto na inferior.

Não foi possível averiguar o grau de pressão exercido nesse momento pela médium, nem a influência que o contato da roupa poderia ter, para fazer contrapeso à mesa. (1)

(1) De minha parte, devo alertar que durante toda a primeira sessão, quando a mesa permaneceu totalmente elevada, as duas mãos de Eusápia permaneceram elevadas e estendidas acima da mesa, SEM TOCAR NELA; e a uma altura de mais de 5 centímetros, seus punhos podiam ser vistos convulsivamente fechados, e seus braços em torção. Destaco bem essas particularidades, pois nunca tinha visto uma levitação de mesa nessas condições. Por outro lado, na sessão de 1º de outubro, segundo me afirmou o Dr. Richet, a médium Eusápia mal tocou a mesa na primeira experiência de levitação, e a partir da segunda pode afirmar que não a tocou.
– A. Aksakof.

Para evitar esse contato, foi proposto verificar a levitação enquanto a médium e seus colaboradores permaneciam em pé, mas o teste não deu resultado. (2)

(2) Perguntando a Eusápia por que a levitação da mesa não surtiu efeito quando ela trabalhava em pé, respondeu que enquanto esse fenômeno ocorre, ela não consegue ficar em pé, por causa do tremor que sacode suas pernas e pés.

Foi feita uma tentativa de colocar a médium em um dos maiores ângulos da mesa, mas ela se opôs, dizendo que era impossível. Somos, portanto, forçados a declarar que não conseguimos uma levitação completa da mesa com os quatro pés absolutamente livres de qualquer contato por parte da médium.

Agora, como o contato de um tecido leve com a extremidade inferior do pé da mesa pode contribuir para a levitação? Isso é o que ignoramos. A hipótese de que o tecido pode esconder um apoio sólido é dificilmente aceitável.

Quando Eusápia levanta a mesa, ela o faz de um modo *sui generis*, que nunca vi repetir nos diferentes médiuns que observei. Para estudar o fato adequadamente, em 1876 convidei Mary Marshall (St. Clair), que obteve facilmente a levitação da mesa em plena luz. Para dar a mais absoluta validade a esse fenômeno, mandei construir um tabuleiro de madeira, para

cobrir os joelhos e os pés da médium; era como uma caixa aberta de um dos lados e, no momento da experiência, vinha a cobrir os pés, o brial, os joelhos e a cadeira. Na parte frontal do brial deixei uma abertura de duas polegadas, para que a suposta ação fluídica pudesse ficar livre. Em ambos os lados da caixa, e ao nível do solo, descansavam duas pranchas para que as pessoas próximas à médium pudessem apoiar os pés, evitando assim qualquer movimento. Nestas condições obtivemos muitas vezes a levitação completa da mesa. Os doutores Boutleroff e Wagner são testemunhas.

Devo acrescentar também que em uma das sessões assistidas pelo Dr. Richet, ocorreu a levitação completa da mesa, estando ambos os pés da médium amarrados com cordas, e as pontas das cordas, coladas ao pavimento com lacre.

Os únicos movimentos da mesa isentos dessa causa de incerteza seriam aqueles que ocorrem quando a médium levanta os pés, mas esse tipo de levitação é fácil de produzir por meio de uma leve pressão da mão da médium sobre a mesa. Dizemos o mesmo em relação aos movimentos laterais.



Médium: Eusápia - Controlador: Alexandre Aksakof

Gravura 03 - Levitação da Mesa, Milão em 1892.

*Médium: Eusápia Palladino
Controlador: Alexandre Aksakof*

d) Com a médium sentada em uma balança, ela faz variar a pressão.

Essa experiência apresenta muito interesse e dificuldade, pois, como podemos entender, qualquer movimento, voluntário ou não, por parte da médium, pode causar oscilações na balança. Para obter uma boa conclusão, é fundamental que a alavanca, uma vez na nova posição, permaneça fixa por alguns segundos, a fim de medir o peso por deslocamento do contrapeso.

Com a médium sentada em uma cadeira, e descansando esta na balança, o indicador deu um peso total de 62 quilos. Após algumas oscilações, caiu para 32 quilos, ou uma queda de pressão equivalente a 10 quilos.

Desejando nós a obtenção do fenômeno inverso, não demorou muito para que a alavanca fosse levantada, sinalizando um aumento de 10 quilos.

Esta experiência foi repetida muitas vezes ao longo de cinco sessões. Uma vez não deu resultado, e na última experiência, duas curvas do fenômeno foram registradas por meio de um aparelho.

Tentamos reproduzir por nós mesmos tais depressões, sem sucesso; só pudemos conseguir a descida ficando em pé na plataforma e imprimindo movimentos ao nosso corpo, ora de um lado, ora do outro. No entanto, não ficando totalmente satisfeitos com estas experiências, completamo-las com o que está descrito no art. 3º.

Alguns dos observadores afirmaram que o sucesso do experimento talvez dependesse do contato da vestimenta da médium sobre a plataforma. Essa hipótese foi demonstrada na sessão de 9 de outubro.

Com a médium colocada na balança, e vigiada atentamente por um de nós, viu-se que a parte inferior do vestido inchava com rapidez até tocar a plataforma.

Enquanto fizemos oposição a esse movimento, a levitação não ocorreu; mas a partir do momento em que o vestido de Eusápia tocou a plataforma, a levitação foi constatada, repetida e evidente.

Em outra ocasião tentamos obter a levitação da médium, colocando-a sobre uma longa tábua apoiada na plataforma. A tábua impediu o contato do vestido sobre a plataforma e a levitação não ocorreu.

Por último, em 12 de outubro foi preparada outra balança romana com uma plataforma bem isolada do solo e distante deste cerca de 30 centímetros. Ao realizar esta experiência, tomou-se muito cuidado para impedir que tanto a plataforma quanto o vestido de Eusápia tocassem o chão, e a experiência não foi bem sucedida. Nesta situação, esperávamos os resultados da sessão de 18 de outubro, para estabelecer conclusões; mas esta sessão também não tirou as nossas dúvidas, pois Eusápia usava mantilha, e ficamos na dúvida sobre se tocara com ela a ponta da balança. Em resumo: podemos dizer que não conseguimos o fenômeno da levitação com a médium perfeitamente isolada da plataforma.

Art. 2º Movimentos mecânicos com contato indireto da médium e em tais condições que era impossível sua ação mecânica.

a) Movimento horizontal da mesa, com a médium aplicando as mãos sobre uma prancha de madeira que se apoiava sobre três bolas ou quatro rodas.

Para verificar este experimento, tão difícil quanto conclusivo, pequenas rodas foram colocadas nos pés da mesa. Em cima desta, foi colocada uma prancha de 42 centímetros de comprimento por 32 de largura, que se apoiava em três bolas de madeira de quatro centímetros de diâmetro. A convite dos presentes, a médium colocou as mãos no centro da prancha depois de lhe termos arregaçado as mangas do vestido até os cotovelos. Tanto os pés quanto os joelhos da médium estavam em contato com os joelhos e os pés das pessoas próximas, e nesse arranjo a mesa movimentou-se diferentes vezes em todas as direções, sem que a prancha se afastasse minimamente do lugar.

Em um segundo experimento, as bolas foram substituídas por quatro rodinhas móveis, unidas por meio de eixos aos quatro cantos da prancha. O resultado foi o mesmo do caso anterior.

b) Elevação lateral da mesa com as mãos da médium aplicadas a uma prancha, com três bolas ou quatro rodas.

Este fenômeno, já descrito acima, repetiu-se com a prancha de rodas, nas condições mencionadas acima. A mesa foi elevada completamente na lateral da médium, a uma altura de 10 a 15 centímetros, sem o menor afastamento da prancha.

Com esta experiência adquirimos a prova *incontestável* da possibilidade de obter movimentos laterais e verticais da mesa, independentemente dos esforços da médium.

Nesse caso, a vigilância era exercida apenas sobre as mãos da médium; mas como a mesa estava cercada por várias pessoas, não era fácil verificar se havia algum contato entre os pés da mesa e o vestido da médium. A mesma observação se aplica à experiência descrita no art. 3º.

Para tirar qualquer dúvida, um dispositivo de papelão foi colocado para envolver a médium e sua cadeira, ficando assim protegida de todo contato externo; mas assim que a médium viu o aparelho, disse que essa restrição que estavam tentando impor a ela iria tirar-lhe todo o poder. O dispositivo foi usado apenas uma vez, mas em circunstâncias tais, que tornaram seu uso quase supérfluo.

Art. 3. Movimentos de objetos à distância, sem qualquer contato com as pessoas presentes.

a) Movimentos espontâneos de objetos.

Esses fenômenos se repetiram muitas vezes em nossas sessões.

Com grande frequência temos visto uma cadeira afastada da mesa mover-se e aproximar-se dela. Na segunda sessão vimos se aproximar, em direção ao Sr. Schiaparelli, uma pesada cadeira (10 quilos) que estava localizada a um metro da mesa e atrás da médium.

O referido senhor levantou-se com a intenção de retirá-la para o local de onde partira, mas a cadeira continuou avançando. Este fenômeno foi obtido em *plena luz*.

b) Movimentos da mesa sem contato.

Os rodízios foram colocados nos pés da mesa, e todos os presentes formaram a corrente, inclusive a médium, que foi vigiada atentamente.

Quando a mesa começou a se mover, todos nós levantamos as mãos sem quebrar a corrente, e a mesa continuou seu movimento, apesar de estar isolada de qualquer contato. Este fenômeno repetiu-se várias vezes.

c) Movimento do braço da balança.

Este experimento foi feito pela primeira vez na sessão de 21 de setembro.

Após verificar a influência que o peso da médium exercia sobre a balança, restava averiguar se essa influência poderia ser exercida à distância. Para isso, a médium foi situada de costas para a balança, de modo que a cadeira em que estava sentada ficava a 10 centímetros da plataforma.

Primeiro, deixamos a borda de seu vestido encostar na plataforma, e nesse momento a alavanca começou a se mover.

Então o Sr. Brofferio segurou o vestido com a mão, mas ele continuava voltando ao seu lugar original; e como os movimentos continuavam intensos, o Sr. Aksakof colocou-se atrás da médium, e depois de separar perfeitamente o vestido dela de todo contato com a balança, a alavanca continuou a se mover, com batidas dadas imediatamente à vista de todos.

Esta experiência foi repetida em 26 de setembro na presença do Dr. Richet, que ficou convencido de que o fenômeno estava livre de todo artifício.

Art. 4. Batidas e reprodução de sons sobre a mesa.

Essas batidas eram produzidas nas sessões para expressar *sim* ou *não*; às vezes desenvolviam-se com força e limpeza, parecendo ressoar dentro da mesa.

§ B.

FENÔMENOS OBSERVADOS NO ESCURO

Esses fenômenos ocorreram enquanto permanecíamos sentados ao redor da mesa formando corrente (pelo menos nos primeiros minutos). As mãos e os pés da médium ficavam controlados pelas pessoas próximas a ela.

A escuridão evidentemente aumenta a facilidade dessas manifestações, que podem ser classificadas da seguinte forma:

1. Batidas na mesa, significativamente mais fortes do que as percebidos em plena luz.
2. Batidas e tamboriladas nas cadeiras próximas à médium, às vezes muito fortes, chegando a derrubar a cadeira com a pessoa sentada nela.
3. Transporte sobre a mesa de objetos que pesam muitos quilos e que se encontram a vários metros de distância.
4. Transporte no ar de diversos objetos, instrumentos musicais, por exemplo. Percussões e sons produzidos por esses objetos.
5. Transporte da médium sobre a mesa, junto com a cadeira em que estava sentada.
6. Aparecimento de pontos fosforescentes de curta duração (uma fração de segundo), e clarões, que com frequência se desdobram.
7. Barulho de duas mãos batendo palmas por cima das cabeças.
8. Sopros sensíveis.
9. Contatos produzidos em diferentes partes do corpo, por uma mão misteriosa. Quando ocorrem diretamente sobre a pele, experimenta-se uma sensação de contato e calor, como aquele produzido por uma mão humana.
10. Visão de uma ou duas mãos projetadas sobre um papel fosforescente ou em uma janela fracamente iluminada.
11. As referidas mãos deixam impressões sobre uma folha de papel enegrecido, fazem e desfazem nós e, ao que parece, riscam com o lápis no papel, deixando traços persistentes.

12. Contato de nossas mãos com uma figura misteriosa, "que certamente não é a médium".

Quantos negam a possibilidade de fenômenos mediúnicos, tentam explicá-los supondo que a médium tenha a faculdade (declarada impossível pelo Dr. Richet) de ver na mais completa escuridão, e que por um hábil artifício, libera-se uma das mãos que estão sujeitas, ficando a outra livre para os contatos.

Quem já teve oportunidade de vigiar suas mãos deve dizer que, no ato de produzir os fenômenos, a agitação da médium é grande, e ela nem sempre permite que suas mãos fiquem cuidadosamente vigiadas entre as nossas. Por esta razão, muitos dos fenômenos observados no escuro foram considerados de um valor insuficiente, embora de provável realidade, e pelo mesmo motivo, trataremos apenas daqueles que não deixam margem para dúvidas, seja porque foi possível serem rigorosamente verificados, ou pela impossibilidade manifesta de poder atribuí-los à ação da médium.

a) Aportes de objetos diversos, enquanto as mãos da médium ficavam unidas às das pessoas imediatas.

Para garantir que não fôssemos vítimas de uma ilusão, as mãos da médium e de seus vizinhos foram amarradas com um barbante de três milímetros de diâmetro. Sentamo-nos ao redor da mesa formando a corrente, depois de ter colocado uma campainha em uma cadeira, à direita da médium. Tendo apagado a luz, expressamos o desejo de que a campainha tocasse imediatamente, e naquele mesmo instante ouvimos a cadeira se deslocar, descrever uma curva no chão, aproximar-se da mesa e subir até ela. Nesta situação, a campainha começou a se agitar, caindo depois em cima da mesa.

Tendo iluminado instantaneamente a sala, fomos comprovar que os nós das ataduras da médium estavam intactos, do que deduzimos que esse fenômeno, cuja duração foi de apenas dez minutos, não poderia ter sido produzido pela médium. (1)

(1) Como exemplo de aporte a distância, desenvolvido nas condições mais justificadas, citarei o seguinte fato:

Na sessão de 26 de setembro, a primeira que contou com a presença do Dr. Richet, a médium fez o maior esforço para provar sua boa fé nesses trabalhos. A sessão foi às escuras e, no início, a médium tirou os sapatos, colocou os pés sobre os joelhos do Dr. Richet e suas mãos ficaram entre as desse senhor. Nessas condições, entre outras coisas, foram obtidos movimentos de cadeiras,

contatos, etc. Um tamborim, situado em uma cadeira atrás da médium e a cerca de 80 centímetros de distância, foi erguido no ar e, depois de dar a volta no círculo, tocando por cima de nossas cabeças, ficou por um momento sobre a do Dr. Richet, caindo depois sobre a mesa. — A. Aksakof.

b) Impressões digitais obtidas sobre um papel afumaçado.

Para garantir que uma mão humana não interferia na produção do fato, fixamos sobre a mesa, e do lado oposto ao da médium, uma folha de papel enegrecida com fumaça, expressando o desejo de que a mão fosse impressa no papel, que a mão da médium ficasse intacta e que o negro de fumaça fosse transportado para as nossas mãos.

Os Drs. Schiaparelli e Du Prel seguravam as mãos da médium. Apagou-se a luz, formamos a corrente, e em poucos instantes ouvimos o leve tamborilar de uma mão na mesa, e o Dr. Prel anunciar que eram tocados os dedos da mão com a qual ele estava unido ao Dr. Finzi.

Iluminada a sala, encontramos algumas impressões de dedos no papel, e o dorso da mão do Dr. Prel manchado com negro de fumaça, não existindo nenhuma mancha nas mãos da médium.

Insistimos na experiência por três vezes consecutivas, obtendo-se, na segunda, a impressão de três dedos no papel, e na terceira, a impressão de uma mão esquerda.

Tanto nas últimas como nas primeiras experiências, as mãos da médium apareciam completamente limpas, e as do Dr. Prel, enegrecidas.

c) Aparecimento de mãos sobre um fundo levemente iluminado.

Colocamos sobre a mesa um pedaço de papelão coberto com uma substância fosforescente (sulfeto de cálcio) e sentamos em cadeiras, distribuídas em diferentes pontos da sala.

Nessa atitude, vimos o perfil de uma mão que se colocava sobre o papelão da mesa; e no fundo, constituído por outros papelões, via-se a sombra da mão, passando e voltando a passar à nossa frente.

Na sessão de 21 de setembro, um dos presentes viu, em várias ocasiões, *duas mãos ao mesmo tempo*, que se projetavam sobre a luz tênue que entrava por uma janela, fechada apenas com vidro.

As referidas mãos moviam-se rapidamente e eram completamente opacas (1), não podendo os observadores esclarecer nada a respeito dos braços que correspondiam às referidas mãos.

(1) Na sessão às escuras realizada em 23 de setembro, o Dr. Schiaparelli segurava a mão esquerda da médium, enquanto eu segurava com a minha esquerda a mão direita da médium. A mão misteriosa colocou-me um relógio na extremidade que me unia à médium, e quando tentei pegá-lo, estabeleceu-se uma luta interessante entre meus dedos que seguravam o relógio e os dedos daquela mão. Ao contato, pareceu-me que se tratava do duplo da mão da médium, o que

parecia ser confirmado pelo aparecimento da referida extremidade em plena luz, ocorrido na sessão de 6 de outubro. Enquanto se desenrolava a referida luta, questionei várias vezes o Dr. Schiaparelli para ver se ele continuava segurando a mão da médium, ao que ele respondeu afirmativamente; e notei, à luz da janela, algo como um braço descendo em direção à mesa, e depois uma coisa grande e redonda como uma cabeça; a médium me perguntava frequentemente: O Sr. está vendo? Mas o curioso do caso é que esse algo não era preto ou opaco, mas semitransparente, vaporoso, ou, para nos apropriarmos da terminologia espírita, diremos que era fluídico com cores indefinidas. — A. Aksakof

Esses fenômenos de aparecimento simultâneo de duas mãos são *muito significativos*, pois não podem ser atribuídos a uma trapaça da médium, já que sua liberdade de ação está inibida. A mesma conclusão se aplica às palmas que foram ouvidas várias vezes por cima de nossas cabeças.

d) Levitação da médium sobre a mesa.

Colocamos este fenômeno entre os mais importantes e significativos, e ocorreu nos dias 23 de setembro e 3 de outubro, elevando-se a médium, sentada na cadeira, até o tampo da mesa, e sem desprender suas mãos das mãos das pessoas próximas.

Na sessão de 28 de setembro, enquanto os Drs. Richet e Lombroso seguravam as mãos da médium, ela disse, com a voz peculiar costumeira que apresenta quando está em *transe*: "Agora vou colocar minha médium em cima da mesa." Dois ou três segundos depois, a médium e a cadeira em que estava sentada foram cuidadosamente levantadas e colocadas sobre a mesa. Os doutores Richet e Lombroso alegaram não ter contribuído minimamente para essa ascensão. Então anunciou sua descida, verificando-a com a maior segurança e precisão.

Os doutores Richet e Finzi (este substituindo Lombroso), vigiaram todos os seus movimentos e ambos os dois sentiram o contato de uma mão que os tocava na cabeça.

Em 3 de outubro, o fenômeno ocorreu novamente com circunstâncias semelhantes.

e) Contatos.

Alguns deles merecem ser particularmente notados, por uma circunstância capaz de fornecer alguma noção interessante quanto à sua possível origem.

Na sessão de 6 de outubro, quando o Sr. Gerosa estava a 1,20m da médium, sentiu sua mão ser tocada tentando repetidamente afastá-la da mesa; e como ele insistia em mantê-la no lugar, recebeu pancadas de uma cornetinha que momentos antes havia soado no ar. Esses contatos, feitos no escuro, constituem operações delicadas pela precisão com que são verificadas.

Nas sessões de 16 e 21 de setembro, os óculos do Dr. Schiaparelli foram retirados e colocados sobre a mesa, diante de outra pessoa. Esses óculos mantinham-se fixos em ambas as orelhas por meio de dois dispositivos, exigindo muita atenção para removê-los, mesmo em plena luz. Ao mencionar esse fenômeno, ele disse que só notara a falta dos óculos pela ausência dos habituais contatos sobre o nariz, orelha e têmporas; mas que quanto ao ato da subtração, deve ter sido extremamente rápido e delicado para ele não se aperceber do mesmo.

Em todas as inúmeras manobras executadas pelas mãos misteriosas, nem um único ato de inabilidade pôde ser registrado, sendo que, aliás, isso é quase inevitável para quem trabalha no escuro.

Ao que foi dito, podemos acrescentar que sempre que foram depositados sobre a mesa os vasos cheios de argila e as cadeiras, nunca esbarraram em nenhuma das inúmeras mãos que ali se apoiavam.

f) Contatos com uma figura humana.

Tendo um dos presentes manifestado o desejo de receber um abraço, sentiu diante da própria boca o ruído de um beijo, sem acompanhar o contato dos lábios. Isso ocorreu na sessão de 21 de setembro e na sessão de 1º de outubro.

Em três ocasiões diferentes, um dos ali reunidos tocou uma figura humana com barba e cabelos.

O contato com a pele era idêntico ao de uma figura humana, com os cabelos um pouco mais ásperos que os da médium e o queixo um pouco mais fino (1).

(1) A mão do observador, que era o Dr. Schiaparelli, foi erguida no ar pela mão misteriosa, tendo o dito senhor me comunicado o interessante detalhe de que aquela mão vibrava continuamente enquanto o segurava.

g) Sons de corneta.

Na sessão de 6 de outubro colocamos uma corneta atrás da médium e da cortina. Em alguns momentos, algumas notas foram ouvidas nas imediações de nossas cabeças, afirmando, aqueles que estavam ao lado da médium, que o som não era percebido como vindo do local onde se encontravam. A corneta foi encontrada transportada sobre a mesa, em local oposto ao da médium.

h) Experiências de Zöllner sobre a penetração de um sólido através de outro sólido.

São conhecidos os experimentos por meio dos quais o astrônomo Zöllner tentou demonstrar experimentalmente a existência de uma quarta

dimensão do espaço e que, em sua opinião, pode servir de base para estabelecer uma teoria aceitável que explique muitos fenômenos mediúnicos.

Embora saibamos, segundo opinião muito difundida, que Zöllner poderia ter sido vítima de uma mistificação muito hábil, achamos útil ensaiar uma parte de suas experiências com a médium Eusápia.

As experiências de Zöllner, que viemos ensaiando sucessivamente, foram as seguintes:

1.º O entrelaçamento de dois anéis maciços (de madeira ou papelão) antes separados.

2.º A formação de um nó simples em uma corda sem fim.

3.º A penetração de um objeto sólido de fora para dentro de uma caixa fechada, cuja chave estava guardada em local seguro.

Nenhuma dessas tentativas deu resultados efetivos, nem conseguimos o molde da mão misteriosa, feito com parafina derretida. Só podemos dar conta de um fato que, se verdadeiro, poderia ser colocado nessa categoria de fenômenos; mas foi obtido sem aviso prévio e, portanto, a vigilância não foi tão contínua e escrupulosa como é exigida em tais casos.

O fato se desenrolou da maneira que iremos expressar.

No início da sessão, um dos participantes deixou o *pardessus* em uma cadeira, longe do alcance da médium; e quando estávamos chegando ao fim do nosso trabalho, vimos serem aportados, sobre um papelão fosforescente que estava colocado em cima da mesa, vários objetos que o dono do *pardessus* reconheceu como seus, vindos do bolso interno daquela peça de vestir.

Imediatamente a médium começou a reclamar, dizendo que haviam colocado um objeto no pescoço dela que a estava estrangulando. A luz foi acesa e encontramos a médium de muito mau humor, com o *pardessus* em questão pendurado nos ombros e com os braços enfiados nas mangas.

Enquanto durou a sessão, as mãos e os pés da médium não foram perdidos de vista por um único momento.

O inesperado do fenômeno nos fez admiti-lo como *possível*, mas não como provável, pois, apesar da vigilância que se exerceu, é possível admitir uma distração por parte dos encarregados de monitorar a médium (1).

(1) *É mais do que improvável que as duas mãos da médium tenham sido abandonadas ao mesmo tempo pelos encarregados da vigilância, e essa improbabilidade aumenta, tendo em vista que a médium precisaria se levantar da cadeira para ir pegar o pardessus. - A. Aksakof.*

§ C.

FENÔMENOS PREVIAMENTE OBSERVADOS NA ESCURIDÃO E OBTIDOS MAIS TARDE EM PLENA LUZ E NA PRESENÇA DA MÉDIUM.

Para chegar a uma convicção completa, era preciso obter os fenômenos importantes desenvolvidos no escuro, sem perder de vista a médium. Como a escuridão, ao que parece, é muito favorável aos fenômenos, era conveniente deixá-los no escuro, e manter a luz para nós e para a médium.

Vejam como procedemos na sessão de 6 de outubro. Dividimos a sala em duas partes por meio de uma cortina. Um dos compartimentos estava às escuras, e a médium ficou de costas para o local escuro, enquanto a parte frontal de seu corpo era iluminada pela luz de uma lanterna com cristais vermelhos, colocada sobre uma mesa.

Atrás da cortina, e a 50 centímetros da médium, colocamos uma pequena cadeira com uma campainha, e em outra cadeira mais distante, um vaso cheio de argila umedecida. Colocamos uma mesa na frente da médium e ao redor dela formamos um círculo. A médium dava sua mãos aos doutores Schiaparelli e Prel.

Era a primeira vez que a médium era submetida a tais condições.

Os fenômenos logo começaram. À luz de uma bugia sem quebra-luz, vimos a cortina se inchar, indo em direção ao círculo. As pessoas nas imediações da médium empurravam a cortina com as mãos, sentindo uma forte resistência. A cadeira de um deles foi atirada violentamente ao chão, dando cinco batidas, que significavam haver excesso de luz.

Em seguida, trocamos a bugia pela lanterna, protegendo-a em parte com um quebra-luz, que depois retiramos, deixando a lanterna sobre a mesa em frente à médium. As bordas da cortina foram fixadas nos cantos da mesa e, a pedido da médium, foram aproximadas por cima de sua cabeça por meio de pinças. A seguir apareceu naquele local uma coisa que chamou a atenção de todos. O Sr. Aksakof levantou-se, colocou a mão na abertura da cortina e disse que uns dedos o tocavam repetidamente. Ele insistiu nessa situação, e sua mão foi atraída pela abertura, sentindo um contato duro, que resultou ser a cadeirinha; ele a segurou por um momento, mas afastou-se caindo ao chão. Todos os presentes direcionaram suas mãos para a abertura, percebendo o contato de umas mãos. No fundo escuro da abertura da cortina, por cima da cabeça da médium, surgiram os habituais clarões azulados. O Sr. Schiaparelli foi tocado com firmeza nas costas e no lado: sua cabeça foi puxada para a parte escura, e durante os eventos mencionados, ele não abandonou nem a mão direita da médium, nem a esquerda do Sr. Finzi.

Nessa posição, sentiu-se tocado por dedos quentes e despídos, viu as luzes descreverem curvas no ar, iluminando um pouco a mão ou o corpo que as transportava.

Quando voltou ao seu lugar, uma mão que foi vista bem claramente apareceu na abertura da cortina; e como a médium levantasse a cabeça para observar o fenômeno, a mão misteriosa tocou seu rosto. O Dr. Prel, sem largar a mão de Eusápia, passou a cabeça pela abertura da cortina e, instantaneamente, sentiu várias mãos tocá-lo em vários pontos de seu corpo. Durante essa manobra de contatos, a mão continuou visível, manifestando-se acima da cabeça da médium.

O Dr. Prel sentou-se novamente, e então Aksakof enfiou um lápis na fenda, que de início foi atraído, e depois foi projetado sobre a mesa.

Certa vez, uma mão fechada apareceu por cima da cabeça da médium, e aos poucos foi se abrindo até apresentar os dedos bem separados. É impossível expressar o número de vezes que essa mão apareceu e foi tocada por algum de nós; basta dizer que toda possibilidade de dúvida foi descartada. Era uma mão humana e viva, que podíamos ver e tocar, enquanto o corpo e os membros da médium eram segurados pelas pessoas próximas.

Ao final da sessão, o Dr. Prel foi o primeiro a entrar no compartimento escuro, anunciando-nos uma impressão na argila; de fato: observamos que estava deformada por um arranhão profundo de cinco dedos, pertencentes à mão direita. Este fato, e o fato de no final da sessão ter sido projetado um pedaço de argila sobre a mesa através da fresta da cortina, mostra que não fomos joguete de uma alucinação.

Os acontecimentos que acabamos de mencionar repetiram-se muitas vezes nas sessões de 9, 13, 15, 17 e 18 de outubro.

Embora a posição da mão misteriosa não nos permitisse supor que pertencesse à médium, apesar disso, na sessão do dia 15 fixamos por separado os dedos da mão esquerda da médium por meio de um elástico.

As aparições ocorreram durante as sessões dos dias 15 e 18 (embora com menor intensidade), sendo rigorosamente vigiadas pelos doutores Richet e Schiaparelli.

CONCLUSÃO

Os fenômenos maravilhosos observados na mais completa ou quase completa escuridão (cadeiras atraídas com a pessoa que descansa nela, contato de mãos, luzes, impressão de dedos, etc.), foram obtidos por nós sem perder de vista a médium nem por um momento. A sessão de 6 de outubro foi para nós a constatação evidente e absoluta da justiça de nossas observações previamente verificadas no escuro. Foi a prova incontestável que nos fez rejeitar a hipótese de qualquer trapaça da médium, a prova de que esses fenômenos podiam resultar da mesma causa a que devem ser

atribuídos quando ocorrem em plena luz e com a médium em nossa presença.

Ao publicar este breve e incompleto parecer, temos o dever de dizer que as nossas convicções são as seguintes:

1.^a Que nas circunstâncias mencionadas, nenhum dos fenômenos obtidos em plena luz poderia ser desenvolvido por meio de artifício.

2.^a Que temos a mesma opinião sobre a maioria dos fenômenos obtidos na mais completa escuridão. Para um certo número deles, poderíamos admitir (extremando o rigor da dúvida) a possibilidade de uma imitação, embora esta hipótese não somente é *improvável*, mas *inútil*.

Reconhecemos, no entanto, que do ponto de vista das ciências exatas, nossas experiências não serão totalmente satisfatórias, mas ao menos provarão serem dignas da atenção dos homens de ciência.

Consideramos um dever expressar publicamente nossa profunda gratidão ao Sr. Ercole Chiaia, que estudou a faculdade mediúnica por muitos anos com o maior zelo e paciência, apesar do clamor e da difamação contra ele.

Alexander Aksakof, Conselheiro de Estado de Sua Majestade o Imperador da Rússia, Diretor do jornal *Études psychiques* de Leipzig.

Giovanni Schiaparelli, Diretor do Observatório Astronômico de Milão.

Barão Carl du Prel, Doutor em Filosofia pela Universidade de Munique.

Ângelo Brofferio, professor de Filosofia.

José Gerosa, Professor de Física da Real Escola Superior de Agricultura de Portici.

G. B. Ermacora, doutor em Física.

O Dr. Charles Richet, Professor de Medicina em Paris e Diretor da *Revue Scientifique*, participou de cinco sessões, e o Dr. César Lombroso, Professor de Medicina de Turim, participou de duas sessões.

II. Notas do Doutor Charles Richet

Não é sem certa indecisão que vou relatar as experiências que, graças aos Srs. Aksakof, E. Chiaia e Finzi, pude presenciar em Milão, porque embora o ilustre colega doutor Lombroso tenha dado a todos nós um exemplo de valor científico, ao expressar sua opinião, não posso, no entanto, ser tão categórico em minhas afirmações quanto ele; assim, referirei os fatos que presenciei, ao mesmo tempo que as conclusões que deles posso deduzir.

Quem me conhece sabe que quando dou a minha opinião, irei dá-la de forma sincera e completa, sem me deixar intimidar pelo medo do ridículo, ou por qualquer outro motivo extracientífico.

§ A.

As experiências que Eusápia Palladino realiza são muito simples.

Vejam no que consistem:

À meia-luz, à plena luz ou na maior escuridão, senta-se diante de uma mesa; então esta mesa (que ela toca levemente) entrega-se a uma espécie de ginástica extravagante, que nada tem de anômalo para quem conhece esse tipo de exercícios, que sem dúvida é devida a movimentos musculares inconscientes. Às vezes, a mesa eleva-se por seus quatro pés. Em certos momentos da experiência, Eusápia muda de tom e sotaque (em estado normal expressa-se num dialeto napolitano muito pronunciado), e depois já não é Eusápia quem fala, é o seu *guia*, segundo a expressão corrente, um certo *John*, que parece ser capaz de reduzir o peso de Eusápia, levá-la e carregá-la até uma mesa, trazer vários objetos e, às vezes, aparecer parcialmente na forma de uma mão. Esta mão foi sentida no escuro, pelos indivíduos do círculo.

Estes são fatos que eu não teria medo de qualificar como absurdos, como a coisa mais absurda que se pode sonhar. Mas a questão não é se esses fatos são absurdos, do qual não há dúvida; o que estamos tentando averiguar é, se os fatos existem e se podem ser explicados pela fraude ou o engodo.

Vamos primeiro estudar a levitação total da mesa. O ponto interessante deste experimento é que ele é realizado em plena luz. A mesa que se eleva não tem nenhum artifício. É simplesmente uma vulgar mesa de madeira branca com quatro pernas. Não se observam ranhuras, parafusos ou marcações em lugar algum. Pesa 8 quilos e tem 0,70m de largura por 1,10m de altura.

As pessoas que participaram comigo dos experimentos são: o Dr. Brofferio, o Dr. Gerosa, o Dr. Schiaparelli, ilustre diretor do Observatório de Milão, e o Dr. Finzi. Falo apenas das pessoas que assistiram a todas as sessões, já que algumas vezes estavam presentes os seguintes senhores:

Solovovo, na primeira e na décima; Chiaia na primeira e na quinta; Aksakof, na primeira, e Ermacora nas quatro primeiras.

O fenômeno que presenciei uma dezena de vezes acontece da seguinte maneira: Eusápia, sentada em frente ao lado estreito da mesa, dá as mãos respectivamente para a pessoa mais próxima ao seu lado esquerdo e direito. Geralmente, na maioria das experiências de que participei, o Dr. Schiaparelli segurava a mão direita da médium e eu segurava a esquerda. As outras pessoas ficavam mais ou menos afastadas da mesa, de modo que os dois pés da mesa mais distantes da médium podiam ser muito bem vigiados e, na maioria das vezes, até os mais imediatos.

Após alguns movimentos parciais, ora em um pé ora no outro, a mesa elevava-se bruscamente por seus quatro pés a uma altura de 8 a 12 centímetros do chão. Em certos casos, pareceu-me que atingia uma altura de 20 a 25 centímetros, permanecendo no ar por um ou dois segundos. No entanto, na segunda sessão, e havendo luz na sala, a duração do fenômeno foi de cerca de três segundos, com a mesa balançando no ar.

Vamos agora tentar explicar o fenômeno:

Um jornalista italiano, o Sr. Torelli, em alguns artigos ruidosos publicados no *Corriere della Sera* em 7, 9 e 11 de outubro de 1892, declarou, sem poder afirmá-lo, que a mesa era levantada devido ao movimento de um dos pés de Eusápia. Vamos examinar essa suposição e outras que faremos por conta própria.

1.º A mesa é levantada por meio de dispositivos colocados nas mãos.

Eis uma hipótese que não pode ser aceita, pelos seguintes motivos: porque as mãos de Eusápia estão em plena luz; porque as mangas de seu vestido estão arregaçadas até os cotovelos, e, finalmente, porque não existe nenhum dispositivo na mesa. Além disso, no momento em que a mesa ascende, as mãos de Eusápia mal chegam a tocá-la, limitando-se a apertar com força as mãos de seus vizinhos.

Lembro-me muito bem que na terceira sessão, e no momento em que acontecia a levitação da mesa, Eusápia abandonou a mão da pessoa situada à direita, tomando a minha esquerda, encontrando-se por conseguinte suas duas mãos entre as minhas. Nesta disposição, uma de suas mãos não tocava a mesa e a outra mão tocava o móvel com dificuldade.

Parece-me (embora não tenha muita certeza), que a levitação da mesa ocorreu algumas vezes enquanto Eusápia permanecia com as mãos levantadas, sem contato com a mesa.

A hipótese de que a levitação é realizada com as mãos é completamente absurda, pois a força muscular é impotente para levantar uma mesa pela sua borda lateral.

2.º A levitação da mesa é verificada por meio dos joelhos.

Estamos perante uma hipótese insustentável, porque Eusápia é de pequena estatura, e quando senta numa cadeira, os joelhos ficam muito afastados da mesa. Além disso, existe o comprovante da inspeção ocular, e o testemunho da palpação, pois tenho a certeza absoluta que uma de minhas mãos, apoiada em seus joelhos, não se separou por um momento dessa posição e posso, portanto, assegurar que nem as coxas nem os joelhos contribuíram em nada para a levitação da mesa.

3.º A mesa é levantada por um dos pés de Eusápia.

Esta é a única explicação mecânica e racional que apresenta alguma verossimilhança. E, no entanto, deve ser rejeitada, após maduras reflexões.

Lembremos que durante a experiência, cada uma das pessoas próximas segura um ou os dois pés de Eusápia; conseqüentemente, é impossível para ela mover as referidas extremidades sem isso ser percebido. No entanto, a vigilância dos pés de Eusápia é mais ou menos ilusória, pois através da sola dos nossos sapatos é impossível reconhecer se é o pé direito, ou o esquerdo, aquele que estamos segurando.

Fazemos essa observação porque não podemos afirmar se ocorre a substituição do pé um momento antes da levitação, e se ele retorna à sua posição original quando o fenômeno termina.

Para ir removendo dúvidas, segurei com minhas mãos os pés de Eusápia durante a sessão e, apesar disso, a mesa elevou-se por seus quatro pés. Os doutores Schiaparelli e Finzi verificaram o fenômeno, não podendo eu fazê-lo por estar ocupado na vigilância dos pés.

Há ainda outras razões para considerar como de escasso valor a hipótese de que um dos pés de Eusápia produz a levitação da mesa. Com efeito: nem o senhor Torelli, nem eu, nem ninguém, pudemos surpreender qualquer

movimento suspeito nos pés da médium quando o fenômeno se desenvolveu em plena luz.

Além disso, os joelhos de Eusápia ficam muito à frente dos pés da mesa, e supondo que ela tentasse fazer uma trapaça semelhante, inevitavelmente precisaria mexer um dos joelhos, e posso afirmar que na segunda sessão, a mesa subiu a uma altura notável, sem que os joelhos da médium fizessem qualquer movimento apreciável.

E mesmo supondo que um dos pés de Eusápia se deslizesse até uma das pernas da mesa, seria necessário desenvolver uma força muscular muito considerável, não só no pé que levanta, como também na mão que deveria apoiar-se na mesa para fazer a contrapressão e, como vimos, as mãos de Eusápia mal tocam a mesa. Como conciliar esse insignificante contato, com a vigorosa contrapressão necessária para erguer, por uma extremidade, uma mesa de 1,50m e 8 quilos de peso?

Devo, no entanto, mencionar um experimento que é um tanto contraditório (pelo menos na aparência) com o que acabei de dizer. Preocupado, como o Sr. Finzi, com a hipótese de se Eusápia poderia levantar a mesa com um dos pés, tomamos a iniciativa de observar os pés da mesa, sem informar a médium de nossas intenções e nos desentendendo de vigiar mãos, joelhos e o restante do fenômeno. Nestas condições, *a mesa não se elevou*, reduzindo-se os seus movimentos aos habituais de oscilação.

Para dizer a verdade, não creio que se possa tirar a conclusão de que a levitação da mesa se deve a uma fraude (consciente ou inconsciente) de Eusápia. Na opinião de todos os experimentadores que já se ocuparam de Eusápia, a escuridão é um fator de importância para a produção de qualquer fenômeno. O resto do corpo e da sala podem estar iluminados, mas o local onde a força desconhecida (se houver alguma) está atuando, deve estar na sombra. Este é um dos dados do problema que devemos aceitar, por mais absurdo e incômodo que nos pareça.

O que me faz admitir, ainda que com alguma reserva, esta necessidade da sombra, assenta na observação silenciosa que verifiquei na primeira e segunda sessões.

Eu estava à esquerda de Eusápia, segurando sua mão homóloga e apoiando meu pé sobre os dela; e nessa situação, percebi que as pontas de seus pés introduziam-se sob o vestido, acreditando ter visto como ele inchava, como se tivesse tendência a ir para o pé esquerdo da mesa,

localizado muito por trás dos joelhos e dos pés de Eusápia, parecendo que nos movimentos oscilatórios preliminares, a mesa tendia a se aproximar do vestido, e este por sua vez inchava, tentando se aproximar do pé da mesa, cercanda-a de sombra.

Passados alguns dias, falei deste fenômeno ao Sr. Chiaia, que me respondeu ter verificado que cada vez que se realizava a levitação da quarta perna da mesa, a roupa inchava.

Digamos, como resumo:

1.º Que a hipótese de qualquer maquinação ou cumplicidade deve ser absolutamente rejeitada.

2.º A hipótese da levitação produzida com as mãos ou joelhos de Eusápia é absolutamente absurda.

3.º A hipótese da levitação por meio dos pés não é absurda e, embora implausível, é sempre mais valiosa do que a absurda conclusão de que uma mesa se eleva sem a intervenção de uma força mecânica que a justifique.

Em efeito; eu não vi a mesa se elevar pelos seus quatro pés, quando as extremidades inferiores de Eusápia eram mantidas em situação irrepreensível, ou seja, quando os pés de Eusápia podiam ser vistos livres de qualquer contato com os pés da mesa.

§ B.

Mencionarei outras experiências verificadas em plena luz. Eu chamo de plena luz a claridade que permite ler facilmente.

Eusápia estava sentada numa cadeira, na plataforma de uma báscula, com os dois pés imobilizados com um lenço. O Dr. Finzi estava encarregado de anotar o peso. O Dr. Schiaparelli e eu vigiávamos os contornos da balança, para garantir que a médium não tocasse em nenhum ponto do solo, nem nos objetos vizinhos.

Tendo atingido seu peso a cifra de 58 quilos, foram colocados no prato 500 gramas, equivalentes ao peso de 50 quilos, colocando a trave de contenção no número 8. Nesse momento a báscula estava equilibrada. A seguir, e sem que Eusápia saísse da cadeira, a trave de contenção teve de ser alterada, primeiro para 6, e sucessivamente para 4, 2 e 0, tendo ainda de retirar um pouco dos 500 gramas, que representavam 50 quilos.

Destaca-se, portanto, que nesta experiência Eusápia diminuiu 8 quilos.

Temos certeza de que a médium não jogou nada para fora da balança, nem se apoiou em parte alguma; mas apesar da evidência do fato, não o consideramos conclusivo. As nossas dúvidas baseavam-se nas variações de que a pesagem na balança é suscetível (embora certamente dentro de um limite mais restrito) conforme a direção em que passa o centro de gravidade. Para contornar esse inconveniente, utilizamos uma balança com um único prato suspenso por seus quatro ângulos. As variações de peso eram registradas por meio de um dispositivo gráfico construído pelo Dr. Finzi.

Na quinta sessão, essa experiência foi realizada, ficando o Dr. Schiaparelli e eu encarregados da vigilância. O prato subiu ligeiramente, e embora o indicador assinalasse um decréscimo notável pelo espaço de 15 segundos, não ousei assegurar que esta oscilação pudesse responder ao momento em que Eusápia, para ter mais força, deu a mão a um dos presentes, deixando-a logo depois.

No caso de tentar a experiência da levitação parcial, seria conveniente fazê-lo com a balança que acabo de mencionar, e não com uma balança.

Um terceiro teste do mesmo gênero foi realizado em plena luz.

Com a médium de costas, a 25 centímetros da balança, situei-me à sua direita, colocando meu pé entre seus dois pés e meu joelho entre os dela. O Dr. Schiaparelli segurava-lhe a mão direita com força, e eu segurava a esquerda da mesma forma. A uma contração enérgica de ambas as suas mãos, vi claramente a trave de retenção da balança oscilar e cair com estrondo, como se um objeto pesado tivesse sido arremessado na plataforma. O fenômeno repetiu-se pela segunda vez com mais limpeza e força do que na primeira. Nesta segunda sessão, enquanto a trave ainda oscilava, rapidamente soltei minha mão e verifiquei, apalpando o solo e a balança, que não havia nenhum artifício entre esta e a médium. Essa experiência parece-me muito notável; só tem a desgraça de ser única. Se for adicionada aos outros fenômenos de levitação parcial, irá nos permitir uma presunção a favor da realidade desses fenômenos.

§ C.

As experiências da segunda série foram realizadas no escuro mas, nem por isso deixam de ser tão curiosas quanto as realizadas à plena luz.

Algumas delas foram desenvolvidas em meio à fraca luz emitida por uma lanterna com vidro carmesim, idêntico ao utilizado pelos fotógrafos na revelação de seus clichês.

Dividirei as experiências realizadas no escuro em três grupos: experiências de contato da mão, experiências de aparição da mão e experiências de movimento de objetos.

As sessões em que se verificam os contatos de uma mão são muito notáveis. Quando todos os que compõem o círculo formaram a corrente, com a boa fé que não admite receios, e enquanto os mais próximos de Eusápia seguram suas mãos, percebem-se contatos de uma mão viva, dotada de calor e umidade. Para se dar conta do fenômeno, cabe apelar às seguintes hipóteses. É a mão de um dos presentes? É a mão de Eusápia? Ou então é a mão de um ser sobrenatural?

Logicamente não posso aceitar que a mão misteriosa pertença a um dos presentes, porque, entre outras razões, lembro as circunstâncias que ocorreram na quarta sessão, e elas me dão a garantia de que os experimentadores não produzem os contatos.

Na sessão a que me refiro, senti muito bem os contatos, e havia luz suficiente na sala para tornar possível a observação de qualquer movimento. Além disso, seria possível se admitir a suposição, de que homens tão eminentes como os que me cercam, pudessem cometer uma fraude tão infame?

Isso é inadmissível, e sua boa fé deve ser aceita *a priori*.

Analisemos o ponto delicado de saber se é a mão de Eusápia que produz os contatos.

Durante as sessões experimentais, Eusápia não apresenta suas mãos em idêntica atitude, pois ao mesmo tempo que permite que uma dessas mãos seja segurada com força, limita-se a permitir que a mão oposta toque suavemente a do vizinho, o qual permite distinguir com qual mão nos relacionamos.

Essa extremidade que fica mais livre (sempre a direita), mostra-se extremamente móvel, separando-se a cada instante de sua posição, e transcorrendo minúsculas frações de segundo sem que se perceba seu contato.

O que pode acontecer durante esta fração de segundo? Que a mão direita de Eusápia, estando em liberdade, toque as pessoas presentes.

Além disso, também é possível que a mão esquerda entre em contato com o dorso da mão da pessoa localizada à direita, que pode continuar acreditando que está em relação com a mão direita, quando na realidade seria a esquerda que tocava, ficando perfeitamente livre a mão oposta.

Da mesma forma que, ao falar da levitação da mesa, cheguei a me convencer de que o único artifício possível deveria ser produzido pelo pé de Eusápia, assim também, para o contato de uma mão humana, o único segredo possível é que Eusápia desprende uma de suas mãos, e toca os assistentes.

Parece-me inútil discutir qualquer outra hipótese, como a do compadrio entre os reunidos ou com uma pessoa introduzida na sala.

Antes de entrar nos detalhes das experiências, devo mencionar um alerta que o Sr. Chiaia nos deu, ou seja, que muitas vezes a mão que toca as costas ou as faces dos presentes é a própria mão de Eusápia. Porém, se assim fosse, existiria a materialização de outra mão, ficando livre a mão de Eusápia, pois a mão de John, materializada, ocuparia o lugar da de Eusápia.

Abstenho-me de julgar esta interpretação, limitando-me apenas a apontá-la.

Vou agora explicar os motivos que me colocam entre a afirmação e a negação, e assim cada um poderá perceber o porquê das minhas dúvidas.

Deixo de lado as experiências ordinárias verificadas em completa escuridão, e apontarei aquelas que foram realizadas com impecável vigilância de nossa parte.

Nº 1. Em completa escuridão.

Após uma *levitação* que não descreverei, encontramos Eusápia com sua cadeira sobre a mesa e em estado de *transe*. A fim de comprovar esse fenômeno, o círculo foi devidamente iluminado para não provocar uma crise perigosa. O Dr. Finzi estava à sua direita, e eu à sua esquerda. A médium nos diz para ajudá-la a descer e tornamos a apagar a luz.

Seguro fortemente sua mão esquerda com minha homônima, enquanto passo a direita sobre as costas da médium, como para ajudá-la a descer da mesa. Eu pergunto repetidamente ao Sr. Finzi: "Você está segurando a mão direita?" e ele me responde afirmativamente. Enquanto ele responde à minha pergunta, sinto uma mão passando por cima da minha cabeça e agarrando meu cabelo (que uso bem curto) como se tentasse me levantar,

mas sem me machucar. Quase ao mesmo tempo, uma mão que me *pareceu* muito quente e maior que a mão de Eusápia, acariciou o dorso da minha mão direita que estava atrás da médium.

A mão esquerda de Eusápia, que está junto da minha, está muito longe do Dr. Finzi, e como a seguro com força, é quase impossível para ele perceber um contato desta mão da médium, sem ao mesmo tempo sentir o contato da minha.

Nº 2. Copio literalmente as notas que escrevi algumas horas depois da sessão. Enquanto esta durou, houve luz vermelha da lâmpada fotográfica, que permitia distinguir os movimentos gerais de Eusápia, a qual foi situada diante da abertura de uma cortina que separava a sala principal de uma alcova onde eu me situara. A médium tinha suas mãos embaixo da mesa.

“Amarram as minhas mãos com um lenço, e a minha cadeira é encostada à de Eusápia. Os Srs. Brofferio e Gerosa estão quase em plena luz; o último toma notas. O Sr. Schiaparelli, localizado à direita, segura a mão direita da médium, e o Dr. Finzi, localizado à esquerda, segura a mão esquerda. Ele teve a precaução de passar um fio de cobre ao redor de três dedos de Eusápia, para ter certeza de que a mão que está segurando é sempre a mesma. Seu pé, descalço, coloca-se entre os dois pés da médium, e esta, que usa sapatos de salto alto, bate constantemente no assoalho para indicar que está no mesmo lugar.

“Nestas condições, foi tocado três vezes; dois no cotovelo e um na região dos rins.

“De repente, a médium enrijeceu e disse: 'Segurem-me forte, segurem-me forte!'

Então os Drs. Schiaparelli e Finzi a seguraram com todas as forças, enquanto o Sr. Gerosa contava os minutos e tomava notas. Quando pergunto ao Dr. Finzi se ele tem em seu poder a mão esquerda e toca os dois pés da médium, ele responde afirmativamente, e o Dr. Schiaparelli faz o mesmo quando pergunto se ele segura a mão direita.

“Depois vejo a cortina avolumar-se, parecendo aproximar-se de Eusápia como que para aprofundar a sombra. Imediatamente fui tocado nas costas do lado direito por uma mão que me pareceu corresponder a um braço direito e, quase ao mesmo tempo, dois dedos puxaram meus cabelos com

força, embora sem me machucar; de modo que fiquei convencido de que uma mão havia tocado minhas costas e a nuca.

“Ao mesmo tempo, o Dr. Finzi foi tocado na testa, orelha e região temporal por dedos que saíam de trás da cortina, sendo que a mão que me tocava estava afastada dela.

Os presentes não viram Eusápia fazer nenhum movimento anormal. Eu, que estava atrás dela, só senti uma contorção geral no momento daquele ataque, pelo qual a médium pediu auxílio.”

Esta experiência parece inteiramente excelente, não vendo nela, de minha parte, o que possa ser reprochado. Com efeito: o Dr. Schiaparelli não abandonou a mão direita de Eusápia, e o Dr. Finzi não pôde abandonar a esquerda, porque, ao enrolar o fio de cobre nos dedos de Eusápia, fixou também um dos seus com o dito fio. E mesmo admitindo que o Dr. Schiaparelli abandonasse a mão de Eusápia, é quase impossível que esta mão pudesse tocar o Dr. Finzi passando por trás da cortina, pois eu tinha minhas costas aplicadas junto às costas da médium, e o complicado movimento que precisaria fazer, para direcionar a dita mão para trás, era quase inteiramente impraticável. Por outro lado, Eusápia não poderia direcionar a mão para a frente sem que as pessoas presentes percebessem esse movimento.

Tal é o fato, que me parece demonstrativo, da existência da materialização de uma mão, a menos que se tente atribuir aos Drs. Schiaparelli, Finzi e a mim, um grande erro experimental.

No entanto, certas observações que vou fazer, sem que provem a menor dose de fraude, levam-nos a fazer algumas reservas nas conclusões.

1.º Nunca foi sentido o contato de uma mão quando as mãos de Eusápia estavam à vista de todos; sempre foi necessária uma escuridão total, ou que as mãos estivessem ocultas embaixo da mesa.

Responde-se a isto que a escuridão é uma das principais condições para a ocorrência do fenômeno. Isso pode ser verdade, mas diminui o valor do mesmo.

Em uma das experiências estando eu ao lado de Eusápia, que estava com as mãos em plena luz, e nessa situação, senti dois contatos que não pude apreciar fossem produzidos por uma mão.

Eram contatos leves, semelhantes a uma sensação de pressão na pelve e na parte inferior da região renal, de modo que, admitindo uma intervenção direta de Eusápia, ela teria de me tocar com seus pés.

2.º Tendo proposto à médium amarrar cada um de seus punhos ao da pessoa mais próxima, ela respondeu, estando em *transe*, que esta dupla ligadura tornaria a experiência impossível. Essa restrição nos parecia obviamente desfavorável, pois se fôssemos muito desconfiados, chegaríamos à conclusão de que a liberdade das mãos é condição necessária para a realização do fenômeno.

3.º Também propusemos substituir a corrente (composta pelos presentes de mãos dadas) por uma *corrente* formada por um único indivíduo, que apoiaria reciprocamente suas mãos nas mãos opostas da médium. Ela também recusou esta proposta.

Na segunda sessão de estudo, coloquei-me na disposição mencionada, para ficar a sós com a médium na sala; mas não percebi nenhum contato da mão de John.

É verdade que nesta mesma sessão, e quando algumas pessoas estavam reunidas na sala, acreditei ter sentido muito bem o contacto de uma mão, apesar de segurar nas minhas as mãos da médium; mas não tenho tanta certeza de poder assentar uma afirmação.

4.º Uma das mãos de Eusápia, ao invés de ser aprisionada com força e imobilizada, repousa suavemente sobre o dorso da mão do vizinho, separando-se incessantemente, dificultando a distinção entre as duas mãos. Apesar de tudo, devo afirmar que nem Finzi, nem Schiaparelli, nem eu jamais observamos qualquer mudança de mão.

Por outro lado, devo apontar um carácter muito importante no *momento* dessas experiências.

Médiuns fraudulentos e prestidigitadores distraem a atenção do público e realizam o jogo quando são menos vigiados. Mas aqui acontece o contrário. Quando Eusápia se contrai fortemente e lança profundos gemidos, então ocorre o fenômeno, o qual é motivo para a vigilância ficar muito mais ativada nesses momentos. Isso pode não ser uma prova absoluta em favor de sua autenticidade, mas deve-se concordar que essa particularidade torna qualquer fraude muito difícil.

Em todo caso, experiências ruins não devem nos tornar injustos com experiências que nos deram certeza. Destas últimas não há muitas; mas há

pelo menos uma, cuja importância primária não posso esconder em modo algum.

Também não silenciarei que *já nunca senti o contato de uma mão quando as de Eusápia estavam em plena luz, amarradas por um fio, ou seguradas pela mesma pessoa.*

§ D.

Talvez eu tenha insistido demais nas experiências de contato, mas tentarei ser breve ao tratar do fenômeno do aparecimento de uma mão.

A sala estava a meia-luz. Eu segurava com força a mão direita de Eusápia, enquanto a esquerda apoiava-se na do Dr. Finzi. De minha parte, tenho certeza de que a mão direita de Eusápia não se afastou de mim, e o Sr. Finzi tem certeza quase absoluta de que a mão esquerda da médium também não abandonou a dele.

A certa altura da experiência, Eusápia manda-nos apertar bem suas mãos e olhar por cima da cabeça dela.

Nem acabava ela de falar, quando vimos uma mão abrir e fechar acima da cabeça da médium, sem que ela fosse surpreendida fazendo qualquer movimento.

Aquela mão abria e fechava com muita rapidez, pelo qual nos é impossível dizer se era direita ou esquerda, podendo, ao contrário, afirmar, tanto o Dr. Schiaparelli quanto o Dr. Gerosa e eu, que aquela mão era muito diferente da mão de Eusápia. Esta tem mãos pequenas, fofas e grossas, enquanto a mão que cremos ter visto em sua cabeça parecia muito mais longa e magra.

A questão aqui é saber se, no momento do fenômeno, o Dr. Finzi tem a certeza de não ter abandonado a mão de Eusápia.

Durante a mesma sessão, tornamos a ver aquela mão por duas vezes consecutivas. Em uma delas, a visão foi tão rápida como um relâmpago. A última vez o fenômeno ocorreu em condições muito interessantes.

Eu estava situado à direita de Eusápia e o Dr. Finzi à esquerda; mas neste momento minha mão não segurava a da médium com a força das outras vezes, o que me fez duvidar se poderia ter escapado de mim sem que eu percebesse. De repente Eusápia começa a gemer e fica convulsa, e no mesmo instante, uma mão aparece pela fresta da cortina, e com a

velocidade de uma flecha, vem em minha direção como se quisesse me tocar, retirando-se imediatamente sem ter feito isso.

O fenômeno foi tão rápido que mal durou meio segundo. Apesar de sua manifestação ser instantânea, essa mão me pareceu mais longa e mais magra do que da primeira vez, dirigindo seus movimentos em sentido retilíneo e como se partisse da sombra da alcova.

A referida mão estava unida a um braço que não pude distinguir bem, embora me parecesse muito longo, quase interminável, como se envolto em um véu branco ou em um clarão esbranquiçado (estes últimos detalhes são incertos). Durante o movimento retilíneo daquela mão, não pude descobrir nenhum movimento anormal em Eusápia.

Na quinta sessão, também tivemos o aparecimento de uma mão, análoga à da médium.

Isso confirmaria a opinião do Sr. Chiaia – fundada em uma longa série de experiências com a médium – que diz que em certos casos, a mão que toca e aparece é a verdadeira mão de Eusápia; enquanto a mão segurada pelos assistentes encarregados de vigiar a médium é a mão materializada de John.

Por mais absurda que seja esta interpretação, parece-me que explica a grande diferença que existe entre as duas mãos.

§E.

Devemos citar algumas experiências referentes a movimentos de objetos, pois permitem conclusões mais positivas do que as experiências de contatos e aparições de mãos.

Na segunda sessão, desligamos a luz e fizemos a corrente. Enquanto eu segurava a mão esquerda de Eusápia e o Dr. Schiaparelli segurava a direita, a médium manda-nos apertar com força. Este foi motivo para redobramos a atenção, sendo testemunhas do transporte de um tamborim que se encontrava a meio metro da mesa, e foi depositado em cima desta, como pudemos constatar à luz de um fósforo. Alguns momentos depois de apagar a luz, o tamborim veio me atingir levemente na cabeça, sendo depois atirado violentamente na sala.

Creio que nesse momento a corrente foi interrompida, e enquanto o tamborim tocava em minha cabeça, ambos os pés da médium repousavam

sobre meus joelhos, enquanto com minhas mãos eu segurava as mãos opostas de Eusápia.

No mesmo dia ocorreu outro fenômeno em condições que posso especificar melhor. Enquanto fazíamos a corrente ao redor da mesa, senti o peso de um objeto que se apoiava suavemente em meu braço direito.

Ao verificar do que se tratava, vimos que era uma cadeira que veio se colocar entre a mesa e o meu braço.

Apagada de novo a luz e feita a corrente, segurada pelo Dr. Finzi a mão direita do médium, e a esquerda por mim, uma cadeira atravessou violentamente por cima das nossas cabeças, e foi parar a dois metros da mesa sem tocar em ninguém.

Por importante que possa parecer essa experiência, ela ainda me parece menos decisiva do que aquela a que me referirei a seguir, e que quase considero como o famoso *experimentum crucis*, atrás do qual há muito tempo que eu ando.

Esta experiência aconteceu na segunda-feira, 17 de outubro, às 23h30, em presença do Dr. Schiaparelli, J. Gerosa, Finzi, Brofferio e eu.

A sala estava a meia-luz. O Dr. Finzi segurava a mão esquerda de Eusápia, que podia identificar continuamente, pois colocara um fio de cobre em volta de três dedos daquela mão. Eu segurava com força a mão direita da médium, tendo a certeza de que ela não poderia se desprender. A luz da sala iluminava fracamente Eusápia, e em maior grau os Srs. Schiaparelli, Brofferio e Gerosa, que estavam posicionados ao redor da mesa. Uma cortina espessa, rígida e esticada como um véu, separava-nos de uma alcova estreita, com uma porta ao fundo, trancada com correntes e perfeitamente selada.

Das 9 às 10 e eu permaneci sentado neste pequeno compartimento, no qual havia uma cadeira que pesava cerca de 4 quilos, e estava oculta atrás da cortina, a meio metro da cadeira de Eusápia. O Dr. Finzi tinha os dois pés de Eusápia sobre os joelhos, e as mãos dela ficaram situadas embaixo da mesa. Nesta disposição a médium começou a gemer e a se contrair. Todos nós redobramos a atenção e vimos a cortina ondular em direção ao Sr. Finzi, ao mesmo tempo em que um objeto se movia lentamente em direção à mesa. O objeto aludido era a cadeira que se encontrava atrás da cortina, a qual veio se colocar em cima da mesa, apoiando-se entre o braço esquerdo de Eusápia e a mão direita do Dr. Finzi. Devemos fazer uma observação

notável: e é que a cadeira ficou colocada de tal maneira que fazia sombra nas mãos de Eusápia. De fato: o espaldar estava situado de plano sobre a mesa, e o assento interceptava a luz a modo de pantalha, entre a lâmpada e o rosto da médium.

Como se explica esse fenômeno?

É absurdo supor a presença de uma pessoa estranha na sala. Esta é reduzida, completamente fechada e com luz suficiente para poder inspecionar adequadamente. Pela mesma razão, e tendo em conta todas as circunstâncias que ocorriam no fato que acabamos de referir, a atração da cadeira não pode ser atribuída a Eusápia.

Encontramo-nos, então, diante de um fato absolutamente inexplicável e que dificilmente admite restrições.

Por um extremo escrúpulo é que digo dificilmente.

Enquanto ocorria a experiência, o Dr. Finzi limitou-se a tocar e sentir o fio de cobre enrolado nos dedos de Eusápia, o que a rigor podia permitir a ela verificar alguns movimentos.

Em todo caso, se a experiência que acabamos de relatar fosse repetida com sucesso, bastaria por si só para dissipar todo tipo de dúvida.

§ F.

Poderia ainda citar algumas experiências, como aportes de flores, levitação de Eusápia com sua cadeira para a mesa, fenômenos luminosos, etc.; mas a relação desses fatos não levaria à convicção, porque suas causas poderiam ser atribuídas a uma habilidade extrema. Considero inútil insistir nisso, pelo mesmo motivo.

CONCLUSÃO

Que conclusão podemos tirar?

Se em todos os casos tivesse sido obtido um resultado absolutamente decisivo, eu não teria dificuldade em expressar minha opinião com veemência.

O desprezo público não me preocupa muito, pois não seria a primeira vez que me encontro em desacordo com a maioria.

As dúvidas que experimento não são dúvidas de timidez ou incoerência no meu pensamento; são dúvidas reais.

Se se tratasse de provar algum fato simples e natural, quase evidente *a priori*, ou que não resultasse em contradição com as vulgares noções científicas, eu estaria plenamente satisfeito; mas trata-se de demonstrar a realidade de fenômenos absurdos, contrários a tudo aquilo que o vulgo e o sábio têm admitido de milhares de anos atrás. É um transtorno radical do pensamento e da experiência humana; é um mundo novo que se abre para nós e, conseqüentemente, não é possível ser muito afirmativo na conclusão desses estranhos e surpreendentes fenômenos.

Sei muito bem que os referidos fatos, supondo que se justifiquem, poderiam encontrar-se de acordo com algumas verdades que já são patrimônio da ciência; mas, entretanto, devemos ser prudentes em não aceitar essas novidades sem serem precedidas de um exame escrupuloso.

No terreno das provas, os fenômenos químicos, fisiológicos e astronômicos serão aceitos com menos dificuldade do que os *espíritas*, pois para estes haverá muito mais exigências para sua admissão.

Com base nesses precedentes, vejamos as evidências que podem ser invocadas em favor da realidade dos fenômenos, julgando-as em seu valor estrito.

Consignemos por enquanto a evidente simplicidade da experimentação. É claro que a médium Eusápia não tem conhecimento de todas as fraudes perpetradas com grande perfeição por médiuns de além do Atlântico. Dita Eusápia é de inteligência ordinária, mal sabe ler, e sua cultura manual parece apenas sofrível. Acrescentemos que o benefício que ela obtém dessas experiências é insignificante e que, em resumo de contas, ela obteve mais desvantagens do que vantagens. Nunca a pegamos em contradição alguma, e depois de tais antecedentes, é preciso confessar que seria necessária uma dose maravilhosa de astúcia e habilidade para manter-se a tão boa altura por oito anos.

Além disso, ela consente com pouca diferença, todas as experiências que lhe são propostas; aceita que a sala seja iluminada sem preveni-la, e admite, ou pouco menos, todos aqueles que queiram assistir às sessões, incluindo alguns observadores severos, portadores de muito má vontade.

Os fenômenos que produz são simples, oferecendo pouca diversidade. Se esses fenômenos fossem pura farsa, por que limitar o espetáculo? Com a

habilidade que tal fraude implicaria, ela poderia aumentar o repertório, surpreendendo-nos a cada dia mais.

Por último, certas pessoas de indiscutível honestidade estão plenamente convencidas da sinceridade de Eusápia, e estão prontas a testemunhar as irrepreensíveis demonstrações que têm presenciado.

A psicologia destes médiuns não é a psicologia do homem normal, e é possível que neles atuem certas forças que nós conhecemos com imperfeição. Por outro lado, existe na produção desses fenômenos, uma parte extremamente notável de inconsciência. Na minha opinião, mesmo supondo que Eusápia se propusesse a enganar, ela o faria sem o saber.

Quanto à opinião das pessoas que estudaram Eusápia por vários anos, entendo que poderia se apreciar em muito se fossem fenômenos vulgares; mas tratando-se de fatos tão surpreendentes como os citados, não posso me contentar com sua afirmação, e pelo mesmo motivo preciso conhecer os procedimentos adotados nas experiências. Em modo algum posso duvidar da boa fé do Sr. Chiaia e de outros ilustres senhores que estudaram Eusápia por espaço de meses e anos; mas sem querer ofendê-los, devo dizer, que sua perspicácia não me foi demonstrada; e falo neste sentido, porque desconfio da minha própria agudeza, e até tento eliminar os meus raciocínios, deixando que os fenômenos ocorram por si mesmos. Em uma palavra, a partir do momento em que a experiência é analisada, esqueço os acontecimentos anteriores e me prendo ao presente, estudando-o cuidadosamente.

Retomando minhas conclusões, direi que a hipótese de um conluio deve ser descartada, não porque seja absurda, mas porque não existe. Em todo caso, os cúmplices seríamos Aksakof, Chiaia, Schiaparelli, Finzi, Brofferio, Gerosa e eu, que constantemente assistimos às sessões.

Já disse em outro lugar que não é possível demonstrar por A + B a boa-fé de uma pessoa. É preciso admiti-la sem provas, e quando um sábio afirma um fato, pode-se ter certeza de que não está mentindo. Ele pode errar, mas não tentará enganar.

Quanto à intervenção de uma pessoa estranha, é igualmente impossível. As portas estavam trancadas à chave; a luz era acesa inesperadamente; e muitas vezes as sessões eram feitas com luz, o que permitia distinguir claramente as pessoas e os objetos localizados na sala.

Para se admitir que existe trapaçaria, deve-se concordar que ela é realizada por meios muito simples, quase infantis. Eusápia não carrega nenhum objeto nos bolsos, nem no vestido. Quando experimentamos em plena ou meia luz, verifica-se que Eusápia não usa nenhum artifício. Resta apenas a hipótese de que Eusápia engana os circunstantes movendo objetos com os pés ou com as mãos, depois de ter conseguido separar-se dos pés e das mãos das pessoas que a vigiam; mas tal explicação é pouco satisfatória.

Em algumas experiências, como por exemplo, a da balança deslocada à distância, ou a da cadeira que vem do quarto para o braço do Dr. Finzi, e em outros experimentos dos quais demos conta, não compreendo como a mão de Eusápia poderia ter se separado e feito os movimentos em questão. Por outro lado, esses são fatos tão absurdos que não podem convencer com facilidade. As provas que menciono seriam muito satisfatórias em questões de química; mas elas não são tanto na questão do espiritismo.

De fato: nas experiências de espiritismo o fenômeno não pode ser repetido à vontade, e isso causa uma dúvida em nossa alma, leve se quiserem, mas quando nos propomos a dissipá-la por meio de uma verificação rigorosa, não nos é possível realizá-la, porque o fenômeno deixa de ocorrer.

À medida que as condições se tornam mais precisas, os resultados são mais medíocres.

Aqui acontece o oposto do que na verdadeira experimentação científica e, de minha parte, não encontro outra comparação para explicar a incerteza de quem observa esse tipo de fenômeno, do que o que acontece ao químico quando supõe ter encontrado um novo corpo em uma mistura, e propondo eliminar todos os corpos estranhos através da purificação, ele vê desaparecer as propriedades do corpo que ele pensou ter encontrado.

De purificação em purificação, ele ficou é com *nada*.

Não quero dizer que o resultado das experiências seja nulo, pois cometeria uma injustiça ao me expressar dessa forma. O que devo afirmar é que para admitir como fato *científico* incontestável o movimento de objetos sem contato, materializações, aportes, etc., são necessárias provas sem réplica, repetidas milhares de vezes.

Em resumo:

Por absurdas e ineptas que sejam as experiências realizadas com Eusápia, é-me muito difícil atribuí-las a uma fraude consciente ou inconsciente, ou a uma série de trapagens. Porém, são necessárias provas formais e irrefutáveis de que não existe fraude da parte de Eusápia, nem ilusão da nossa parte.

É preciso, então, buscarmos essa prova irrefutável.

Charles Richet.

Capítulo IV

As experiências de Nápoles em Janeiro de 1893

I. Relato feito pelo Dr. Wagner - Catedrático de Zoologia no Instituto Anatômico de São Petersburgo

Com o objetivo de restabelecer a minha saúde, precisei passar o inverno de 1893 em Nápoles. Não me animava desejo algum de ver a famosa médium napolitana Eusápia Palladino, limitando-me a deixar uma carta ao Sr. Chiaia, que se encontrava em Milão naquela data. A sorte quis, porém, que eu assistisse às sessões e, aceitando o convite de uma senhora russa domiciliada em Nápoles, fui à sua casa no dia 24 de fevereiro.

Lá encontramos 10 pessoas em um círculo heterogêneo. Entre elas havia espíritas convictos, incrédulos e céticos.

A casa tinha dois andares, ligados por uma escada de pedra estreita e inclinada. As sessões tiveram lugar numa sala no segundo andar, pequena, escura e sem janelas, embora com uma abertura em arco, que comunicava com um cômodo igualmente exíguo. Este espaço era iluminado por uma lanterna com vidros vermelhos pendurada no teto, enquanto a primeira sala descrita era iluminada por uma lanterna com vidros verdes. A escada conduzia diretamente a esta sala através de uma porta com vidros, filtrando-se pela mesma, enquanto transcorriam as sessões, uma frouxa claridade. Ambas as lâmpadas permaneceram apagadas durante os experimentos.

À esquerda da porta com vidros, havia outra que dava para um pequeno corredor, por onde se entrava a um gabinete reduzido, que não tinha outra saída senão a cozinha.

A dona da casa convidou dois de seus hóspedes (os mais céticos) a reconhecerem o aposento onde seriam realizadas as sessões. Propus que o círculo fosse constituído, a princípio, por um número restrito de pessoas escolhidas dentre aquelas que acreditam em fenômenos mediúnicos, ou pelo menos, na existência de um outro mundo. Os outros membros deveriam ficar provisoriamente na expectativa. A proposta foi aceita.

Eusápia Palladino entrou acompanhada por quatro pessoas que se sentaram à volta de uma mesa quadrada de madeira. Eis alguns detalhes da pessoa de Eusápia Palladino.

De todos os médiuns que conheci na vida, nenhum me foi tão simpático quanto Eusápia. Seu olhar é o de uma boa camponesa, simples e franca; durante as sessões, ela se põe inteiramente à disposição dos assistentes, esforçando-se para convencê-los de que sua vontade não intervém em nada nas manifestações que ocorrem.

Durante os fenômenos de materialização, ela sofre visivelmente, e não rejeita em modo algum as verificações e registros que são realizados.

Quando lhe perguntei o que sentia quando, acometida de convulsões, começava a gemer, ela me respondeu: *Oppresione*.

Colocamo-nos ao redor da mesa formando corrente, correspondendo o meu assento ao lado da médium. Havia luz suficiente na sala para distinguir todos os objetos; além das lanternas vermelha e verde, uma bugia acesa foi colocada em um pequeno armário próximo à mesa.

No momento de sentar e formar corrente, a mesa começou a se mover, erguendo-se, com facilidade e força, os dois pés do móvel mais próximos de Eusápia. Ela levantou as mãos, pedindo que apoiássemos as nossas com toda suavidade, e alguns minutos depois, a mesa recomeçou seus movimentos, inclinando-se ora de um lado ora do outro, chegando finalmente a se erguer sobre os quatro pés com um movimento pausado e regular. No mesmo instante, a dona da casa entrou na sala de experiências com outras quatro pessoas, e eles examinaram toda a sala com uma bugia, sem deixar de inspecionar os pés e o vestido da médium.

Na própria presença dessas pessoas, a mesa elevou-se novamente à altura de um pé e, depois de pairar por um segundo no ar, desceu abruptamente até bater com força no chão. Após esse fenômeno, que se repetiu duas vezes, houve um momento de calma, durante o qual Eusápia sofria visivelmente.

Lembrando as condições em que as sessões de Eusápia foram realizadas em Milão, na presença do Sr. Aksakof e de vários sábios italianos e franceses, propus deslocar a mesa para a porta que comunicava com o corredor, para que a médium pudesse ficar à vista de todos.

Coloquei-me ao lado da mesa com mais duas pessoas, e as restantes ficaram ao lado da médium na ordem que lhes foi indicada.

Essa disposição não durou muito, pois a partir do momento em que os fenômenos recomeçaram, todas as pessoas presentes se aproximaram da mesa. À minha frente situou-se o Sr. Pessino, filho de um renomado advogado de Nápoles.

Em pouco tempo, as cortinas começaram a se avolumar e a se afastarem, de um modo visível para todos. Os participantes pediram para os fenômenos se acentuarem. O espírito guia, que disse chamar-se John-King (antigo conhecido meu), deu a entender, por meio de cinco batidas, que precisava diminuir a luz. As lâmpadas foram apagadas, e quase no exato momento, vimos destacar de Eusápia uma massa escura que lembrava vagamente uma mão. Eu vi com grande precisão aquela forma, que se destacava sobre o fundo iluminado da porta.

Sobre a mesa havia uma cornetinha e uma trompa de caça, previamente colocadas por mim antes de iniciar a sessão. John-King pegou a trompa sem que percebêssemos e produziu algumas notas; ele então soprou suavemente na cornetinha e depositou os dois objetos sobre a mesa.

Após as manifestações que acabo de relatar, senti em minha mão esquerda o contato de dedos pertencentes a uma mão pequena. Este incidente ocorreu enquanto eu segurava a mão do meu vizinho da esquerda, não podendo dito contato ser atribuído à mão de Eusápia, pois suas mãos estavam sendo seguradas por duas das pessoas mais imediatas.

Pouco depois, senti novamente o contato da pequena mão, embora na direção oposta, ou seja, como se viesse da direção do meu vizinho da direita. Percebi perfeitamente que o referido contato não poderia ser feito pelo meu vizinho, pois era um homem alto e de mãos vigorosas. No entanto, essa suposição é puramente subjetiva e atenho-me à observação do Sr. Aksakof.

Além desses contatos superficiais, John King apertou delicadamente meu braço, batendo-me também nas costas. Com certeza o invisível não resultou simpático para o meu vizinho à frente, pois de repente ele se

levantou dizendo que não poderia ficar mais tempo no lugar que ocupava. Questionado sobre os motivos para tal decisão, respondeu que alguém o havia tocado. Visivelmente atordoado, ele mudou de lugar, situando-se ao meu lado; mas logo ele se afastou do círculo onde eram dadas as batidas medianímicas. Colocaram-se então à esquerda de Eusápia dois dos concorrentes, cétricos implacáveis. O mais próximo da médium, podemos dizer que sofreu a prova do martírio. Quanto mais apertava a mão de Eusápia e com mais força comprimia seu pé, mais fortes eram as batidas que John King lhe desferia. Não querendo se dar por vencido, suportava bravamente o ataque. Parecia o jogo do perde-ganha.

Seriam por volta das 9 horas quando a atenção do público convergiu para uma das dobras da cortina, a imediata à médium. No espaço escuro localizado atrás do cortinado, estava ocorrendo a materialização de uma mão. Essa mão empurrou a cortina para a frente, enquanto as mãos da Palladino eram visíveis para todos. Alguém sugeriu a ideia de que um dos presentes passasse a mão por trás da cortina para tocar a mão materializada, mas ninguém se atreveu a fazer a experiência.

Convém fazer observar que John King sempre se comporta corretamente com aqueles que têm fé nele.

Pedi-se ao invisível que desse umas pancadas na porta do armário, e o invisível satisfez os desejos dos reunidos, jogando a cortina sobre a chapa direita daquele móvel, abrindo-o e fechando-o com violência logo a seguir.

Esta foi a última manifestação obtida em minha presença. As exigências do público que assistia a essas sessões me traziam à memória as severas condições impostas aos irmãos Eddys, médiuns americanos, cujas mãos eram amarradas a uma cruz, ou aos seus pés.

Embora na sessão de que acabo de me ocupar não tenham sido usadas ligaduras de nenhum tipo, é preciso concordar em que Eusápia, com seu caráter meridional, com certeza sofreu muito com as fantasias violentas dos incrédulos.

Saí da sessão, porque me magoava ver tanta exigência, partindo de gente incompetente. Depois da minha partida, os fenômenos ainda continuaram. John King cobriu as cabeças de dois cétricos com frágeis cadeiras de vime, mas não sei dizer se esse fenômeno conseguiu abalar sua incredulidade.

Um dos motivos que me levou particularmente a assistir a uma sessão com Eusápia foi a questão de saber se um médium de efeitos físicos

poderia ser médium de materialização. Em São Petersburgo, conheço um médium de escrita que se torna um notável médium de materialização. Esta faculdade é evidentemente a mais elevada que qualquer médium de efeitos físicos pode atingir. Outra das razões pelas quais eu queria ver Eusápia trabalhar era para convencer o professor K. da realidade dos fatos mediúnicos. O referido Professor residia em Nápoles ocupando dois quartos imediatamente contíguos ao meu.

Antes de prosseguir em meu relato, devo confessar, embora com pesar, que no decorrer da segunda sessão fiquei mais uma vez convencido de que a crença no homem é independente de seu raciocínio. Deste ponto de vista, a referida sessão foi um excelente tema de estudo. Isto aconteceu no dia 2 de março em uma sala espaçosa, com uma ampla janela, que foi hermeticamente fechada. Havia seis pessoas presentes: a Sra. P., minha esposa, o professor K..., o doutor B., a médium e eu. Seguindo as instruções que lhe dei, meu colega colocou-se à direita da médium, enquanto eu me posicionei à esquerda dela. A mesa em torno da qual nos sentávamos era redonda, de uma perna só, e muito desconfortável para as experiências.

No início da sessão, a sala era iluminada por uma bugia com abajur vermelho, que foi colocada em cima da mesa redonda; e uma lâmpada, que repousava sobre uma mesa adjacente; mas tendo John King pedido que a luz fosse diminuída, levamos a vela para a outra mesa e apagamos a luz da lâmpada.

Alguns minutos depois, a mesa começou a se mover, balançando e elevando-se pela extremidade oposta ao lugar ocupado pela médium. Reconhecendo que a mesa era desconfortável, nós a substituímos por uma mesa de jogo que ficava em uma sala contígua. Esta mesa ergueu-se completamente no ar, mas o Professor K... não se deu por satisfeito, por não ter podido observar os pés da médium, apesar de os pés do Professor terem contactado sempre com os de Eusápia no decurso da experiência.

Propus então o uso de um tripé, mas as constantes mudanças que fizemos e as divergências que reinavam entre o grupo resultaram na interrupção dos fenômenos. Por último, impacientada Eusápia pela nossa incredulidade, levantou-se e, pegando na mão do professor K..., disse-lhe: Quando é que os verdadeiros experimentadores se limitarão a estudar num ambiente homogêneo, sem a intromissão de pessoas que tentam submeter o fenômeno aos seus caprichos? Não querem acreditar? Pois bem; irão ver

uma manifestação mediúnica e ficarão convencidos. E levando-o até a janela fechada, dobrou a mão como quem tenta escrever, e encostou-a na veneziana. Após breves segundos, Eusápia pegou a mão do professor K..., com a qual traçou uma linha bastante extensa, que, verificada à luz da bugia, revelou ser um desenho feito a lápis, imitando a letra C.

Pela forma do traço, deduzia-se que, ou havia sido traçado duas vezes ou fora executado simultaneamente por duas mãos.

Questionei o professor K... sobre o que ele achava desse fato, respondendo-me, que não tendo examinado previamente a janela, era possível supor que o desenho já estivesse traçado.

Explicando a ideia, o professor K... acredita que na janela havia um sinal conhecido pela médium, e que ao acompanhar a mão dela, um dos dedos do professor ficara enegrecido, e com esse dedo ele teria desenhado a linha adicional. Essa suposição, acredita ele poder fundá-la no fato de que a linha traçada com o dedo apagava por baixo a linha traçada com o lápis, que terminava em uma linha descendente.

Porém, é muito difícil admitir que o dedo do professor K..., guiado pela mão de Eusápia, tenha seguido corretamente a linha por ela traçada anteriormente.

Quando a médium ouviu essa opinião, ela nos pediu para examinar a outra veneziana.

Não encontramos nada de especial.

Então ela serviu-se da minha mão como antes se servira da mão do professor K..., e depois de alguns segundos, uma linha ficou marcada a lápis, imitando a letra C.

Pedindo ao professor K... uma explicação sobre o que se acabara de obter, este afirmou que a linha não ficou traçada na mesma direção em que nossas mãos foram aplicadas, mas um pouco mais para baixo, deixando por resolver o ponto referente ao autor da linha, e a hora em que foi traçada.

O professor K... expressou claramente sua incredulidade em relação às manifestações mediúnicas, bem como sua desconfiança em relação à médium.

Com a intenção de dissipar suas dúvidas, sugeri que ele se retirasse por alguns momentos junto com o Dr. B..., até as manifestações adquirirem um desenvolvimento acentuado.

Ambos consentiram de bom grado.

Quando a sessão recomeçou, a mesa pequena foi elevada à altura de um pé. Minha mulher pediu a Eusápia que virasse de lado, apoiando os dois pés em uma cadeira. Nessas condições, o fenômeno de levitação da mesa se repetiu. Convidei então o professor K... para que viesse testemunhar o fenômeno, e em sua presença as manifestações continuaram. Apesar do que se desenrolava diante de seus olhos, não se deu por convencido, alegando que os pés da mesa estavam envoltos no vestido de Eusápia. Esse detalhe o fez conceber, como é natural, certas suspeitas, mas, refletindo bem, deveria entender que mesmo que a médium afastasse os pés da cadeira, seria impossível para ela levantar a mesa.

Os pesquisadores que estudaram esses fenômenos em Milão, em 1872, já notavam a particularidade do vestido da médium ficar avolumado cada vez que ocorria uma manifestação do gênero a que acabamos de nos referir, sem que fosse possível atribuí-lo a uma intervenção voluntária da parte dela.

Do ponto de vista mediúnico, isso pode ser explicado pela emanção de fluidos do corpo da médium, os quais se materializam. Mas se devemos aceitar os argumentos do *bom senso*, ou seja, aqueles que vêm de ideias materialistas, não temos outro recurso senão aceitar a combinação de molas ocultas que são ativadas quando o fenômeno ocorre. Provavelmente o Professor K... chegou a esta conclusão, embora seu desejo não fosse (como ele afirmou) se entregar a qualquer conjetura.

A manifestação a que acabo de me referir foi a última que o Professor observou porque, apesar de os fenômenos continuarem, levantou-se bruscamente e saiu sem se despedir.

Esse estranho comportamento explica a extrema irritação do sábio cético que se vê encerrado no seguinte dilema: ou admitir que os fenômenos que acaba de testemunhar são tão notáveis que devem necessariamente converter todos aqueles que os veem, ou supor que se trata de truques de prestidigitação, nos quais é inútil e estúpido deter-se.

Provavelmente a segunda alternativa foi oferecida ao seu espírito, e ele preferiu fugir da tentação.

Capítulo V

As experiências de Roma em 1893 e 94

O Sr. Enrique de Siemiradski (1) que assistiu a cerca de 50 sessões em Roma e Varsóvia, é uma das pessoas que melhor puderam observar os fenômenos produzidos por Eusápia. O resumo das experiências que realizou em Roma, e das quais não deu conta publicamente, é um documento precioso, porque nos apresenta uma revisão de todos os fenômenos verificados por ele e por diversos observadores.

(1) O Sr. de Siemiradski, membro correspondente do nosso Instituto e das Academias de Belas Artes de São Petersburgo, Berlim, Roma, Estocolmo, etc., não é apenas um grande pintor que obteve uma medalha de honra na Exposição Universal de Paris do ano 1878, mas um grande experimentador acostumado aos métodos precisos de investigação, em virtude dos estudos que realizou com grande brilhantismo na Faculdade de Ciências Naturais de Kharkof.

A seguir, iremos reproduzi-lo na íntegra.

I. Experiências em maio de 1893

A. PRIMEIRO GRUPO. — *Movimento de objetos com ou sem contato das mãos da médium.*

Uma pequena mesa de madeira branca, sem *bordas salientes*, fica apoiada em dois pés, ora do lado da médium, ora do lado oposto, e depois balança ritmicamente. À medida que a sessão continua, os movimentos são acentuados, elevando-se a mesa e permanecendo suspensa no ar por 2 ou 3 segundos. Tanto durante a levitação quanto no decorrer das experiências, *as mãos e os pés de Eusápia apoiam-se em nossos pés e mãos.* Esta é a regra.

O grau de luz varia, desde a escuridão mais completa, até a luz de duas bugias ou de uma lamparina de petróleo.

A escuridão torna mais fácil para a médium entrar em *transe*. Uma vez neste estado, os fenômenos ocorrem mesmo em plena luz. Nessas condições, é possível verificar a impossibilidade em que a médium se encontra para produzir mecanicamente os referidos movimentos.

À luz do magnésio, obtivemos três fotografias instantâneas que reproduzem a levitação da mesa. Em uma delas, pode-se observar que nenhum dos participantes tocava no referido móvel. (Ver a gravura 04)

Gravura 04 - Levitação da mesa, sem o contato das mãos, Roma em 1893



Gravura 04 - Levitação da mesa, sem o contato das mãos, Roma em 1893.

Tem-se notado, com muita frequência, que quando a levitação era produzida, a bainha do vestido de Eusápia avolumava-se, indo em direção ao pé da mesa. Este relevo do vestido produz uma impressão ao toque como a de um tecido enfunado pelo vento. Nenhum objeto sólido jamais foi encontrado entre as dobras da roupa. Também não foi possível surpreender (apesar de buscas cuidadosas), qualquer movimento nos pés e joelhos da médium.

Em diversas ocasiões, as cadeiras dos assistentes lhes foram tiradas, e colocadas em cima da mesa. Geralmente isso acontecia com a pessoa localizada do lado esquerdo de Eusápia. Este lado é sede de maior irritabilidade nervosa do que o lado oposto; e da extensa cicatriz que se encontra na região temporal desprende-se um sopro intenso em certas ocasiões.

Ordinariamente as manifestações acontecem na seguinte ordem: Minha mão direita segura a mão esquerda da médium, e ela apoia seu pé esquerdo no meu, roçando sua perna na minha. O vigilante da direita faz o mesmo do seu lado correspondente.

Nessas condições, senti uma ou duas batidas no pé da minha cadeira, que começou a se mover. Levantei-me da cadeira sem deixar de vigiar os movimentos da médium e, durante tudo isso, a cadeira parecia fazer um esforço para subir até meu braço e o de Eusápia, roçando em minhas costas e cabeça, e finalmente pousando em cima da mesa. Verificamos sua presença pela luz de um fósforo que um dos presentes acendeu, e quando ficamos novamente no escuro, a cadeira descendeu pelo mesmo caminho.

Certa vez, meu primo L. Proszynski assistiu a uma dessas sessões experimentais, vendo-se surpreendido pelo peso de uma cadeira que lhe subia até a cabeça. A referida cadeira desceu da mesma forma, sem que as mãos da médium mudassem de posição durante o fenômeno.

Uma noite, ocorreu-me a ideia de deixar um pequeno realejo e uma diminuta caixa de música sobre a mesa. Após alguns minutos de espera, o realejo começou a tocar, dando voltas sobre nossas cabeças. Apalpando o tampo da mesa, verificamos que o instrumento havia desaparecido. Alguns momentos depois, apareceu no mesmo local, ouviu-se um barulho surdo, como se o realejo estivesse sendo manuseado, seguido de um baque semelhante ao de um corpo sólido caindo de plano no chão. Alguns segundos depois, um ronco surdo pôde ser ouvido como se viesse do

instrumento. Iluminamos a sala, sem que os encarregados de supervisionar a médium saíssem de seus postos, e contemplamos, a um metro de distância, o disco de papelão perfurado que determina a peça musical no realejo. Girando a manivela do órgão, obtínhamos os sons monótonos que antes nos atraíam a atenção. A caixinha de música foi objeto de uma manifestação análoga. Contornou a mesa, deixando ouvir os sons argentinos de uma toada escocesa, e de vez em quando apoiando-se na testa das pessoas presentes.

Examinando a caixinha um pouco mais tarde, vimos ao redor da manivela alguns cabelos de senhora, que sem dúvida foram desprendidos quando roçaram em sua testa.

Agora vou relatar alguns experimentos que testemunhei junto com Ochorowicz.

1.º Sobre a mesa foi colocada uma balança de mola e, em cima do prato, colocamos um eletroscópio composto por duas bolas de sabugueiro unidas por fios de seda a uma coluna de vidro.

Poucos minutos depois de apagar as luzes, ouviu-se um barulho formidável vindo da balança, e verificamos que o eletroscópio havia sumido de seu lugar, indo colocar-se em cima do bufê.

Repetimos a experiência e, desta vez, o instrumento, com os fios de seda enrolados no suporte, veio colocar-se nas mãos do Dr. Ochorowicz. Parecia que uma força oculta queria zombar do sábio e de seus instrumentos de precisão.

2.º As experiências foram realizadas na minha sala de jantar, na qual havia uma lâmpada apagada, suspensa no teto por cima de uma grande e pesada mesa. Eusápia, Ochorowicz, alguns amigos e eu estávamos sentados ao lado de uma mesa de madeira branca que ficava em um dos cantos da sala de jantar. Juntos formamos a corrente, sendo impossível para nós alcançar a lâmpada desde o local que ocupávamos.

Um ruído bastante perceptível nos alertou de que algo estava acontecendo e, após um breve período de espera, fomos avisados com batidas na mesa de que o experimento havia terminado. Acendemos uma bugia e vimos que a lâmpada (que era de contrapeso) havia sido abaixada até repousar sobre uma pesada cadeira transportada para cima da mesa.

3.º Num canto da sala de jantar, que ficava um pouco atrás e à esquerda de Ochorowicz e Eusápia, havia um piano, e como manifestamos o nosso desejo de ouvir tocar, o nosso pedido foi atendido.

Antes de produzir qualquer som, ouvimos perfeitamente como o piano mudava de lugar, e o Dr. Ochorowicz até viu o fenômeno, graças a um raio de luz, que, vindo de uma fresta na janela, se refletiu na superfície polida do instrumento.

Este foi aberto, e algumas notas graves começaram a ser ouvidas; mas no momento expressei em voz alta o desejo de que as notas graves e agudas fossem tocadas ao mesmo tempo, o qual foi imediatamente executado. Terminado esse número da sessão, o instrumento pôs-se em movimento, roçando em nossos assentos; e, acompanhando nossa mesa de experiências, que também começou a se mover, percorremos alguns metros da sala.

4.º Um copo contendo água até a metade, e que estava no bufê, longe do alcance de nossas mãos, foi levado por uma força desconhecida aos lábios do Dr. Ochorowicz.

A operação decorreu na escuridão total, com uma precisão prodigiosa.

B. SEGUNDO GRUPO. — *Contato de mãos invisíveis.*

Esses contatos, que são percebidos muito limpamente, parecem ser produzidos por uma mão humana, que tão logo acaricia suavemente a cabeça, o rosto e as extremidades das pessoas próximas à médium, como segura suas mãos, levando-as até a borda superior da mesa.

Às vezes aconteceu que a dita mão misteriosa deixou em nossos braços e ombros traços brancos feitos com giz, como se tentasse afastar de nós a ideia de uma sugestão ou alucinação coletiva.

A demonstração da objetividade do fenômeno foi ainda mais longe. A mão misteriosa deixou impressões digitais com sua epiderme em superfícies cobertas com negro de fumaça.

Através da moldagem, conseguimos verificar a existência de uma mão que não pertence a nenhum dos reunidos. Para isso colocamos, sobre a grande mesa da sala de jantar, uma pesada vasilha cheia de terra de modelar e todos nos sentamos, inclusive Eusápia, em torno de outra mesa

situada a um metro de distância. Depois de esperar alguns minutos, a vasilha foi colocar-se em nossa mesa.

A tudo isso, não abandonamos nem por um instante as mãos da médium, e após um curto período de convulsões e gemidos, ela disse: "*E fatto*" (já está feito). Acendemos a bugia, e encontramos uma cavidade irregular dentro da vasilha, que, depois de preenchida com gesso, nos deu um molde perfeito de dedos crispados *e como que envoltos em um pano fino, por cujas dobras a epiderme podia ser vista com a maior claridade.* (Gravura 05). Dois moldes menos perfeitos foram obtidos nas mesmas condições.

Gravura 05 - Moldagem das Mãos - Roma em 1893



a) Molde da mão fluídica de Eusápia. Notar o comprimento anormal da unha do polegar.
b) Molde da mão carnal de Eusápia previamente envolvida em seu lenço. Comparar com o molde de mão fluídica.

Gravura 05 - Moldagem das Mãos - Roma em 1893.

a) Molde da mão fluídica de Eusápia Palladino. Notar o comprimento anormal da unha do polegar.

b) Molde da mão carnal de Eusápia Palladino previamente envolvida em seu lenço. Comparar com o molde da mão fluídica.

A seguir tentamos obter a moldagem de John King, mas não obtivemos mais do que a impressão de uma superfície levemente ondulada e coberta com pano, pensando que é o rosto do personagem invisível, a julgar pelas moldagens que outros experimentadores obtiveram.

Tenho em meu poder algumas amostras de moldagens desta natureza, obtidas pelo Sr. Chiaia com a ajuda da médium Eusápia. As mais perfeitas

apresentam uma particularidade singular; o rosto está envolto em um véu, suspenso acima da cabeça por uma mão fechada. Essa mão parece pertencer ao fantasma.

Recentemente, o Dr. Vizani Scozzi, de Florença, que era muito cético quando iniciou esse tipo de estudos, obteve em Nápoles uma moldura semelhante à que mencionamos, e cuja fotografia é conservada pelo Sr. Hoffmann, de Roma.

C. TERCEIRO GRUPO. — *Aparições luminosas.*

Elas se formam na escuridão total e consistem em pequenos globos luminosos e fosforescentes que pairam sobre nossas cabeças. O fenômeno mencionado geralmente acompanha os contatos das mãos, embora seja de ordem diferente.

D. QUARTO GRUPO. — *Fenômenos auditivos.*

O fenômeno mais comum é o de leves rangidos na madeira da mesa, ou então, batidas que podem ser muito fracas ou extremamente intensas. Outras vezes, estalar de dedos, aplausos ou passos são ouvidos pela plateia, como se alguém estivesse andando pela sala.

Uma noite ouvimos o som de uma voz oca que se esforçava para formular uma palavra; em outra sessão, uma gargalhada festiva irrompeu sobre nossas cabeças.

II. Experiências de 1894

Na primavera de 1894 tive a oportunidade de participar de uma nova série de experiências com Eusápia, em colaboração com os Doutores Richet, Barão Albert von Schrenck-Notzing (de Munique), Lombroso (que assistiu a uma sessão), Danilewski (da Faculdade de Medicina de São Petersburgo) e Dobrzycki (editor de *A Gazeta de Medicina*, de Varsóvia.)

Os resultados foram mais ou menos os mesmos, e sempre muito conclusivos.

Aqui estão algumas experiências que merecem ser registradas.

Com o propósito de fazer que um corpo se movesse sem tocá-lo, encontrando-se isolado, colocou-se um pedacinho de papel dobrado em forma de cabana – assim: \wedge – sobre um pedaço de papelão recortado de um cartão do Dr. Dobrzycki, cobrindo ambos os corpos com um copo invertido. Observando que a médium estava se fatigando inutilmente, decidimos deixar o referido aparelho na mesa grande, nos deslocando para a mesa pequena. Depois de trancar cuidadosamente as portas do quarto, pedi aos meus convidados que guardassem as chaves nos bolsos, para não ser acusado de pouco previsor.

Apagamos a bugia e, após alguns instantes, percebemos o barulho do copo sobre a nossa mesa. Imediatamente acendemos a luz, vendo com surpresa que o copo estava em nossa mesa, mantendo a mesma disposição em que o deixáramos na mesa grande, embora faltasse o disco de papelão. Todas as pesquisas que fizemos para encontrá-lo, foram em vão.

Terminada a sessão, conduzi meus convidados para a antecâmara. O Dr. Richet encarregou-se de abrir a porta de entrada, que permaneceu trancada por dentro durante a sessão, tendo ficado muito surpreso ao encontrar do lado de fora da porta, próximo à escada, o disco de papelão que tão inutilmente tínhamos procurado.

Em outra sessão colocamos um prato cheio de negro de fumaça sobre a mesa, e a mão misteriosa deixou ali a impressão de seus dedos. Tendo examinado de imediato as mãos dos concorrentes, mesmo as de Eusápia, todas foram encontradas com sua cor normal. Convidada então a médium a reproduzir com a mão uma impressão idêntica em outro prato cheio da mesma substância, ficou com seus dedos enegrecidos. Comparando ambas as impressões, observamos uma notável semelhança, ou melhor, uma completa identidade na disposição das espirais epidérmicas, que, como se sabe, variam em cada indivíduo. *A referida particularidade fala eloquentemente em favor da hipótese do desdobramento da médium.*

Obtivemos também a moldagem da mão fluídica envolta em seu véu. Eis as particularidades da experiência.

As mãos de Eusápia estavam presas como de costume, deixando livres apenas as pontas dos dedos, que estavam envoltos no lenço do Dr. Schrenck-Notzing. O prato de argila estava fora do seu alcance. Em determinado momento, a médium começou a gemer, enquanto apoiava as pontas dos dedos nas costas da minha mão. Ela parecia sofrer muito, e

lamentava-se de que a argila era muito dura, parecendo evidente que sua sensibilidade estava exteriorizada com o duplo de sua mão; a médium estava sendo dolorosamente afetada pela resistência que a greda oferecia à mão do fantasma.

Antes de concluir, devo mencionar o "sopro frio" que os participantes costumam sentir durante as sessões. Este sopro é muito sensível quando se desprende da cabeça da médium, e corresponde justamente à região temporal esquerda, onde ela possui uma extensa cicatriz.

Capítulo VI

As experiências de Varsóvia de 25 de Novembro a 15 de Janeiro de 1894

Quando o Dr. Ochorowicz assistiu às experiências que tiveram lugar em Roma, obteve de Eusápia a promessa de que iria a Varsóvia por algumas semanas para se submeter às observações do doutor polonês e seus amigos. Em 25 de novembro de 1893, Eusápia cumpriu sua promessa, chegando a Varsóvia e hospedando-se na casa do Dr. Ochorowicz, onde poderia ser examinada a qualquer momento, não só pelo médico, mas também por sua esposa. A médium Eusápia permaneceu na capital da Polônia até 15 de janeiro de 1894. Durante esses 52 dias, ela deu 40 sessões, das quais participavam alternadamente de 20 a 25 pessoas, escolhidas entre os mais notáveis da cidade, como o general Sócrates Starynkiewicz, ex-presidente de Varsóvia, e os Srs. Watraszewski, Héring, Higier, Harusewicz, doutores em medicina, Swiencicki, Glovacki Prus, Matuszewski (1), célebres literatos, e o Sr. Bronislas Reichman, engenheiro eletricitista.

*(1)O Sr. Matuszewski publicou recentemente um livro muito interessante intitulado *La médiumnité et la sorcellerie*, onde expõe as experiências realizadas com Eusápia.*

Outros experimentadores contestaram tais afirmações em uma série de artigos espalhados em diferentes jornais. Don Casimiro de Kranz redigiu um relato do que havia observado nas sessões, que foi traduzido para o francês e publicado na *Revue d'Hypnotisme*, correspondente aos meses de julho a dezembro de 1894. Com os dados que obtive da leitura de dita tradução e algumas notas que o Sr. Siemiradski teve a bondade de me enviar, compus o seguinte resumo, concentrando-me principalmente nos fenômenos físicos e deixando à parte os fenômenos inteligentes.

I. Análise da declaração do Sr. de Kranz

A. — CLASSIFICAÇÃO DOS FENÔMENOS.

O Sr. de Kranz classificou os fenômenos obtidos em dez categorias, a saber:

1º Elevação total ou parcial de uma mesa. Diminuição ou aumento de peso em uma mesa suspensa em um dinamômetro.

2º Movimento de objetos não tocados pela médium.

a) de pequenas chapas de madeira. Observado por 5 pessoas.

b) de um sininho suspenso em um arco iluminado; 14 pessoas.

c) do mesmo sininho coberto por uma malha metálica fina; 3 pessoas.

d) de uma cortina. À meia-luz; 15 pessoas.

e) de uma mesinha colocada atrás da cortina; 13 pessoas.

f) um tamborim e um sininho tocando no ar acima das cabeças dos participantes: no escuro; 10 pessoas.

g) de uma mesa grande; na luz, 8 pessoas.

h) de cadeiras e outros objetos elevados até a mesa e descidos ao chão: no escuro; 10 pessoas.

i) óculos subtraídos de pessoas presentes: no escuro; 8 pessoas.

k) de uma mesa bem pequena: à luz; 6 pessoas.

l) de um sininho atrás da cortina; 14 pessoas.

m) acender uma lâmpada elétrica à distância.

n) Elevação de uma chapa colocada sobre a mesa.

o) de duas chapas unidas por meio de uma dobradiça.

3º Contatos às pessoas reunidas, que puderam ser observados no escuro por 15 pessoas, e na luz por 9 pessoas. Visão de uma mão materializada que não era a da médium.

4º Vários sons não produzidos pela médium.

a) Rangidos, barulho de piparotes e beijos. Percebido por 10 pessoas.

b) Fortes batidas na mesa onde a médium estava sentada; 8 pessoas.

c) Batidas idênticas em uma porta e mesa distantes da médium; 10 pessoas.

- d) Sons de um instrumento de bocal; 4 pessoas.
- f) vozes, roncões; 6 pessoas.
- g) Som de um acordeão; 4 pessoas.
- 5º Levitação da médium sobre a mesa; 5 pessoas.
- 6º Fenômenos luminosos; 13 pessoas.
- 7º Signos que aparecem de forma anormal:
 - a) em papel; 6 pessoas.
 - b) em uma chapa ou duas chapas seladas; 7 pessoas.
 - c) nos punhos das camisas dos participantes; 7 pessoas.
- 8º Sopros frios; 10 pessoas.
- 9º Exteriorização da sensibilidade.
- 10º Adivinhação de números pela médium.

B. — LEVITAÇÃO DA MESA.

A levitação da mesa e os contatos são dois fenômenos típicos da mediunidade.

A levitação sempre inicia e encerra a série de fenômenos que ocorrem nas sessões; tendo se manifestado uma vez em plena luz, sem Eusápia tocar na mesa, e em presença de 12 pessoas.

O doutor Ochorowicz ordenou a construção de uma mesa de madeira, sem pintura, oblonga, de altura normal e capaz de acomodar 6 pessoas. O tampo não oferecia borda saliente e repousava sobre quatro pernas unidas por travessões. Seu peso era de 25 libras.

No início da sessão, a médium quase sempre senta-se de frente para o ângulo estreito da mesa, com as mãos apoiadas nela, embora aprisionadas pelas mãos das pessoas mais próximas. As outras pessoas fecham o círculo formando uma corrente, e Eusápia apoia seus pés sobre pés dos zeladores.

Nesta disposição, permanecemos por cerca de 15 ou 30 minutos e às vezes mais, durante os quais, a pedido da médium, falamos, cantamos alguma canção popular napolitana (*Santa Lucia*), etc. Enquanto isso, Eusápia permanece em contínua agitação. A seguir, os sintomas histéricos se desenvolvem.

Depois de algumas oscilações realizadas pela mesa, esta se eleva a uma altura de 30 ou 40 centímetros, balançando no ar por alguns segundos e caindo com estrépito sobre seus quatro pés. Sua posição no ar é quase

horizontal, mas os pés opostos à médium elevam-se visivelmente mais alguns centímetros.

Antes, durante ou depois das *oscilações* da mesa, o vestido de Eusápia frequentemente é visto inchar (quando ela está sentada) e prolongando-se até cobrir um pé da mesa.

No entanto, nem sempre as coisas acontecem da mesma forma, como se pode constatar pela história que o Sr. Matuszewski conta e que vamos copiar:

“Vi a mesa permanecer no ar mais de dez vezes, sem que a médium a tocasse, nem com os pés nem com as mãos. Verificando com as mãos os pés de Eusápia, sempre senti neles uma forte tensão e como um *esforço* violento, embora reprimido, de fazer o movimento necessário para levantar a mesa pelo procedimento habitual, embora ela nunca tenha se valido disso. Tal esforço parece proporcional à intensidade do fenômeno.” O Dr. Higier tratando do mesmo assunto, diz o seguinte: “Só uma vez vi a levitação da mesa, tendo concorrido as seguintes circunstâncias: pouca luz; a médium usava *anáguas brancas*; ela estava sentada em frente ao lado *largo* da mesa; os censores pousaram as mãos nos joelhos da médium, e eu estava sentado vis-à-vis com ela.” Por último, o Dr. Ochorowicz se expressa desta forma:

“Na sessão do dia 20 de dezembro, Eusápia sentou-se num divã acolchoado, de frente para um dos lados mais compridos da mesa. A médium usava as anáguas de minha esposa e estava descalça. Seus joelhos juntos estavam a cerca de 25 centímetros dos pés imediatos da mesa. Sentei-me à esquerda da médium, Swiencicki à direita, e os outros participantes formaram uma corrente em forma de semicírculo, deixando um dos lados mais compridos da mesa completamente exposto.

As mãos de Eusápia repousavam sobre seus joelhos, e cada um dos censores (Swiencicki e eu) se encarregava de vigiar cuidadosamente a mão, o joelho e o pé correspondentes.

Ninguém (e principalmente Eusápia) *tocou na mesa*; e nestas condições, o referido móvel foi levantado pelos seus quatro pés, sem oscilações prévias. O fenômeno repetiu-se por três vezes consecutivas.

“Na mesma sessão, Eusápia disse-nos que realizaria a levitação com a ajuda do joelho esquerdo; e colocando em prática seus desígnios, avançou a perna por baixo da mesa, levantando o joelho até se aproximar a um palmo

do tampo, e verificando a elevação da mesa a uma altura de 20 centímetros. Animada pelo sucesso, quis tentar com os dois joelhos, e estendendo as duas pernas até saírem da outra ponta da mesa, inclinou o corpo para trás, verificando um movimento de ascenso com as duas pernas, que estavam totalmente rígidas. Este movimento foi acompanhado pela levitação da mesa, podendo garantir que absolutamente ninguém tocou no móvel durante a experiência. Do que aconteceu nesses momentos, Eusápia não guardou nenhuma memória porque estava em estado hipnótico.”

Para verificar os movimentos dos pés de Eusápia, o Dr. Ochorowicz utilizou o seguinte aparelho: Sob a mesa de experimentos foram colocadas duas grandes caixas de fundo duplo, nas quais a médium colocava seus pés descalços. A largura das caixas permitia que ela movesse ambos os pés em todas as direções, mas a partir do momento em que tentava levantá-los, um aparelho elétrico se encarregava de denunciar o fato, fazendo vibrar um alarme, que não parava de tocar até ela colocar os pés no lugar certo. Desta maneira, ela ficava impossibilitada de usar as pernas para levantar a mesa.

Nessas condições, a mesa, cujo peso era de 25 libras, foi erguida duas vezes, sem que nos dois atos de levitação o alarme se deixasse ouvir.

No momento de se elevar pela segunda vez, foi tirada uma fotografia instantânea do fenômeno, ficando visíveis os quatro pés do móvel; o pé esquerdo está em contato com o vestido de Eusápia, como é de praxe quando a luz é muito forte; mas tanto as caixas quanto os pés da médium ocupam seu verdadeiro lugar.

Logo após a experiência, os presentes testaram o aparelho elétrico, convencendo-se da impossibilidade de levantar os pés nas caixas sem que o alarme desse aviso.

O doutor Ochorowicz menciona algumas levitações de mesa obtidas por Eusápia, com os pés amarrados e segurados por uma pessoa.

Outra das variantes do fenômeno ocorreu quando a médium estava em pé, e enquanto isso, as duas pernas da mesa próximas de Eusápia eram levantadas, chegando a descrever um ângulo de 45° com o chão. Durante a elevação, as mãos dos presentes não tocaram a mesa, com exceção dos sensores e da médium, que as apoiavam bem rente às bordas.

Para medir o aumento ou diminuição do peso na mesa sob a influência da médium, o móvel foi suspenso em um dinamômetro fixado ao teto por meio de uma corda. Dois tipos de experimentos foram realizados com o

referido aparelho. Em um deles, a mesa foi ligada ao dinamômetro por meio de um gancho fixo em uma das bordas da mesa, e no outro experimento a variação consistiu em fixar o gancho no centro da mesa.

No primeiro caso, os dois pés da mesa opostos ao dinamômetro ficavam apoiados no chão, e a médium, de pé junto à borda levantada, aplicava seus dedos por baixo do travessão.

No início do experimento, a mesa verifica alguns movimentos, após o qual o dinamômetro registra um ganho de peso de 7 a 8 libras. O mesmo resultado é obtido quando Eusápia apoia os dedos na parte superior do travessão; embora seu vestido não toque no móvel e a sala esteja suficientemente iluminada.

Também se obteve um aumento de 6 ou 7 libras quando a médium coloca sua mão sobre a mesa; mas então observa-se que o vestido desliza por baixo de um dos pés do móvel. Esta categoria de fenômenos foi testemunhada por 8 pessoas. (1)

(1) Eis como o Sr. Siemiradski descreve esta experiência para mim:

Tendo a sala sido previamente iluminada por meio de duas bugias que foram colocadas no chão, Eusápia avançou repetidamente em direção à mesa, como que para lhe comunicar o seu fluido. Ergueu as mãos a uma altura de 10 a 15 centímetros, e a mesa começou a balançar seguindo o movimento de suas mãos. Ficamos sumamente convencidos de que não houve ligação material entre as mãos da médium e a mesa (fio, cabelos, etc.) Quando a operação é realizada na direção inversa, dá resultados igualmente bons.

No caso de suspender a mesa pelo centro, obtêm-se levitações e gravitações que foram testemunhadas por sete pessoas. Esta experiência deu origem à seguinte observação por parte do Sr. Reichman.

“Eusápia coloca as mãos sobre a mesa. Depois de muito tempo de esperar, a mesa eleva-se e o dinamômetro indica uma diminuição do peso. Situando-me do lado oposto, e olhando por baixo da mesa, verifiquei que a médium executava alguns movimentos involuntários, semelhantes a quem busca o equilíbrio, notando também que o vestido entrava em contato com a referida peça de mobiliário”.

O Sr. Matuszewski menciona algumas variações de peso que ocorreram sem que o móvel fosse tocado.

Sobre esses fatos, o Dr. Ochorowicz expressa-se da seguinte forma:

“A sessão de 31 de dezembro foi realizada com luz na sala.

Os pés da médium foram amarrados com barbante branco, através de suas botas totalmente desabotoadas, ficando a ponta livre do barbante sob

o poder de um censor, que impedia que os pés da médium se dirigissem para a perna esquerda da mesa.

Nessas condições, e sem que a mesa verificasse qualquer movimento prévio, a pressão no dinamômetro diminuiu de 7,5 para 0, depois voltou a subir, chegando a 6,5; ficou estacionária por alguns instantes, para acabar remontando até 9'5 e 10.

Durante a experiência, Eusápia permaneceu com as mãos erguidas sem tocar na mesa e, enquanto isso, a bainha do vestido avolumava-se em direção à mesa.

O Dr. Ochorowicz colocou em cima da mesa um dinamômetro de registro elíptico, com o qual todos os espectadores mediram sua força, inclusive Eusápia.

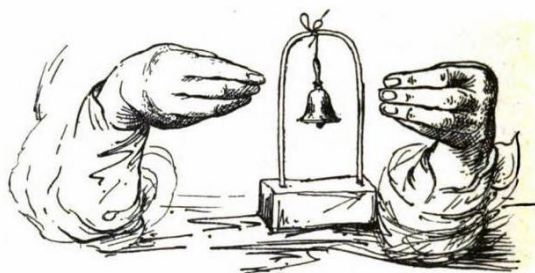
Após alguns instantes o aparelho rangeu intensamente, e verificamos que a força empregada para colocar a agulha no ponto indicado foi muito maior que a desenvolvida anteriormente por Eusápia, e mais considerável que a do Dr. Ochorowicz, ou seja, o mais forte de todos os assistentes.

C. — EXPERIÊNCIAS COM O SININHO E O ARCO.

Esta experiência decorreu à sombra do corpo de Eusápia, atrás da qual (a cerca de 2 ou 3 metros) ardia uma bugia. Foi utilizado um sininho comum de 35 milímetros de altura, que suspendemos pela alça, em um arco de arame de 10 centímetros de altura, montado em uma base de madeira.

“Previamente, examinei várias vezes esse instrumento (diz o doutor Harusewicz), convencendo-me de que não era fácil colocá-lo em movimento, muito menos se fosse para fazê-lo soprando sem que os participantes percebessem.

Depois que a médium exalasse alguns suspiros profundos e um leve soluço, seu rosto assumiu uma expressão pensativa. Ela imediatamente aproximou os dedos, unidos como que em um cone, à distância de três centímetros de cada lado do arco, e os manteve imóveis nessa forma por um minuto. A seguir, apoiou os cotovelos na mesa e passou as mãos horizontalmente sobre o sininho, que começou a tocar fracamente, seguindo os movimentos da mão de Eusápia, como se atraído por um fio invisível.



Essa experiência durou de 15 a 20 segundos e, quando terminou, a médium começou a esfregar os dedos, dizendo que estavam dormentes e doíam. Examinando suas mãos novamente, nada foi encontrado de anormal.

Em outra ocasião, vi Eusápia fazer a mesma experiência à luz de uma lâmpada; e outras quatro vezes, apesar dos esforços de contração que fez, não conseguiu”.

D. — FENÔMENOS REALIZADOS ATRÁS DA CORTINA.

No segundo andar da casa do Dr. Ochorowicz, um espaço escuro foi improvisado no parapeito de uma janela de 0,75m de profundidade, fechando-o com pesados cortinados escuros.

Os participantes verificaram que a janela era dupla, que estava bem fechada e que ninguém, portanto, poderia entrar pelo referido local.

Uma mesinha foi colocada naquele espaço e, em cima dela, uma campainha; além disso, duas cadeiras e uma pequena escrivaninha.

Depois que a médium arrumou a abertura na cortina, da maneira que julgou conveniente para o caso, sentou-se em frente a uma mesa, de costas para o cortinado.

Depois de um breve espaço de tempo levantou-se para trocar de roupa, que achava pesada. Os doutores Héring e Watraszewski a revistaram e a despiram completamente, depois todos voltaram para seus respectivos lugares.

A médium teve as mãos unidas com bandagem elástica, às dos doutores Watraszewski e Héring, e ambos os pés apoiados nos dos referidos senhores. Uma bugia de ignição com pantalha, e colocada sobre uma mesa a três metros de distância, iluminava o quadro.

Após meia hora de espera, e depois de a mesa ter executado vários movimentos, a médium teve um acesso de riso espasmódico, conferindo ao seu rosto as características do êxtase. Coincidindo com tal quadro histérico, surgiu um inchaço no lado esquerdo da cortina, que foi em direção ao Dr. Watraszewski, e após tocá-lo rapidamente, voltou ao seu lugar.

Esse fenômeno repetiu-se quatro vezes no lado direito e três vezes no esquerdo.

O Dr. Héring, observando o espaço escuro, anunciou que a mesinha havia caído e o sino rodara pelo chão.

Uma das cadeiras atrás da cortina moveu-se em direção ao Dr. Watraszewski, a outra se inclinou e a escrivaninha elevou-se, apoiando uma de suas bordas na parede.

Os censores garantiram que não haviam deixado a médium nem por um momento (1).

(1) Nesse momento Eusápia fez retirar um dos presentes (que se posicionara bem próximo à cortina, para observar a perna esquerda da médium) dizendo-lhe que com o corpo estava impedindo a corrente de fluir.

Em outra sessão a luz foi um pouco mais fraca, mas as condições de pesquisa foram as mesmas.

Sentada Eusápia de costas para o espaço escuro, o Dr. Harusewicz colocou um tripé atrás da cortina e a 50 centímetros da médium, certificando-se de que ela não pudesse de forma alguma tocar a mesinha com suas pernas.

“Depois de muito tempo de espera (diz o doutor), e apesar de os espasmos histéricos se manifestarem ostensivamente, nenhum fenômeno se realizou. Então Eusápia me pediu para colocar por alguns momentos minha mão na mesa, que estava bem longe. Realizado seu desejo, ela agarrou minha mão convulsivamente, explodiu em gargalhadas espasmódicas e, gritando, disse: "Até que enfim você veio, John!", e colocando seu rosto em tensão acentuada, percebemos a aproximação do tripé. Um momento de calma, um suspiro profundo, os soluços, a tosse histérica e o levantar do braço em direção à sombra do espaço escuro, foram os sinais que precederam a reprodução do movimento do tripé.

Nas cinco vezes que essas fases da sessão foram repetidas, cada uma com duração de 15 a 20 minutos, o tripé chegou tão perto que pude me apoiar nele através da cortina e sem que eu precisasse dar nem um passo à frente.

Nesse momento podia-se ler no rosto de Eusápia o esgotamento de que estava possuída.

Depois de alguns minutos de repouso, o riso espasmódico repetiu-se, e Eusápia imediatamente pegou minha mão e a do companheiro que me auxiliava na vigilância, fazendo-as realizar certos movimentos, como se estivesse tentando repelir algo, o que na verdade acabou sendo assim, já que a mesa deslocou-se para trás. Essa manobra foi repetida três vezes consecutivas, cada vez afastando-se cerca de 10 centímetros. Quando a mesa fez um de seus movimentos, a campainha caiu no chão, não chegando a soar, apesar dos esforços que a médium fez para que isso acontecesse, e encontrando-a após alguns momentos em cima de sua cadeira”.

Em uma nova sessão, cerca de 12 pessoas sentaram-se ao redor da mesa, e Eusápia, que era vigiada pelos doutores Starynkiewicz e Watraszewski, ficou de costas para a cortina.

“Eu estava sentado (escreve o Sr. Glowacki-Prus) em frente à médium e contíguo à Srta. X..., pessoa muito nervosa e fácil de hipnotizar. A sessão durou cerca de uma hora e, durante ela, a médium acordou repentinamente e a Srta. X... deu um grito. Sabendo o que isso significava, apertei sua mão esquerda com força, enquanto com a outra segurava sua cintura. Cada vez que os músculos da senhorita X... se contraíam com mais força, a cortina, que estava de dois a quatro metros de distância, verificava um movimento.

Eis os detalhes de tal correlação observada, em plena luz.

Tensão muscular fraca. — A cortina estremece.

Forte tensão. — A cortina incha como vela de barco.

Tensão maior, gritos. — A dilatação da cortina é tão acentuada que os vigilantes de Eusápia ficam cobertos por suas dobras.

Repouso.—Repouso.

Tensão muscular.—Movimento da cortina.

Forte tensão. - Grande inchaço da cortina, etc.

“Como observamos, há uma proporção marcante entre a tensão muscular da médium (que neste caso foi a Srta. X), e o trabalho mecânico da cortina posta em movimento.

"O general Starynkiewicz me disse no dia seguinte que os movimentos da cortina o fizeram experimentar uma sensação de corrente elétrica."

O Dr. Ochorowicz descreve o seguinte fenômeno:

“No dia 3 de janeiro, os íntimos da casa sentaram-se à mesa. Eusápia estava de costas para a cortina, atrás da qual, e a uma distância inacessível à médium, coloquei no chão uma pilha com quatro elementos, contendo uma solução de dicromato de potássio e ácido sulfúrico. A caixa era alta e estreita, os vasos abertos e cheios de líquido, de modo que ao transportá-los era preciso tomar muito cuidado para não derramar líquido.

Na tampa da caixa havia uma lâmpada elétrica com refletor (que podia ser removido à vontade) e bem próximo a ela, uma ponta vertical terminando em um botão. Comprimindo-o com força suficiente, a ponta afundava na caixa, submergindo o zinco nos quatro recipientes da solução. Nesse instante a lâmpada acendia e continuava brilhando enquanto o botão estivesse sendo pressionado. Do lado de fora da cortina e do lado oposto da pilha, colocamos uma lamparina a óleo no chão, com o pavio baixo.

Depois que nos sentamos, o Dr. Swiencicki ficou encarregado de vigiar o lado direito de Eusápia e eu cuidei do lado esquerdo.

Após algum tempo, a médium foi se tornando rígida.

Um barulho misterioso foi ouvido como se estivessem arranhando a caixa das pilhas. Minha mão e meu pé não abandonaram a médium. Swiencicki também vigiou também muito cuidadosamente. Três batidas foram ouvidas na madeira da caixa, Eusápia gemeu e a lâmpada continuou iluminando.

Passaram-se breves instantes, e o barulho de algo deslizando pelo chão, movendo-se da esquerda para a direita, despertou nossa atenção. A médium fez um novo esforço e imediatamente a caixa saiu de trás da cortina, aproximando-se da lamparina de petróleo.

Todos nos inclinamos a aceitar a seguinte manipulação: uma mão desconhecida levanta a cortina por dentro, e a puxa até cobrir o botão, deixando a lâmpada descoberta, instantaneamente a luz elétrica brilha intensamente iluminando todos.

Medi a distância que existia de Eusápia até o botão da lâmpada, e descobri que era de um metro e 16 centímetros, e da ponta do pé voltada o mais para trás possível, até a caixa da lâmpada, era ainda de 38 centímetros.

Repeti essa experiência em duas novas sessões, e em uma delas a caixa foi transportada para a mesa de experimentos, passando por cima da cabeça de Eusápia.

O botão foi pressionado por uma mão que veio do local próximo de Eusápia, embora descendo de uma altura maior.”

Em 7 de janeiro de 1894, o Dr. Ochorowicz organizou uma sessão sem mesa para que a força da médium não se dispersasse em fenômenos mecânicos. Eusápia, que estava sentada de costas para a cortina, pareceu contrariada com tal novidade, e após ficar em *transe*, disse ironicamente e em nome de John. “Vocês removeram a mesa para descobrir as pernas da médium, pois bem; irei demonstrar a vocês que tudo o que faço é com a ajuda dessas pernas.”

E assim dizendo, ela estendeu suas pernas, apoiando os pés nos joelhos do Sr. Prus-Glowacki, exclamando: “Olhem como bato com a minha perna esquerda na mesa”, e de fato; quando batia no joelho do Sr. Prus-Glowacki, realizavam-se fortes batidas na mesa atrás da cortina, a dois metros da médium.

E. — TRANSPORTE DE UMA MESA NO AR.

RELATO DO SENHOR GLOVACKI-PRUS

Fizemos o círculo com umas dez pessoas. À esquerda, e atrás de Eusápia, colocamos uma mesa pesando 28 libras, provida de uma grande bacia com argila e uma campainha.

Após as levitações e algumas batidas na mesa, Eusápia pediu: “*Meno luce*”. A intensidade das luzes foi diminuída, tanto que eu não conseguia distinguir nenhum objeto. Alguns minutos depois, a bacia e o sino da outra mesa passaram para a nossa. A senhora Szadkowska, que estava ao meu lado, foi levemente tocada, e no momento em que estendi a mão para averiguar a origem do contato, pude reconhecer que entre a senhora Szadkowska e eu, deslizavam-se no ar os pés da mesa localizada atrás da médium no início da sessão, como já dissemos. Depois de algum tempo, a mesa a que nos referimos inverteu a sua posição, ficando o tampo apoiado na bacia e na campainha, permanecendo alguns minutos assim, e voltando ao seu lugar original.

É impossível para uma pessoa sentada praticar tais exercícios, apesar de ter as mãos livres; e devo afirmar que enquanto o fenômeno ocorreu, nenhum de nós mudou de posição.

F. — LEVITAÇÃO DA MÉDIUM.

Alguns casos de levitação foram publicados, cujo relato nem sempre foi feito com clareza.

Aquele que o Sr. Matuszewski relata é bastante preciso.

“Uma vez testemunhei a levitação da médium no meio da sala. Ela estava em *transe* e subiu lenta e gradualmente no ar (estando em pé) descendo com a mesma lentidão e gradação, até que descansou no chão. Eusápia permaneceu alguns segundos no ar, chegando a ascender algumas polegadas. O fenômeno se repetiu quatro vezes.”

Eis como Ochorowicz descreve, no *Ilustração de Varsóvia*, uma dessas levitações:

“Outro dos fatos surpreendentes e extraordinários foi a completa levitação da médium, que, aprisionada de mãos e pés, foi elevada com sua cadeira até o topo da mesa em estado de catalepsia.

...“Vou levantar minha médium no ar”, disse Eusápia em um francês muito correto (língua que ela não conhece em estado normal), e, de fato, ela foi levantada. Passando a mão por baixo de suas botas, verifiquei que entre elas e a mesa havia uma distância de quatro a cinco polegadas.”

Em outra ocasião, ela foi levantada estando em pé, e o Dr. Ochorowicz teve tempo de passar a mão entre os pés de Eusápia e o assoalho. Terminada a levitação, a médium, semi-inconsciente, aproximou-se da mesa e, apoiando nela suas mãos, tentou levantá-la.

“É conveniente observar essa particularidade, diz o Sr. Siemiradski, porque a análogos movimentos automáticos, facilmente distinguíveis dos fenômenos verdadeiros, é ao que em muitos casos deve ser atribuída a aparente fraude da qual Eusápia tanto tem sido acusada.”

G. — FENÔMENOS LUMINOSOS.

Os clarões têm aparecido sob as mais diversas formas, seja porque estas mudam com frequência, seja pela descrição diferente que cada um faz delas.

A maioria dos observadores as compara a faíscas douradas.

O general Starynkiewicz diz ter visto no escuro e contemplado por alguns segundos um círculo luminoso do tamanho de um olho humano. (Nas experiências de Mac-Nab, encontraremos novamente esta comparação).

H. — CONTATOS.

Os contatos aconteceram várias vezes através da cortina, que nestes casos aumenta de volume.

Quando os assistentes eram tocados diretamente, experimentavam, ou a impressão de um garfo que os prendia entre suas pontas, ou a de uma mão leve e macia.

O Dr. Harusewicz conta que na sessão de 14 de dezembro, com as mãos e os pés de Eusápia vigiados bem de perto e, apesar do rigor da observação, ele sentiu simultaneamente os contatos, juntamente com o Dr. Matuszewski.

A primeira vez foi uma mão grande que o tocou na espinha dorsal, mas depois de um tempo sentiu pancadas entre as costas, e todos os presentes ouviram as batidas, embora o contato dos dedos fosse quase imperceptível.

Esse doutor compara os contatos mediúnicos à impressão que a sola de um pé descalço produziria.

O Sr. Glowacki foi tocado nas costas enquanto prendia as mãos de Eusápia com as suas.

O Sr. Loth menciona que toda vez que sentia contato, Eusápia apertava-lhe a mão com força.

O Dr. Ochorowicz inventou um aparelho elétrico equipado com um alarme, que começa a soar a partir do momento em que as mãos de Eusápia deixam de contatar com as de seus sensores.

O alarme também vibra quando apenas uma das mãos é destacada.

Nestas condições, os observadores sentiram vários contatos e o alarme elétrico não se deixou ouvir.

I. — MATERIALIZAÇÃO DE MÃOS.

Cinco pessoas viram, com luz suficiente, uma *grande mão esquerda*, enquanto seguravam a mão do Sr. Prus-Glowacki, que ao mesmo tempo segurava a *mão esquerda* de Eusápia.

A mão misteriosa era branca com um tom azulado, emitia um certo fulgor e passava por cima da cabeça da médium. Em uma das sessões realizadas em Milão, foi vista uma mão parecida.

O Sr. Prus refere que na sessão de 7 de janeiro de 1894, o Sr. Ochorowicz e o Sr. Swiencicki ocuparam o cargo de censores de Eusápia.

A médium sentou-se de costas para a cortina, e na frente dela sentaram-se três senhoras, entre elas a Srta. X..., também médium. O Sr. Prus permaneceu em pé.

Em tal situação, a lâmpada elétrica acendeu-se por duas vezes consecutivas e, dali a pouco, apareceu pela abertura da cortina e algo acima da cabeça de Eusápia, uma mão confusa que foi se distinguindo com mais clareza, até que se reconheceu uma grande mão de homem.

Um instante depois, outra mão apareceu, muito menor e branca como a neve. O Sr. Prus, devido à sua miopia, foi o único dos presentes que não viu nada, pelo qual decidiu posicionar-se perto da cortina, apoiando as mãos nas costas do Dr. Ochorowicz. Ao trocar de lugar, diz ter reconhecido as duas pernas de Eusápia, com os pés descalços, que se apoiavam nos joelhos do Dr. Ochorowicz. Alguns minutos depois, por trás da cortina, um metro acima e à direita da cabeça de Eusápia, saiu um objeto de cor clara, semelhante a uma mão fechada coberta por um véu branco e com o antebraço nu. A aparição desse objeto durou alguns segundos e retirou-se para trás. Sumamente emocionado, o Sr. Prus pediu permissão para tocar a referida mão, respondendo-se afirmativamente ao seu pedido por meio de três batidas convencionais, desferidas na mesa localizada atrás da cortina. O momento era extraordinário. De repente sentiu o barulho característico dos dedos atrás da cabeça de Eusápia, e meio minuto depois sentiu, junto à orelha direita, um barulho como se estivessem esfregando papel.

Depois de meio minuto, *uma mão esquerda de homem saiu, lenta e horizontalmente, do lado direito de Eusápia*, apertou a mão do Sr. Prus, puxou levemente seus dedos e retirou-se lentamente. As pessoas presentes gritaram: “Uma mão, uma mão grande!”

Era uma mão totalmente viva, de forma oblonga, de cor um tanto escura e de temperatura e densidade normais.

J. — SINAIS QUE APARECEM DE FORMA ANORMAL.

"Entre o número de fenômenos produzidos por Eusápia com iluminação suficiente para permitir ver seu rosto e mãos (embora não distintamente), está o de escrever em papel, punho ou prancha, sem o auxílio de um lápis, usando apenas um de seus dedos, um dos dedos dos participantes, ou um porta-lápis com uma borracha na ponta. Em minha presença, e em plena luz, o fenômeno nunca ocorreu, apesar das muitas tentativas que foram feitas para consegui-lo.

Desde a antepenúltima sessão, observei os detalhes do fato, que acontece da seguinte forma: um dos médiuns pega um lápis com borracha e, com o lado da borracha, traça alguns sinais em uma folha de papel branco colocada à sombra de algumas pessoas que cobrem ligeiramente a lâmpada.

O resultado foi nulo; mas desde o momento em que Eusápia pousou a mão esquerda sobre a do médium que escrevia, sem tocar o papel com os dedos, apareceram alguns sinais visíveis traçados a lápis." (Dr. Harusewicz. — *A Voz.*)

"Em algumas sessões, duas lousas eram colocadas não muito longe da médium, amarradas uma na outra, na esperança de que aparecessem algumas inscrições dentro. A experiência não funcionou." (B. Reichman.—*O Correio de Varsóvia.*)

Sentado no escuro ao lado de Eusápia e tocando-lhe a mão e a perna esquerdas, senti que a minha manga estava sendo arranhada e, ao me levantar da mesa, vi no punho direito da minha camisa alguns traços amorfos em zigue-zague, feitos com certeza com o lápis que saiu do bolso do meu colete sem que eu percebesse." (Matuszewski).

"Na minha presença a médium traçou algumas linhas grossas, passando os dedos dos doutores H. e D. nos punhos da camisa do doutor M. Em outra ocasião Eusápia produziu um sinal vermelho no punho da camisa de um dos assistentes, praticando um movimento com a mão, a uma distância superior a dois metros.

O doutor Ochorowicz e eu testemunhamos em Roma e em Varsóvia o fenômeno da escrita direta, que pode ser considerada como um desenvolvimento dos sinais impressos pelos contatos nas roupas dos participantes.

A médium traça em plena luz (Eusápia não sabe escrever) um sinal que dirige com o dedo sobre uma lousa ou papel, sem tocá-los; e o sinal é escrito nos referidos objetos com caracteres brancos ou vermelhos. Essa experiência nem sempre dá bons resultados. Em certa ocasião, Eusápia fez aparecer, em plena luz, um signo vermelho no punho da camisa de um dos participantes, localizado a um metro de distância” (H. de Siemiradski, *Carta ao Coronel de Rochas*).

K. — O SOPRO FRIO.

“É conveniente diferenciar aqui.

O esfriamento geral da atmosfera que frequentemente se observa nas ações mediúnicas, e que parece ser uma transformação do calor ambiente em movimento, e o sopro que escapa pela cicatriz na região temporal esquerda de Eusápia quando ela está em *transe*.

Nas observações de Varsóvia, os dois foram confundidos um com o outro.

O Dr. Higier sentiu três vezes um sopro frio, e a cada vez, a uma distância que exclui a suposição do sopro mecânico. Em uma ocasião ele o sentiu em ambos os lados, outra vez em sua mão direita, e na última vez, ao mesmo tempo em que o Sr. Matuszewski o experimentava.

O Sr. Siemiradski o sentia com mais frequência no rosto do que nas mãos, e como se partisse da cicatriz da cabeça de Eusápia.

Em certa ocasião, a médium levantou minha mão acima da região temporal esquerda de sua cabeça, e então senti um sopro frio vindo da cabeça de Eusápia e dirigindo-se para cima.” (Dr. Watraszewski)

“Eusápia passou minha mão quente e suada por sua cabeça, dando-me uma impressão idêntica à do sopro elétrico. Para examinar esse sopro, providenciei-me na sessão seguinte com uma lâmina pontiaguda de latão, acreditando que, se fosse um sopro elétrico, alguma faísca seria produzida; mas não obtive nenhum resultado. Naquela mesma noite, Eusápia colocou minha mão por cima de sua cabeça; deu-me uma sensação de frio, mas não senti o sopro das outras vezes.» (Reichman. — *O Correio de Varsóvia*)

L. — UMA SESSÃO IMPROVISADA.

Nos intervalos das sessões oficiais, que causam cansaço e exasperação à médium porque muitos dos participantes são completamente estranhos a este tipo de estudos, foi proposta a realização de uma sessão em família.

O excelente resultado dessas sessões eleva seu estado moral e restaura suas forças.

“Durante uma das mencionadas sessões improvisadas, realizadas em um pequeno local separado da sala por uma porta, nos deparamos com uma verdadeira barricada erguida sobre nossa mesa. Havia outra mesa de pernas para o ar, um tripé, uma cadeira, uma campainha, etc., e toda essa aglomeração de móveis estava num lugar tão apertado que seria absolutamente impossível para uma pessoa de carne e osso passar sem tropeçar ou desarranjar o grupo. A mesa que fazia parte da barricada ficava atrás de Eusápia e junto ao peitoril de uma janela separada da sala por um reposteiro muito pesado.» (H. de Siemiradski, *Carta ao Coronel de Rochas*)

II. Conclusões do Doutor Ochorowicz

Tendo eu escrito ao Dr. Ochorowicz com o pedido de que comunicasse sua opinião sobre as experiências realizadas com Eusápia, ele me respondeu em 15 de novembro de 1895 que sua opinião, escrita em polonês, ainda não havia sido publicada; mas teve a gentileza de me enviar as conclusões de seu trabalho, que inserimos abaixo, conforme foram formuladas pelo eminente Doutor:

1. Não encontrei evidências a favor da hipótese espírita, isto é, da intervenção de uma inteligência estranha.

"John", para mim, nada mais é do que um desdobramento psíquico da médium. Portanto, sou um "mediunista" e não um "espiritista".

2. Os fenômenos mediúnicos confirmam o magnetismo contra o hipnotismo; ou seja, implicam a existência de uma ação fluídica independente da sugestão.

3. No entanto: a sugestão desempenha um papel importante, e o médium nada mais é do que um espelho que reflete as forças e ideias dos

participantes, possuindo também a faculdade de realizar, por exteriorização, seus próprios sonhos sonambúlicos, ou os sugeridos pelos assistentes.

4. Nenhuma força puramente física é capaz de explicar esses fenômenos, que são sempre de natureza psicofísica, tendo como centro de ação o espírito do médium.

5. Os fenômenos verificados não contradizem a mecânica em geral, nem a lei de conservação das forças em particular. O médium atua às custas de suas próprias forças e as dos espectadores.

6. Há uma série de transições entre a mediunidade de ordem inferior (automatismo, fraude inconsciente) e a mediunidade de ordem superior ou exteriorização da motricidade (ação à distância, sem vínculo visível e palpável).

7. A hipótese de um duplo fluídico (corpo astral) que em certas condições se separa do corpo do médium parece necessária para a explicação da maioria dos fenômenos. Segundo essa concepção, o movimento dos objetos sem contato seria produzido pelos membros fluídicos do médium.

Capítulo VII

As experiências realizadas em 1894 em Carqueiranne e na Ilha Roubaud

Estas experiências duraram dois meses e meio, durante os quais se realizaram 35 sessões de grande importância, quer pelos eminentes cientistas que nelas participaram, quer pelas excelentes condições em que foram realizadas.

O doutor Charles Richet, professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, possui duas propriedades perto de Toulon; uma delas é o castelo de Carqueiranne, e a outra é a Ilha Roubaud, uma das Ilhas Hieres.

Durante as férias do ano de 1894, reuniu nas referidas propriedades a médium Eusápia e vários amigos, tais como o Sr. Sigdwick e sua esposa, o Dr. J. Ochorowicz, o Sr. Fr. Myers, o Sr. O. Lodge e sua esposa, o Barão de Schrenck-Notzing (de Munique) e, finalmente, o doutor Ségard, médico-mor da Marinha.

Eusápia produziu fenômenos notáveis nessas sessões, provavelmente favorecidos pelo ambiente simpático em que se encontrava. O resultado destas não foi publicado em detalhes em nenhum lugar. Apenas o Sr. Lodge leu na 68.^a reunião geral da Sociedade de Estudos Psíquicos em Londres um relatório baseado em suas observações pessoais, e também um artigo do Sr. Hodgson, doutor em Direito e membro da mesma Sociedade, que sem ter frequentado nenhuma das experiências, tenta provar que todos os fenômenos produzidos por Eusápia não passam de prestidigitação.

Os doutores Richet, Myers e Ochorowicz replicaram. Mas como a polêmica foi travada num jornal exclusivamente para membros da sociedade, e não foi permitida a sua reprodução, tivemos de nos limitar por

agora a extrair o essencial do publicado sobre o referido assunto noutras revistas, dando conta, no capítulo seguinte, das experiências notáveis realizadas em Cambridge pelo Dr. Ochorowicz, que vêm ilustrar muitos conceitos que foram apenas esboçados no momento.

I. Análise da comunicação do Sr. Lodge

O Sr. Lodge declara que, a convite do professor Carlos Richet, passou seis dias em sua casa, nas ilhas Hieres, a fim de testemunhar fenômenos físicos que afirmam ocorrer na presença de uma mulher sem instrução de Nápoles, chamada Eusápia Palladino.

Os Srs. Richet, Myers e Ochorowicz estavam presentes, assim como o Sr. Bellier, secretário do professor Richet. O referido Bellier anotava as sessões à medida que lhe iam sendo ditadas pela janela, uma vez que não se encontrava na sala onde se realizavam. Três ou quatro horas antes da realização das duas últimas, o próprio professor Lodge arrumou a mobília da sala, e é *positivo* que ninguém a tocou depois.

Mais tarde, o professor teve outra série de dez sessões com a mesma médium, o professor Richet, o professor Sigdwick e sua esposa, os doutores Ochorowicz, e o barão Schrenck-Notzing de Munique.

O professor declarou que tinha estado *em dúvida*, e muito cético, sobre movimentos psíquicos *sem contato*: mas que a realidade dos fatos prevaleceu sobre suas dúvidas, e que fenômenos desse tipo podem, sob certas condições, ter uma existência real e objetiva.

DETALHES PRELIMINARES

As sessões ocorriam à noite, das 10 à 01 da madrugada, em uma sala no andar térreo da casa do Dr. Richet, a única existente na ilha, além do farol.

As duas janelas e a única porta, cuja chave foi dada ao professor Lodge, davam para um alpendre.

Do lado de fora e perto de uma dessas janelas, que estavam quase fechadas, o Sr. Bellier estava sentado, tomando à luz de uma lâmpada as notas que lhe eram dadas.

Ele conversava de vez em quando com os assistentes, que assim podiam observar sua posição.

Na sala, iluminada em plena luz, encontravam-se Eusápia e os assistentes, sentados à volta de uma mesa.

Logo a mesa começou a se mover: tendo diminuído a luz, a médium pareceu entrar em *transe* e cerca de meia hora depois começaram a aparecer fenômenos *mais marcantes*.

Cada manhã, após a sessão, registrava-se tudo o que havia acontecido, servindo de base aquelas anotações, mas examinando e discutindo cuidadosamente cada detalhe, e não deixando sem um absoluto e perfeito esclarecimento qualquer ponto duvidoso.

Havia na sala uma mesa grande, de fabricação simples, sem painéis; uma espécie de mesa de cozinha campestre, pesando 22 quilos (1). Outra menor que nos servia para as sessões, pesava 9 quilos. Sobre uma terceira mesa de mogno, estavam colocados os objetos que nos serviam para as experiências.

(1) Esta mesa foi construída expressamente para os experimentos: era quadrada e sem bordas, os pés tinham 0,75m de altura e terminavam em pontas, de modo que era impossível levantar a mesa exercendo pressão sobre as referidas pontas.

Em *transe*, a médium respondia preferencialmente pelo nome John, mas falava apenas italiano; quando o estado de *transe* não era completo, os fenômenos eram elementares e pouco satisfatórios.

Havia um brinquedo mecânico na sala, uma caixinha de música com um dispositivo; fazendo a chaminé girar, a porta abria e a música tocava.

Havia também um acordeão comum pertencente ao Dr. Richet. Depois de ficarem sentados por um curto período de tempo, o professor Lodge diz que foi empurrado e beliscado: que se apoiaram em sua cabeça, nas suas costas, nos seus braços e nos seus joelhos, enquanto ele tinha as mãos da médium nas suas e *vigiados* os pés e a cabeça de Eusápia.

Nessas condições, sua mão ficou momentaneamente aprisionada por algo que se assemelhava a uma mão humana, *sentindo* a impressão de dedos com unhas.

Ele viu uma mão grande e, mais vagamente, sombras que passavam, destacando-se na frouxa claridade do céu. A médium continuava vigiada e completamente imobilizada.

Ele viu uma cadeira, colocada perto da janela a poucos pés de distância da médium, deslizar várias vezes no assoalho, horizontalmente, e finalmente elevar-se perpendicularmente, batendo no chão ao cair.

Não havia ninguém perto da cadeira.

Apesar de não entrar nenhuma brisa de fora, uma cortina pesada ondulava, como se houvesse alguém atrás dela, e assim permaneceu por muito tempo.

No entanto, ninguém estava atrás e a médium estava a mais de dois metros de distância.

Mais uma vez, a cortina caiu sobre a mesa e os assistentes: o contorno de um rosto foi visto na janela, e algo como uma mão que era levantada em sua direção.

Talvez, diz o professor, a explicação mais simples neste caso seja que as aparições visíveis são arranjos de materiais já existentes, mas é inquestionável que são precedidas de um propósito preconcebido.

A mesa pesada, ao lado da qual não havia ninguém, às vezes não só era movida, mas virada de cabeça para baixo e emborcada no chão, e isso era feito com cuidado, para não quebrar uma bateria voltaica e outros objetos que estavam em cima dela. O Dr. Ochorowicz pôde ver, do seu lugar, a mesa no momento de ser virada.

O brinquedo mecânico foi visto várias vezes atravessando a sala, ouvindo-se claramente como se dava corda à música, e esta tocando em diferentes pontos da sala, e às vezes a dois metros de distância da médium.

Ouvi, diz o professor Lodge, algumas notas de acordeão, longe de nós, apesar do instrumento estar sobre a mesa e as mãos da médium à vista. Em outra sessão, ele ouviu os acordes de um piano, com a médium longe dele e totalmente imobilizada.

Podíamos ver o teclado, mas não o suficiente para poder apreciar o movimento das teclas.

Esta experiência foi muito interessante. Foi realizada em Carqueiranne, com a médium segurada pelas mãos e pelos pés. Em vista de que o fenômeno era irrepreensível, o Sr. Sigdwick declarou que só lhe faltava tirar uma dúvida, que era a de que a médium poderia produzir os sons por meio de um pequeno aparelho contido em sua boca. Então o Dr. Richet segurou a boca de Eusápia com a mão e, apesar dessa precaução, os sons do piano se repetiram duas vezes e com força.

Lodge ouviu não apenas batidas em uma mesa distante, mas pancadas muito fortes, como se fossem dadas com um cacete.

Ele viu, com outros assistentes, luzes que rapidamente atravessavam a sala; ouviu o barulho de uma chave na fechadura de uma porta (1), cuja chave foi depositar-se na mesa de sessões, onde pôde ser tocada, voltando depois para a porta; e entrando na fechadura, girou o ferrolho, concluindo por ir se colocar nas mãos do professor.

(1) Não foi verificado se a médium poderia alcançar a porta estendendo o braço, mas a simples vista parece muito difícil. A sala era iluminada por um raio de luar que entrava pelas frestas das persianas. — A. R.

Ele viu a escrita direta acontecer com a unha de um dedo, visível à luz de uma bugia, e deixando traços azuis em um papel branco.

A mesa grande foi levantada completamente do chão a cerca de 20 centímetros de altura; os assistentes estavam em pé ao seu redor, a médium segurada, apoiava as duas mãos levemente sobre ela, mas mesmo que estivesse livre, não teria sido possível para ela levantar a mesa na posição que ocupava, mesmo admitindo-se que sua força fosse dez vezes maior naquele momento, devido a um estado anormal histórico.

O Sr. Lodge ouviu o barulho produzido pela médium enquanto ela bebia água de uma garrafa que havia deixado antecipadamente no bufê, garrafa essa que foi posteriormente transferida para a mesa da sessão, enquanto os participantes estavam sentados ao seu redor formando corrente.

Em resumo; os fatos que ele garante, e que podem ser facilmente verificados, são:

1. Os movimentos de uma cadeira distante, visível à luz da lua, e em tais circunstâncias, que afastam qualquer suposição de intervenção mecânica.

2. O inchaço e movimento de uma cortina, sem mediação do vento ou outra causa ostensiva.

3. A levitação e locomoção sem contato, de uma caixinha de música.

4. Produção de sons sem contato, em um piano e acordeão.

5. Introdução de uma chave na fechadura, a qual situou-se sobre a mesa, e tornou a se introduzir na fechadura.

6. Movimentos e inversão por meio de evoluções lentas e corretas, de uma mesa bastante pesada.

7. Levitação de uma mesa muito pesada, que em condições normais não tinha sido possível ser levantada.

8. Aparecimento de sinais azuis em uma mesa que antes não tinha marca ou sinal, fenômeno esse que foi realizado sem o auxílio de meios comuns (1).

(1) O Dr. Ségard em uma carta que se dignou a me enviar, insiste em reconhecer como admirável o fenômeno da escrita direta com traços azuis que foi obtido nas experiências com Eusápia. Esta experiência foi realizada em plena luz, sem caneta nem lápis, e de igual modo sobre uma folha de papel como através de muitas folhas sobrepostas.

9.º A sensação de batidas em diferentes partes do corpo, enquanto a médium permanece sob vigilância junto dos assistentes.

Em seguida, o Sr. Lodge expõe os fenômenos que são atribuídos a Eusápia e que ele divide em três classes, a saber:

Classe A; operações que são fáceis dentro dos limites normais do corpo humano, desde que seja concedida a este corpo a maior liberdade de ação.

Classe B; operações que, apesar de estarem dentro dos limites do corpo humano, não podem ocorrer sem alguns preparos ou manipulações especiais.

Classe C; operações que, segundo a compreensão humana, são impossíveis.

Assim, dentro da classe A, podem ser incluídos: a levitação e o transporte de alguns objetos leves, como cadeiras, chaves, castiçais, botas, garrafas, etc., produzir sons em acordeões sem tocá-los, apalpar as pessoas presentes, fazer aparecer mãos e cabeças.

Na classe B, podem ser incluídos; a levitação de objetos muito pesados que requerem uma força maior do que a normalmente possuída pelo homem; a produção de luzes e cheiros; mostrar mãos mais fortes que as da médium; escrever sem lápis em objetos distantes; fazer sair objetos de uma caixa fechada à chave.

Na classe C, estão incluídos; a suspensão da ação comburente dos corpos incandescentes; fazer sair objetos de uma caixa ou tubo hermeticamente fechado; dar nós em uma corda sem fim; produzir uma mudança de temperatura sem causa artificial e visível; separar, em seus diversos componentes, uma solução perfeitamente feita e hermeticamente fechada.

O Sr. Lodge diz que, como ele não pôde verificar todos esses fenômenos, também não pode garantir sua realidade, assim por exemplo, não pode afirmar de forma absoluta *que as mãos misteriosas eram maiores que as da*

médium, pois não as mediu, acrescentando que o que foi feito com a ajuda da médium poderia ser feito por um ser humano livre de toda trava. (1)

(1) Richet também é de opinião que todos os fenômenos que ele testemunhou enquanto estudava Eusápia poderiam ser explicados, admitindo que ela tivesse as mãos livres. Nesta explicação, não envolve o fenômeno da escrita direta com lápis azul.

Isso simplesmente prova que a ação da força que emana de Eusápia não vai além de um metro.

A primeira hipótese que o observador pode estabelecer é que o referido ser humano estivesse presente. Se fosse assim, haveria fraude por parte da médium, de um ou vários dos assistentes, ou de pessoa estranha introduzida na sala para tal fim.

Para nos precavermos contra fraudes por parte da médium, sempre foram tomadas as maiores precauções; assim, seus pés são colocados sobre um dispositivo que faz vibrar uma campainha elétrica no instante em que uma das referidas extremidades se levanta; e muitas vezes, joelhos, mãos, pés e cabeça são segurados enquanto duram as experiências. Todas essas precauções foram tomadas para avaliar os fenômenos, pois embora não houvesse motivo para suspeitar da boa-fé da médium, elas foram consideradas necessárias, pois uma pessoa em estado de *transe* deve ser acompanhada de perto.

Com relação ao conluio por parte dos participantes, o Sr. Lodge diz com razão: “Em círculos frequentados por pessoas que não se conhecem, uma hipótese semelhante pode bastar para destruir o valor da evidência; porém no nosso círculo, constituído por 4 pessoas, cada uma tinha pelo menos um amigo presente, e os quatro estávamos seriamente engajados no estudo desses fenômenos. Nesse caso, a hipótese de fraude é absurda.”

Além do mais; o referido professor assegura ter comprovado fenômenos em determinados momentos em que estava a sós com a médium, o mesmo tendo ocorrido com seus colegas de estudo.

Resta analisar a hipótese grotesca de que o Dr. Richet tivesse preparado o engodo; mas os Drs. Lombroso, Schiaparelli, Finzi e outros observaram os mesmos fenômenos na Polônia e na Itália, apesar da ausência do Dr. Richet.

Diante da hipótese de fraude, seria preciso desconfiar de todo o mundo, e assumir que toda a humanidade está em conluio para enganar. O professor Lodge observa que, nesse caso, seu próprio relatório faria parte do plano de fraude e, conseqüentemente, ele não irá buscar defesa a respeito desse ponto.

Mas admitindo que os participantes sejam honestos e inteligentes, e que a médium fica restringida em sua liberdade de ação, o que devemos pensar sobre a possibilidade de tais fenômenos?

Não esqueçamos que essas sessões ocorreram em uma ilha quase desabitada, onde não havia outras pessoas além dos experimentadores, o faroleiro com sua família e os criados do Dr. Richet.

O farol fica a 500 metros da casa do Dr. Richet, e os servidores se retiravam durante o horário das sessões, em uma chácara separada do nosso ponto de encontro.

Na sala de experimentos havia apenas uma porta que o Sr. Lodge trancava com uma chave que guardava no bolso.

Antes do início das sessões, o sofá era afastado, para se ter a certeza de que ninguém ficava escondido ali, e o trabalho de investigação sempre começava com a sala bem iluminada; e o Sr. Lodge terminava declarando com firmeza que ninguém entrara na sala da experimentação, porque se isso tivesse acontecido, ele o teria visto e saberia disso.

II. EXTRATOS DA RESPOSTA DO DR. RICHEL AO DR. HODGSON

O Dr. Richet aponta que toda a argumentação do Dr. Hodgson é baseada na hipótese de que os ASSISTENTES PENSAM QUE ESTÃO SEGURANDO AS MÃOS DE EUSÁPIA, MAS ELES FORAM VÍTIMAS DE UMA ILUSÃO. A uma tal saída, o professor francês responde nos seguintes termos:

As mãos da médium estavam bem seguradas pelas nossas?

O Dr. Hodgson não pensa assim, mas os Srs. Lodge, Myers, Ochorowicz e eu estamos bem convencidos disso.

Vamos analisar este ponto.

Para começar, parece que o Dr. Hodgson comete uma injustiça, repreendendo o Sr. Lodge por não dar mais detalhes. É evidente que quando dizemos, *a mão está sendo bem segurada*, qualquer detalhe mais circunstanciado é inútil. Como isso se repete cem vezes em cada sessão, acreditamos que para dar conta do fato de segurarmos as mãos, basta mencioná-lo com as palavras acima.

Se, enquanto um fenômeno está ocorrendo, não tenho certeza absoluta de que estou segurando a mão direita da médium (assumindo que a vigilância dessa mão me fosse confiada), então digo em voz alta: "Soltei a mão" e os outros experimentadores suspendem os trabalhos pelo momento.

Além do mais; em todas as sessões temos procurado que os dedos das mãos de Eusápia, ou o punho e parte dos dedos, repousassem nas palmas de seus censores.

Muitas vezes meu antebraço estava em contato com o de Eusápia, ao mesmo tempo em que uma de minhas mãos estava estreitamente unida a uma das dela. E por último; no decorrer das sessões, damos notícia das nossas relações de contato com uma frequência quase insuportável, repetindo constantemente "eu tenho a mão direita" "eu tenho a mão esquerda".

Em se tratando de experimentadores novatos, maravilhados com a novidade dos fenômenos, eu entenderia as dúvidas do Dr. Hodgson, mas trata-se de experimentadores que sabem manter a serenidade, e que seu único sonho é fazer experimentos em boas condições.

Se me for permitido falar sobre o que me preocupa pessoalmente, direi; que tenho estudado Eusápia, 5 vezes em Milão, 10 em Roma e 40 em Carqueiranne e Roubaud Island, onde ela permaneceu por três meses.

Durante esses três meses, preparado como estava pelas experiências de Roma e Milão, não sonhei outra coisa além do importante ponto de segurar bem a mão, para que não pudesse desprender-se e, portanto, pegar objetos e fazer contatos. O Dr. Ochorowicz também não teve outra preocupação senão impedir que a mão da médium escapasse.

Pois bem; esta preocupação constante, esta ideia fixa, parece que deve nos afiançar de não termos atuado com leviandade.

Acredito que com três meses de exercícios e meditações, há tempo mais do que suficiente para ter certeza de se ter pego ou não uma mão humana.

Em uma das sessões (acho que foi a última) a Sra. Sigdwick segurou a mão esquerda de Eusápia, enquanto meu sábio amigo Dr. Ségard, que já havia assistido a muitas sessões, segurou a mão direita da referida médium. Durante a sessão, eu os questionei pelo menos quinze vezes se eles estavam segurando as mãos de Eusápia, e eles sempre me responderam afirmativamente.

Para substituir o procedimento elementar de segurar as mãos da médium entre as nossas, imaginamos, com o Dr. Ochorowicz, diversos aparelhos elétricos, cuja descrição pouparei ao leitor. Embora fossem muito engenhosos, não me inspiravam nenhuma confiança, razão pela qual sempre dei preferência à minha mão.

Também procuramos apoiar nossos pés descalços nos pés da médium também desprovidos de calçado, mas esse detalhe não chega a oferecer uma segurança absoluta, pois a sensibilidade tátil dos pés é bastante grosseira.

As observações contínuas nos revelaram que o melhor meio de verificação era segurar os pés de Eusápia com as mãos de um dos assistentes, e para isso um de nós colocava-se no chão, com a finalidade exclusiva de observar as extremidades inferiores.

O método que acabei de mencionar parece-me preferível a qualquer outro, e estou convencido de que, se o Dr. Hodgson se encontrasse em circunstâncias semelhantes, ele o reconheceria como superior a qualquer outro.

Com base nesses precedentes, deve-se dizer que o fenômeno nem sempre é obtido e que, às vezes, requer muita paciência para alcançar resultados de algum proveito.

Trata-se de segurar as duas mãos da médium e sermos tocados por uma mão bem diferente da dela.

É natural que, ao me referir a uma mão *bem diferente*, eu excluo qualquer suposição de trapaça. Assim, um contato vago não é uma mão; a sensação de um toco ou de uma palma também não é suficiente. Uma mão bem diferente, é uma mão perfeitamente formada, e que é capaz de beliscar, de arrancar cabelos da cabeça, da barba, de fazer sentir o contato de seus dedos, de produzir em uma palavra a sensação que uma mão viva, humana, é capaz de causar.

Pois bem; *essa experiência eu a realizei* quatro vezes na ilha de Roubaud.

Uma vez, entre outras, eu segurava as duas mãos de Eusápia com uma de minhas mãos, enquanto erguia o mais alto possível a minha mão livre. Esta mão que eu mantinha no ar, foi agarrada vigorosamente por uma mão que puxou meus dedos com força, dando-me depois um tapa bastante forte no dorso dela, tapa que foi percebido por todos os que estavam ao redor.

Infelizmente, como eu disse, esta experiência essencial, importante e fundamental nem sempre pode ser obtida. É alcançada muito raramente, e essa raridade é um motivo de dúvida muito sério.

Por que é mais fácil obter um contato quando cada mão da médium é segurada por uma pessoa diferente, do que quando é a mesma pessoa que segura as duas mãos?

No entanto, aconteceu em várias ocasiões, que apesar de uma única pessoa segurar as mãos da médium, os outros participantes sentiram os toques da mão misteriosa.

Em 9 de julho, o Dr. Ochorowicz foi tocado nas costas enquanto segurava as duas mãos de Eusápia.

Em 21 de julho, o Dr. Lodge experimentou o mesmo fenômeno, sob as mesmas condições, e em 26 de julho, enquanto eu segurava as duas mãos da médium, uma grande mão tocou minha cabeça.

O que torna essa experiência muito instrutiva e lhe confere, a meu ver, um caráter absolutamente decisivo é que, para explicá-la, devemos recorrer ou à alucinação tátil, o qual me parece um absurdo, ou a uma brincadeira pesada de um dos participantes, o qual é impossível de se admitir, ou à materialização de uma mão viva; conclusão que admito e à qual não é sem dor que me resigno.

Há muitos casos em que enquanto um experimentador segura as mãos da médium, outro experimentador sente alguns contatos.

No dia 1º de julho, fui tocado por uma mão, enquanto o Dr. Ochorowicz segurava as duas mãos da médium. No mesmo dia segurei por um tempo as mãos de Eusápia; o Dr. Ochorowicz, ajoelhado sob a mesa, mantinha fixos os pés da médium e, apesar de tantas precauções, o doutor polonês percebia o contato de cinco dedos em sua cabeça.

Em 9 de julho, eu segurava as mãos e Ochorowicz foi tocado pela mão misteriosa.

Em 28 de julho, Lodge segurava as mãos e Myers foi tocado por outra mão, etc.

Quanto aos casos em que dois experimentadores intervêm para segurar as mãos de Eusápia, e nessas condições ocorre o movimento de objetos na sala, ao mesmo tempo em que se vê e sente o contato de uma mão, devo afirmar: que esses casos têm sido muito numerosos.

Sei perfeitamente bem que a atenção não pode ser prolongada além de uma hora se desejamos que esse poder seja muito eficaz em seu exercício.

Mas em nossos estudos, temos mantido essa particularidade muito em mente.

Como os Srs. Lodge e Myers fizeram notar, e eles sabem muito bem quantas pessoas assistiram aos experimentos de Eusápia, os fenômenos não ocorrem de surpresa.

Todos são alertados pela agitação, pela tensão vibratória de todo o corpo da médium. É, portanto, neste momento, que a atenção é redobrada e as mãos de Eusápia são apertadas com mais força.

A menos que seja um experimentador detestável, ninguém escolherá o momento decisivo da experiência para largar as mãos.

E mesmo supondo que a mão ficasse livre (o que não posso acreditar) seria preciso que ela retornasse ao seu lugar original, e ao fazê-lo, teríamos necessariamente de perceber sua substituição, a menos que suponhamos uma dose de perturbação e negligência que me parece grande demais.

Poderia até admitir que cometi essa negligência uma, duas, dez, vinte vezes, mas o que não posso admitir é que, dominado como estava pela única preocupação de não abandonar a mão, eu tenha sido duzentas ou trezentas vezes tão leviano como para não perceber o momento em que a mão de Eusápia me escapa e aquele em que deve retornar à sua posição original. E essa leviandade imperdoável, não seria só eu a cometê-la. Os Srs. Aksakof, Schiaparelli, G. Finzi, Siemiradski, Schrenck-Notzing, Ochorowicz, Ségard, Lodge, Myers e a Sra. Sigdwick, todos teriam permitido que suas mãos fossem substituídas mais de 40 vezes, precisamente nos momentos em que sua atenção estava mais desperta. (Gravura 06)

Além do mais; quando um habilidoso ilusionista executa um truque engenhoso, não tenta fazê-lo novamente, porque sabe que, ao repeti-lo uma segunda, terceira ou quarta vez, ele se expõe a que o público possa descobrir o truque.

Aqui ocorre o contrário, já que Eusápia concorda em fazer com que os mesmos fenômenos sejam reproduzidos, diante de um público que acompanha de perto o desenrolar da experiência.

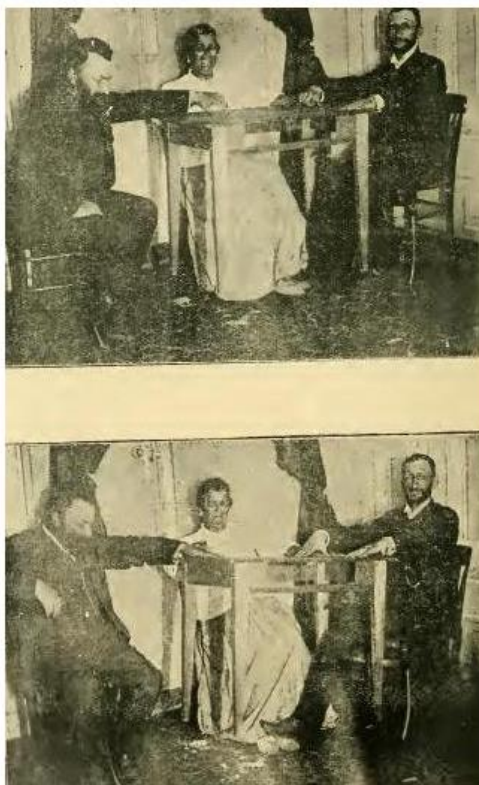
Numerosas fotografias obtidas à luz do magnésio, objetivam a levitação da mesa. (1)

(1) Além das fotografias obtidas à luz do magnésio, o Dr. Ségard conseguiu reproduzir a levitação de uma mesa por meio de fotografias obtidas à *luz do dia*, entre 4 e 5 horas da tarde, no terraço do chalé da ilha de Roubaud.

Em todas essas fotografias, as mãos e os pés de Eusápia aparecem retidos pelos assistentes.

As duas fotografias contidas na gravura nº. 06 obtidas no intervalo de alguns segundos, mostram a mobilidade das atitudes de Eusápia em estado de *transe*.

Gravura 06 - Levitação da Mesa -
Carqueiranne em 1894



Médium Eusápia Palladino. Controlador
da direita: Dr. J. Ochorowicz.
Controlador da esquerda: Dr. Ségard

Gravura 06 - Levitação da Mesa - Carqueiranne em 1894.

Médium: Eusápia Palladino

Controlador da direita: Dr. J. Ochorowicz

Controlador da esquerda: Dr. Ségard

A única hipótese discutível entre as que foram enunciadas para explicar o fenômeno consiste em que Eusápia coloca o pé direito sob a perna esquerda da mesa, e verifica contrapressão com a mão, para conseguir que a mesa se levante. Mas, como demonstra o testemunho fotográfico, tal hipótese não pode ser admitida; por exemplo, quando a mesa é levantada enquanto a médium está sentada no lado comprido, ou quando ela pousa as

mãos nos joelhos que se lhe mantêm agarrados, por último, quando o fenômeno é realizado enquanto Eusápia permanece em pé.

Lembremos que nas condições que acabamos de expor, foi realizada a levitação de uma mesa cujo peso era de 22 quilos, e isso tem um valor preponderante para o observador.

As experiências que acabamos de relatar são as mais comuns, embora fossem realizadas muitas outras que são inexplicáveis com a hipótese da prestidigitação.

Por exemplo; quando a sala estava iluminada o suficiente para distinguir os objetos que nela havia, Eusápia pousou as duas mãos sobre a mesa, na presença do Sr. Sigdwick e sua esposa. Um dos assistentes vigiava a cabeça e a boca da médium, e outro se encarregava de segurar seus pés, ajoelhando-se no chão para cumprir mais escrupulosamente sua missão.

Apesar do cúmulo de precauções tomadas, alguns sons foram produzidos em um piano imediato, e um objeto volumoso (um melão) cujo peso era de 7 quilos e 200 gramas, e que ocupava parte do assento de uma cadeira colocada atrás de Eusápia, acabou sobre a mesa.

O aparelho elétrico estava disposto nos pés da médium, de modo que ao tentar levantá-los, a campainha devia tocar, e embora o aparelho funcionasse perfeitamente, e ambas as mãos da médium estivessem erguidas no ar à vista de todos, aconteceu o fenômeno de produzir notas isoladas em um harmônio imediato, sendo percebido o clique das teclas, sem que, a tudo isto, a campainha elétrica desse sinal.

Um aparelho elétrico também foi adaptado a uma balança, de modo que ao quebrar sua estabilidade (era necessário o peso de 8 quilos para consegui-lo) o aparelho elétrico produzisse uma luz intensa. Vimos como a balança se movia, e a relação com o aparelho elétrico não se estabeleceu.

E por último, entre tantas coisas surpreendentes, devemos mencionar os traços feitos a lápis, que apareceram na manga da camisa de um dos participantes enquanto ele a estava usando, e o que é ainda mais extraordinário, a unha de nosso dedo traçou em plena luz do dia e em uma página em branco, algumas marcas que pareciam ter sido feitas a lápis.

Capítulo VIII

As experiências de Cambridge em 1895

I - ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO ENVIADA À 75ª ASSEMBLEIA GERAL DA SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÕES PSÍQUICAS DE LONDRES.

No mês de agosto do ano de 1895, Eusápia Palladino chegou a Cambridge, permanecendo muitas semanas na casa do Sr. Myers para ser estudada por vários membros da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres.

Eusápia estava doente e as experiências não tiveram um resultado bom.

Os senhores Sidgwig e Hodgson insistiram na possibilidade de reproduzir, através de certos recursos, alguns dos fenômenos observados com Eusápia, considerando como um dos principais segredos, a liberação de uma das mãos que os censores acreditam estar segurando. A esse respeito, o Sr. Sidgwig apresentou uma comunicação em 11 de outubro de 1895 à assembleia geral da Sociedade de Investigações Psíquicas, afirmando que a médium havia usado ou tentado usar esses vários recursos nas experiências de Cambridge, que deveriam ser consideradas fraudulentas, e que pelo mesmo motivo, não havia lugar para que fossem inseridas entre as Memórias da Sociedade.

O Sr. Myers confirmou as avaliações do Sr. Sidgwig, mas acrescentou: Pelo que diz respeito às manifestações mais notáveis que vi na ilha de Roubaud no ano de 1894, elas são, a meu ver, inexplicáveis, considerando os procedimentos utilizados em Cambridge. No entanto, convém manifestar que o Dr. Richet, cujo escrúpulo em suas verificações é notório, observou esse tipo de segredos nas experiências de Milão. De minha parte,

não tenho intenção de usar como armas de defesa, nenhum dos fatos anteriormente realizados por Eusápia, e que são conclusivos.

A confiança, que a maioria dos principais experimentadores do continente têm, na autenticidade dos fenômenos produzidos com Eusápia, não foi destruída.

Um grupo francês, junto ao qual Eusápia trabalhou depois de nossas últimas experiências, me conta que eles obtiveram alguns fenômenos que consideram autênticos. Enquanto novas experiências forem sendo realizadas por pessoas de reconhecida competência científica, as pessoas não iniciadas nesses estudos deverão se ater aos relatos fornecidos por aqueles que, tendo estudado cuidadosamente os fenômenos, gozam de justa reputação na esfera científica.

O Dr. Myers passou a ler a seguinte carta do Dr. Lodge, que se viu privado de participar da reunião.

Não assisti em Cambridge a mais de duas sessões que ocorreram após a descoberta da fraude. Na primeira, acredito ter visto alguns fenômenos da boa lei; a segunda foi completamente fraudulenta.

Tenho procurado examinar essa fraude com a maior atenção e estou convencido de sua existência, embora não possa determinar se Eusápia procede consciente ou inconscientemente.

Quaisquer que sejam as condições fisiológicas em que a médium se encontre, o fato material é que, na sessão que nos interessa, uma de suas mãos ficou em liberdade.

Resta agora examinar até que ponto minha primeira comunicação inserida no *Journal Soc. Ps. Res.* do mês de novembro de 1894 pode ser modificada. Aos olhos do público (se é que o público a leu) parecerá uma nota de descrédito, mas no julgamento de todo homem prudente e investigador da verdade, os principais fatos determinados no referido documento, não podem figurar como fantasias do meu espírito. Atrevo-me mesmo a dizer que alguns dos fenômenos observados em Cambridge, não creio possam ser explicados cientificamente por uma hipótese tão simples como a de uma mão livre, desprovida de qualquer mecanismo. No entanto, admito a conveniência de acelerar até ao fim qualquer explicação normal e, por isso, considero que a decisão mais prudente é abandonar muitos fatos que não podem ser explicados racionalmente.

Provavelmente, o melhor seria colocar nesta categoria todos os fenômenos que ocorrem quando duas pessoas intervêm para segurar as mãos da médium.

Porém; se esquecermos as condições em que Eusápia era colocada na ilha de Roubaud, nas quais a substituição de mãos era extremamente difícil, estaremos nos expondo a sacrificar muitos fatos autênticos.

E quando me lembro do fato da chave inserida na fechadura, da quantidade de luz que entrava pela janela, e da atenção com que todos dirigíamos os nossos olhares para o espaço que estava livre entre a porta e Eusápia; quando me vem à cabeça o transporte da chave, da porta para a mesa e vice-versa, não posso deixar de considerar muito absurda a suposição de que Eusápia conseguiu realizar esses transportes sem que nenhum de nós o percebesse.

Quando me lembro da levitação da caixinha de música enquanto Eusápia se apoiava em mim, estando fora do alcance do instrumento; quando penso nos movimentos daquela cadeira perceptíveis à luz do luar; o inchaço da cortina, o tinteiro que gradualmente se afastava de nosso círculo, etc., não consigo ver, em modo algum, nenhuma semelhança entre as miseráveis sessões fraudulentas em Cambridge e as manifestações na ilha de Roubaud.

E a personalidade chamada John, que se revela no *transe* da médium? Na sessão de Cambridge mal se manifestou, enquanto na ilha de Roubaud tivemos oportunidade de reconhecer uma direção invisível que atestava o seu zelo, fazendo com que os fenômenos se repetissem, quando um dos presentes manifestava suas dúvidas.

Na ilha de Roubaud, senti o toque de uma mão em diversas ocasiões, enquanto segurava as mãos da médium. A verificação dos pés nem sempre foi realizada aplicando o pé de um dos observadores no de Eusápia, mas sim um procedimento que permite ter certeza de que os pés da médium não podem se mover de seu lugar.

Minha fé nos fenômenos obtidos na ilha não sofreu o menor abalo.

Tenho ponderado cuidadosamente as críticas que possam recair em mim, em virtude da posição que adoto; mas, assim como tomo por autênticos os fenômenos produzidos na ilha de Roubaud, considero fraudulentas as últimas sessões a que assisti em Cambridge.

A ordem em que ocorreram os eventos pareceu-me extravagante, embora seja justo afirmar que a observação que acaba de ser feita sobre as

tentativas de fraude de Eusápia não é uma novidade. A possibilidade desse tipo de engano foi perfeitamente indicada pelo Dr. Richet; a constatação de fraude no decorrer das más sessões, também foi apontada pelo doutor Ochorowicz, sem falar no Sr. Torelli, um testemunho mais hostil. Espero, portanto, que o atual estado de declínio da mediunidade de Eusápia seja temporário, e que testemunhas competentes e melhor preparadas possam certificar mais à frente a continuação dos fatos extraordinários que a referida mulher produz, através de seus poderes fora do normal.

II. A QUESTÃO DA FRAUDE NAS EXPERIÊNCIAS COM EUSÁPIA PALLADINO, POR J. OCHOROWICZ

§ 1.º — BOAS E MÁ SESSÕES.

Os pesquisadores de Cambridge chegaram à conclusão de que "foi tudo fraude". Esta afirmação eles a fizeram após *vinte sessões* de estudo com Eusápia.

É verdade que tais notícias veiculadas pela imprensa inglesa e continental com luxo de falsos detalhes, poderiam travar o estudo dos fenômenos mediúnicos que mal haviam começado, e desapontar muitos homens que estavam em vésperas de abordá-los, principalmente se levarmos em conta que tanto as experiências de Varsóvia (1893) quanto as da ilha de Roubaud (1894) ainda não foram publicadas, e que o protocolo de Milão (1892) não menciona fraude.

Tendo participado das experiências em Varsóvia e na Ilha de Roubaud, além de algumas sessões preparatórias realizadas em Roma (1893), e tendo estudado especialmente a questão da fraude nos fenômenos mediúnicos, proponho comentar o resultado negativo de Cambridge, com a ajuda de dados adquiridos em experimentos anteriores.

Por enquanto, vamos tentar nos entendermos sobre o ponto principal. Os experimentadores de Cambridge falam de uma descoberta. Fredrich W. H. Myers teve a gentileza de me enviar as principais atas, das quais apenas trechos foram publicados no jornal da S. P. R. do mês de novembro. Eu os li com a maior atenção e encontrei neles muitos fatos interessantes, embora

nenhuma descoberta. Por esta razão, estou começando a acreditar que os experimentadores de Cambridge não tinham conhecimento, tanto das descobertas semelhantes às feitas pelo Sr. Torelli em Milão (1892) quanto das observações e discussões detalhadas mantidas com o Sr. Bronislas Reichman em Varsóvia (1893-94) que contêm tudo, absolutamente tudo o que foi *descoberto* em Cambridge, desde a substituição de mãos e pés, até o pequeno aparelho "*com uma preparação fosforescente*" de que o Dr. Hodgson ainda fala.

Há apenas a diferença, que em Cambridge, não é respondida a *suposição* do doutor sem verificar previamente o suposto, enquanto em Varsóvia, o Dr. Reichman se deu ao trabalho de revistar a médium conscienciosamente, verificando a ausência do aparelho.

Consequentemente, tal descoberta não existe e, se existisse, seria *completamente inconsciente*, como provaremos mais adiante. Enquanto isso, passemos às sessões.

Respondendo ao Dr. Hodgson (Journal of the Society For Psychical Reseach de Março e Abril 1895) já afirmei que, com a médium E. P. se haviam conseguido sessões boas e más, isto é, mais ou menos fraudulentas.

Os três exemplos a seguir esclarecerão o assunto.

A. — UMA MÁ SESSÃO.

(A XXIII NA ILHA DE ROUBAUD NO DIA 4 AGOSTO 1894)

De alguns dias atrás, a médium está visivelmente esgotada. As últimas três sessões foram fracas e em grande parte fraudulentas. O ceticismo se apodera de nós, *embora escondendo nossos sentimentos diante de E. P.*

Esta tarde ela estava de mau humor e zangada com o doutor Richet (esta manhã a médium enviou uma cesta de frutas para a filha do guardião da ilha, sem autorização do doutor, que lhe fez uma pequena observação por este motivo).

A uma advertência minha, ela retirou-se para tirar o espartilho, voltando vestida com uma bata branca, contrariando as prescrições de John, que parece ter um grande apreço pela cor preta (1).

(1) Sempre que eu mencionar o nome de John, deve-se entender que me refiro a um estado psíquico especial da médium.

Estamos em guarda pelo que possa acontecer, e nossa desconfiança se reflete visivelmente na médium.

Tendo observado que, ao tomar uma cadeira, ela de preferência escolhia uma com as costas abertas, o que permitia que seu braço ficasse imperceptivelmente esticado para trás, troquei-a por uma com as costas fechadas, e ela aceitou isso sem protesta.

Formamos uma corrente e quase instantaneamente E. P. caiu em *transe*.

A luz da sala era suficiente. "John" começou por se lamentar de que dois participantes (estávamos sozinhos com o Dr. Richet) eram poucos para lhe dar força "*Poco forza! Poco forza!*" repetia a cada instante.

Alguns minutos depois, notei um inchaço no lado esquerdo do vestido de E. P.

Quebrei a corrente com R., coloquei minha mão esquerda em relação à mesma mão da médium e estendi meu braço direito até a barra inferior de seu vestido. Quase imediatamente, *fui tocado* perto do chão e através da roupa por uma coisa que me parecia ser um dedo. Nesse momento vi com grande clareza seus *dois* pés embaixo da mesa, descansando separadamente sobre nossos pés. Permaneci atento na mesma posição, e disse em voz alta, para acalmar a médium, que choramingava:

"Vamos cuidar para ela não se cansar, e deixemos ao John a liberdade de fazer o que puder."

Ao final dessas palavras, senti novamente um contato *como que de uma mão* sem consistência, que se insinuasse através de suas roupas. Esse contato, na linguagem de John, significava *Sim*, respondendo às minhas palavras.

Após este interessante interlúdio, E. P. convida-nos a inspecionar as posições, perguntando também se ficaríamos satisfeitos de se realizar a levitação da mesa, colocando as mãos sobre ela; como no início da sessão. Respondemos afirmativamente.

Então, sob a pressão automática de suas mãos, a mesa inclinou-se um pouco para a direita e para a esquerda, elevando-se a seguir lateralmente do lado de E. P.

Nesse momento, vi e senti perto de minha panturrilha direita, algo que através do vestido de E. se aproximava do pé esquerdo da mesa; dir-se-ia que fosse uma mão impotente querendo pegar no referido pé e levantar o móvel, mas sem conseguir.

Nesse momento, o pé esquerdo da médium escapou de debaixo do meu pé direito, indo em direção à perna esquerda da mesa que estava levemente levantada, ao mesmo tempo que com o calcanhar do pé direito ela veio repor o contato que exercia com o pé que havia escapado. Então pratiquei um movimento com meu pé direito, para indicar que o pé esquerdo da médium havia desaparecido de seu lugar, e no instante, ele voltou ao seu lugar original, *não tendo acontecido* a levitação prometida.

John pediu que a luz da sala fosse diminuída. Concordamos com o pedido, mas trocando nossos lugares.

A sala estava mal iluminada e E. pediu que revistassem seus bolsos e roupas. Com esse objetivo, ela se levantou e ficou em pé, e entretanto, revistei-a cuidadosamente não encontrando nada que pudesse levantar suspeitas; mas no momento em que E. P. tomava assento (sempre em *transe*) *aproximou bruscamente com seu cotovelo direito um leque* que estava sobre uma mesa contígua.

Eu a deixei fazer, sem lhe dizer nada. Alguns segundos depois, ela estendeu a mão direita junto com a minha que a segurava $\frac{3}{4}$, (1) e então senti perfeitamente que com as pontas livres dos seus dedos *ela pegava o leque e o jogava sobre a nossa mesa.*

(1) *Concordamos em designar por meio de frações, o tipo de vigilância que era exercida nas mãos e nos pés; assim, $\frac{3}{4}$ significava: eu seguro o punho e a palma da mão com as pontas dos dedos.*

Era um *transporte* feito com ingênuo descaro. *Eu não disse nada e a fraude continuou.*

M. R. *sentiu que lhe tocavam no lado, aparentemente com um pé,* constatando que o contacto coincidia com o desaparecimento do pé esquerdo da médium, cuja vigilância estava a seu cargo. *Ouve-se bater no assoalho uma escada dupla situada atrás e à esquerda da médium.*

Observo que o pé esquerdo da médium, que havia se separado antes de ouvirmos o barulho, volta ao seu lugar original.

"Sou tocado nas costas do lado direito com um corpo bastante volumoso" disse R., e como eu estava sentado quase de frente para a janela, pude ver, ou melhor diria, pude sentir, que o contato foi feito com a cabeça da médium que desceu naquela direção.

Alguns minutos depois, R. disse que *alguém estava envolvendo sua mão direita com um cordão.* Nesse momento, R. segurava de um lado a mão

esquerda da médium, e do outro, a palma da mão direita, cujo punho eu segurava. Nessa situação, senti os movimentos feitos pelos tendões, correspondentes à ação de enrolar algo. *Isso não era prova de fraude*, porque os movimentos simpáticos frequentemente acompanham o fenômeno puro; mas ainda assim, era um fato suspeito.

Comuniquei minhas impressões a R., mas E. P. adivinhou meus pensamentos e mostrou que estava com raiva, jogando o cordão no chão e declarando que não queria mais servir de instrumento experimental.

Então declaramos a ela que tudo aquilo que havia feito era fraude.

De repente ela ficou animada, tornando-se mais sensível às objeções, mais ambiciosa, mais no controle de si mesma, e nessas condições obtivemos alguns fenômenos corretos. Poderíamos dizer que a excitação causou o despertar de suas forças sonolentas, da mesma forma que o chicote excita o cavalo preguiçoso.

Antes da sessão, e sem o conhecimento da médium, o Dr. Richet colocou oito moedas de 5 francos empilhadas em uma cadeira localizada atrás da cortina e às costas da médium.

Cada uma delas pertencia a um ano diferente e foram colocadas por ordem de antiguidade.

Em estado de *trance* profundo E. exclama contorcendo-se: *“Io prenderò! Io prenderò!...”* e depois com raiva *“Non posso prenderle!”*

Por último; vigiada com especial atenção, e apoiada em nossos braços, ela deu um grito, após o qual uma *moeda de 5 francos* (a que estava no alto da coluna) *veio cair sobre nossa mesa*. Repetimos a experiência aplicando a testa da médium em contato com a minha; uma de suas mãos eu a segurei completamente, e fiz o mesmo com os joelhos por meio da mão que me restava livre.

Sua perna direita roçava na minha, e o Sr. R. ficava encarregado de guardar a perna oposta. Nessa situação, *outra moeda de 5 francos foi transportada sobre a mesa*.

Repetiu-se a experiência pela terceira vez, não sem antes examinar com a maior atenção as mangas do vestido e as mãos da médium, elevando-as a uma altura superior à sua cabeça, com R. e eu segurando-as em atitude de oração. *A moeda foi transportada pelo ar chegando quente à mesa*.

Outras duas moedas foram transportadas de forma semelhante, mantendo a ordem em que foram empilhadas. Logo depois, E. fez cair com

um movimento rápido executado com sua mão esquerda, segurada pelo Dr. Richet, tantas moedas quantas restavam na cadeira. Mas isto verificou-se quando a médium havia visivelmente esgotado as suas forças, razão pela qual aconselhei interromper a sessão que durou uma hora e meia.

Antes de terminar, John pediu que desse a E. a sugestão de se manter mais calma, e que tentasse controlar seus impulsos, bem como esquecer seus ressentimentos.

Eu fiz isso com a imposição de minhas mãos sobre sua cabeça.

Ao despertar, mostrou-se afetuosa com R., espantada com tal mudança, e acatando a sugestão imposta em todas suas partes.

Apesar de alguns fenômenos autênticos ocorridos no início e no final da sessão, tudo o mais foi falso e, como a série já estava durando mais de uma semana, anotei em meu diário de observações:

“Estou tão cheio de vacilações pela frequência com que se repetem as fraudes, que começo a duvidar de tudo; preciso muito de provas irrepreensíveis para destruir o ceticismo que me obceca.”

Acho que o Dr. Richet pensava da mesma maneira.

B. — *UMA BOA SESSÃO.* (A XXIV NA ILHA, NO DIA 6 DE AGOSTO 1894)

Tempo bom. E. P. está bem disposta após dois dias de repouso e distrações (1). O Sr. Bellier deveria ficar conosco, mas no último minuto concordamos que ele ficasse atrás da janela para fazer anotações.

(1) Em 6 de agosto, deixamos E. em repouso e, para distraí-la, R. deu-lhe 10 francos para ir a Hieres, onde haveria uma festa. Ela voltou extremamente feliz, dando-nos detalhes infantis do salão de baile onde foi muito bem acolhida.

7 de agosto. Costumávamos ir todas as manhãs pescar de barco, mas E. não vinha porque sentia enjoo com facilidade. Não obstante; nesse dia nós a convidamos, pois além do mar estar muito calmo, era conveniente para nós incliná-la a nosso favor, pois a experiência nos tinha ensinado que as sessões são sempre ruins, quando ela está zangada. A satisfação de poder nos acompanhar, tornou-a refratária ao balanço do barco, e ela ficou feliz pelo resto do dia. R. perdoou-lhe os pequenos excessos para evitar um conflito que pudesse prejudicar a sessão que aconteceria à noite.

Tal acordo me causou satisfação, pois se ele tivesse permanecido em nossa companhia, eu teria induzido que a mudança favorável nas sessões era produzida pelo número de participantes.

E. P. foi vestida *toda de branco*, o que permitia distingui-la no meio da relativa escuridão em que nos encontrávamos.

Aproveitando sua ausência, construímos um dispositivo para iluminar a sala eletricamente em um instante, colocando o dispositivo atrás da cortina, e não informando E. desses preparativos. Eu ofereci a ela para sentar uma cadeira de madeira com encosto completo, e ela aceitou sem um murmúrio, mas uma vez em *transe*, John pediu que fosse trocada por outra, alegando que *o corpo da médium deveria ficar descoberto o mais possível*. Ele não disse nada com referência ao branco da roupa.

9:53h — E. P. senta-se a 10 ou 15 centímetros da cortina, apoiando os pés em um aparelho registrador. Trata-se de uma caixa elétrica de fundo duplo, dividida em dois compartimentos por meio de uma divisória sólida que rebaixa significativamente as bordas para evitar qualquer comunicação mecânica entre as duas metades da caixa e os dois pedais.

Ambos os pés (descalços) de E. P. foram colocados separadamente em ambos os compartimentos da caixa. Cada pedal fica em comunicação elétrica com o fundo da caixa e com uma campainha elétrica colocada à distância. Para fechar a corrente em derivação, e evitar que a campainha soe, é necessária uma forte pressão sobre os pedais, mas a partir do momento que se tenta levantar um ou ambos os pés encerrados na caixa, a campainha não para de soar até os pés voltarem ao seu lugar. A inspeção por toque, feita de vez em quando, completa as indicações do aparelho.

As mãos da médium são seguradas pelos punhos.

Este é um meio muito simples e confortável, que, ao mesmo tempo que evita qualquer substituição de mãos, dá relativa liberdade à médium. Se a isso somarmos o toque suave entre os cotovelos de quem vigia e os da médium, será possível ficar atento a todos os movimentos que ela verifica, sem chegar a irritá-la, nos momentos de hiperestesia (que se manifesta sobretudo na região dorsal das mãos e dedos).

Uma lamparina a petróleo coberta com um abajur de papel branco ilumina a sala. A única porta que existe nela está trancada à chave e, pela fresta da janela, ouve-se o Sr. Bellier preparando seus utensílios de secretário. O aparelho dos pés é testado, observando que funciona bem.

Às 9h57, ou seja, após 4 minutos de espera, a mesa começa a se inclinar para a direita e para a esquerda, sob a pressão mecânica (provavelmente inconsciente) das mãos da médium, que estão visíveis. Esses movimentos

são as “saudações de John”. A mesa começa cumprimentando primeiro o Dr. Richet, depois eu e finalmente a médium.

9h59. — Dizemos em voz alta que para esta noite deixamos John em liberdade para conduzir a sessão, manifestando que temos preparado algo atrás da cortina, que pode ser usado para as demonstrações.

10h. — Verificação do aparelho registrador para os pés.

10h2. — A mesa move-se ligeiramente. Levantamos nossas mãos juntamente com as da médium e a mesa move-se sem tocá-la. R. inspeciona os joelhos da médium com uma mão e um joelho. *Não formamos corrente.*

10h3. — *Ocorrem dois movimentos da mesa sem contato.* Tudo é visível. *A mesa eleva-se lateralmente do lado de E. e fica suspensa no ar. Verifica-se que nenhum contato é feito com as mãos, nem com os pés, nem com a vestimenta da médium.*

E. P. pega minha mão direita e simula um movimento de atração no ar; *a mesa se aproxima.*

A experiência dos movimentos e levitações da mesa é repetida *pelo menos uma dúzia de vezes*, sempre com luz suficiente, e verificando que *ninguém toca na mesa.*

10h10. — A luz está muito fraca. O aparelho dos pés é reconhecido e funciona bem.

10h12. — Como os braços da médium (mantidos separadamente no ar) mostram uma certa tendência a avançar, estamos atentos para o caso de se realizar um transporte de objetos.

Depois de examinar cuidadosamente as mãos da médium, nós as prendemos inteiramente com as nossas.

Nessas condições, *um grande macete de madeira, pesando muitas libras, caiu sobre a nossa mesa.* Este macete estava sobre uma mesa localizada a 0,60m da cadeira de E. e do seu lado direito. O doutor Richet ditou as seguintes palavras ao seu secretário: “Antes de o macete cair, havíamos inspecionado rigorosamente as mãos, antebraços, etc. Enquanto durou a experiência, as mãos ficaram admiravelmente sustidas, sem qualquer esforço.”

Até este momento, E. P. encontrou-se em um estado de *transe* superficial, que gradual e insensivelmente se declarou.

O *transe* profundo começou no momento em que a cabeça de E. veio se apoiar na minha testa, e uma de suas mãos na cabeça de R.

Até agora, não fizemos a corrente, então sempre temos uma mão livre para completar as vistorias.

(A corrente só é necessária quando novas pessoas assistem à sessão, ou no momento de fenômenos excepcionalmente difíceis, e mesmo assim, há algumas exceções, já que em Varsóvia a levitação da médium ocorreu no meio da sala, na presença do Sr. Matuszewski e sem formar corrente).

10h20 — E. tenta direcionar seus esforços para trás, e nos pede permissão para *tocar na cortina*, o qual realiza sem que nós soltemos suas mãos. (É um hábito da médium que se presta a suposições não muito favoráveis; antes de produzir um movimento à distância, ela toca o local em questão, tanto para medir as distâncias, quanto para "magnetizar" o objeto, que sua mão dinâmica – a de John – deve pegar.)

É evidente que a mão que deve entrar em jogo há de ser a mão direita, pois *ela faz muitos esforços para se liberar*. De repente, ela se desprende, ficando presa pelo dedo *indicador* da mão esquerda do Dr. Richet.

Este incidente não nos preocupa, pois mantenho a mão esquerda de E. bem aprisionada.

Porém; a fim de afastar qualquer indício de suspeita, vou até a cortina e passo entre ela e a médium, a fim de me certificar de não haver nenhum fio ou coisa parecida.

Durante esta verificação, meu companheiro segura as duas mãos da médium.

10h24 — Volto para o meu lugar. R. não abandonou as duas mãos de E. O dispositivo para os pés funciona bem e não há nada de especial na mesa.

10h26 — E. direciona sua mão direita, acompanhada pela esquerda do Dr. Richet, lateralmente para cima. R. observa que não está com nenhum objeto na referida mão e, alguns segundos depois, *recebe um martelo pelo cabo* como se uma pessoa o tivesse entregado a ele.

Durante este incidente, a mão esquerda de E. P. permanece afastada, descansando ora em meu ombro, ora em uma de minhas mãos. (Antes de iniciar a sessão, o martelo estava localizado na mesa grande, à direita da médium e ao lado do macete). R. sentiu imediatamente por seis segundos, o contato de uns *dedos grossos*, mas esse fenômeno não nos pareceu evidente o bastante, pois naquele momento, embora eu segurasse a mão esquerda de E. P., não tinha seus dedos presos nas pontas.

10h34 — E. P. aplica minha mão esquerda no lado esquerdo de sua cabeça, dizendo que dói. (Isso significava que não deveríamos esperar nenhum fenômeno no momento, porque no suposto de se realizar, John não teria permitido tal contato). No período ápice da realização dos fenômenos, aquela região da cabeça de E. P. é sede de intensa dor, e se uma mão se aproxima, um sopro frio é percebido com grande precisão. Só nos intervalos das manifestações John permite que uma mão seja aplicada naquele local, a fim de acalmar seu *sofrimento*.

10h37 — E. P. diz que entendeu uma sugestão mental que eu dei a ela. (Isso estava correto; tratava-se de ordenar a E. P. para que, apesar de seus protestos, almoçasse na cozinha). John diz que E. P. está bem disposta hoje e anuncia que, quando o Sr. Sigdwick e sua esposa chegarem, os experimentos funcionarão, pois “o tipo de sua filha mudará”. (Ele quis dizer com essas palavras que E. P. não se comportaria mais como uma criança mimada, mas se apresentaria séria, e com aparências de uma grande dama). Embora a previsão não tenha sido cumprida em todas as suas partes, é justo dizer que *durante as sessões*, E. P. estava séria e tranquila.

10h44 — Verificação do aparelho.

10h47 — E. P. levanta um pouco o vestido. R. investigou o braço direito de E. para ver se carregava algum objeto escondido. Ambas as mãos ficam bem afastadas e seguras, E. P. geme e se contrai. (Verificação do aparelho para os pés). Fazemos corrente. Sinto que me tocam no costado, e imediatamente averíguo se os pés da médium estão no lugar, encontrando-os em perfeita disposição, assim como o aparelho registrador.

10h54 — R. segura a mão direita e a cabeça da médium, eu a mão esquerda e as duas pernas. Nessa posição, a *lâmpada elétrica colocada atrás da cortina acende-se, chegando até nossos ouvidos o choque da balança que provocou esse fenômeno*.

Face à importância desta manifestação que qualificamos de excelente, não posso deixar de indicar as condições em que foi realizada:

R. segurava a mão direita de E. P. ao mesmo tempo que apoiava sua própria testa com força, na testa dela. Fiquei encarregado de segurar com a mão esquerda a homônima de E. P., enquanto com a direita prendia o vestido atrás das panturrilhas, certificando-me de que tanto o calcanhar quanto os joelhos ficassem *envolvidos e apertados com as dobras da roupa*.

Com tais precauções, eu me pergunto como o Dr. Hodgson se arranjará para suggestionar seus colegas de Cambridge. Infelizmente, é verdade que, usando seu sistema, nunca pode haver nenhuma experiência decisiva.

A força desenvolvida atrás da cortina ascendeu a 800 gramas e, como a lâmpada não deixou de iluminar o quadro, estávamos em condições de verificar as posições a todo momento.

Em um experimento semelhante realizado em Varsóvia, foi possível medir as distâncias com exatidão.

Tratava-se de acender uma lâmpada pressionando um botão movido por uma mola. O aparelho estava colocado no chão e atrás da cortina. O experimento era realizada com luz suficiente. (Uma lâmpada a petróleo coberta com um grande abajur repousava no chão ao lado da cortina).

A mola do botão baixou e a lâmpada elétrica foi acesa. (Do botão, até a cintura de Eusápia, mediava 1m16; e até a ponta do pé direito, 1m32).

Esticando ao máximo a perna de Eusápia, *ainda faltavam 38 centímetros para chegar ao botão.*

Se em Cambridge se tivessem dado ao trabalho de inspecionar a cada momento os pés e as mãos da médium, de medir as distâncias e o comprimento de seus membros, possivelmente a maneira de ver as coisas teria mudado.

Mas isso não foi feito. Os experimentadores limitaram-se a determinar se a médium havia libertado uma das mãos ou um dos pés. Não esqueçamos que E. P. é gorducha e de baixa estatura; sua altura não excede 1m55; o comprimento das pernas é de 85 centímetros; o dos braços 62 e o dos pés 22. (O método seguido na ilha de Roubaud oferece, sobre o de Varsóvia, a vantagem de que em Roubaud o trabalho foi feito com a lâmpada acesa, enquanto em Varsóvia a lâmpada apagava no momento em que a pressão cessava.)

Seria interessante saber como John deu um jeito de *apagar a luz*. Teria sido necessário arrancar uma pequena placa de ferro doce, presa ao seu ímã. Por diversas vezes ouvimos a placa ranger, mas como a atração era forte, a distância muito pequena, e a placa móvel e suspensa pela sua parte central, acontecia que ao se desprender de um lado, adería ao lado oposto, acabando John por reconhecer sua incapacidade, não sem deixar-nos algumas evidências de sua força.

11h30 — *R. é tocado de leve através da cortina* como que para chamar a atenção. *A cortina se abre parcialmente voltada para a luz.* A médium, nós a temos inteiramente controlada. A lâmpada elétrica ainda continua acesa.

11h5 — As mesmas condições.

Mais uma vez *a cortina torna a se afastar.*

11h8 — *John diminui a luz fechando a cortina,* e a tudo isso, a médium continua perfeitamente controlada por nós.

11h10 — E. P. diz que vê as moedas de 5 francos sobre a balança. Ela está parcialmente enganada, porque as moedas estão *no chão* muito perto da balança. Trata-se, porém, de um curioso exemplo de visão “sem o auxílio dos olhos”, pois as moedas foram colocadas num canto escuro da cortina, sem que a médium o soubesse. (1)

(1) Em Varsóvia, com E. P. de olhos vendados e no escuro, realizei muitas experiências de ver letras e números, obtendo bons resultados em muitas delas.

Em vários casos, a sugestão mental não estava envolvida.

É evidente para quem tem conhecimento do conjunto de sessões ordinárias realizadas com E. P., que mesmo considerando-as inteiramente fraudulentas, é necessário reconhecer nela uma estranha e “anormal” faculdade de ver no escuro. Se a metade dos jogos de habilidade que o Dr. Hodgson censura nela fossem verdadeiros, mesmo assim permaneceria o fato de que a referida médium vê no escuro.

Não me cansarei de dizer que, esta faculdade, ela está muito longe de possuí-la em estado normal, e que só aparece no transe, assumindo duas formas diferentes; 1ª uma hiperestesia visual simples, e 2ª uma hiperestesia táctil que torna a sua pele sensível por um momento à ação da luz. Para demonstrar algum vestígio dessa faculdade durante as sessões, basta tapar seus olhos e dirigir um raio de luz sobre a pele para excitá-la, com o que é possível causar-lhe dores, muitas vezes intensas.— J. O.

Nos intervalos desta sessão, John conta-nos que, se estas experiências têm dado certo, é porque “na hora do almoço, ele fez a filha (a médium) comer bastante, pois antes das sessões ela tem o hábito de não comer nada”. Em efeito; tenho observado que as sessões realizadas após as refeições, e quando a médium ingeriu unicamente bebidas, foram medíocres e trabalhosas.

Esta sessão durou 1h30. John estava disposto a continuar, mas não concordamos, porque a experiência nos ensinou que *sessões muito longas diminuem o valor dos fenômenos.* Eu não sei a duração das sessões de Cambridge, mas a única que foi descrita em detalhes, acho que começou às 6h30, e durou até 9h8.

É verdade que na ilha de Roubaud nós nos permitíamos prolongar as sessões às vezes, (principalmente durante a permanência dos membros da S. P. R.), mas então, ou a médium era deixada em repouso por dois dias, ou então ela era colocada hipnoticamente para dormir por várias horas.

Sempre que uma boa sessão termina, E. P. fica sentada em sua cadeira e presa do maior abatimento (1).

(1) *Sua força muscular, que normalmente é de 20 quilos à direita e 25 à esquerda, e que aumenta consideravelmente durante as experiências "ajudadas por John", diminui quase a 0, para se reconstituir gradualmente após um quarto de hora ou meia hora.— J. O.*

Desejando o Dr. Richet fazê-la respirar o ar fresco, ele a pegou pelas mãos e a conduziu para a galeria externa. Ao passarmos pela antecâmara, *uma pedra passou por cima de nossas cabeças*, ricocheteou em uma cesta e finalmente caiu no chão. Tenho certeza de que neste momento a médium não fez nenhum movimento suspeito e não havia mais ninguém na casa além de nós.

C. — UMA SESSÃO DE IMITAÇÃO.

(7 AGOSTO 1894)

No dia seguinte, enquanto E. P. subia para dormir em seu quarto no primeiro andar, ficamos lá embaixo discutindo a questão da fraude. O Sr. Bellier ficou surpreso ao ouvir falar tão friamente de *fraude*, apesar de admitirmos a realidade dos fenômenos, de modo que ele expressou suas dúvidas quanto à possibilidade de produzir de forma fraudulenta umas tão brilhantes manifestações.

Eu respondi que *tudo depende das condições*. E como o Sr. B. devia participar das sessões sucessivas para aumentar o número de participantes, propus a ele iniciá-lo, para torná-lo mais apto nas experiências, determinando celebrar uma sessão de imitação, na qual eu faria o papel de médium, o Sr. B. seria o censor à esquerda e R. o da direita.

Comecei com uma levitação da mesa à meia luz. Depois de substituir os pés sem que o Sr. B. percebesse, e que R. tolerou com um sorriso, inclinei a mesa para a direita por meio de uma pressão lateral, deslizei meu pé livre sob a perna esquerda da mesa e com a ajuda de uma contrapressão com a mão esquerda por cima da mesa, a levitação foi realizada.

Pedi “*Meno luce*” dando primeiro quatro “batidas íntimas” na mesa com a ponta dos dedos e batendo depois com mais força por meio do meu pé livre. No escuro agarrei o martelo, que segurei entre os dentes, e o deixei cair logo após sobre a mesa, depois de ter tocado três vezes no costado de B., com meu pé livre. Por último, conhecendo bem a situação dos objetos colocados atrás da cortina, e tendo me aproximado um pouco daquele local, movi a balança e acendi a luz elétrica...

Nesse momento, um barulho formidável vindo do primeiro andar sacudiu nós três.

Esse ruído era comparável ao produzido por uma pessoa colérica esmurrando uma porta. Isso acontecia em meio ao silêncio da noite.

Subimos precipitadamente; entramos no quarto de E. P. e vimos que ela dormia tranquilamente na cama. Em breves momentos ela se virou um pouco em nossa direção e, em voz de *transe*, disse:

Sono io... (isto é, John).

Então ela pareceu acordar, embora apenas passasse para o estado de sonambulismo comum, e nos implorou para deixar uma bugia acesa “porque estava com medo”. Nesse novo estado de hipnose, John não intervém mais, nem se lembra do que aconteceu.

Seria um fenômeno puramente medianímico, ou seria ela mesma quem esmurrara a porta em estado de deambulação noturna, deitando-se imediatamente antes de que tivéssemos tempo de chegar?

Ela sentiu realmente por telepatia, o choque moral da brincadeira que verificamos na sessão de imitação, ou foi coincidência?

Em Varsóvia, tivemos muitos eventos espontâneos desse tipo, relatando alguns deles quando tratei da fraude inconsciente.

§ II. — AS DUAS MEDIUNIDADES E AS ORIGENS DA FRAUDE.

Os experimentadores de Cambridge admitem em seu relatório apenas duas alternativas; o *verdadeiro fenômeno* e a *fraude consciente*.

Isso é muito simplório, embora para as pessoas comuns seja suficiente, mas em uma assembleia científica, se deveria saber que as coisas são mais complicadas.

Diante de tamanha negligência dos estudiosos de Cambridge, o leitor me permitirá especificar algumas noções fundamentais.

No vasto campo dos fenômenos chamados espíritas, é preciso distinguir as seguintes categorias:

a) Fraude consciente à la William.

b) Fraude inconsciente ao estado de vigília em estado de *transe*. (Mediunidade de ordem inferior.)

c) Fraude parcial, automática.

d) O fenômeno puro.

(Mediunidade de ordem superior).

Os experimentadores de Cambridge não encontraram em E. P. mais do que a primeira categoria. Eu opino muito ao contrário, ou seja, que em E. P. todas as categorias estiveram presentes, menos a primeira. Vamos entrar em detalhes.

a) A fraude consciente não pertence à ciência, e quando não é um espetáculo público que deve ser assistido de longe, é fácil de verificar. Para isso, basta praticar uma boa revistada antes e depois da sessão, não admitir compadres e observar atentamente os movimentos do ilusionista.

Em casos simples (sem aparelhos) pode, no entanto, ser confundido com fraude inconsciente.

b) A fraude inconsciente pode ser feita tão astuciosamente quanto a simulação premeditada? Sim.

O Sr. Hartmann, ao dizer que o inconsciente não se engana, proferiu uma grande verdade. E realmente; a precisão, a destreza, a sutileza, a própria previsão das ações instintivas são geralmente mais perfeitas do que as das ações conscientes.

E, mesmo pretendendo que E. P. engana conscientemente, alguma prova dessa acusação foi dada?

Nenhuma. Nas declarações publicadas pelo *Journal of the S. P. R.* (outubro e novembro de 1895), apenas encontro, em termos de prova, a seguinte observação:

“A fraude foi usada tanto antes quanto depois do *transe* (*verdadeiro ou simulado*) fazendo-o com tanta *destreza* que certamente a pobre mulher terá precisado de muitos ensaios”.

Os experimentadores não sabem se o *transe* foi real ou simulado, o que não é de estranhar, pois não fizeram nenhum estudo médico da médium e, se não me engano, não havia entre eles ninguém acostumado às práticas do hipnotismo.

Mas, a partir do momento em que admitem a possibilidade do *transe* verdadeiro, devem também calcular que é ilógico supor a fraude *consciente* em estado de *transe*.

A fraude inconsciente oferece a particularidade de não deixar nenhuma lembrança no estado normal. Foi feita uma tentativa em Cambridge para descobrir se E. P. reteve alguma lembrança dos fenômenos após as sessões? Não. Bem; então, mesmo que fosse assim, não poderia ser aceito como prova de premeditação, porque a médium pode se lembrar dos *efeitos* produzidos, e esquecer completamente as *causas* que os originaram.

Quando várias pessoas se sentam ao redor de uma mesa e têm a paciência de esperar que as mãos aplicadas nela se cansem, tendo também a ideia fixa de obter o movimento dos móveis, sempre acabarão conseguindo uma dança completa da mesa, em razão das contrações involuntárias e inconscientes de seus músculos. Os competidores irão acusar-se uns aos outros de fraude, e é possível que todos participassem de boa fé. Na experiência do pêndulo suspenso entre os dedos, é o mesmo sujeito quem se engana, acreditando que o pêndulo oscila por si mesmo.

(1)

(1) Dr. Ochorowicz mostra-se talvez um pouco exclusivo aqui. O leitor que gosta de se aprofundar no assunto deve ler as obras de Reichembach, que traduzi e que serão publicadas pela editora Carré. — A. R.

Nas experiências interessantes de *Cumberlandismo* ou aparente adivinhação do pensamento, não é o mágico quem engana. Ele adivinha o endereço, ou a pessoa, de acordo com as indicações inconscientes de nossos músculos. Essa inconsciência às vezes vai mais longe. Uma senhora, que me jurava não fazer o menor sinal inconsciente, indicou-me com um dedo o lugar onde estava escondido o objeto que eu procurava, enquanto fazíamos experimentos sobre *Cumberlandismo*.

Fingi não notar a indicação, procurando um pouco mais para cima, mas seu dedo fez um sinal negativo.

Abaixei-me um pouco, e a mão disse *Sim*. Por último, curvou o dedo como se tentasse levantar o copo sob o qual estava escondido um pequeno pedaço de papel. Nem preciso dizer que o encontrei.

— Isso é extraordinário! — falava a senhora, — porque estou certa de não ter feito a menor indicação.

Foi uma sorte para esta senhora, pessoa inteligente e conscienciosa, não ter se submetido a um estudo semelhante ao de Cambridge, porque a teriam descrito como uma trapaceira.

O Dr. Lodge recorda um pequeno incidente ocorrido na ilha de Roubaud sobre o qual darei alguns detalhes, pois apesar de seu caráter infantil, é muito instrutivo e não chegou a ser suficientemente compreendido.

No dia seguinte a uma sessão pesada (22 de julho), E. P. ligou apressadamente para os doutores Lodge, Myers e para mim, dizendo-nos “que tinha ouvido batidas na mesa”. Partimos para onde estava a médium e, quando lá chegamos, ela estava ao lado de uma grande mesa invertida, repetindo-se as batidas.

Foi-nos difícil verificar se era a própria E. P. quem dava batidas com a bota, e quando a questionamos sobre o assunto, ela recuou um pouco, negando o fato.

“É estranho, dizia ela; *algo empurra meu pé em direção à mesa. Escutem! Escutem!...*” Ela estava tão certa do “fenômeno” que insistiu para que eu amarrasse meu pé junto ao dela por meio de uma corda; e assim que a amarração foi feita, senti que ela puxava a corda, torcendo seu pé para bater na mesa com o calcanhar.

Isso era evidente para todos, menos para ela, e quando eu disse a ela que não era importante e que nem valia a pena continuar, ela encolheu os ombros por toda resposta, como se estivesse fazendo uma brincadeira.

Em Varsóvia observei por meio de aparelhos elétricos que quando E. P. permanece imóvel por alguns minutos, ela perde a sensibilidade nos pés e, nesse caso, realiza vários movimentos desordenados sem o perceber.

Quando esses movimentos ocorrem durante uma sessão, poderiam parecer suspeitos, pois *decorrem das representações motoras que prevalecem na imaginação da médium em determinado momento.*

Já vi alguns médiuns darem murros na parede, pretendendo que era o “espírito” quem esmurrava.

Um estudante de direito, médium de ordem inferior, esbofeteou-se na presença de várias pessoas, e insistiu em nos convencer de que era o espírito de Xantipa, mulher de Sócrates, quem lhe dera a bofetada.

Essas coisas podem ser muito engraçadas, se quiserem, mas são *fatos psicológicos* que é interessante conhecer antes de entrar no estudo da mediunidade superior.

Uma noite, E. P. dormia em Varsóvia, num quarto ao lado do nosso. Eu ainda não tinha dormido, e de repente ouvi que ela se levantou e com os pés descalços veio até a porta do nosso quarto. Chamei furtivamente minha senhora que estava dormindo, e nós dois ficamos à espreita.

Momentos depois, ela abriu a porta com cuidado, caminhou até o toucador de minha esposa, abriu uma gaveta, fechou-a de novo e saiu silenciosamente.

Imediatamente nos vestimos e entramos em seu quarto, encontrando a médium dormindo profundamente. A luz da nossa bugia pareceu acordá-la, e então perguntamos a ela: “O que você veio buscar no nosso quarto?” respondendo-nos com ar de surpresa não ter saído de seu lugar.

Vendo a inutilidade de um interrogatório mais longo, voltamos para a cama, recomendando-lhe que dormisse tranquilamente.

No dia seguinte fiz-lhe a mesma pergunta e, com evidente espanto, ficando até com as faces coradas, ela me respondeu: “Como eu iria me atrever a penetrar à noite em seu dormitório!”

Essa acusação foi muito dolorosa para ela e tentou nos persuadir com todos os tipos de razões de que estávamos errados. Negou tudo; e admito que ela nem se lembrava de ter se levantado *ou falado conosco*.

Peguei uma pequena mesa, fazendo com que E. P. aplicasse as mãos sobre ela.

— “Está bem (disse); John dirá a vocês que não estou mentindo.”

As perguntas que fiz foram as seguintes:

— “Foi você, John, quem penetrou no nosso quarto ontem à noite?”

— Não.

— Foi a camareira? (Sugeri expressamente essa ideia para testar a veracidade de John).

— Não; (repetiu).

— Foi a médium?

— Sim; (disse a mesa). “Não, isso não é verdade” exclamou E. P. vendo frustradas as suas esperanças.

— “Sim!” a mesa respondeu com força.

— Estava em estado de *transe*?

— Não.

— Em seu estado normal?

— Não.

— Em estado de sonambulismo espontâneo?

— Sim.

— Para qual propósito?

— *Para ir buscar fósforos, porque estava com medo enquanto sonhava, e não queria dormir sem luz.*

E realmente; na gaveta que E. P. abriu, havia sempre uma caixa de fósforos, exceto naquela noite, motivo pelo qual ela teve de sair do quarto sem conseguir seu propósito.

Às explicações dadas pela mesa, E. P. não protestou.

Eis então uma mulher que é capaz de se encontrar de um momento para o outro em um estado psíquico completamente diferente.

É justo acusar tal criatura de ter cometido fraude premeditada, sem antes fazer nela um exame médico e psicológico?

c) Vejamos agora uma categoria que deve ser de especial interesse para nós. Trata-se da fraude *aparente*, parcial ou incompleta, movimentos automáticos suspeitos embora não fraudulentos.

Em Cambridge, eles verificaram que deixando E. P. fazer o que quisesse, ela tenta *liberar a mão*. Isso já era conhecido, embora por muito tempo ela não tivesse permissão para usar essa liberdade.

Depois de ter liberado sua mão, sempre faz dela um uso fraudulento? Os experimentadores de Cambridge tentam fazer-nos acreditar nisso, embora sem nos dar provas suficientes e sendo, no entanto, vítimas de um erro.

Assim, por vezes, a mão liberta alcança o objeto que tem em mira, o qual toca, levanta ou transporta previamente, *mas nem sempre*. No primeiro caso, é a fraude inconsciente completa, no segundo, é a fraude inconsciente incompleta, verificada em Varsóvia, na ilha de Roubaud e desconhecida em Cambridge. Vejamos alguns exemplos:

1.º Na sessão realizada em Varsóvia em 17 de dezembro de 1893, os óculos do Dr. Mayzel foram removidos enquanto ele zelava a médium do lado esquerdo. Esses óculos chegaram até o Dr. Dunin, também sentado à esquerda, embora um pouco mais distante. No momento em que o Dr. Dunin tentou pegar os óculos, estendeu a mão e apanhou a mão esquerda de E. P. Ela, sem discutir, pediu luz e, uma vez acesa, constatou-se o seguinte:

Que o Dr. Dunin segurava a mão esquerda de E. P. com a direita do Dr. Mayzel, que não a afastou nem por um instante.

Que a mão direita estava muito afastada e sendo segurada pelo guarda da direita, Dr. Harusewicz.

Que no momento de retirar os óculos, a mão de E. P. fez um ligeiro movimento ascendente, embora SEM SAIR DA MESA e sem abandonar o seu zelador.

Que no momento de passar os óculos ao Dr. Dunin, a mão esquerda da médium *avançou* naquela direção, embora sem alcançar o doutor D., e sem deixar o doutor M. Nesta ocasião foi apanhada pelo doutor D.

Consequentemente, *houve uma aproximação da mão da médium em relação ao objeto de mira*, embora sem possibilidade de contato imediato.

2.º No dia 27 de dezembro, deitei-me embaixo da mesa e segurei os dois pés de E. P. Momentos antes da levitação da mesa, o pé fez um movimento para se libertar. Apertei-o mais um pouco e ele parou, mostrando que estava hiperestesiado. Afastou-se novamente sem que eu o impedisse e, quando alcançou a perna esquerda da mesa, imediatamente voltou ao seu lugar original, acontecendo então a levitação. O pé da médium estava frio.

3.º Na sessão realizada em 25 de setembro em Carqueiranne, eu me coloquei de novo sob a mesa. O piano foi colocado atrás e à esquerda da médium. A certa altura, ela ensaiou liberar o pé esquerdo e, embora eu não tenha oposto nenhum obstáculo, continuei a segurá-lo levemente. O pé moveu-se alguns centímetros na direção do piano e, quando voltou ao seu lugar, estava frio (então anunciei um fenômeno à esquerda). O pé contraiu-se com força; e a cada movimento do calcanhar correspondia uma nota emitida pelo piano. Se eu tivesse deixado o pé livre, como faziam em Cambridge, poderia acreditar que E. P. era quem batia com ele nas teclas.

Há ainda outro tipo de fraude inconsciente parcial em E. P., e é o *desdobramento de sua mão*, entendendo com isso que a mão que atua nos fenômenos é sua mão material, enquanto sua mão mediúnica é aquela que fica em relação com o seu guardião.

Em certa ocasião, o Dr. Richet e eu estivemos em contato prolongado com *três* mãos da médium. John começou a rir, querendo dizer que o que havíamos tomado pela terceira mão da médium era a mão dele. Este fato foi observado uma vez em Varsóvia, e mais tarde foi repetido em Nápoles, na presença do Sr. Chiaia.

Aqui está o que o referido senhor me escreveu:

“Em 10 anos de experiências realizadas quase diariamente com E., algumas vezes obtive resultados nulos e até contraditórios.

No início de meus estudos, minha fé sofreu duras provas, até que pude me convencer da boa fé de E. que nada mais é do que um instrumento absolutamente passivo da força oculta e inteligente que a assiste, *e que se faz chamar de John* (1).

(1) A meu ver não é uma pessoa alheia à médium, nem uma força independente, nova e oculta, mas um estado psíquico especial que permite que o dinamismo vital da médium (corpo astral, para os ocultistas) atue à distância em condições excepcionais. Esta é a única hipótese que me parece necessária, no estado atual de meus conhecimentos. — J. O.

Essa força ou espírito, chamem-lhe o que quiserem, pode produzir diretamente os diversos fenômenos físicos, *do momento em que encontrar condições mediúnicas favoráveis*: caso contrário, às vezes serve-se dos braços e das mãos da médium *apenas para não cansá-la demais.*”

O Sr. Chiaia cita entre vários fatos, os seguintes:

Pensando ter sentido a mão de E. P. na sua, ele viu o braço da médium em liberdade. Pega-o; e no instante, E. sofre um sobressalto momentâneo, mas permanece imediatamente imóvel e impassível, pretendendo fazer acreditar que não se mexeu.

O Sr. Chiaia a repreende um pouco, ameaça abandoná-la, etc., então ela entra em *transe*, e John explica que era a mão fluídica dele que estava em contato com a do Sr. Chiaia, enquanto a mão material da médium lhe servia para produzir os contatos, *poupando-se assim do trabalho de materializar sua mão*. Então ele me propôs (diz Chiaia) segurar *ambas* as mãos de E. entre uma das minhas, e erguer meu braço no ar, mas assim que o fiz, senti *uma mão pegar com força as pontas dos meus dedos, puxando-os para cima*. (Escrito em 2 de outubro de 1895).

A declaração franca do Sr. Chiaia despertou a ambição da médium, impedindo John de produzir um fenômeno correto.

Vamos agora especificar a questão essencial? *Por qual motivo a médium de vez em quando tenta libertar sua mão?*

Na opinião dos experimentadores de Cambridge, a causa é muito simples e sempre a mesma; ela solta a mão para trapacear; mas, na realidade, as causas são múltiplas e complicadas:

1.º Em primeiro lugar, digamos que E. P. às vezes deixa a mão em liberdade para tocar sua cabeça, que nos momentos das manifestações é

sede de dor. Tal movimento, que é um reflexo natural, constitui um hábito inveterado em E.

2.º Imediatamente antes do desdobramento mediúnico, sua mão torna-se hiperestética e, conseqüentemente, a pressão de uma mão estranha causa-lhe dor, principalmente na região dorsal. Pelo mesmo motivo, procura colocar a mão que deve ser mediunicamente ativa, *por cima* da mão do guardião, evitando ao máximo o contato. Quando o desdobramento é completo, e a mão dinâmica está mais ou menos materializada, a mão da médium contrai-se e repousa com força sobre a do zelador, até que chega o momento do fenômeno.

Neste caso, fica quase insensível e contraturada. Quando há boas condições mediúnicas, o desdobramento é fácil, e a hiperestesia inicial é de curta duração, circunstância em que a médium permite que suas mãos e pés fiquem completamente controlados.

3.º De acordo com as leis psicológicas, a mão sempre vai automaticamente na direção de nossos pensamentos (*Cumberlandismo*). Um médium funciona por autossugestão, e a ordem de direcioná-la para um determinado ponto é comunicada por seu cérebro, tanto à mão dinâmica quanto à corporal, pois em estado normal, ambas as mãos formam apenas uma.

E como imediatamente após a hiperestesia inicial, seu sentido muscular fica entumecido e a mão fica embotada, acontece que a mão dinâmica permanece em seu lugar, enquanto a mão corporal vai na direção do objeto de mira.

Como a primeira mão não está materializada, ela apenas produz um simulacro de pressão, e qualquer pessoa perceberá, pelo tato, a ausência da mão da médium ao lado da do vigilante. Ao mesmo tempo, a mão da médium vai na direção do objeto, *e mesmo que realmente não chegue a tocá-lo, poderá atuar à distância por meio de uma prolongação dinâmica*.

Assim é como eu me explico os casos em que, tendo deixado a mão em liberdade, não conseguiu alcançar o objeto de mira, por estar fisicamente inacessível, e ainda assim, o fenômeno se realizava, parecendo que seu braço se prolongava, agindo de forma invisível e *mecanicamente*.

As inúmeras experiências realizadas em Varsóvia, em plena luz, com uma campainha pendurada, com bússolas de diversos formatos, com uma mesinha de alguns centímetros, etc., foram realizadas com a médium

mantendo as mãos afastadas daqueles objetos, tendo-se provado que não houve qualquer intervenção: corrente elétrica, cabelos, fios, nem nada que pudesse dar uma explicação mecânica do fato.

Aproximar a mão do ponto indicado pelo pensamento é ainda uma ação reflexa, instintiva e inevitável, se não houver obstáculos. Para conseguir detê-la é necessário: ou um obstáculo mecânico (o vigilante), ou uma barreira psíquica (a atenção do médium suficientemente excitada).

4.º Independente da hiperestesia cutânea inicial, o processo de desdobramento é acompanhado de dor, e requer certo acúmulo de forças nervosas. Quando o médium está aniquilado, ou tão somente se está negligente, isto é, quando não verifica um esforço *especial* com sua vontade sonambúlica, tentará deixar sua mão em liberdade, fazendo-o com a maior destreza, e cometerá fraude, *porque isto lhe causa menos cansaço e porque lhe é permitido.*

Visto que o fenômeno verdadeiro é acompanhado de dor, por que não evitá-la, quando há zeladores tão complacentes quanto o Dr. Hodgson?

Tal é a lógica do inconsciente do médium que, embora não seja moral, está de acordo com a fisiologia. Digamos de uma vez por todas, *sem uma especial excitação contrária, própria ou alheia, o médium enganará sempre, automaticamente, tanto no estado de vigília como no estado misto:*

Quando em Varsóvia seguimos o conselho do nosso amigo Dr. Glowacki que se propôs a libertar a médium para melhor descobri-la, perdemos o tempo inutilmente; e na ilha de Roubaud obtivemos bons fenômenos depois de declarar a E. que ela estava nos enganando.

§ III.— DO QUE DEPENDE O VALOR DAS SESSÕES.

É impossível analisar em um estudo relativamente sumário, as influências que podem modificar a ação de um médium. Espero, no entanto, destacar os principais agentes que para isso contribuem.

A) OS PARTICIPANTES.

1) O melhor número de participantes nas sessões de E. é entre 5 e 8. Se meus ensaios dinamométricos não me enganam, a razão é que em toda sessão, os participantes perdem uma parte de sua força. *A soma das perdas*

individuais corresponde mais ou menos à força média de um homem, criando assim, à custa dos presentes e da médium, um organismo dinâmico à parte. Com uma só pessoa dificilmente se obtêm resultados (em Eusápia); duas se cansam muito, e cansam igualmente a médium; com 5-8 a perda é compartilhada moderadamente e a médium fica menos esgotada. Um número maior é prejudicial, devido às dificuldades em alcançar uma certa harmonia entre os participantes (ou o que os magnetizadores chamam de estado de relação). Um grupo numeroso dificulta a unidade na verificação.

Nas sessões mediúnicas, a pessoa mais experiente deve assumir a direção dos estudos.

2) Os participantes não devem estar doentes, cansados, com sono, etc. Uma pessoa fraca ou exausta apropria-se da energia daqueles que formam a cadeia, ao invés de fornecê-la a John para produzir fenômenos. Ele costuma eliminar as pessoas que estão com sono, embora do ponto de vista da fraude, sua presença devesse ser mais conveniente para ele.

Uma atividade moderada (falar) favorece as manifestações. Devem ser evitadas as exclamações, discussões vivas e qualquer coisa que possa perturbar o estado psíquico da médium por virtude de elementos emotivos. Em geral, *não é conveniente falar com o médium*, a não ser para fatos importantes de investigação.

3) A fé não é absolutamente necessária. O que é indispensável é uma certa benevolência e, sobretudo, imparcialidade (1). Porém, não se pode negar que a fé favorece as manifestações.

(1) Durante os vários anos que temos dedicado aos estudos teórico-práticos de psicologia transcendental, tivemos a oportunidade de observar que o ambiente moral que se respira no círculo influencia sobremaneira a produção dos fenômenos.

Um grupo sem preconceitos, amando a verdade acima de tudo e disposto a fazer observações de boa fé, está em uma posição muito boa para obter manifestações surpreendentes. Isso pressupondo-se que o instrumento (médium) não seja de corda bamba.

É conveniente que quem se dedica a esse tipo de estudo não cultue a egolatria, seja blindado de simplicidade e modéstia e jamais abandone o livro da lógica.

Embora os fenômenos às vezes tenham um aspecto físico, o motor que os produz é de ordem moral. Busque-se a gênese destas manifestações e encontrar-se-á na energia radiante que nem sempre pertence aos participantes, mas que por vezes se revela patrimônio de um invisível, que se torna visível, tangível e experimentável, com os seus admiráveis testemunhos de inteligência superior. — V. MELCIOR.

Lembro-me dos resultados obtidos em duas sessões consecutivas realizadas em Varsóvia; em uma, participava um grupo de médicos céticos, na outra, um grupo de espíritas.

A última destacou-se pela riqueza, força e evidência dos fenômenos.

O médium frequentemente exclama "me ajudem!" e é necessário ser muito pouco observador para duvidar da sinceridade desse grito. E como ele deve ser ajudado? Através do pensamento e sentimento benevolentes, unificando esforços mentais em direção ao mesmo objeto. O que seria a mediunidade superior, senão uma criação psicofísica coletiva?

4) Um ponto muito importante que deve ser levado em consideração nas sessões é que *não convém forçar demais a investigação nos primeiros momentos*. O médium precisa de certa liberdade para entrar em *transe* e desenvolver sua ação. Se desde o início fica muito imobilizado, se é assediado com olhares, acompanhando seus mínimos movimentos, corre-se o risco de perder o tempo, pois o médium fica assustado e enervado inutilmente. Por outro lado; tal modo de agir prova o completo desconhecimento da mediunidade, pois *os primeiros fenômenos mediúnicos são sempre de ordem inferior*, ou seja, consistem apenas em contrações inconscientes dos músculos. Por isso, convém dar ao médium todo o tempo necessário para que ele passe pelas diversas fases do desdobramento fisiológico, que constituem o processo da mediunidade e são:

a) Desdobramento entre o cérebro e os centros automáticos.

b) Desdobramento entre a consciência e as representações ou autossugestões sonambúlicas.

c) Desdobramento entre os membros e seu correspondente dinamismo.

Antes de chegar a este último ponto, que constitui o núcleo da mediunidade superior, o médium deve necessariamente enganar, pois não percebe seus membros, ora hiperestéticos, ora insensíveis, nem a diferença que existe entre um movimento executado à distância e um movimento direto. Pouco a pouco o desdobramento aumenta, as diferenças subjetivas se acentuam, e aí então é quando os reflexos e as extremidades já podem ser monitorados. Quando se procede assim, o desenvolvimento dos fenômenos ocorre com mais limpeza.

No instante em que os fenômenos verdadeiros aparecem, o médium aperta convulsivamente a mão de seu zelador para que ela não escape. Porém, às vezes, sua atenção está distraída na produção do fenômeno, e ele

só exerce pressão *depois*, para demonstrar que sua mão está em seu verdadeiro lugar, *mas isto não é uma prova de substituição*.

A partir do momento em que parece que começaram as verdadeiras manifestações mediúnicas, *não é prudente soltar a mão*, pois além de correr o risco de não obter nenhum resultado sério, o médium é estimulado a desenvolver certos costumes que tendem a se repetir indefinidamente.

Assim é que se procedeu em Cambridge. Depois de tê-la viciado por uma longa aplicação do método dos Srs. Torelli, Reichman e Hodgson, eles ficam surpresos de não se obterem resultados felizes com os métodos sérios de investigação.

Certos médicos daqueles que em Varsóvia seguraram as mãos de E. P. o fizeram com tanto rigor que, no dia seguinte à sessão, ela tinha os cinco dedos do vigilante impressos em sua mão. Tal exagero, além de brutal, é inútil.

5) Depois de ter viciado a médium ao conceder-lhe uma permissão sistemática para trapacear, os sábios de Cambridge ainda inventaram um meio de elevar o nível dos fenômenos. Este meio era a *franqueza*. Infelizmente, eles não puderam aproveitar e E. P. deixou Cambridge.

Já disse, ao falar das experiências em Varsóvia e na ilha de Roubaud, que se depois de uma má série tivemos excelentes sessões, foi pela lhanza que usamos com E. P., dizendo-lhe que estava fazendo trapanças. Essa sinceridade de nossa parte foi o ferrão que despertou sua ambição e zelo, e a partir de então ela ficou mais atenta aos seus movimentos reflexos.

Não se deve esquecer que até agora não tivemos médiuns educados ou dirigidos cientificamente por pessoas competentes e de reconhecida probidade. Todos os médiuns se desenvolveram nos círculos espíritas, mais ou menos crédulos, e os procedimentos de observação utilizados nessas assembleias não se distinguem por sua severidade.

Por isso, nada tem de surpreendente que a mediunidade de ordem inferior, ou seja, a fraude inconsciente, prevaleça no repertório e nos hábitos do sistema nervoso dos médiuns.

Eliminar esses maus hábitos, cultivar o sentimento de probidade e exatidão, tais são as metas que os homens sérios que tratem de lidar com a mediunidade devem estabelecer. Mas tais fins nunca podem ser alcançados pelo método empregado em Cambridge.

6) Depois de reconhecer que um médium nada mais é do que um espelho que reflete e dirige as ideias e as *forças* nervosas dos presentes para um fim ideoplástico, não é de estranhar que a *sugestão* desempenhe um papel importante nesta matéria. Não há dúvida de que os assistentes podem sugerir ao médium o ato desejado, e não é difícil que as manifestações tomem o caráter das crenças que dominam no círculo.

Eu vi "John" em uma sociedade de materialistas, dissolver-se em uma força impessoal que a médium chamava simplesmente de "esta força", enquanto em círculos espiritualistas íntimos, tomava a forma de pessoas falecidas.

Da mesma forma, em meio a investigadores imbuídos da ideia de fraude, como os Srs. Hodgson e Maskelyne, *o médium ver-se-á submetido ao império de uma sugestão de fraude*. J. Page Hopps, que já havia vislumbrado essa influência, não estava longe da verdade.

Pelas razões acima podemos explicar em grande parte as infelizes sessões de Cambridge.

Lendo o famoso protocolo do Dr. Hodgson, fiquei impressionado com a regularidade mecânica de seu conteúdo.

Já fiz 80 sessões com E. P. e nunca vi nada parecido em nenhuma delas.

O Dr. Hodgson conta que ao sentir a mão da médium escapar, anunciava o fenômeno, e que este ocorria imediatamente, voltando a mão então ao seu lugar original. A mesma coisa acontecia com o pé.

Mas é preciso dizer que as profecias do Dr. Hodgson eram acompanhadas de cumplicidade; primeiro, porque tolerava a fraude e depois, porque a sugeria com as suas ideias preconcebidas.

Mas, seria possível admitir que E. P. seja capaz de sentir a influência da *sugestão mental*?

Sem dúvida, e os estudiosos de Cambridge perderam uma oportunidade maravilhosa de experimentar com um interessante sujeito.

Veja, entre outras, as seguintes evidências que registrei em minhas anotações de Varsóvia.

06 de Dezembro de 1893.

Após a sessão realizada ontem à noite, E. P. diz que está exausta. "Até o cabelo me dói", repetia, e para lhe dar algum descanso, procurei fazê-la dormir numa poltrona.

Quando uma das minhas mãos pousou em sua cabeça, senti um sopro frio. A aproximação de uma das minhas mãos aos seus joelhos produziu em mim a mesma impressão. (Sinal de esgotamento).

Após 10 minutos, ela adormeceu tranquilamente, embora fosse muito sensível à luz, como é típico do estado misto.

— "*Você teve um desgosto*", ela me disse. (Era exato).

Então passei minhas mãos por trás de sua cabeça, aproximando-se esta do local onde estavam colocadas. Diminuí a luz e cobri os olhos da médium com um lenço. Todos os movimentos que fiz, foram reproduzidos por E. P.

a) Apoiei a mão na testa (E. repetiu o movimento).

b) Cruzei os braços. (Mesma imitação).

c) Afastei meus braços, e a médium fez o mesmo, *no exato momento em que acabava de formular este ato em meu espírito.*

d) Bati de leve nas costas da minha mão com um dedo da mão oposta. Não houve uma imitação completa, mas sua mão seguiu os movimentos da minha.

— "Chega, (disse ela), me acorde, porque já estou me sentindo bem."

Eu a acordei, dando-lhe passes cruzados sobre a cabeça. *Não guardou nenhuma lembrança das experiências praticadas, ignorando que havia adormecido.* Acreditava apenas que uma das minhas mãos havia sido aplicada em sua cabeça para aliviar a dor.

24 de Dezembro.

Eu a faço dormir e, enquanto isso, penso "daqui a alguns minutos mando mentalmente que ela se levante, mas por enquanto é melhor cuidar da *saúde* dela". Pouco depois de continuar com os passes, E. P. *levanta-se* e diz: Banho... um pouco frio... 16.º 17.º (conta nos dedos)... 15 minutos; depois esfregar o corpo muito bem... bom... feliz... dormir...

Sigo pensando. "Você pode *levantar uma mesa* nesse estado?"

Alguns minutos depois, ela estende o braço e aproxima um pequeno tripé; aplica a mão em cima dele, provoca alguns movimentos por pressão mecânica inconsciente e rejeita o tripé com desgosto.

Sabendo como é fácil provocar a fraude por sugestão na mediunidade de ordem inferior, o Sr. Aksakof me perguntou se eu achava possível que fenômenos puros pudessem ser realizados pelo mesmo mecanismo. Respondi que, neste último caso, a sugestão *direta e particular* é perigosa e

que os resultados positivos que obtive foram *no sentido de fraude*. Forçada pela sugestão, a médium engana. Porém, quando é sugerida para uma sessão futura, sem especificar o momento em que o fenômeno ocorrerá, a experiência quase sempre dá bons resultados.

7) Formado e harmonizado o círculo de participantes, *não deverá sofrer nenhuma variação durante uma série de sessões*. Seguindo esse método, as manifestações se desenvolvem cada dia mais, progredindo em força e intensidade. Por consequência: se os indivíduos que compõem o círculo tiverem paciência para esperar, poderão poupar-se uma porção de medidas penosas para eles e para a médium.

Já fiz essa observação, primeiro em Roma e depois em Varsóvia, embora os experimentadores de Milão (1892) já tenham notado que, com as mesmas pessoas persistindo no círculo, os fenômenos eram obtidos em plena luz, enquanto no início da sessões só era possível obtê-los no escuro.

Quando uma nova pessoa é introduzida no círculo, deve-se ter cuidado para que, ao se aproximar do médium, o faça gradualmente, pois, caso contrário, corre-se o risco de os fenômenos diminuírem em importância.

Se frequentemente um novo participante é introduzido no círculo, em vez de avançar de A. para Z., repete-se o A. B. C. etc.

Em Cambridge a composição do círculo foi variada várias vezes.

8) Considero que nessas sessões constitui uma medida muito apropriada averiguar se entre os participantes há alguém sensível ao hipnoscópio. Procedendo assim, elimina-se a possibilidade de alucinações e tem-se um bom critério para julgar o valor relativo das sensações experimentadas no círculo.

Assim por ex., em Varsóvia verificou-se que as pessoas hipnotizáveis sentiam o contato de *uma mão*, onde havia apenas um contato indefinido, e vice-versa, conforme as sugestões ambientais ou as autossugestões. Quando uma ideia preconcebida domina no círculo, a pessoa sugestionável verá e sentirá de acordo com essa ideia.

Se um dos assistentes for facilmente hipnotizável, adormecerá com frequência, e então será aconselhável eliminá-lo da corrente, a menos que se trate de torná-lo um auxiliar sensitivo, mas nesse caso ele não *deve permanecer perto do médium* mais do que momentaneamente, porque absorveria as forças destinadas a este último (1).

(1) Não acredito que esta afirmação seja totalmente exata, pois observei o contrário muitas vezes. — A. R.

Quando a assistência é muito grande (6-8) ele pode ser colocado *na outra ponta da corrente vis-à-vis* do médium.

Dois médiuns nunca devem ficar um ao lado do outro, pois certamente enganariam.

Convém notar que os sensitivos têm grande aptidão para os contatos mediúnicos, e que entre os refratários há alguns que, à parte da sua boa ou má disposição teórica, não experimentaram nenhum contato.

B. — O MÉDIUM.

1) O desenvolvimento dos fenômenos superiores requer boa saúde por parte do médium.

A menstruação é a causa de atraso no aparecimento dos fenômenos e de uma grande frouxidão, uma vez obtidos.

2) O mesmo deve ser dito para a *fadiga muscular*.

3) *O esgotamento nervoso* suprime os fenômenos puros e predispõe à fraude reflexa. As sessões não devem durar mais de uma hora e meia a duas horas, deixando um intervalo de 1 a 3 dias entre as sessões.

4) O *fastio* causa fraude por negligência, e daí a necessidade de buscar distrações que coloquem o espírito em boa disposição.

5) Imediatamente antes de uma sessão, parece que é prejudicial dormir com *sono* natural. O sono hipnótico dispõe bem. Não seja confundida a hipnose com o *transe*, pois são coisas diferentes.

6) *A dieta*. Antes de uma sessão, o médium não deve comer nem beber nada. Todas as sessões continuadas após o intervalo dedicado à alimentação, foram apenas medíocres.

7) O *vestido* deve ser leve e confortável. Convém retirar tudo o que aperta a pele (espartilho, botinas abotoadas, etc.) porque na hora das hiperestésias a médium sofre, e para diminuir o sofrimento engana instintivamente.

C. — CONDIÇÕES EXTERNAS.

1) Tanto a temperatura quanto as condições atmosféricas parecem não ter influência, exceto em casos extremos, ou então indiretamente devido à influência psíquica. A lua cheia parece ser favorável.

2) A influência da luz vermelha ou amarela na mediunidade é nula ou pouco menos.

Em Varsóvia foram realizados experimentos com luz azul, obtendo-se bons resultados.

§ IV. — A OBRA DE CAMBRIDGE.

Analisando as condições indicadas, parece-me impossível não obter boas sessões com E. P.

Mas não se deve esquecer que *a fraude é tão anexa à mediunidade quanto a simulação para o hipnotismo.*

Para adormecer é necessário, em primeiro lugar, simular o sono, e tanto nas alucinações positivas quanto nas negativas, assim como nas mudanças de personalidade e nos crimes de laboratório, há grande parte de simulação.

A paralisia e a anestesia sugeridas, sendo *psíquicas*, será que no fundo não são simuladas?

Isso não impede a existência de uma grande diferença entre a – simulação inconsciente e a – consciente.

Da mesma forma, a mediunidade de ordem inferior nada mais é do que uma forma de se enganar a si mesmo e aos outros. Na escrita automática, p. ex., uma parte de nossa consciência propõe as perguntas, e a outra, as respostas; uma parte do nosso entendimento pede um movimento, e a outra o executa; uma é alegre, a outra melancólica; uma acredita em tudo; a outra zomba de tudo; uma engana e simula, mas a outra permanece sincera.

Esta mistura aparece tanto nas manifestações elevadas do hipnotismo quanto nas da mediunidade, mas isso não impede que ao lado da *sugestão mental aparente* figure a *sugestão mental verdadeira*, e ao lado da *escrita automática*, o seu grau mais alto, ou seja, a *escrita direta*.

Saber *decompor os elementos*; tal é o problema do observador que assiste às sessões medianímicas.

Será que Cambridge fez algum esforço nesse sentido?

Infelizmente não, pois enquanto em Milão, Varsóvia e na ilha de Roubaud foram feitos esforços para introduzir algum aprimoramento no estudo desses difíceis problemas, em Cambridge apenas encontraram o meio para ter com E. P. uma série de sessões fraudulentas "do começo ao fim"; mas este infeliz resultado não foi obtido por seus predecessores e nem por seus sucessores.

No entanto, se os relatórios que tenho são exatos, algumas das *primeiras* sessões (antes da chegada do Dr. Hodgson) foram aparentemente boas, chegando até a provocar o entusiasmo de vários participantes. Por que o relatório não menciona essa circunstância?

Por outro lado, o Dr. Lodge, que esteve presente em duas das sessões que se seguiram à *descoberta* do Dr. Hodgson, declarou que em uma delas ele acreditou verificar algum fenômeno verdadeiro. Por que nenhum detalhe dessa experiência foi comunicado?

Mistérios da sugestão! A sugestão do Dr. Hodgson é tão forte que ele não vê, pensa ou lembra de nada além daquilo que venha confirmado por ela.

Vejam alguns exemplos:

1) Uma caixinha de música é colocada no chão, atrás de E. P. e muito perto de um de seus calcanhares (por que muito perto?) As mãos da médium são seguradas pelo Dr. Hodgson à direita e pelo Dr. Sigdwick à esquerda. Este último também sustenta a cabeça de E. P., e a esposa, do Dr. Sigdwick, colocada no chão, segura-lhe os dois pés com as mãos.

A caixinha começa a tocar e a Sra. Sigdwick anuncia que percebe a mão de "John" girando a manivela.

Até aqui tudo está claro, mas infelizmente essa relação registrada no documento original contradiz a teoria do Dr. Hodgson.

No dia seguinte (na introdução do artigo afirma-se que os parênteses foram adicionados um e dois dias depois) o Dr. Hodgson acrescenta o seguinte parêntese:

«*(after the phenomenon.)*»

Este parêntese foi adicionado após uma frase que faz o leitor acreditar que a mão direita de E. P. não se moveu de seu lugar, mas com esse acréscimo, sugere que a mão direita de E. P. não ocupou seu verdadeiro

lugar enquanto o fenômeno estava ocorrendo, mas ocupou-o *depois* de realizado.

Imediatamente, a Sra. S. acrescenta uma nota na qual ela assume que foi acidentalmente tocada por uma mão (ela não menciona mais a mão de John).

E numa terceira nota (após dois dias?) o Dr. Hodgson declara que E. P. foi vista inclinada, e *como se fosse a sua mão direita que girasse a manivela*.

Esqueceram-se de que o primitivo documento ditado durante a sessão dizia: «As mãos bem controladas. (*Hands vell helt*) e que se E. P. inclinasse a cabeça para o lado do Dr. Sigdwick à esquerda, não lhe seria possível inclinar-se para a direita ao mesmo tempo. (1)

(1) *Eles não se deram ao trabalho de medir as distâncias e nos explicar como a médium poderia alcançar a manivela. Em geral, o Sr. H., que tem sido muito severo com os outros, não é muito severo consigo mesmo e nos obriga a pedir-lhe frequentemente «the details of these holdings.» A mesma confusão é observada em relação ao elástico que foi usado para amarrar uma das mãos de E. P., que ainda não se sabe se foi a direita ou a esquerda. Também não é dito em que momento da sessão foi aplicado. Para o Sr. H. este detalhe não tem importância.*

2) Imediatamente depois: «9, 8. — A Sra. S., que permanecia embaixo da mesa, sentiu o contato de duas mãos em sua cabeça.»

Mas como a sugestão do Dr. Hodgson fala em apenas *uma* mão livre, ela acrescenta: "Pode ter sido apenas uma mão", e no dia seguinte, ela explica que foi tocada nos dois lados da cabeça ao mesmo tempo, embora a sensação não se parecesse completamente à de um contato de duas mãos.

3) *Uma mão enorme ("enormous hand") tocou a cabeça da Sra. M. era de fato uma mão (hand clearly felt) p. 153.*

Mas o Dr. Hodgson sugere que a mão direita de E. P. ausentava-se por momentos... e imediatamente ambos os sexos em Cambridge concordaram em reconhecer que a "*enormous hand*" era a pequena mão de E. P. (1)

(1) *O comprimento da mão direita de E. P. é de 15 centímetros. Não se poderá dizer que seja enorme.*

4) *A senhorita Alicia J. sentiu o contato como que de uma mão, em seu lado esquerdo (p. 158). A referida mão parecia irregular, com dedos incompletos, e tocava em três pontos diferentes ao mesmo tempo.*

Como as mãos de E. P. estavam sendo seguradas naquele momento por dois dos participantes, a Srta. A. J. chegou à conclusão de que o contato foi feito com a *sola do pé direito de E. P.*, coberta de maneira especial,

formando três pontos de contato diferentes; o dedão do pé, o calcanhar e os outros dedos...

5) A senhorita A. J. (p. 158) viu a cabeça de "John" em uma extremidade da mesa oposta ao lugar ocupado pela médium...

Para não se opor às sugestões do Dr. Hodgson e, ao mesmo tempo, estar em paz com sua consciência, a Srta. A. J. acrescenta modestamente:

"Não consigo me explicar essa curiosa ilusão."

Por último; quando alguém não se apressa em determinar as condições do documento primitivo no sentido da sugestão dominante, o Dr. Hodgson acrescenta no dia seguinte ou após dois dias, seu pequeno *parêntese* («*after phenomenon*») e assunto resolvido.

Não é minha intenção ofender nenhuma das pessoas que participaram das sessões de Cambridge, mas é interessante registrar a atmosfera que se respirava em tais experiências infelizes, e dou graças ao céu porque proporcionou aos meus amigos e a mim as ocasiões de reconhecer fraudes inconscientes em E. P., já que, caso contrário, era muito possível que também tivéssemos duvidado de uma pobre criatura que não teria meios de defesa contra os ataques injustos dirigidos a ela.

§.V — UM MÉTODO POR DESCOBRIR.

Os sábios de Cambridge podem alegar uma escusa e dela irei me ocupar.

Eles não refletiram que para o estudo de uma nova classe de fenômenos é necessário empregar um novo método de observação. Em tais circunstâncias, tenta-se aplicar o *método do bom senso*, e daí surge o engano, pois o bom senso de nosso tempo nada tem a ver com mediunidade. (O Dr. Richet nos tem lembrado que o bom senso sofre transformações com o tempo).

Pela mesma razão, é conveniente usar um método científico adequado à natureza dos fenômenos, e como esta só se revela gradualmente, é por isso que o método que temos não está suficientemente adequado às circunstâncias.

Quando o *Galvanismo* foi descoberto, não estavam de posse dos métodos e aparelhos para estudá-lo, até que transcorreu um certo tempo. E hoje mesmo. Quem usa um galvanômetro deve saber equilibrá-lo e regulá-lo, afastando todos os motivos de erro, e se o experimentador traz consigo um

pedaço de ferro, não tem motivo para dizer que o aparelho o está enganando.

A experiência de Galvani, que mais tarde demonstraria a existência da "eletricidade animal", não passava de uma *ilusão*, pois para demonstrar a corrente nos nervos e músculos foi preciso inventarem novos aparelhos.

Se os antigos dispositivos, insuficientemente sensíveis, tivessem sido aplicados, teria sido alcançada a conclusão fatal de que a corrente nos nervos e músculos não existia.

Após a descoberta do *hipnotismo*, foi necessário mudar completamente o método de observação fisiológica para este domínio especial. Se utilizassem o método do bom senso, teriam chegado a supor que tudo era *simulação*. Hoje sabemos que, ao fazer experimentos em sujeitos altamente sensíveis, é aconselhável permanecer em guarda, não apenas contra sugestões expressas involuntariamente, mas também contra sugestões mentais; e aquele que estiver possuído de sistemas preconcebidos sobre diferentes estados, como polaridade, hipnose, hipno frenologia, etc., correrá o risco de encontrá-los *artificialmente*, nas reações do sujeito.

Reconhecendo a complexidade e estranheza dos fenômenos mediúnicos, é preciso admitir a necessidade de mudança nos procedimentos de observação.

Com o bom senso do nosso tempo, necessariamente chegaremos à conclusão de que tudo é *fraude*. Na mediunidade de ordem superior não basta observar, mas é necessário ajudar a criar o objeto de observação.

O médium não é um professor que nos ensina seus conhecimentos; é um instrumento, e um instrumento delicado que convém saber equilibrar e regular, afastando qualquer influência que possa viciar o seu modo de funcionamento.

§ VI. — CONCLUSÕES.

1.º Não só não foi comprovada em Cambridge a fraude *consciente* de E. P., mas nenhum esforço foi feito a esse respeito.

2.º Eles provaram que a fraude *inconsciente* ocorreu em maior escala do que nas sessões anteriores.

3.º Este resultado negativo justifica-se por ter utilizado um método desastrado e pouco apropriado à natureza dos fenômenos.

4.º O único resultado positivo desta série de experiências será atrair a atenção dos estudiosos para a questão da fraude nos fenômenos mediúnicos.

Julian Ochorowicz.

Varsóvia 12 de Dezembro de 1895.

Capítulo IX

As experiências de Agnélas em 1895

RELATÓRIO DA COMISSÃO (1)

1) *Observar a grande semelhança que existe entre as considerações feitas pelo Dr. Ochorowicz no artigo anterior, e as que fazemos neste relatório, apesar de ambos os documentos terem sido escritos antes da comunicação de seus autores. Para que o leitor consiga explicar a maior parte dos movimentos suspeitos realizados nas sessões de Agnélas, ver as observações do Dr. Ochorowicz, antes registradas.*

I

De 20 de setembro de 1895 a 29 do mesmo mês, uma comissão hospedou-se na casa de propriedade do Coronel de Rochas, na vila de Agnélas. O objetivo do encontro foi estudar os fenômenos produzidos pela médium Eusápia Palladino.

A comissão era composta pelos seguintes senhores:

Doutor Dariex, *diretor dos Annales des Sciences Psychiques.*

Conde Arnaldo de Gramola, *Doutor em Ciências Físicas.*

Maxwell, *procurador-geral adjunto do Tribunal de Recurso de Limoges.*

Coronel de Rochas, *antigo discípulo da escola politécnica, membro honorário da Comissão de Trabalhos Históricos e Científicos do Ministério da Instrução Pública.*

Sabatier, *Catedrático de Zoologia Comparada e Anatomia na Faculdade de Ciências de Montpellier.*

Barão C. de Watteville, *formado em Direito e Ciências Físicas.*

Além disso, três pessoas da família De Rochas participaram excepcionalmente dessas experiências.

Antes de prestar conta das experiências realizadas, convém indicar qual foi o ponto de vista em que se colocaram os observadores, a intenção que presidiu ao seu trabalho, as disposições mentais com que contribuíram e, finalmente, os meios que utilizaram para evitar fraudes e trapaças sem colocar obstáculo notável à produção dos fenômenos.

Os membros da Comissão admitem a *possibilidade* dos fenômenos obtidos por Eusápia perante os grupos de estudiosos que estudaram a referida médium, mas nenhuma das pessoas que compõem a referida comissão foi testemunha de experiências semelhantes. Todos eles desejam ter a certeza de se a produção desses fenômenos corresponde a uma *realidade fisiológica* desprovida de fraude.

Com marcada intenção, falamos em realidade fisiológica, pois os indivíduos da Comissão estão completamente alheios a qualquer preocupação de ordem oculta ou espiritual, e desejam estudar os fenômenos extraordinários, que são atribuídos a Eusápia, como fatos psicofisiológicos.

Para iniciar esse gênero de estudos, a Comissão teve de escolher um dos vários procedimentos investigativos, optando por aquele que julgou ser o melhor, sob todos os pontos de vista.

Poderiam expressar confiança ou desconfiança em relação à médium.

Poderiam estabelecer alguns laços com ela relaxando sua vigilância, ou poderiam observá-la usando procedimentos investigativos mais ou menos rigorosos; mas havia razões bem fundamentadas para não se decidirem a admitir certos procedimentos.

Assim, por exemplo, se desde o primeiro momento se tivesse manifestado grande desconfiança em relação à médium, o seu estado de espírito necessariamente teria sofrido, e correríamos o risco de perder uma parte dos seus meios naturais; no entanto, dando-lhe confiança excessiva, isso favoreceria a introdução da trapaça na produção dos fenômenos.

A vigilância relaxada corria o mesmo perigo e, tornando-a muito rigorosa, chegava-se a inibir excessivamente a médium, impedindo certas manifestações que, embora exijam certa liberdade de movimento, em nada comprometem o valor dos fenômenos.

A Comissão procurou associar de forma legítima e lógica as demandas do sujeito e as dos observadores. No que diz respeito ao sujeito, houve o cuidado de não esquecer que é um ser fisiológico e moral e, portanto,

sensível; que a parte moral exerce grande influência sobre a parte fisiológica, e que é conveniente não apenas deixar o sujeito em posse de suas energias, mas também aumentá-las por meio de testemunhos de confiança, gratidão e benevolência.

Um orador vê aumentarem seus recursos oratórios com uma audiência simpática, mas ele parece deprimido e paralisado quando há hostilidade por parte de quem o ouve; e contudo, o valor virtual de seu talento oratório não mudou.

Um soldado, um artífice ou um lutador, têm um poder proporcional ao seu estado moral, e daí que tudo nos autorize a pensar que tais influências desempenham um papel importante nos fenômenos que são atribuídos a Eusápia.

No caso atual, trata-se de uma médium de educação simples, mas de uma suscetibilidade bravia que se destaca ao menor sinal de desconfiança. Sua condição de médium *paga* (o qual não deixa de humilhá-la) é circunstância suficiente para manter sua suscetibilidade, para torná-la arisca e, talvez, para arrastá-la a realizar por qualquer meio os fenômenos esperados quando as circunstâncias não favorecem sua manifestação pelos canais legais.

Eusápia também é sensitiva e, como tal, eminentemente sugestionável. Essa sugestionabilidade, que aumenta no estado de *transe*, pode ser motivo para a sua vontade ser influenciada pelos desejos, prevenções e suspicácias dos experimentadores. Não é certo que um grupo de experimentadores pode modificar a vontade e o poder de um médium?

Tendo em conta os antecedentes que acabam de ser mencionados, foi feito um esforço para evitar qualquer causa que impedisse o bom andamento das experiências, eliminando assim qualquer possibilidade de fraude ou truque.

A Comissão está ciente de que qualquer sujeito chamado a produzir fenômenos que precisem dolorosos esforços de sua parte, pode ser *consciente ou inconscientemente* tentado a usar meios que facilitem seus propósitos. É uma disposição essencialmente humana e natural, que deve ser considerada desde o momento em que nos encontramos na presença de pessoas que há muito estão acostumadas a servir de sujeitos de experiência. São hábitos de pensar e agir, que pouco a pouco vão se

enraizando no sujeito, e que com o tempo e a repetição, podem provocar tentativas inconscientes e quase inocentes de engano.

Esta consideração é extremamente importante, porque no caso de surpreender um médium em tentativa de fraude, devemos lembrar que existem causas que em determinados momentos impedem a realização de um fenômeno autêntico, e uma surpresa em fraude não credencia para negar a existência de fenômenos positivos.

Ao lado destes ensaios de trapaça, podem realmente existir fenômenos sinceros e positivos, e quando se deseja observar na ordem de fatos que nos interessa, não se deve esquecer que um fenômeno obtido ilegitimamente pode por vezes estar associado a fatos sérios e dignos de crédito.

Portanto, é importante que os experimentadores procurem distinguir as observações duvidosas ou suspeitas daquelas que são feitas com a limpeza e o rigor de um bom método científico.

Inspirada por essas considerações que derivam logicamente da natureza física, fisiológica e moral do assunto em estudo, a Comissão considerou que deveria adotar a atitude moral e as precauções que vamos expor. Assim, a Comissão disse a Eusápia:

“Sabemos que ocorrem por sua mediação fenômenos extraordinários, que alguns homens de ciência têm observado e verificado. Estamos animados com nossos melhores desejos para estudá-los, agradecendo infinitamente a você tentar reproduzi-los em nossa presença. Somos pessoas de boa fé, e desejamos conhecer a verdade, para propagá-la. A natureza surpreendente dos fatos que você realiza, o respeito que a verdade nos merece, bem como a nossa dignidade, e a situação científica que ocupamos, exigem da nossa parte o maior cuidado nas observações que faremos, para não sermos taxados de superficiais na forma de estudar os fenômenos.

Um zelo moderado na investigação dos fatos poderia não satisfazer aqueles que tomarem conhecimento do que aqui se passar. Por isso, queremos tomar as maiores precauções, e devemos informar você de que só admitiremos como fatos comprovados, aqueles que tiverem passado pelo crivo de uma boa investigação.”

Às palavras de benevolência que dirigimos a Eusápia, acrescentamos os testemunhos de consideração, em virtude dos quais a sua serenidade moral

foi sendo afirmada dia após dia. Apesar dessa atitude, nunca abrimos mão de nossos direitos de experimentador, mantendo constantemente nossa atenção na possibilidade de um truque.

Antes de concluir estas considerações preliminares, devemos afirmar que em meio às experiências realizadas, a maioria delas complexas e de difícil observação, consideramos de suma importância a obtenção de um fato simples, demonstrativo e passível de rigorosa verificação, e que de forma alguma pode ser atribuída a fraude; fato esse possível de observar individualmente e sem *a ajuda de outros experimentadores*. Este fato foi obtido e repetido muitas vezes diante dos olhos de muitos observadores, sem que tivéssemos o menor motivo para duvidar de sua legitimidade. A sua *certeza* autoriza-nos a admitir a *possibilidade de fatos da mesma natureza*, nos quais uma verificação tão segura não tenha sido possível:

Mais adiante descreveremos em todos os seus detalhes a forma como foi obtida esta manifestação, que foi realizada com um pesa-cartas.

No decorrer das experiências, um indivíduo da Comissão que se relevava conforme o dia, e às vezes durante a mesma sessão, instalava-se no vestíbulo que antecede o salão, e cuja porta estava sempre entreaberta.

O secretário nada via do que se passava no lugar das experiências, limitando-se a escrever o relato que lhe era feito das manifestações, à medida que se desenvolviam, compreendendo também no relato, todos os pormenores do fenômeno, e os meios de verificação postos em prática. Terminadas as sessões, procedia-se à leitura das folhas na presença de todos, a fim de verificar se todos os pormenores tinham sido registrados, e a seguir era elaborado um relatório que era lido no dia seguinte por cada um dos membros da Comissão, anotando à margem todas as observações e reflexões que se julgassem necessárias. Reunidos novamente os integrantes da Comissão, era realizada a redação definitiva do relatório.

Com este conjunto de precauções, acreditamos garantir a sinceridade e o valor do relato a seguir:

II

Foram realizadas seis sessões experimentais com duração de duas a três horas cada uma, exceto a penúltima que durou apenas meia hora.

Estas sessões decorreram na casa de campo de D. Albert de Rochas, situada em Agnélas, a 3 quilômetros de Voiron (Isère), e afastada das outras casas por muitas centenas de metros.

Ao redor da propriedade existe uma cerca que a isola completamente.

Eusápia chegou a Agnélas vinda de Paris em 21 de setembro, acompanhada pelo Dr. Dariex, membro da Comissão.

A primeira sessão realizou-se no dia 22 de setembro, na presença dos senhores Rochas, Dariex e Watteville. À segunda sessão, realizada no dia seguinte, uniu-se o Dr. Sabatier, que chegara à tarde. Todas as sessões começaram das 8 às 9 da noite.

As duas primeiras, apesar de sua importância, não foram incluídas no relatório, pois a Comissão não estava completa. A gravura número VII reproduz em fotografia obtida à luz do magnésio, duas cenas da segunda sessão. Na referida fotografia, manifesta-se Eusápia em *transe*, e indica-se a disposição dos vigilantes. O primeiro segurava a mão direita da médium; o segundo, a mão esquerda, e o terceiro, sentado num banquinho, prendia as pernas de Eusápia entre as suas, segurando-lhe os pés descalços com a mão esquerda, vigiando ao mesmo tempo a cabeça dela.

No grupo da parte superior, o quarto experimentador se retirou para permitir a visão da médium.

Para obter a fotografia da parte inferior, a mesa foi retirada para deixar à vista a forma como se verificava a vigilância dos pés.

III

3ª sessão. — 25 de setembro de 1895

A sessão começa às oito e meia.

Os experimentadores sentam-se ao redor de uma mesa de cozinha simples, cuja gaveta foi previamente removida.

A mesa tem formato retangular e suas dimensões são: 0,80m de comprimento, 0,53m de largura e 0,75m de altura. Seu peso é de 10 quilos.

A referida mesa foi colocada em frente a uma janela munida de dois pares de cortinados, alguns em repes de lã, muito pesados e resistentes, forrados a tecido, e portando uma franja de ornatos de madeira.

Gravura 07 - Colocação dos
Controladores - Agnélas em 1895



Médium Eusápie Palladino, Controlador de direita:
CEL de Rochas, Controlador de esquerda: Dr.
Sabatier, Controlador dos pés: Dr. Dariex

Gravura 07 - Colocação dos Controladores - Agnélas em 1895.

Médium: Eusápie Palladino

Controlador da direita: Sr. de Rochas

Controlador da esquerda: Dr. Sabatier

Controlador dos pés: Dr. Dariex

Por trás dessas cortinas ou reposteiros, existem outras de renda, brancas e bem leves.

Umás e outras cortinas estão desprendidas de suas abraçadeiras e entreabertas o suficiente para permitir a observação das gelosias solidamente fechadas, de tal forma que qualquer comunicação com o exterior resulta impossível. De resto, estão igualmente fechadas todas as portas e janelas da sala com exceção da porta que comunica com o vestíbulo onde se encontra o secretário.

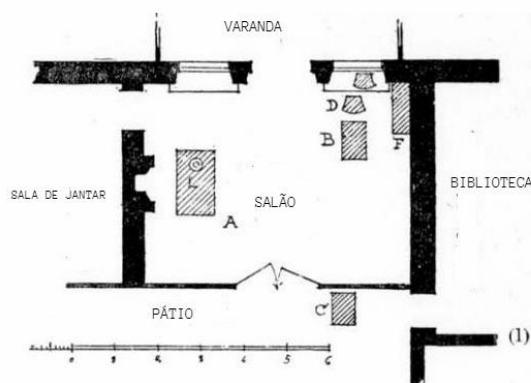
No espaço entre a janela e as cortinas, foi colocada uma poltrona, com rodinhas e muito pesada. Sobre ela foi depositado um piano de brinquedo, pesando 900 gramas, com teclado de doze notas. Seu comprimento é de 0,34m, a altura de 0,205m e a largura de 0,11m.

Examinando cuidadosamente o oco da janela, nenhum outro objeto foi encontrado.

A 2,50 m ou 3m da mesa das experiências, há outra mesa maior, sobre a qual repousa uma lamparina a petróleo com abajur de musselina branca e transparente. Num canto da sala e perto da mesa, encontra-se um baú. (1)
(2)

(1) Sentindo muito, a explicação da gravura anexa é feita em francês. Quando recebemos os clichês de Paris, a impressão desta obra estava bem avançada e a emenda não era mais possível. Esperamos que o bom senso de nossos leitores desculpe esse pequeno defeito. — V. MELCIOR

(2) Ver a gravura anterior.



A. Mesa sobre a qual repousa a lâmpada L. no início das experiências.

B. Mesa leviana utilizada para os experimentos.

C. Mesa do secretário localizada no saguão.

D. Cadeira de Eusápia. No parapeito da janela e atrás das cortinas, há uma poltrona onde são colocados os pequenos objetos que serão utilizados durante as sessões.

F. Baú.

A médium senta-se a uma das extremidades da mesa, correspondendo o espaldar da cadeira à linha que une os dois pares de cortinados.

Nesse momento a sala é iluminada por uma lamparina a petróleo localizada a cerca de três metros dos observadores, tendo luz suficiente para poder distinguir qualquer movimento feito pelos assistentes, ou pela médium. Ela usa um vestido preto liso que marca com precisão suas formas. O Dr. Sabatier está sentado à direita dela, segurando com a mão esquerda a direita da médium; o Sr. Maxwell toma assento à esquerda da médium e, com a mão direita, segura a esquerda de E. P.; o Sr. Gramont está do outro lado da mesa, em frente à médium. O Dr. Dariex coloca-se no chão,

à direita de E., para vigiar seus pés e joelhos, bem como três pernas da mesa, com o Sr. Maxwell observando a quarta perna.

Tanto as mãos de E. quanto as dos observadores permanecem levantadas, procurando não tocar a mesa de forma alguma.

A médium entra em *transe*, geme, contrai-se e parece sofrer dores semelhantes às do parto.

À medida que o *transe* se aprofunda, ela pede para diminuir a luz gradativamente, até enxergar apenas a silhueta dos objetos. Nesse momento, a mesa inclina-se, elevam-se as duas pernas do lado esquerdo e, rapidamente, suas quatro pernas desprendem-se do chão, permanecendo três segundos na posição *horizontal*, a uma altura de 0,30m, e caindo bruscamente até descansar no chão.

Enquanto a mesa permanecia no ar, o Sr. Maxwell, o Sr. Sabatier e o Sr. Dariex verificaram que as mãos e os pés da médium permaneciam no lugar, sem tocar nem de leve nas bordas da mesa.

Ao se realizarem as primeiras levitações da mesa, a médium colocou seus pés direito e esquerdo, respectivamente, no esquerdo do Sr. Sabatier e no direito do Sr. Maxwell. Ambos os senhores afirmam ter verificado pela visão e pelo tato que os pés da médium não saíram do seu lugar.

Neste momento, o Dr. Dariex passa para a esquerda da médium, e senta-se em um banquinho de 0,20m de altura. A pedido da médium, reduzimos a luz, vigiando os pés e as mãos da maneira indicada anteriormente. Eusápia segura a mão direita do Sr. Maxwell com força, aplicando a palma de sua mão por baixo da mão do observador. Ele tem muito cuidado em observar a posição do polegar da médium. Cada vez que ocorre um fenômeno, a pressão da mão de Eusápia aumenta consideravelmente.

O Doutor Dariex aplica sua mão direita em ambos os joelhos da médium, enquanto a palma de sua mão esquerda é colocada sobre o dorso dos pés dela. Nessas condições, ocorre a levitação horizontal da mesa após leves oscilações, colocando-se os pés do móvel a uma altura de 0,25m a 0,30m do solo. Nada de suspeito foi observado.

Por indicação da médium, transportamos a lâmpada até o vestíbulo e, embora só recebamos a luz por reflexão, temos luz em quantidade suficiente para podermos apreciar quantos movimentos a médium possa realizar.

A poltrona colocada atrás das cortinas, é afastada com ruído. O piano produz três notas sucessivas, enquanto o pé esquerdo da médium executa movimentos que correspondem às pancadas dadas no piano. Verificamos que entre a médium e o piano não há qualquer comunicação palpável.

Às 8:45h o Doutor Dariex volta a ocupar seu lugar original a convite da médium, e toma assento em um banquinho localizado no ângulo formado pela médium e o Sr. Sabatier. Assim que o Dr. Dariex ficou sentado, Eusápia colocou suas pernas entre as dele, apoiando os pés sobre o banquinho. O braço e a mão direita do mencionado doutor controlavam o joelho e as coxas da médium, podendo perceber entre todos nós, qualquer movimento que ela tentasse fazer, pois de um lado, o Sr. Dariex, ao mesmo tempo vez que sustenta com a própria cabeça a cabeça da médium, também se encarrega de vigiar os membros inferiores, braço e mão direita; o Sr. Maxwell segura a mão esquerda de Eusápia, e o Sr. Sabatier, a direita.

Apesar de achar-se o quarto tão escuro que apenas objetos volumosos ou brancos podem ser distinguidos, a médium se lamenta de haver muita luz.

A poltrona é rapidamente mudada do lugar que ocupa, como podemos deduzir pelo intenso ruído produzido pelas suas rodas ao deslizarem pelo pavimento. O *portier* incha até uma altura de 0,95m acima da cabeça de Eusápia e é atirado violentamente sobre a mesa.

O Sr. Maxwell sente que o referido *portier* toca seu rosto, lembrando seu contato o de um corpo duro coberto pelo tecido da cortina. Ao mesmo tempo recebe três pancadas perfeitamente localizadas no lado direito do peito; o pé da poltrona bate no chão três vezes; e realiza-se o transporte do piano sobre a mesa, depois de ter produzido algumas notas rápidas.

O Sr. Gramola viu um objeto branco que acompanhava o piano em seu transporte, parecendo-lhe que era a cortina branca. Ele viu o piano avançar entre Eusápia e o Sr. Maxwell, como se uma mão o segurasse envolto nas dobras da cortina e o colocasse sobre a mesa. O Sr. Sabatier também viu esta última parte do fenômeno, distinguindo o piano pela cor branca de suas teclas. O Sr. Dariex só percebeu o ruído do piano no momento de ser colocado na mesa, pois absorto como estava na vigilância dos pés da médium não lhe foi possível especificar mais detalhes. O Sr. Maxwell ainda viu o seguinte: quando o piano foi colocado sobre a mesa, uma forma branca semelhante a uma mão apareceu na escuridão, recuando rapidamente em direção ao parapeito da janela.

Seria a cortina branca?

O Sr. Maxwell, que nunca deixou a mão de Eusápia nem por um momento, não pensa assim.

Às 9 horas. — O Sr. Sabatier segura a mão direita da médium. Ela apoia a mão direita do Sr. Maxwell com força em sua coxa esquerda, para que a mão esquerda e o joelho de Eusápia possam ser vigiados.

Apesar da pouca luz, o Dr. Dariex distingue a cabeça da médium e está em condições de especificar quaisquer movimentos que ela realizar.

De repente, as pernas da mesa batem no chão três vezes com força; e a poltrona muda de lugar sem que as mãos, a cabeça e os membros inferiores de Eusápia façam qualquer movimento.

O Sr. Maxwell investiga as relações de contato que mantém com a médium, e verifica que são as mesmas do início da experiência. O Sr. Sabatier tem absoluta certeza de que a mão direita de Eusápia não saiu do seu lugar nem por um momento.

9h10. — Nas mesmas condições de vigilância, o Sr. Maxwell sentiu uma pancada seca e brusca na espinha dorsal, como se fosse produzida por uma mão com os dedos em ponta e separados.

O doutor Dariex sente o contato de uma mão em sua cabeça com os dedos separados.

Ele não consegue diferenciar entre esse contato e aquele que a mão da médium produziria.

As mãos da médium, segundo observadores, não mudaram de lugar.

O Dr. Dariex, por sua vez, declara que os membros da médium que ele estava encarregado de vigiar permaneceram no lugar durante a experiência.

O Sr. Sabatier sente beliscões no lado esquerdo de suas costas por duas vezes seguidas. Em todos esses beliscões, a ação é viva, direta e, apesar de realizada no escuro, não se manifesta por nenhum sinal de perplexidade.

Os senhores Dariex, Maxwell e Sabatier sentem que são agarrados com determinação e destreza.

O Sr. Maxwell sente o *portier* tocar sua mão.

A vigilância da médium continua sem que nenhum movimento suspeito tenha sido verificado.

O Sr. Maxwell sentindo-se um pouco cansado, convida o Sr. de Rochas para se unir ao círculo e, aceito o convite, coloca-se entre ele e o Sr. de Gramont. Seguem as mesmas condições de vigilância da médium.

O piano que estava sobre a mesa ergue-se repentinamente e cai de novo com estrépito, como arremessado por um braço forte. Imediatamente ele começa a tocar uma ária de 10 ou 12 notas representando um tema simples e repetido como *Au clair de la lune mon ami Pierrot*. O Sr. de Gramont vê as teclas se moverem, sem distinguir nenhuma mão que as faça mover. Em seguida, o piano é levantado e, após balançar um pouco, vai colocar-se na mão esquerda do Sr. Dariex e, conseqüentemente, bem próximo ao pescoço de Eusápia.

Durante o desenvolvimento do fenômeno que acabamos de mencionar, Eusápia não fez nenhum movimento, nem mão ou corpo estranho foi visto nas teclas do piano, apesar de a atenção dos assistentes estar muito alerta e a luz da sala ser suficiente.

A pedido da médium, o Sr. Sabatier e o Sr. Gramont trocam de lugar respectivamente, deixando o grupo organizado na disposição que pode ser vista no desenho anexo.

Os primeiros fenômenos foram obtidos sem formar *corrente*, mas logo em seguida, a médium pediu força, e todos se uniram pelas mãos.

Ela disse que em certos momentos sentiu um fluido, vindo primeiro do Sr. Maxwell, e depois do Sr. de Rochas quando aquele estava cansado.

O Sr. de Gramont segura a mão direita da médium com a mão esquerda direcionada para cima pela face palmar, e apertando bem durante o curso dos experimentos. O Sr. Maxwell também declara que a vigilância exercida sobre a mão esquerda de Eusápia é irrepreensível. O mesmo diz o Sr. Dariex das extremidades inferiores e da cabeça da médium, que permanece apoiada entre as costas do Sr. de Gramont e as do Sr. Dariex. (1)

(1) *Eusápia pediu permissão para apoiar a cabeça na de M. de Gramont, a fim de ser uma vigilância mais completa.*

Neste momento, o Sr. de Gramont, que segura a mão direita da médium, sente que algo semelhante a uma mão lhe dá um forte puxão no lado direito do vestido, ou seja, no local *mais afastado* da médium.

O piano o atinge na cabeça e nas costas, produzindo-se algumas notas musicais. Ansioso para descobrir quem é o causante desse fenômeno, o Sr. de Gramont desprende a mão que o une ao Sr. Sabatier e tenta alcançar a

mão ou o corpo material que toca o instrumento, mas suas pesquisas são infrutíferas.

Não houve mudança na atitude da médium. Esta acompanha a mão do Sr. de Gramont até *dois centímetros* acima de sua cabeça, e o referido observador sente a impressão de uma corrente fria que parte dos cabelos de Eusápia, cuja corrente é semelhante à produzida por uma máquina elétrica de indução.

9:45h.—“As mesmas condições de situação e vigilância continuam. A pedido de Eusápia, a luz da sala é diminuída, encostando a porta do saguão. Apenas objetos brancos são percebidos, como as teclas e os desenhos dessa cor que existem no piano.

O Sr. Sabatier sentiu o toque do instrumento no seu dedo indicador, no momento em aquele se elevou.

O Sr. de Gramont experimentou por alguns segundos a impressão de ter o piano apoiado em sua mão, embora sem *sentir nenhum peso*.

Nesta posição várias notas soaram, e o Sr. de Gramont rejeita o instrumento em direção à mesa.

No braço esquerdo sente um contato, e por duas vezes consecutivas, sente a manga ser puxada suavemente pela parte da frente do braço.

Os três experimentadores encarregados de vigiar a médium estão plenamente convencidos de que cumpriram bem sua missão, assim como estão igualmente persuadidos de que nenhum dos membros de Eusápia se afastou de seu lugar.

O Doutor Dariex é tocado no nariz e acariciado na barba e no queixo por dedos misteriosos. O Sr. Maxwell é gentilmente beliscado e sente cócegas em sua axila direita.

Então o *portier* se aproxima dele, e seu contato desenvolve uma sensação semelhante à de um beliscão suave.

A pesada poltrona localizada atrás das cortinas chega a bater várias vezes ao lado da cadeira do Sr. Maxwell, e ele verifica que, no momento de ocorrer o fenômeno, a mão esquerda de Eusápia fica *como que gelada*, e se agita sincronizadamente com os movimentos da poltrona.

No momento em que o Sr. Maxwell notou que a temperatura da mão de Eusápia caía sensivelmente, ele a pressionou com o polegar, notando que ela rapidamente adquiria seu calor habitual. Por esse motivo, ele *pode*

garantir que a mão esquerda da médium é que realizou essas variações de temperatura.

O piano se eleva e vai situar-se sobre a mão do Sr. de Gramont sem exercer quase nenhum peso e alguns sons são produzidos. Em seguida, é transportado sobre a cabeça do Dr. Dariex e depois cai sobre a mesa.

Todos os observadores concordam em que a vigilância tem sido rigorosa enquanto os fenômenos estão ocorrendo.

Eusápia inclina a cabeça à frente para soprar no piano, e este afasta-se de seu lugar como se fosse impulsionado pelo sopro. A seguir levanta a mão do Sr. de Gramont acima de sua cabeça, e o observador percebe o contato de uma terceira mão que guarda grande parecido com a de uma mulher. Ao mesmo tempo, o *portier* agita-se por cima da cabeça da médium.

Alguns experimentadores trocam de lugar, constituindo-se o círculo da forma que expressa o desenho anexo, estando a médium em pé.

Depois que a médium elevou a mão do Sr. de Gramont por cima do piano, desvencilhou-se dela por um momento, para pegar o lenço que trazia no bolso e enxugar o suor que lhe inundava o rosto, mas no momento em que terminou, o Sr. Gramont tornou a pegar a mão da médium, inclinando ela sua cabeça sobre a do referido observador.

Neste momento, ambas as cortinas do lado esquerdo da médium são jogadas *violentamente* contra a mesa, cobrindo parte dela, e a cabeça e as costas do Sr. de Gramont, do lado direito.

A médium, em *transe* profundo, contorce-se, geme e empurra a cadeira em que está sentada para trás e para a esquerda. Esta cadeira, que pesa 2.500 kg, eleva-se *lentamente*, passando para a esquerda de sua cabeça e por cima de suas costas no lado esquerdo, mas depois é direcionada para a frente e, realizando movimentos de oscilação, sua situação se inverte, virando de cabeça para baixo, apoiando o assento no braço direito do Sr. de Gramont, e a barra superior do espaldar, nos joelhos do Sr. Sabatier (1).

(1) *Antes da experiência, a médium fez trocar a pesada cadeira em que se sentava por outra mais leve. Deve-se supor que, ao pretender produzir o fenômeno, ela queria reduzir o esforço que precisava fazer.*

As cortinas são agitadas novamente, chegando a cobrir a cabeça e as costas do lado direito do Sr. de Gramont, que sente que o tocam através delas, sem cessar a agitação.

A lâmpada é trazida para dentro da sala de sessões por um momento, a fim de observar a localização das coisas. Ao mesmo tempo, tiramos uma fotografia à luz do magnésio, na qual os observadores aparecem mantendo rigorosamente as mesmas posições que no decorrer dos últimos experimentos. Apenas o Sr. Sabatier foi eliminado do grupo, pois com a posição que ocupava à direita do Sr. de Gramont, uma parte dos detalhes ficava oculta.

Nenhum artifício foi descoberto, e a médium estava devidamente relacionada com seus vigilantes. Já foi dito que nas últimas experiências a médium permaneceu em pé, não podendo, portanto, ser feita observação direta da cabeça, mas, de qualquer modo, tem sido realizada indiretamente ou por continuidade de braços e pernas, que não revelaram nenhum movimento geral e importante da cabeça e do tronco, como teria ocorrido necessariamente se Eusápia tivesse de levantar e carregar a mesa com a boca.

Devemos fazer a mesma consideração com relação ao movimento das cortinas. Por outro lado, a vigilância tem sido realizada em excelentes condições, facilitada pela própria Eusápia, pois antes de ocorrer um fenômeno, ela sempre o anuncia com palavras, e com as manifestações de um *transe* doloroso (suspiros, gemidos, contrações musculares, suor abundante, tosse espasmódica, etc.).

Não se deve esquecer que, antes de ocorrerem certos fenômenos, a médium os *esboça*; mas esse *esboço* é realizado apenas com movimentos de pouca amplitude e com os quais seria impossível transportar os objetos, nem mesmo alcançá-los. São movimentos que lembram aqueles que instintivamente realizamos quando observamos uma pessoa que desenvolve um grande esforço. Assim, quando Eusápia quer atrair e pôr em movimento uma poltrona imediata, dirige a mão, ou melhor, o punho, para essa poltrona, retirando-o imediatamente como se a atraísse com um laço material.

Em nenhuma ocasião foi possível verificar a existência do referido laço.

No decorrer dos experimentos, a mão de Eusápia afastou-se por um momento da mão do observador do lado direito e tentou tocar o piano que estava sobre a mesa, avisando os experimentadores que ela havia agido dessa forma para saber *onde devia atuar*.

Gravura 08 - Transporte sobre a mesa de objetos que estavam colocados atrás da médium - Agnélas em 1895



Controladores: de perfil - o SR. MAXWELL, De frente - o SR. DE ROCHAS, Segura o braço por baixo da bilha - O DR. DE GRAMONT Está colocado atrás da cortina - o DR. DARIEX, A Médium EUSÁPIA está totalmente oculta pela cortina

Gravura 08 - Transporte sobre a mesa de objetos que estavam colocados atrás da médium - Agnélas em 1895.

Controladores: de perfil - O Sr. Maxwell

De frente - O Sr. De Rochas

Segura o braço por baixo da bilha - O Dr. de Gramont

Está colocado atrás da cortina - O Dr. Dariex

A Médium Eusápia Palladino está totalmente oculta pela cortina.

4.^a sessão . — 27 de Setembro de 1895

A sessão começou às 8:58h.

A mesa, que pesa 10 quilos, está localizada no mesmo lugar da sessão anterior. A poltrona está atrás da mesa, junto ao parapeito da janela; e o pequeno piano repousa sobre a poltrona. Eusápia senta-se em uma cadeira e assume a mesma posição.

O Sr. Sabatier segura sua mão direita. O Sr. Maxwell, a esquerda. O Doutor Dariex senta-se no chão à direita de Eusápia, enquanto o Coronel de Rochas e o seu filho Carlos se posicionam na ponta oposta da mesa, formando uma

corrente com os Srs. Sabatier, Maxwell e Eusápia. A sala fica bem iluminada por uma lamparina a petróleo colocada sobre uma mesa imediata.

Às 9h. — Eusápia aperta com força as mãos dos Srs. Maxwell e Sabatier, passando-as da esquerda para a direita e vice-versa, 10 centímetros acima da mesa, portanto *sem tocá-la*. A mesa dirige-se *com força* no sentido em que esses movimentos são feitos. Durante esta experiência, o pé esquerdo da médium repousa sobre o pé direito do Sr. Maxwell, e seu pé direito sobre o esquerdo do Sr. Sabatier. As pernas fazem contato com as dos observadores. Além disso, estamos em *plena luz*, o que nos permite controlar *de visu* as extremidades inferiores da médium, que não verificam nenhum movimento, nem tocam a mesa.

Eusápia dirige a mão do Sr. Maxwell para 0,30m acima da mesa, e após uma leve oscilação, ocorre a levitação daquele lado. O Sr. Maxwell comprime a mesa com a mão esquerda para fazê-la descer, mas as tentativas são inúteis.

9h03. — A mesa se eleva horizontalmente em seus quatro pés e permanece assim por alguns segundos. Nenhum sinal suspeito é observado por parte da médium.

Enquanto a levitação ocorria *em plena luz*, Eusápia dava mostras de fazer dolorosos esforços, e assim que o móvel caiu abruptamente, a médium expressou, por meio de um profundo suspiro, o alívio que sentia.

9h06. — Repetiu-se a levitação horizontal da mesa, nas mesmas condições, e segurando as mãos da médium a 0,10m acima da mesa.

A lâmpada que ilumina o círculo é deslocada para perto da porta do vestíbulo, deixando-a no *chão*. Fornece ainda assim luz suficiente para distinguir as pessoas que compõem a cadeia.

Três batidas são ouvidas no baú localizado atrás do Sr. Maxwell, e separado de Eusápia pelo referido observador.

Cada batida corresponde a um leve movimento sincronizado da mão esquerda de Eusápia, que é segurada pelo Sr. Maxwell. Este sente alguns contatos no lado esquerdo. Reduz-se a quantidade de luz encostando ligeiramente a porta, até ficar uma abertura de 0,25, sendo ainda possível distinguir as silhuetas de objetos e pessoas.

De repente a médium *fica em pé*, acompanhada na mesma posição pelos Srs. Maxwell e Sabatier que seguram suas mãos, as quais repousam em uma das bordas da mesa. Verifica-se a levitação do móvel, partindo do lado

onde se encontra Eusápia, para depois ascender horizontalmente até 0'90 do chão.

Os Srs. Sabatier e de Rochas apoiam-se com força na mesa para fazê-la descer, mas seus esforços são infrutíferos. Breves segundos depois, ela desce por si só.

Todos sentam-se novamente, ocupando as mesmas posições de antes, e submetendo a médium às mesmas condições de vigilância.

A 30 centímetros por cima da mesa, Eusápia *senaliza* algumas batidas no ar com sua mão esquerda segurada pelo Sr. Maxwell, cujas batidas repercutem simultaneamente na mesa com considerável intensidade.

Depois dirige a dita mão, sempre acompanhada pela do Sr. Maxwell, atrás do *portier* sem tocar na poltrona, e assim que começou a retirar a mão, a poltrona seguiu os movimentos da mesma, como se fosse atraída por um ímã.

9h15. — Eusápia tira os sapatos e coloca cada um de seus pés sobre o pé imediato dos vigias. Ela se desprende das mãos deles e pega a mão direita do Sr. Maxwell novamente, esfregando-a entre as suas. A seguir realiza a mesma manobra com a mão esquerda do próprio observador, e os movimentos da poltrona são reproduzidos sem que o referido senhor experimente a menor resistência.

O Sr. Sabatier segura novamente a mão direita de Eusápia com sua mão esquerda e apoia a direita nos joelhos da médium. Ele vê perfeitamente a mão direita de Eusápia sobre a mesa e *tem certeza* de que ela não mudou de lugar.

Os movimentos da poltrona jogam o piano no chão, e o Dr. Dariex o pega, colocando-o de volta na poltrona.

9h20. — Eusápia esfrega vigorosamente a mão do Sr. Maxwell entre as dela e a poltrona *precipita-se* contra a mesa.

A médium une-se de novo aos Srs. Maxwell e Sabatier por meio das mãos, e descansa seus pés sobre os do Sr. Maxwell; mas este *não se dá por satisfeito com a atitude em que ela colocou os pés*.

9h25. — A pedido da médium, a lâmpada é retirada do chão, de modo que a sala fica quase às escuras.

A médium continua relacionada com seus vigilantes da mesma forma que se vinha fazendo no início da sessão.

De repente, a cadeira em que o Sr. Sabatier estava sentado descreve abruptamente um arco horizontal de 45°, o qual faz cair no chão o referido observador, que ao mesmo tempo sente um beliscão nas costas.

9h30. — O Sr. Sabatier sentiu três contatos e três puxões violentos na aba esquerda de sua sobrecasaca.

A cada um desses contatos correspondia um movimento síncrono do pé esquerdo da médium, cujo pé era controlado pelo Sr. de Rochas por baixo da mesa. O Sr. Sabatier sentiu três vezes o atrito como que de uma mão passando por sua região occipital, notando também que sua cadeira estava sendo puxada com força. O *portier* é arremessado violentamente sobre a mesa, passando por cima dos observadores.

A sala é iluminada por um momento para podermos perceber as posições e os fatos, não tendo sido observados quaisquer indícios suspeitos.

9h40. — Neste momento, o Sr. de Gramont substitui o Coronel de Rochas na corrente e fica entre o Sr. Maxwell e o Sr. Carlos de Rochas.

A mão direita da médium é segurada pelo Sr. Sabatier, e a esquerda pelo Sr. Maxwell. Os pés de Eusápia são vigiados pelo Dr. Dariex, que está sentado em um banquinho à direita do Sr. Sabatier.

Os observadores colocaram um prato de argila úmida sobre a mesa, a fim de coletar qualquer impressão.

Após breve tempo, a cortina eleva-se e cobre o Sr. Maxwell.

Vários ruídos são ouvidos sobre a mesa, e o Sr. Maxwell é tocado onze vezes seguidas no topo da cabeça. As batidas são reproduzidas sincronizadamente pelo pé esquerdo da médium. A cadeira em que o Sr. Sabatier está sentado é *violentamente separada* de seu lugar e o dito Sr. Sabatier cai no chão.

A vigilância é rigorosa, e nenhum dos membros da médium realizou movimento capaz de justificar tal efeito.

9h50. — A cadeira do Sr. Sabatier levanta-se, indo colocar-se, primeiro em sua cabeça e depois em seu braço.

O Sr. de Rochas (Eduardo) substitui o Sr. Carlos de Rochas na corrente.

O piano abandona a poltrona colocada atrás de Eusápia, e vem instalar-se sobre a mesa.

Para fazer este caminho, ele passou entre Eusápia e o Sr. Maxwell, tendo este último percebido o transporte. O Sr. Maxwell pode afirmar que o piano guardava uma posição horizontal quando foi transportado sobre a mesa,

portanto, sem nenhuma semelhança com a posição que um objeto movido por uma corda ou fio de arame teria mantido.

O Sr. Maxwell vê as teclas *brancas* do piano, enquanto o referido instrumento emite duas notas acompanhadas por movimentos sincronizados dos pés de Eusápia. Ela recomenda-nos olhar o piano e, no momento em que colocamos essa ordem em prática, vemos o instrumento se aproximar do Sr. Sabatier e, depois de dar dois saltos, cair de volta na mesa. Dali a pouco ele se eleva, passando na frente do rosto do Sr. Sabatier.

A médium faz alguns movimentos com a mão que o Sr. Maxwell está segurando, e ao compasso desses movimentos, o piano produz sons.

10h05. — Os senhores Maxwell, de Gramont e Dariex, sentem diversos contatos em vários pontos de seus corpos.

10h10. — Eusápia nos aconselha olhar o piano. Este salta duas vezes seguidas sobre a mesa; dali sobe até acima da cabeça do Sr. Sabatier, e soam algumas notas.

O Sr. Sabatier declara que por alguns instantes vem observando nas mãos da médium certa mudança de situação que o obriga a manifestar *reserva quanto a garantir a vigilância das mãos*. Ele explicará suas dúvidas quando a sessão terminar.

O prato cheio de argila vai situar-se na cabeça do Sr. Maxwell, mas antes de chegar, cai e se quebra. Acentuam-se as dúvidas do Sr. Sabatier sobre as mãos da médium.

10h15. — Eusápia anuncia que vai formar uma cabeça.

“Olhem: (diz ela) vocês irão ver a cabeça.” O Sr. Maxwell olha; e a uma distância de 0,10m viu uma silhueta negra que se delineia na parede da sala, e é iluminada por uma faixa de luz que entra pela fresta da porta. Parece a silhueta de um crânio com uma massa de cabelos encaracolados. Projetada primeiro para a direita, ficou brevemente em repouso e depois passou para a esquerda com um movimento rápido.

A uma nova indicação de Eusápia, o Sr. Maxwell olha para o Sr. Sabatier e vê a silhueta de uma mão e um antebraço longo e fino por cima de sua cabeça.

O mencionado Sr. Sabatier sentiu vários contatos que coincidem com os movimentos de descida e elevação da mão misteriosa. Ninguém, a não ser o Sr. Maxwell, pôde observar esse fato, embora seja verdade que, devido ao

lugar que ocupava no círculo, era a única pessoa que podia perceber a referida silhueta sobre fundo iluminado.

10h20. — O Sr. de Gramont senta-se no banquinho, entre o Sr. Sabatier e Eusápia.

Encarregado de vigiar os pés da médium, ele os segura (durante toda a experiência) entre suas pernas entrecruzadas, enquanto com uma das mãos os mantém unidos e, com a outra, apoia-se sobre os joelhos de Eusápia. Ela tem a cabeça apoiada sobre a do já mencionado Sr. de Gramont.

No tempo que durou o experimento, o Sr. de Gramont observou que cada vez que uma manifestação ocorria, ela era precedida ou acompanhada por um movimento correlativo do pé da médium, correspondente ao lado onde deveria ocorrer o fenômeno. Tal movimento é acompanhado por um violento esforço muscular, que se revela pelo endurecimento dos músculos que entram em função. Assim, por exemplo, quando Eusápia agita a perna ou o pé esquerdo, eles se contraem e, ao mesmo tempo, a poltrona colocada atrás da cortina afasta-se ao compasso, como se fosse mecanicamente solidária do pé esquerdo que o Sr. de Gramont segura com uma de suas mãos. De resto, verificou-se com total exatidão que não há vínculo material entre a médium e a poltrona.

Empregando a rigorosa vigilância costumeira, ouviram-se algumas pancadas intensas na mesa, acompanhadas de movimentos sincronizados da perna esquerda.

Vários dos participantes experimentam contatos nas mãos.

A poltrona mexe-se e o *portier* é projetado sobre a mesa.

10h35. — Nas mesmas condições de vigilância que referimos anteriormente, ocorre o transporte de um prato de farinha.

Da mesa em que estava colocado, foi tocar na barba do Sr. Sabatier e, dali, passou a tocar a cabeça do Sr. de Gramont. O Sr. Maxwell percebeu a silhueta branca do prato de farinha, que, depois de ter permanecido algum tempo sob seu queixo, foi transportado em direção ao Sr. Sabatier. Ao passar entre este experimentador e Eusápia, ele o perdeu de vista.

O Sr. Sabatier continua *receando* dos movimentos das mãos da médium. Ele dará uma explicação mais tarde.

10h50. — Os senhores de Gramont, Sabatier e de Rochas são atingidos sucessivamente na cabeça, costas, coluna e braço. Neste momento, o Dr. Dariex, cansado, abandona a sessão.

Eduardo de Rochas ocupa o lugar do Sr. Maxwell, e o Sr. de Gramont substitui o Sr. Sabatier.

Eusápia pede que a mesa da sessão se afaste da janela e fique no meio da sala. O pé direito da médium repousa sobre o pé esquerdo do Sr. de Gramont, e o esquerdo, sobre o direito do Sr. Eduardo de Rochas.

Esses contatos *são insuficientes*.

Eusápia repete várias vezes. “*Altare, Altare*” que quer dizer: “Elevar-se, elevar-se”, como se indicasse que está tentando uma levitação.

Acompanhada pelas mãos de seus zeladores, ela repete o movimento de *acompanhá-las* no ar, embora sem exercer tração ou resistência significativa.

Passados poucos minutos, no meio de uma escuridão quase total, e *sem se apoiar em nada*, Eusápia ascende, como se estivesse num elevador.

Ao mesmo tempo que a médium, a cadeira em que ela permanecia sentada ergueu-se também, e seus pés ficaram quase à altura da mesa.

Os observadores se levantaram ao mesmo tempo, para acompanhá-la enquanto ela subia.

A partir deste momento, ela desprende-se das mãos dos observadores.

O Sr. Sabatier tenta perceber pelo toque, se Eusápia, enquanto se eleva, coloca um joelho na mesa para usá-lo como alavanca, mas nada foi capaz de verificar de maneira exata.

Os Srs. de Gramont e Eduardo de Rochas afirmam que Eusápia elevou-se com sua cadeira quase até a altura da mesa, sem fazer pressão sobre eles.

Este fenômeno extraordinário nos causa tanta surpresa que só podemos verificar que Eusápia está *em pé* sobre a mesa, ao lado de sua cadeira.

Ela ainda ensaia se elevar verticalmente. O Sr. Sabatier passa rapidamente a mão sob a sola dos pés de Eusápia e verifica que os calcanhares estão levantados, mas que a médium está apoiada nas pontas dos dedos.

A médium despenca; e imediatamente é recebida nos braços sentando-a no chão.

Sobre esta sessão, merece darmos as explicações que já fizemos pressentir.

Assim, verifica-se que a vigilância dos membros inferiores de Eusápia deixou a desejar, na medida em que se limitou a ter seus pés apoiados respectivamente nos pés imediatos dos guardas, também encarregados de segurar suas mãos.

Não se pode deduzir disso que todos os fenômenos que ocorreram enquanto a vigilância das extremidades inferiores era deficiente devam ser rotulados como fraudulentos. Longe disso. Há certo número deles que a médium não conseguiria realizar com os pés, mesmo que estivessem inteiramente livres.

Por outro lado: a vigilância das mãos não pôde ser exercida com grande precisão naqueles momentos em que ficamos completamente no escuro. O Sr. Sabatier, que segurava a mão direita de Eusápia, atentou para os seguintes fatos:

1.º Que a médium recusava-se a deixar segurar sua mão direita pela mão inteira do referido observador;

2.º Que aos poucos foi retirando-a até restar segurados apenas a palma e o punho.

3.º Essa dita mão estava em constante movimento, direcionando-a para a esquerda; e

4.º Que com frequência direcionava a extremidade dos dedos de sua mão direita para a mão esquerda segurada pelo Sr. Maxwell.

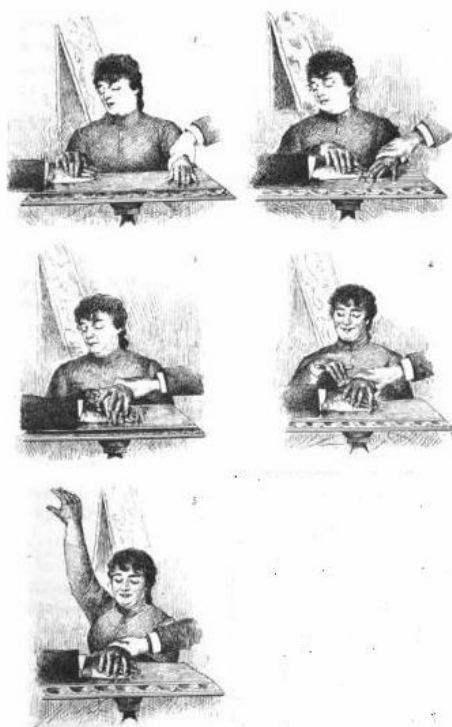
Estas manobras levaram-no a pensar que Eusápia poderia agir desta forma com a finalidade de substituir a mão esquerda pelas pontas dos dedos da mão direita, e uma vez conseguido isso, realizar os movimentos do piano, da placa de argila, dos contatos, do prato de farinha, etc. (1)

Supondo que esse truque seja verdadeiro, não seria suficiente para explicar o resto dos fenômenos, pois com a mão esquerda não poderia alcançar a aba da sobrecasaca do Sr. Sabatier colocada à *direita*, nem muito menos separar a cadeira do referido observador de seu lugar, etc. De tudo isso, devemos deduzir, que em meio a fatos fraudulentos, existem outros fatos de notória sinceridade.

É possível que a médium, querendo produzir um efeito, e tendo à sua disposição meios fáceis e meios difíceis para alcançá-lo, utilize consciente ou inconscientemente aqueles meios que exijam menor esforço.

No entanto: o resultado geral desta sessão foi menos afirmativo e satisfatório para nós do que o da sessão anterior, na qual a vigilância foi

correta, razão pela qual a Comissão fez a intenção de se mostrar mais exigente na sessão imediata.



(1) A presente gravura, que representa Eusápia Palladino em suas diversas posições de mãos, demonstra como – aproveitando a escuridão e uma série de movimentos habilmente combinados – poderia o guarda da direita continuar a acreditar que está segurando a mão direita da médium, quando na verdade o que ele sente é o contato da mão esquerda dela, segurada pelo vigia da esquerda. E com a mão direita em liberdade, ela pode produzir uma série de movimentos que têm, como é lógico, sua limitação.

6ª Sessão (1). — 28 de setembro de 1895.

(1) Esta sessão foi precedida por outra que se realizou às seis da tarde e da qual trataremos mais adiante.

Realizou-se às 20h30 no local habitual, com a presença dos mesmos observadores, excepto o Sr. Maxwell que teve necessidade de se ausentar.

Eusápia foi avisada de que, embora não abriguemos suspeitas de que ela esteja fraudando, desejamos, no entanto, que a vigilância possa ser feita com maior escrupulo do que na sessão anterior, considerando que é necessário um maior grau de luz na sala de experimentos.

A médium promete fazer tudo o que estiver ao seu alcance para obter bons resultados, autorizando seus zeladores a vigiá-la com o maior rigor.

Observa-se nela muito boa vontade e um desejo real de que os trabalhos sejam coroados de sucesso.

Às 6h da tarde, antes de comer, em estado natural e à luz de uma lamparina de petróleo, ela tem produzido para nós manifestações notáveis, cuja exposição reservamos para a última parte deste relatório.

Eusápia situa-se no extremo da mesa imediato à janela. Para oferecer uma prova demonstrativa de que suas mãos não tocam a mesa, ela pede dois copos cheios de água, que são colocados em cima do referido móvel.

A uma distância de 2,50m encontra-se outra mesa, sobre a qual repousa uma lâmpada a petróleo com abajur de musselina branca, cujo foco brilha com todo o seu esplendor. Eusápia mergulha cada uma de suas mãos no correspondente copo cheio de água (2).

(2) Desde o primeiro momento ela tentou produzir a levitação da mesa, simplesmente levantando as mãos que estavam submersas no líquido, mas não conseguiu sua tentativa, por mais que dissesse ter conseguido produzir esta fenômeno na Itália.

O Coronel de Rochas mantém uma das mãos nos joelhos de Eusápia para ter a certeza de que ela não exerce pressão para cima sobre a mesa. Os Srs. Sabatier e de Gramont, certificam-se de que os pés da médium não entram em contato com as pernas da mesa.

Eusápia exerce uma pressão excêntrica com as mãos enfiadas nos copos e, com essa pressão, desloca os dois recipientes por fora do perímetro da mesa, ora para a direita, ora para a esquerda, sem fazer o menor contato com o referido móvel. Este executa movimentos laterais seguindo a direção das mãos.

Algumas pancadas deixam-se ouvir na mesa.

Eusápia levanta as mãos que estão submersas nos copos, sem tocar a mesa em nada.

O Sr. de Watteville segura os joelhos da médium, deixando os pés à vista dos observadores. Nas condições descritas, a mesa eleva-se horizontalmente a 0,25m do solo, seguindo o movimento de elevação das mãos de Eusápia.

Permanece no ar por alguns segundos, e rapidamente desce até o chão.

Ao repetir esta experiência, a mesa subiu para uma altura de 0,30m, com a particularidade de ambas as levitações terem sido produzidas em plena luz.

9h30. — Levamos a lâmpada para fora da sala, mas através da porta entra luz suficiente para distinguirmos os objetos. As mãos de Eusápia ainda estão dentro dos copos sem ter derramado uma gota d'água, o que mostra que ela as manteve em posição constantemente vertical, posição que não lhe permite agir por preensão.

O Sr. Sabatier deita-se no chão e mantém firmemente seguros, em seus braços, os pés e as pernas da médium.

Seguindo um movimento feito por Eusápia com as mãos introduzidas nos copos, a mesa é derrubada junto às pernas do Sr. Sabatier. Neste momento a médium se desprende dos copos, e suas mãos são seguradas pelo Coronel de Rochas à direita e pelo Sr. Watteville à esquerda. O Sr. Sabatier coloca-se novamente sob a mesa, depois de situar o referido móvel em sua posição natural.

Eusápia está vestida com saias pretas muito simples, um gibão de cor clara e sem espartilho. Antes de iniciar a sessão, a Sra. de Rochas *inspecionou minuciosa e atentamente a médium enquanto ela se vestia*, tendo verificado que não ocultava nenhum objeto suspeito em seu traje ou em seu corpo.

Por outro lado, o Sr. Sabatier apalpou *com grande liberdade* a médium antes da sessão, incluindo *tronco e extremidades* em quase (1) toda a sua extensão, não tendo podido verificar a presença de qualquer artifício. Essa fiscalização já havia sido realizada em sessões anteriores, mas não com tanto rigor e *liberdade* como hoje.

(1) O Sr. Sabatier diz quase, porque naturalmente sentia certo embaraço em levar a mão a certos lugares, como, por exemplo, na fossa intermamária, onde, a rigor, algum objeto poderia estar escondido, mas note-se que Eusápia não usava espartilho, e que a senhora de Rochas inspecionara cuidadosamente todas as partes de seu corpo enquanto ela se vestia.

A pedido da médium, a lâmpada é colocada no vestíbulo e, como a porta está fechada, na sala de sessões reina a maior escuridão. Eusápia apoia a cabeça no cotovelo do Coronel de Rochas; sua mão esquerda é mantida imóvel sobre a mesa pelo Sr. de Watteville, e com a mão direita sendo segurada pelo já citado Sr. de Rochas, começa a apalpar o braço direito do mesmo, dizendo em italiano. “Eu procuro, eu procuro” e depois de um tempo “Encontrei”.

Enquanto isso, a mão esquerda da médium permanece segura sobre a mesa pela mão do Sr. Watteville.

Eusápia geme e agita-se muito. Momentos depois ouve-se uma pancada *muito violenta* na mesa, que ressoa fortemente na cabeça do Sr. Sabatier, que continua deitado no chão, mantendo imobilizadas as extremidades inferiores da médium.

Transportamos por um instante a lâmpada para a sala e encontramos, no meio da mesa, um volumoso seixo calcário, arredondado de um lado, e fendido do outro, pesando cerca de 500 gramas, e muito semelhante aos encontrados nas muralhas onde está construída a casa de Agnélas. (1)

(1) O Doutor Dariex retira-se neste momento porque está cansado.

Retiramos novamente a lâmpada, deixando a porta entreaberta, e desta forma *conseguimos distinguir com claridade os objetos, até ao final da sessão.*

Os membros inferiores da médium estão sendo segurados com ambas as mãos pelo Sr. Watteville.

O Sr. Sabatier o substitui para segurar a mão direita de Eusápia.

A poltrona que está a um metro de distância por trás da médium, eleva-se várias vezes e bate no chão com viveza.

A um gesto feito pela médium com a mão direita, que nesse momento é controlada pelo Sr. de Rochas, a poltrona dá saltos violentos.

Por indicação de Eusápia, o Sr. Sabatier abandonou o contato da mão direita, posicionando-se à direita do Sr. de Rochas.

O Sr. Sabatier levanta a perna direita da médium até fazê-la descansar sobre seu joelho, segurando o pé com a mão direita. O Sr. de Watteville segura a mão esquerda da médium com a mão direita e a perna esquerda com a mão homônima.

As mãos e a cabeça de Eusápia são claramente visíveis.

A poltrona eleva-se e bate várias vezes no soalho.

9h40. — Eusápia pede formarem corrente para lhe comunicar força. O Sr. Carlos de Rochas situa-se entre o Sr. Sabatier e o Sr. Watteville, constituindo a corrente. O pé direito de Eusápia é *visto* e segurado pelo Sr. Sabatier, enquanto o Sr. Watteville está encarregado de segurar o esquerdo.

A poltrona ergue-se em seus dois pés e inclina-se. O Sr. Watteville sente um contato.

Eusápia inclina-se um pouco para a frente e para a direita, ou seja, *do lado oposto ao que ocupa a poltrona*, e avisa o Sr. Sabatier de que vai puxar-lhe

com suavidade os cabelos, e que enquanto isso se realiza, a poltrona que fica a *um metro* de distância, irá avançar lentamente.

O fenômeno opera-se de maneira totalmente exata.

Em seguida, a médium afasta a cabeça do Sr. Sabatier, e a poltrona acompanha esse ato deslocando-se para trás. A luz é suficiente para os observadores poderem verificar exatamente tudo o que está acontecendo.

A seguir, a médium nos diz que vai tirar a chave do baú, que fica bastante afastado de seu assento.

As condições de iluminação e vigilância são as mesmas de antes. De repente, ouve-se muito claramente a chave ranger na fechadura, mas por estar mal colocada não chega a se desprender.

Eusápia pega com uma de suas mãos o punho esquerdo do Sr. Sabatier, e com dois dedos da mão oposta, ela circunda o dedo indicador, produzindo movimentos de rotação alternados, aos quais correspondem os rangidos sincronizados da chave girando, ora em um sentido, ora em outro.

9h45. — A senhora de Rochas entra a formar parte da corrente, colocando-se entre os senhores de Rochas e Sabatier.

A vigilância é realizada nas mesmas condições.

De repente, Eusápia desprende suas mãos das mãos de seus zeladores e, *levantando-as por cima da mesa* à vista de todos, começa a esfregá-las com atividade. À mímica das mãos de Eusápia, a poltrona corresponde sincronizadamente por meio de batidas e saltos.

A seguir, a médium pega com suas *duas mãos*, a mão do Sr. Sabatier, e faz uma série de gestos de vaivém, como se quisesse abrir o baú localizado a um metro de distância. De repente, a tampa do baú começa a se agitar, produzindo um ruído tumultuoso comparável ao de uma porta que alguém está tentando abrir, mas que oferece clara resistência.

Neste momento, o Sr. de Watteville dirige-se ao grupo, afirmando: visto que a médium fez a chave girar sem conseguir abrir o baú, é de opinião que um dos presentes o abra, embora sem levantar a tampa.

Como os observadores estão de acordo com a proposta de Watteville, ele procede a abrir a fechadura.

Eusápia repete a mímica anterior, e a tampa do baú levanta-se por completo. Ela imediatamente inclina a cabeça para o Sr. Sabatier colocado à sua *direita*, e aplica *cada uma* de suas mãos na *face correspondente* do referido observador, dando-lhe batidas cadenciosas que se relacionam com

os movimentos da tampa do cofre. Uma batida nas faces, abre a tampa; a batida seguinte a fecha.

Este fenômeno é completamente autêntico, e todos os presentes o *viram* e ouviram com suma exatidão. A vivacidade dos movimentos da tampa guarda proporção com a das batidas.

Depois que os fenômenos foram reproduzidos várias vezes, Eusápia empurra com *energia* a cabeça do Sr. Sabatier na direção do baú, e a tampa deste fecha-se com estrépito.

O desenvolvimento desses fenômenos *foi previamente anunciado* pela médium, e sendo assim, as observações pudessem ser feitas com precisão. Não pode haver a menor sombra de dúvida quanto aos fatos que acabam de ser expostos, pois além de a vigilância ter sido efetuada com grande escrúpulo, teria sido impossível a fraude, pois do local ocupado por Eusápia não era possível alcançar o baú, tendo-se verificado que não havia qualquer meio de transmissão entre ela e o referido móvel.

Os participantes ficaram extremamente impressionados com os resultados obtidos.

No entanto, a médium algumas vezes acenou com as mãos, tentando executar *movimentos semelhantes aos que na sessão anterior nos fizeram pensar em manobras fraudulentas*.

Esses movimentos podem dar lugar a duas explicações diferentes; ou são tentativas de fraude realizadas *inconscientemente* pela médium depois de estar acostumada a realizá-las sempre que as condições são favoráveis, ou são movimentos inocentes que o estado de *transe*, sofrimento e esforço provoca involuntariamente na médium indo em busca de um alívio fisiológico.

A última sessão apresenta, sobre as anteriores, a vantagem única de termos obtido variados fenômenos produzidos com diversos objetos que estavam localizados em direções muito diferentes. É evidente que se tentássemos admitir a fraude para todos os fenômenos, também seria necessário admitir uma combinação de procedimentos muito variados, e uma maquinaria muito complicada e múltipla, e tudo isso seria difícil de passar despercebido para a atenção alerta dos observadores.

Quanto ao único fato ocorrido às escuras, ou seja, o transporte do seixo de 500 gramas sobre a mesa, a Comissão reserva-se a emissão de um julgamento, mesmo não tendo motivo algum para atribuí-lo a fraude.

No entanto, a explicação do fato mencionado está incluída em uma das seguintes hipóteses:

1º. O seixo foi trazido oculto pela médium e habilmente jogado por ela sobre a mesa. Mas o exame cuidadoso que a Sra. de Rochas e o Sr. Sabatier fizeram em Eusápia antes do início da sessão, não pôs em evidência tal objeto e, afinal, permaneceria sem explicação a maneira como Eusápia teria conseguido projetar o seixo sobre a mesa sem ser percebida pelas pessoas que seguravam suas mãos. Porém, é necessário insistir nas tateações realizadas por Eusápia com a mão que o Sr. de Rochas segurava, e que a escuridão não nos permitiu precisar a que se encaminhavam, mas seja como for, é muito difícil entender como aquelas apalpações, feitas no braço direito do dito Sr. de Rochas, poderiam permitir que Eusápia pegasse uma volumosa pedra dissimuladamente oculta entre suas roupas.

2º. A pedra foi trazida do exterior, em virtude de uma força própria de Eusápia. A Comissão não nega a possibilidade de que o transporte fosse produzido desta maneira, mas antes de formular um parecer, é fundamental que o fato seja melhor apurado.

3º. Por último; Eusápia poderia ter guardado o seixo na sala desde o dia anterior, e tê-lo jogado sobre a mesa com a ajuda do mesmo agente que lhe permite levantar mesas, etc.

Talvez esta seja a explicação mais racional, mas a Comissão limita-se a registrar o fato sem avaliá-lo; esperando novas experiências para sair de uma reserva que considera ser muito justificada e legítima.

Quanto aos outros fenômenos e, em particular, os movimentos realizados pela mesa enquanto as mãos de Eusápia permaneciam dentro dos copos cheios de água, e os fatos relativos ao baú, todos os observadores presentes os consideram perfeitamente autênticos.

Fenômenos tais mostram que *Eusápia pode atuar sobre os corpos materiais, à distância e sem nenhum contato.*

5ª sessão. — 28 de setembro às 18h00.

Em um dos extremos da pesada mesa de 1 metro de comprimento que se encontra na sala, colocamos uma potente lâmpada a petróleo com abajur de musselina branca, que ilumina brilhantemente o grupo.

São 6 e meia da tarde. Eusápia acha-se em seu estado normal. Estão presentes os Srs. de Rochas, Sabatier, de Gramont, de Watteville, a Sra. e a Srta. de Rochas. O Dr. Dariex presenciou a 2ª experiência feita com o pesa-cartas, e da qual vamos prestar contas.

O Sr. de Gramont pergunta a Eusápia se, em estado normal e em plena luz do dia, ela se sente capaz de agir pela simples imposição de mãos sobre um pesa-cartas que traz em sua mala de viagem. Eusápia responde que está disposta a tentá-lo, e os membros da Comissão são de opinião que tal experimento deve ser feito *imediatamente*, porque seu caráter improvisado afastará qualquer hipótese de preparação.

O Sr. de Gramont foi procurar o pesa-cartas em seu quarto e, uma vez de posse do instrumento, este foi colocado sobre a mesa, a 0,60 m da lâmpada e à vista dos presentes. O referido pesa-cartas possui um pratinho e um contrapeso localizado na extremidade de uma alavanca curvada. O peso correspondente à descida do pratinho é indicado por uma longa agulha que passa por um mostrador. O limite máximo de descida do pratinho corresponde a um peso de 50 gramas. (Ver a gravura correspondente).

Gravura 09 - Agnélas em 1895



O pesa-cartas a tamanho natural

*Gravura 09 - Agnélas em 1895.
O pesa-cartas no tamanho natural*

A médium coloca-se em pé diante do pesa-cartas, cuja *agulha* assinala 0. Os assistentes situam-se ao redor da mesa, observando com a maior atenção as mãos de Eusápia e o instrumento. De repente, ela tenta fazer o pratinho descer, colocando uma das mãos poucos centímetros acima dele,

mas o experimento não dá resultado. Então, junta as duas mãos em forma de cone, colocando uma à esquerda e a outra à direita do pratinho, concentrando sua vontade nesse ponto.

As pontas dos dedos estão a 3 ou 4 centímetros do pesa-cartas e, portanto, não fazem o *menor contato* com ele.

Eusápia desenha alguns movimentos com as mãos, direcionando-as para cima e para baixo e, após alguns minutos, o prato começa a oscilar em sincronicidade com as mãos. Por fim, a descida do pratinho é realizada até o seu limite máximo, e imediatamente torna a subir.

Esta experiência foi realizada com a mesa completamente fixa.

Alguns momentos depois, repetimos a experiência nas mesmas condições de luz e vigilância de antes.

Eusápia coloca-se perto de um canto da mesa e, após alguns momentos de preludiar os movimentos com as mãos, pede ao Coronel de Rochas e ao Sr. de Gramont que lhe toquem nas costas.

No mesmo instante em que os contatos são feitos, o pratinho desce até o 0.

Todos os observadores reconheceram que os dedos da médium estavam afastados do pesa-cartas pelo menos *três centímetros*, e que com uma iluminação tão perfeita realizar um truque seria muito difícil.

Por outro lado, o experimento foi repetido, *na presença dos mesmos participantes* e usando, se possível, um maior rigor na observação. Assim, por exemplo, para controlar o movimento das mãos e mantê-las afastadas do pesa-cartas, o Sr. Sabatier colocou-se atrás da médium e, passando os braços pelos lados da cintura dela, tomou-lhe as mãos, só deixando livre seus extremos.

Nessas condições, ele acompanhava os movimentos das mãos da médium e pôde verificar que elas não tocavam o pesa-cartas.

A experiência foi coroada de sucesso, chegando o pratinho ao seu limite de descida.

Por último, dissolvida a reunião, ficaram na companhia de Eusápia o Sr. Sabatier e o Coronel de Rochas com sua esposa e filha. Na presença dessas pessoas, Eusápia realizou o seguinte experimento:

Primeiro, o pesa-cartas foi colocado a 0,30m da borda da mesa perfeitamente iluminada. O Sr. Sabatier colocou-se defronte, para abraçar com um olhar, o pesa-cartas e as mãos de Eusápia.

A pedido do referido Sr. Sabatier, a médium colocou as mãos abertas na direção dos planos verticais de ambos os lados do pesa-cartas, praticando movimentos na direção horizontal, como se quisesse dar ao instrumento um movimento total de progressão.

Depois de um ou dois movimentos realizados naquela direção pelas mãos, distantes 50 centímetros do pesa-cartas, este começou a deslizar sobre a mesa, primeiro devagar, depois bem rápido, até cair no chão a certa distância do pé da mesa. O peso daquele instrumento era de 125 gramas.

O relato das nossas experiências termina aqui.

Talvez seremos questionados por não termos descrito mais detalhadamente todas as circunstâncias que concorreram para a produção dos fenômenos; mas como seria possível comprazer em tudo a um espírito fértil em objeções?

As discussões promovidas sobre a vigilância dos pés e das mãos da médium, a partir das experiências de Milão, Carqueiranne, Varsóvia e Cambridge, não mudaram a opinião de ninguém, pois umas e outras partes apoiam-se em afirmações que não podem ser provadas de forma absoluta.

De nossa parte, não temos a pretensão de supor que não pudéssemos ter sido enganados, nem tentar levantar um julgamento definitivo sobre questões tão vastas e delicadas, mas devemos declarar que apesar dos antecedentes que possuímos quanto a supostas fraudes, e tendo sempre prestado uma atenção muito alerta, nunca apanhamos a médium em flagrante delito de engano.

Nossas conclusões ressaltam da própria exposição dos fatos. A sua concordância com as dos numerosos e eminentes experimentadores que nos precederam, operando com diferentes métodos e auxiliados por aparelhos registradores, certamente contribuirá para formar opinião naquela parcela do público que se dá ao trabalho de ir em busca da verdade.

A. Sabatier; A. de Rochas; A. de Gramont; Maxwell; X. Dariex; C de Watteville. (1)

(1) Os senhores de Rochas, de Gramont e de Watteville, reuniram-se novamente neste ano (1896) para estudar a Eusápia Palladino no castelo de Choisy, propriedade do Sr. Maxwell, substituto do Procurador-Geral de Bordéus.

De 1 a 15 de outubro ocorreram seis sessões, durante as quais os dois fenômenos relatados a seguir foram realizados um grande número de vezes, enquanto as mãos de Eusápia estavam sendo seguradas e eram vistas pelos participantes.

1.º *Produção de movimentos sem contato.*

2.º *Formação de mãos fluídicas que puderam ser tocadas e vistas por alguns segundos.*

Os experimentadores concordam em afirmar da maneira mais absoluta os fatos percebidos por seus sentidos, mas nada do que eles observaram permite decidir se as mãos fluídicas são sempre devidas ao corpo astral de Eusápia e dirigidas por seu espírito, ou se a matéria astral desprendida da médium adquire formas e movimentos sob a ação de uma inteligência independente, como afirma Eusápia quando está em transe.

Essa inteligência independente, seria a de John King, que teria vivido antigamente no Egito?

A explicação mais simples e que guarda conformidade com os dados fornecidos à ciência pelos experimentos dos Srs. Charles Richet e Rochas, consistia em descartar toda intervenção extra-humana, e não ver nessa espécie de possessão nada além de uma mudança de personalidade, devida a uma autossugestão após Eusápia ter passado por vários grupos espíritas. Apesar de tudo, certos fenômenos são difíceis de explicar com a ajuda desta hipótese, e seria muito interessante averiguar a história da enigmática entidade que, desde há 50 anos, intervém nos fenômenos de materialização sob o nome de John King, mas com histórias diferentes, outorgando-se ora o título de rei dos elementais, ora passando por um inglês, um índio ou um egípcio.

(Comunicação enviada pelo Sr. Albert de Rochas a L'HUMANITÉ INTÉGRALE. Dezembro, 1896).

SEGUNDA PARTE

EXPERIÊNCIAS E OBSERVAÇÕES DIVERSAS

Capítulo I

As experiências de Gasparin em 1854

I. Experiências do Conde Gasparin

Em 1854, o Conde *Agénor* de Gasparin publicou (1) o resultado das experiências que realizou na Suíça por espaço de cinco meses e na companhia de doze pessoas, no que diz respeito a movimentos que podem ser provocados em objetos inanimados por meio da corrente magnética.

(1) Des Tables tournantes. Paris. 1854; 2 vol. Em 1888 foi publicada a 3.ª edição.

Eis como o Sr. de Gasparin descreve a primeira manifestação obtida, de movimento à distância:

A mesa afastou-se de nós por meio de uma rotação enérgica, no momento em que, a um sinal combinado, todos levantamos as mãos, continuando depois a formar uma corrente por cima da mesa sem tocá-la, e dando voltas em torno dela. Enquanto continuamos nesta posição, a mesa ainda deu três

ou quatro voltas. Uma ou duas vezes o movimento do referido móvel foi detido, pois nos acidentes da marcha, desprendemos as mãos de sua posição regular, ou seja, por cima das bordas da mesa, continuando o movimento no instante em que a corrente foi situada no lugar conveniente. Todos nós, os participantes, estávamos convencidos de que cada mão exercia uma espécie de atração sobre a porção da mesa com a qual se relacionava. (Sessão de 26 de dezembro)

Naturalmente, sentíamos uma certa impaciência em submeter novamente a mesa ao teste de rotação sem contato, e sendo assim, nem sonhamos em variar o procedimento, embora reconhecêssemos a necessidade de repetir o experimento com mais atenção, e na presença de menos testemunhas... Posso afirmar que, uma vez posta a mesa em movimento, ela conservava um certo impulso, ao qual obedecia mecanicamente. Era conveniente, pela mesma razão, produzir a rotação a partir de um repouso completo, e foi o que fizemos.

Estando a mesa imóvel assim como nós, formamos a corrente separando-nos algumas linhas acima das bordas do móvel e, após alguns instantes, começamos a circular lentamente em torno dela.

Após um momento, a mesa fez um leve movimento, e então tentamos atrair para nós, com a força da vontade, a porção da mesa que tínhamos diante de nossa mão, alcançando nossos propósitos.

Pela dificuldade que existe em manter a corrente no ar, sem quebrá-la, e sobretudo, sem suprimir a relação estabelecida, por vezes acontece que a rotação se detém. (Sessão de 29 de setembro)

Conseguimos produzir e continuar a rotação, partindo de um estado de repouso. Ao impulso de nossa vontade e encontrando-nos completamente imóveis, conseguimos fazer a mesa dar um quarto de volta. (Sessão de 6 de outubro). . . .

De dentro de uma bacia cheia de água sai um eixo sobre o qual gira um pires. Dois observadores e eu submergimos nossas mãos na água da bacia, e então formamos corrente, dando voltas ao redor da mesma, mas sem tocá-la.

Em pouco tempo começou a voltar, acompanhando nossos movimentos. Essa experiência foi repetida várias vezes. . . .

Como se poderia imaginar que a impulsão comunicada à água teria sido capaz de propagar o movimento para a bacia, procedemos de imediato ao contra teste.

Agitamos circularmente a água com mais rapidez do que antes e, apesar disso, o balde não se mexeu. . . .

Voltemos à demonstração por excelência, a levitação sem contato.

Para poder exercer uma vigilância bem rigorosa, decidimos utilizar um tripé de abeto, que cinco pessoas unidas em corrente pusemos em movimento.

Logo depois, o fizemos levantar até sete vezes, por meio de esforços de vontade e sem tocá-lo. (Sessão de 7 de outubro). . . .

Dentre as novas tentativas feitas, citarei aquela cujo objetivo era suspender completamente uma mesa no ar, pendurada em uma roldana e equilibrada por um contrapeso. Apenas um de seus pés tocava o chão e, assim que formamos corrente, ocorreu a levitação.

A obra do senhor de Gasparin, escrita há 40 anos, ainda não envelheceu, por isso aconselho aos amantes do bom senso que a leiam, pois nela são flagelados os preconceitos dos pedantes e dos tolos, num estilo elegante e engenhoso.

No momento, diz ele, (1) que o orgulho das ciências exatas explode como nunca antes; no momento em que elas multiplicam suas descobertas e podem ter penetrado em todos os segredos da Criação, sobrevém uma pequena observação, impertinente e imprevista, que não se deixa classificar em nenhuma das categorias oficiais. Será que as categorias irão ser feitas de novo por tão pouco? Será possível os sábios renunciarem à sua infalibilidade? Será que eles irão confessar sua ignorância e seus limites?

(1) 3.^a edição , pág. 262.

Não. É mais fácil negar de antemão a realidade do fato. Não deve existir; portanto não existe. Não há lugar para ele neste mundo. As academias que tudo sabem e entendem, não saberiam o que fazer com o fato novo. Julguem o quanto é difícil pedir auxílio para ele e amotinar a massa de pessoas ignorantes que ostentam a pretensão de serem "*pessoas sensatas*" por excelência; gente cuja profissão consiste em "não perder tempo com bobagens" na expressão de Bassompierre, e nunca abandonar suas opiniões ortodoxas, e que mais afirmam quanto menos pensam, manifestando sua superioridade por meio de um arrogante rigorismo com relação a ideias suspeitas!

II. Os comentários do Dr. Thury

O Dr. Thury, professor da Universidade de Gênova, e um dos observadores que assistiram às experiências do Sr. de Gasparin em Valleyres, publicou no ano de 1855 um folheto de 64 páginas, in. 8^o com o título: *Les tables tournantes, considérées au point de vue de la question de physique générale qui s'y rattache.*

Este folheto é muito difícil de encontrar, mas o Dr. Thury resumiu os pontos principais em um anexo à 3^a edição da obra de Gasparin, impressa em 1888.

Durante os 33 anos (diz ele) que nos separam do tempo da epidemia das mesas giratórias, e da primeira publicação do consciencioso livro do Sr. Agénor de Gasparin, nada se tem adiantado quanto ao conhecimento dos fenômenos sobre os quais ele se esforçou para atrair a atenção dos físicos. No entanto, a questão está palpitante ainda.

Sua hora não chegou, porque na ciência atual não existem fatos que possam servir de ponto de apoio para esses fenômenos. Chegará um tempo em que o prédio será construído com as braçadeiras colocadas em 1854.

Trinta anos são curto espaço; outras descobertas levaram mais tempo para serem desenvolvidas em toda sua plenitude.

Thury passa imediatamente a descrever um grande número de experiências, entre as quais apenas reproduz aquelas referentes a movimentos sem contato.

O Sr. Figuier considera-se autorizado para negar *a priori* a possibilidade do resultado principal das experiências de Valleyres. A movimentação de corpos inertes sem o contato das mãos, é em seu conceito, uma impossibilidade manifesta.

Mas vem à nossa mente uma pergunta. Não é verdade que os fatos novos sempre se apresentam com o caráter de uma impossibilidade aparente, e sem terem evidente conexão com fatos anteriores? Esta questão merece ser meditada pelo Sr. Figuier, que tão competente se considera em história das ciências.

Por outro lado, ignoramos qual é o verdadeiro critério que permite reconhecer a impossibilidade de uma coisa; e, como a impossibilidade não

pode ser demonstrada, é preciso reconhecer que se trata apenas de um simples preconceito.

No caso atual, onde estaria a demonstração da impossibilidade de movimentos sem contato? Existem forças que movem os corpos à distância (o que não é o mesmo que dizer, sem intermediários), como a eletricidade e o magnetismo. A vontade, que é *uma força de determinação*, age sobre algumas partes do sistema nervoso, sem que se saiba como é a sua forma de agir.

Como consequência da ignorância em que nos encontramos quanto ao modo de agir da vontade, ninguém pode afirmar a impossibilidade de que essa força possa atuar sobre a matéria, sob certas condições. Poderiam objetar que esta ação não pode ser comprovada de maneira indubitável, mas será que estamos autorizados a negar a *possibilidade* de um fato que não tem sido possível ser observado com toda evidência? Tal modo de proceder seria a morte de todo progresso científico.

Se alguém afirmasse que é possível o movimento sem contato, alheio a toda força, haveria razão para considerar impossível esse fato; mas a fadiga experimentada pelos operadores quando produzem esse fenômeno, uma fadiga muito maior do que aquela produzida quando intervém apenas a ação muscular, já é uma demonstração de que a energia é exteriorizada.

Os *nervos* e os *músculos*, que por outro lado não existem nos animais muito inferiores, *representam simplesmente a matéria especializada, na expectativa do melhor uso possível da força.*

Admito que os fatos novos devem ser estabelecidos com a maior clareza possível; e dada a hipótese de que no presente caso essa condição não tivesse sido satisfeita, justificar-se-ia um exame cuidadoso, científico e inteligente, mas nunca um lacônico desdém.

A pesquisa científica é sempre gradual e, daí que o conhecimento perfeito não seja alcançado no primeiro salto.

As condições precisas, necessárias e suficientes, nas quais um fenômeno ocorre, é possível não serem conhecidas até chegar ao último resultado das pesquisas. Portanto, não é razoável exigir, sob o pretexto do determinismo, que todo fato novo possa ser dirigido à vontade pelo experimentador. Quando o evento ocorre, comprova-se e estuda-se. Se o resultado das primeiras observações não fosse levado em conta, qualquer investigação ulterior seria impossível e as ciências de observação não existiriam.

Pelo mesmo motivo, é injustificada a repreensão que o senhor Figuiier lança ao senhor de Gasparin, por não ter podido reproduzir, em certas circunstâncias, o fenômeno do movimento dos corpos inertes sem o contato das mãos.

Dois fatores importantes podem impedir sua reprodução; o conhecimento exato das condições do fenômeno, e a força necessária para produzi-lo.

Mas esses resultados negativos deixam intactos os fatos positivos anteriormente comprovados.

Mas esses fatos, seriam realmente verdadeiros?

Permitam-me relatar apenas três experiências, que me parecem suficientes, o bastante para estabelecer o fato do movimento dos corpos inertes sem o contato das mãos.

As experiências em que a ação das mãos é exercida à distância, e as de levitação, são muito difíceis de produzir. Devem ser sempre precedidas de exercícios preparatórios, nos quais está envolvido o contato das mãos sobre a mesa, pois assim desenvolve-se um determinado estado particular, que é uma das condições para o aparecimento do fenômeno. Por outro lado, *é indiferente que a preparação seja feita em qualquer mesa.*

Primeira experiência. — Tripé de 82 centímetros de diâmetro, com plataforma pouco lisa e sem rodinhas. Para dar a este móvel um movimento de rotação, é necessário desenvolver em uma de suas bordas um esforço de 2 a 3 quilos.

Oito ou dez pessoas reunidas, colocam as mãos a dois ou três centímetros da superfície da mesa. Eu sou o encarregado de vigiar seus movimentos, e o Sr. Edmundo Boissier vigia as pernas da mesa e a superfície inferior da tábua.

Não surpreendemos nenhum contato dos operadores sobre a mesa, que ora balançava, ora dava meia, uma e até duas voltas sobre si mesma. No entanto, reconhecemos alguma dificuldade em vigiar um número tão grande de operadores. Esse inconveniente foi resolvido na seguinte experiência.

Segunda experiência. — Apenas duas pessoas, a Sra. de Gasparin e a Sra. de Doxat, atraem um pequeno tripé sem tocá-lo. Colocando as mãos a dois ou três centímetros por cima da mesa, conseguem fazê-la girar e balançar.

Essa experiência me impressionou tanto que, embora passados 33 anos, guardo a lembrança tão viva quanto no dia em que a presenciei. A dúvida não é mais possível; o movimento de corpos inertes por efeito da vontade humana e sem ação mecânica direta, é um fato. E como o fato existe, *ele é possível*, apesar de todas as objeções que possam ser levantadas *a priori*.

Terceira experiência. Uma fina camada de farinha foi espalhada sobre a mesa, em estado de repouso. A ação das mãos colocadas à distância conseguiu atrair o móvel. Imediatamente a camada de farinha foi inspecionada, não encontrando nela o menor vestígio.

Temos comprovado que o contato mais insignificante deixa vestígios visíveis na farinha e que as sacudidas que a mesa recebe durante o experimento não são suficientes para fazê-los desaparecer. Essa terceira experiência foi testemunhada pelo conde de Gasparin, membro da Academia de Ciências de Paris e ex-ministro.

Em diferentes ocasiões ele tentou reproduzir o fenômeno, e sempre deu os mesmos resultados. . . .

O senhor de Rougemont (Frederico) obteve efeitos semelhantes durante os meses de maio e junho de 1853. Em Valentin, localidade próxima a Yverdon, cinco pessoas situaram-se ao redor de uma mesa, formando uma corrente a três quartos de polegada por cima dela.

O móvel girava, enquanto os operadores permaneciam imóveis. A experiência foi repetida várias vezes, e sempre com sucesso.

O Sr. de Rougemont era um homem de grande valor intelectual e moral, e uma das maiores glórias da Suíça, e por isso suas afirmações eram de grande peso.

Por outro lado, o autor destas linhas, que nunca, por conceito algum, se aproveitou da boa-fé de ninguém, julga-se obrigado a declarar que o fenômeno do movimento sem contato é verdadeiro, e faz esta declaração espontânea, porque reconhece que o primeiro dever de um homem de ciência, é dar testemunho da verdade.

Capítulo II

Relatório da Sociedade Dialética de Londres em 1869

No mês de agosto do ano de 1855, o Dr. Hare, Catedrático de Química da Universidade da Pensilvânia, expôs ao Congresso da Associação Americana para o Avanço das Ciências, o modo como se originou uma pressão de 18 libras em uma balança de mola, com a qual um médium se comunicava através da água.

O desenho do aparelho e sua descrição encontram-se na obra que o Dr. Hare publicou no ano seguinte em Nova York sob o título *Experimental investigation*. Limito-me apenas a citá-la, pois no Capítulo III tornaremos a encontrá-la aperfeiçoada pelo Dr. Crookes.

Em 1868, quando o médium Home estava em Londres, vários cientistas eminentes, especialmente o Dr. Cromwell Fleetwood Varley, agora membro da Royal Society de Londres, estudaram os fenômenos que ele produziu.

O Sr. Varley escreveu uma longa carta aberta ao Dr. Tyndall sobre os fatos em estudo, da qual copio os seguintes parágrafos:

“Desejando atender seus pedidos, farei uma breve descrição dos fenômenos físicos que presenciei em duas ocasiões diferentes com Home, bem como das precauções que tomei para evitar qualquer fraude.

Algumas pessoas bem informadas me falaram sobre as manifestações extraordinárias que ocorreram com o sujeito mencionado, e esta foi a causa da minha decisão de explorar pessoalmente a natureza dessas manifestações.

A segunda sessão aconteceu em minha casa, onde Home nunca havia estado.

Aconteceram inúmeros fenômenos semelhantes aos descritos. No decorrer da sessão, o Sr. Home ficou agitado, pedindo que eu segurasse suas mãos e dizendo em voz alta: “Oh! dirija para trás o seu olhar.” Imediatamente ele colocou as duas pernas sobre o meu joelho esquerdo e suas mãos ficaram entre as minhas.

Dirigindo um olhar para o local designado por Home, vimos aproximar-se como que movida por uma força invisível, uma mesinha com rodas que no início da sessão ocupava um lugar imediato à janela.

Um longo sofá, com capacidade para oito pessoas, atravessou de lado a lado a sala em que estávamos reunidos.

A fraude era impossível.

Talvez vocês se perguntem por que não dei conta desses fatos antes, mas a resposta é simples.

Vocês sabem perfeitamente como é que neste mundo de discórdia as novas descobertas são recebidas.

Tenho trabalhado o quanto as ocasiões, a minha saúde e os meus afazeres me permitiram, para investigar a natureza da força que dá origem a tais fenômenos, mas até agora só pude descobrir que a fonte de onde parte esta força física deve ser buscada nos sistemas vitais dos participantes, e especialmente do médium”.

Em 6 de Janeiro de 1869 a Sociedade Dialética de Londres, constituída há dois anos sob a presidência do Sr. John Lubbock, e integrada pelos principais estudiosos ingleses, decidiu que “De acordo com o artigo VII, o Conselho deve proceder à nomeação de um comitê para examinar os supostos fenômenos espíritas, e escrever um relatório sobre o assunto”.

Este foi o relatório do Comitê:

Senhores:

“O comitê por vocês designado para investigar os fenômenos atribuídos às manifestações dos Espíritos, informa a este respeito o seguinte:

O seu comitê realizou 50 sessões, durante as quais recebeu depoimentos de trinta e três pessoas, que descreveram os fenômenos ocorridos em seus próprios experimentos.

O seu comitê recebeu documentos escritos relacionados a esses fatos, de trinta e uma pessoas.

Seu comitê também solicitou a assistência de pessoas que atribuíram esses fenômenos a fraudes ou enganos.

Pela mesma razão o seu comitê, em tanto que obtinha sucesso nas provas dos fenômenos e de sua origem espiritual, quase nunca pôde conseguir que os partidários deste último sistema a elas comparecessem.

Como pareceu da maior importância ao seu comitê investigar os fenômenos em questão, por meio de experimentos e provas pessoais, dividiu-se em subcomissões para uma melhor consecução do objeto, distribuindo-se de comum acordo, em seis frações.

Cada um destes subcomitês enviou relatórios, dos quais resulta que as grandes maiorias dos membros do seu comitê são atualmente testemunhas de vários tipos de fenômenos, “sem a ajuda ou presença de médiuns profissionais”, embora quase todos tenham iniciado suas investigações cheias das mais céticas ideias.

Esses relatórios, os quais anexamos, no fundo corroboram-se uns aos outros e parecem estabelecer as seguintes proposições:

1.^a Que ocorrem sons de natureza muito diversa, aparentemente vindos dos móveis, do chão e das paredes dos cômodos, sem serem produzidos por nenhuma ação muscular, ou artifício mecânico; sendo as vibrações que acompanham os sons, frequentemente muito perceptíveis ao tacto.

2.^a Que ocorrem movimentos de corpos pesados, sem artifício mecânico de qualquer espécie, nem exercício de força muscular alguma por parte das pessoas presentes, e amiúde sem contato ou proximidade de pessoa alguma.

3.^a Que esses sons e movimentos frequentemente ocorrem no momento e da maneira solicitada pelos experimentadores e que, por meio de um simples código de sinais, respondem a perguntas e soletram comunicações coerentes.

4.^a Que as respostas e comunicações obtidas, geralmente são feitas em uma linguagem atual; mas às vezes são tão estranhas que apenas uma das pessoas presentes sabe o que significam.

5.^a Que as circunstâncias em que esses fenômenos ocorrem são invariáveis, e é de se notar que a presença de certas pessoas parece necessária para sua produção, sendo que a de outras é geralmente desfavorável; mas essa diferença não parece depender da fé ou da incredulidade nos fenômenos.

6.^a Que apesar disso, a presença ou ausência de determinadas pessoas não garante a manifestação dos fenômenos.

As provas verbais e escritas recebidas pelo comitê referem-se não só a fenômenos de natureza igual aos presenciados pelos subcomitês, mas também a outros de caráter mais diverso e extraordinário.

Treze testemunhas afirmam ter visto corpos pesados (às vezes homens), erguerem-se lentamente no ar e permanecerem por algum tempo nessa situação, sem utilizar qualquer apoio visível ou palpável.

Catorze testemunhas afirmam terem visto mãos ou rostos, não pertencentes a nenhum ser humano, mas vivos pela sua aparência e mobilidade, e que por vezes os tocaram ou roçaram, estando perfeitamente seguros de que não eram resultado de imposturas ou alucinações.

Cinco testemunhas afirmam terem sido tocadas por alguns agentes invisíveis em várias partes do corpo, muitas vezes onde pediam, estando visíveis as mãos de todos os presentes.

Treze testemunhas dizem ter ouvido peças musicais bem tocadas em instrumentos que nenhum agente visível ou tangível manejava.

Cinco testemunhas declaram terem visto carvões incandescentes aplicados nas mãos ou cabeças de várias pessoas, sem que estas sofressem dores ou queimaduras; e mais três testemunham que passaram pela mesma experiência em si mesmos com a mesma impunidade.

Oito testemunhas atestam que receberam informações precisas por meio de pancadas, escritos ou outros meios de comunicação, sobre fatos desconhecidos de todos, inclusive deles próprios, que as indagações posteriores confirmaram plenamente.

Uma testemunha declara ter tido uma informação precisa e detalhada que, no entanto, se revelou completamente errônea.

Três testemunhas afirmam terem estado presentes durante a produção de certos desenhos a lápis e a cores, obtidos em tão pouco tempo e em tais condições que a intervenção humana seria impossível.

Seis testemunhas afirmam terem recebido informações sobre eventos futuros e que, em muitos casos, a hora e o minuto de sua ocorrência foram previstos com escrupulosa exatidão, dias e até semanas antes.

Além de tudo o que foi exposto, foram recebidas provas de discursos em estado de êxtase, de audições, de escritas automáticas, introdução de flores ou frutas em salas hermeticamente fechadas, vozes no ar, visões em vidros e copos, e de transfiguração do corpo humano.

Muitas das testemunhas deram sua opinião sobre a origem desses fenômenos. Alguns os atribuem à intervenção de seres humanos desencarnados, outros à influência satânica, outros a causas psicológicas, etc.

A literatura do espiritismo também mereceu a atenção do seu comitê, e em anexo vai uma lista de obras, para conhecimento ou serviço daqueles que estudarem o assunto de agora em diante.

O seu comitê, ao apresentar relatório, levando em consideração o alto caráter e grande inteligência de muitas das testemunhas oculares de tão extraordinários fatos, a circunstância de que seus depoimentos são confirmados pelos relatórios dos subcomitês e a ausência de qualquer evidência de impostura ou alucinação nesses fenômenos; considerando a natureza excepcional desses efeitos, o grande número de pessoas que em todas as camadas da sociedade e em todo o mundo civilizado são mais ou menos influenciados por uma fé viva em sua origem extra-humana; e o fato de até agora nenhuma explicação científica ter sido dada oficialmente, julgou oportuno afirmar sua convicção de que o assunto merece uma atenção mais séria e investigações mais cuidadosas do que aquelas que até agora lhe foram dedicadas.

Relatório do Subcomitê núm. 1

Desde a sua criação, ou seja, a partir de 11 de fevereiro de 1869, seu subcomitê realizou quarenta sessões, a fim de efetuar experimentos e provas rigorosas.

Todas essas reuniões foram realizadas nas residências particulares dos membros do comitê, a fim de excluir qualquer possibilidade de mecanismo previamente combinado, ou artifício de qualquer tipo que fosse.

A mobília das salas em que os experimentos foram realizados era, em cada circunstância, sua mobília comum.

As mesas que usamos sempre foram mesas de jantar pesadas que exigiam um esforço considerável para serem postas em movimento. A menor tinha 5 pés e 9 polegadas de comprimento por 4 pés de largura, e a maior 9 pés e 3 polegadas de comprimento por 4 pés e meio de largura; seu peso era proporcional.

As salas, as mesas e todo o mobiliário em geral, foram cuidadosamente examinados muitas vezes, antes e depois das experiências, para obter a certeza de que não havia nenhum artifício, instrumento ou qualquer dispositivo com cujo auxílio os sons ou movimentos, mencionados abaixo, pudessem ser produzidos.

As experiências foram realizadas com luz a gás; exceto em contadas ocasiões, especialmente anotadas nas atas.

Seu comitê tem evitado utilizar-se de médiuns profissionais ou pagos; o médium era um dos membros do seu subcomitê, pessoa de boa posição social, de perfeita integridade, que não tem objetivo pecuniário, e que não iria tirar qualquer proveito de uma fraude.

Seu comitê realizou algumas reuniões sem a presença de médium, para tentar obter por qualquer meio, efeitos semelhantes aos que são observados quando um médium está presente (bem entendido que neste Relatório a palavra "médium" é utilizada simplesmente para designar um indivíduo sem cuja presença os fenômenos descritos não ocorrem, ou ocorrem com menor intensidade e frequência).

Nenhum esforço conseguiu obter algo semelhante às manifestações que ocorrem em presença de um médium.

Cada uma das provas, que a inteligência combinada dos membros do seu comitê podia imaginar, foi feita com paciência e perseverança. Os experimentos foram conduzidos sob uma grande variedade de condições, e toda a criatividade possível foi aguilhoada para inventar meios que permitissem ao seu comitê verificar suas observações e descartar toda possibilidade de impostura ou ilusão.

Cerca de quatro quintos dos membros do seu subcomitê debutaram, na via das investigações, pelo caminho do mais completo ceticismo quanto à realidade dos fenômenos anunciados, com a firme convicção de que eles eram resultado de impostura, de ilusão, ou então de uma ação involuntária dos músculos. Foi somente após irresistível evidência, em condições que excluía uma ou outra hipótese, e após experimentos e provas rigorosas frequentemente repetidas, que os membros de seu subcomitê, ao longo dos trabalhos e muito a seu pesar, ficaram convencidos de que os fatos ocorridos durante esta investigação prolongada, eram realmente fenômenos.

O resultado de suas experiências, continuadas por muito tempo e dirigidas com cuidado, permitiu, após uma infinidade de provas, comprovadas de todas as maneiras possíveis, estabelecerem as seguintes conclusões:

Primeira: Em certas disposições de corpo ou de espírito em que se encontram uma ou muitas pessoas presentes, produz-se uma força suficiente para pôr em movimento objetos pesados, sem o uso de nenhum esforço muscular, sem contato, ou conexão material de qualquer espécie, entre os referidos objetos e o corpo de alguma pessoa presente.

Segunda: Esta força pode fazer com que objetos sólidos, que não têm contato ou conexão visível ou material com o corpo de qualquer pessoa presente, produzam sons que todos podem ouvir distintamente; e está demonstrado, por vibrações que se distinguem perfeitamente pelo tato, que os ditos sons procedem destes objetos.

Terceira: A força em questão é frequentemente dirigida com inteligência.

Alguns desses fenômenos ocorreram em trinta e quatro sessões, das quarenta que seu subcomitê realizou.

A descrição de uma dessas experiências e a maneira como foi conduzida demonstrarão melhor o cuidado e a circunspeção com que as investigações foram realizadas.

Enquanto houvesse contato ou possibilidade de contato pelas mãos ou pés, ou mesmo pelas roupas de uma das pessoas que estavam na sala, com o objeto em movimento ou fazendo sons, não se podia ter certeza absoluta de que esses movimentos ou sons não foram produzidos pela pessoa posta em contato. Assim, tentou-se a seguinte experiência:

Em uma ocasião, onze membros de seu subcomitê estavam sentados por quarenta minutos em torno de uma das mesas de jantar descritas acima; quando vários movimentos e sons já haviam sido produzidos, e no intuito de realizar uma investigação mais rigorosa, eles viraram as cadeiras de costas para a mesa, a nove polegadas dela; logo após eles se ajoelharam sobre as cadeiras, colocando os braços no espaldar delas.

Nessa posição, seus pés estavam necessariamente voltados para trás, longe da mesa e, portanto, não podiam passar por baixo nem tocar o chão. As mãos de todos estavam estendidas por cima da mesa a umas quatro polegadas de sua superfície.

Nenhum contato com qualquer parte da mesa poderia ser feito sem ser notado.

Em menos de um minuto, a mesa, sem ter sido tocada, deslocou-se *quatro* vezes; na primeira vez, cerca de *cinco* polegadas de um lado; depois *doze* polegadas no lado oposto; então da mesma forma e respectivamente, quatro e seis polegadas.

As mãos de todos os presentes colocaram-se então no espaldar das cadeiras, a um pé de distância da mesa, que foi posta em movimento como antes, *cinco* vezes, com deslocamentos que variaram entre quatro e seis polegadas.

Por último, todas as cadeiras foram afastadas da mesa a uma distância de doze polegadas, e cada um ajoelhou-se em sua cadeira como antes, mas desta vez, com as mãos atrás das costas e, conseqüentemente, o corpo estava situado como que a umas dezoito polegadas da mesa, com o espaldar da cadeira entre o experimentador e a mesa. Esta deslocou-se quatro vezes em direções variadas.

Durante esta experiência decisiva, e em menos de meia hora, a mesa deslocou-se treze vezes, sem contato ou possibilidade de contato com qualquer pessoa presente, em diferentes direções; alguns destes movimentos ocorreram respondendo ao pedido de vários membros do seu comitê.

A mesa foi cuidadosamente examinada, virada para todos os lados e examinada peça por peça; mas nada foi descoberto que possa explicar os fenômenos. O experimento foi realizado à plena luz de uma lâmpada de gás, pendurada por cima da mesa.

Em resumo; seu subcomitê testemunhou movimentos semelhantes sem contato por *mais de cinquenta vezes*, em oito tardes diferentes, nas casas dos membros de seu subcomitê, e a cada vez foram utilizadas as provas mais rigorosas.

Em todas essas experiências, a hipótese de um movimento mecânico ou qualquer outro foi completamente descartada, pelo fato de os movimentos terem ocorrido em várias direções, ora para um lado, ora para o outro, ora subindo até o topo da sala, ora descendo; movimentos que exigiriam a cooperação de um grande número de mãos e pés e que, devido ao seu volume considerável e ao peso das mesas, não poderiam ser produzidos sem o uso visível de um esforço muscular.

Cada mão e cada pé estavam perfeitamente à vista, e ninguém conseguiria nem sequer estremecer sem ser imediatamente percebido.

A ilusão foi descartada. Os movimentos ocorreram em diferentes direções e todas as pessoas presentes testemunharam isso simultaneamente. É uma questão de medida e não de opinião ou imaginação.

Esses movimentos foram reproduzidos tantas vezes, em condições tão diversas e numerosas, com tantas garantias contra erro ou fraude, e com resultados tão variáveis, que os membros de seu subcomitê, que começaram essas experiências depois de terem sido, em sua maioria, anteriormente céticos, ao final de suas investigações ficaram convencidos de *que existe uma força capaz de mover corpos pesados, sem contato material, força que depende, de forma desconhecida, da presença de seres humanos.*

Seu subcomitê foi incapaz de obter coletivamente qualquer certeza quanto à natureza e origem dessa força, mas simplesmente obteve provas do fato de sua existência.

Seu subcomitê é de opinião que não tem fundamento algum a crença popular que pretende que a presença de pessoas céticas contraria a produção ou ação dessa força.

Em resumo: o seu subcomitê expressa unanimemente a opinião de que a existência de um fato físico importante fica assim demonstrada, a saber: que movimentos podem ser produzidos em corpos sólidos, sem contato material, por uma força até agora desconhecida, agindo a uma distância indeterminada do organismo humano, e completamente independente da ação muscular, força que deve ser submetida a um exame científico mais profundo, a fim de descobrir sua verdadeira origem, sua natureza e sua potência.”

Relatório do segundo subcomitê

Este relatório é composto por 41 parágrafos, dos quais reproduzimos a parte mais essencial.

As sessões eram realizadas na casa dos Srs. A... e B... membros da Sociedade Dialética e unindo-se ao Comitê as esposas dos indivíduos que o compunham, assim como o irmão de um dos membros.

A luz do gás sempre foi suficiente, permitindo ler e escrever com facilidade. Obtiveram-se movimentos e batidas na mesa, a partir da primeira sessão. A mesa oscilava, se elevava e dava batidas no chão com uma de suas pernas.

Enquanto a mesa se movia, levantamos nossas mãos para evitar qualquer contato, e apesar disso a mesa continuava se movendo.

Após algumas sessões, os movimentos da mesa cessaram, sendo substituídos por pancadas, que ora partiam da mesa, ora das paredes, do teto ou do chão. Algumas vezes esses fatos ocorreram em locais previamente designados por nós. As batidas tinham um som especial, parecendo ser produzidas no interior da matéria e, em algumas ocasiões, assemelhavam-se a uma detonação.

Uma vez, ensaiamos bater ritmicamente na mesa, pedindo que nossas batidas fossem imitadas, sendo nosso pedido atendido com a maior precisão.

Acreditamos que estes fenômenos têm por base uma inteligência, e a prova disso está nas respostas pertinentes e inesperadas, e mesmo nas comunicações originais que nos foram dadas.

O alfabeto de que nos servíamos era convencional e cada letra era representada por um certo número de batidas. Três batidas significavam "sim", duas batidas "duvidoso", uma só batida "não". Às vezes, mudamos expressamente essas convenções sem que por isso fossem prejudicadas as respostas. Desta forma, conseguimos (ao que parece) estabelecer comunicação com vários espíritos ou inteligências, algumas das quais afirmam haver estado relacionadas por laços de parentesco com algum dos reunidos.

Cada intitulado espírito demonstrava uma individualidade diferente, tinha a sua forma de bater, já delicada, já forte ou decidida, como se assim quisesse exprimir o seu estado de ânimo.

Quando ensaiávamos terminar as frases que haviam sido iniciadas com o alfabeto tipológico, nossas explicações eram descartadas, e isso acontecia com bastante frequência, sendo substituídas pela mesa por palavras mais adequadas ou com significado muito diferente.

A introdução de uma pessoa estranha enquanto os fenômenos se desenvolviam não prejudicavam em nada as manifestações, e essa pessoa, não sugestionada, estava vendo a mesma coisa que nós víamos.

Em certa ocasião, estávamos falando sobre os toques produzidos em um piano, em uma sessão assistida pela Sra. Marshall, e de repente, no meio da conversa, ouvimos vários sons, produzidos em um piano imediato, sem nenhuma pessoa estar próxima ao instrumento. Os sons repetiram-se duas ou três vezes com intensidade considerável.

Examinamos o piano por dentro e por fora e não encontramos nele nada de estranho. Esta manifestação não se repetiu uma segunda vez.

Em outra ocasião, estávamos tomando um refresco após terminar os experimentos e, de repente, fortes e repetidas pancadas foram ouvidas em várias partes da sala.

Interrogadas, as "supostas" inteligências responderam; que aquelas batidas eram produzidas pelos espíritos que acabavam de se comunicar, que assim mostravam seu bom humor. Um dos participantes bebeu à saúde dos invisíveis, e eles responderam batendo palmas no ar, indicando seu desejo de confraternizar.

Não conseguimos descobrir as condições que resultam favoráveis para a produção dos fenômenos. Tudo o que podemos dizer é que seu desenvolvimento é favorecido, a) pela regularidade na maneira de dirigir as sessões, b) por uma conversa tranquila e constante, c) pela calma que reinar na casa onde a sessão é realizada, d) por uma luz fraca.

Apesar do que foi dito, surpreendentes manifestações aconteceram sem as condições acima mencionadas.

Temos observado que os experimentos não tiveram mais sucesso na escuridão completa do que em plena luz do dia; que a presença de duas senhoras na reunião foi imprescindível e, finalmente, que sempre que nos conformamos com as indicações dos supostos espíritos, as manifestações foram mais surpreendentes. (1)

(1) Minha consciência não ficaria tranquila se eu deixasse de relatar alguns fenômenos que presenciei e que podem ser classificados entre os mais colossais que ocorreram dentro do gênero de observações mencionado neste livro.

Enfrento com serenidade as críticas que possam me fazer, e de bom grado submeto-me ao tribunal da opinião, mesmo correndo grande risco de não ser compreendido, pois a ignorância em que nos encontramos sobre as leis que regem o desenvolvimento de certos fenômenos, colocam-me na situação do explorador que, tendo entrado nas profundezas do mar e contemplado cenas misteriosas, não consegue explicá-las com as noções que possui.

A história dos fatos a que me refiro é a seguinte:

Após alguns meses de experiências com o médium J. e tendo ele demonstrado com múltiplas manifestações que seu poder mediúnico se estendia tanto à comunicação inteligente quanto ao

desenvolvimento de fenômenos de natureza física, o guia invisível das sessões nos anuncia que deseja nos dar uma prova evidente do poder que emana do mundo espiritual, e para tanto irá anular a força expansiva da pólvora. Aconselha-nos a fazer um buraco numa zona afastada da cidade, e ali as manifestações irão ser feitas praticamente.

Providos de um pacote de pólvora, adquirido na credenciada loja Tarruella y Berch, nos dirigimos para a vizinha cidade de Moncada, e ao chegar lá, escolhemos para que fosse nosso laboratório de experiências o topo do montículo onde estão as ruínas do que fora um castelo da nobre família que dá nome a esta população. O grupo de observadores era composto por cinco pessoas. Estávamos todos dispostos a trabalhar e estudar de boa fé, embora submetendo nossas experiências à mais rigorosa investigação. Francamente falando, direi: que considerávamos muito difícil para o guia invisível sair airoso da sua promessa.

Primeiramente, foram feitos na dura rocha dois furos de trinta centímetros de profundidade por dois de diâmetro, sendo orientados por pessoa com conhecimento neste tipo de trabalho. A carga de cada um dos referidos buracos consistia em seis centímetros cúbicos de pólvora, perfeitamente atacada com os próprios resíduos retirados do buraco. Acendemos o estopim e nos afastamos a uma distância de cerca de vinte passos. Dali a pouco, um tremor surdo deixou-se ouvir, indicando que a substância explosiva havia acendido.

Fomos ao local das experiências, ficando surpresos ao ver que a explosão não havia arrancado a menor pedra, nem fissurado a rocha, nem o terreno imediato.

Logo a seguir construímos um novo furo, carregando-o com oito centímetros cúbicos de pólvora, e desta vez a detonação foi como um tiro de espingarda, sem arrancar pedra alguma e sem rachar o terreno limítrofe.

Por comunicação escrita dada através do médium, o invisível disse que já estava cumprida a promessa, restando apenas verificar se a pólvora era da melhor e se os furos estavam bem feitos, para o que nos convida a carregar de novo o segundo buraco, participando-nos que desta vez, haverá uma explosão formal. Efetivamente; alguns segundos depois de acender a mecha, percebemos uma intensa detonação acompanhada de um levantamento de entulhos de pedra e uma considerável massa de terra, que se projetaram a mais de três metros acima do nível do solo. Examinando o terreno devidamente, encontramos várias rachaduras, lascas e muitas pedras arrancadas.

Essas experiências aconteceram em 10 de maio de 1893 às três horas da tarde.

Um sentimento de curiosidade levou-nos a perguntar se estas experiências também surtiriam efeito com a dinamite, respondendo o guia que aniquilariam a dinamite da mesma forma que a melinite.

Tendo ele concordado, fui à loja Tarruella y Berch e comprei dois pacotes de dinamite, do tipo usado em pedreiras.

Ali mesmo comprei os pistões e o estopim indispensáveis.

Reunido novamente o grupo em Moncada, no dia 17 de maio de 1893, construímos um buraco de 45 centímetros de profundidade por dois de diâmetro, colocando cento e vinte gramas de dinamite na carga. Segundos depois de acender o estopim, houve uma pequena detonação semelhante à de um tiro de fuzil, mas o buraco no qual a carga foi depositada, bem como o terreno imediato, estavam intactos.

Um novo buraco é preparado em condições idênticas e a mesma coisa acontece.

Não havia razão para insistir mais diante de provas tão convincentes, sob pena de ser declarado solene imbecil.

Termino afirmando que o químico invisível nos disse que poderiam ter evitado a pequena detonação, mas não o fizeram, porque assim anunciavam a conclusão do experimento.

— V. MELCIOR.

Não vimos nada que tenha analogia com fenômenos eletrobiológicos ou mesméricos.

Assim, o desejo de que um fenômeno ocorra é mais prejudicial do que útil para sua produção, e as melhores sessões são aquelas que começam com fenômenos imediatos ou quase imediatos.

Nossa faculdade de observar e julgar não foi perturbada um só momento, pois as lembranças que guardamos das sessões coincidem com as anotações feitas no momento de acontecer o fato e, além disso, são afirmadas por testemunhas externas.

Qualquer que seja a força manifestada, é notório que essa força tende a se economizar.

Em resumo:

a) Seria difícil conseguir uma repetição dos mesmos fatos a partir da primeira sessão.

b) As comunicações eram feitas em termos concisos, não utilizando palavras supérfluas.

c) Dificilmente era produzida uma batida inútil. Todas elas tinham um objetivo determinado: ou expressavam comunicações originais, ou respondiam a perguntas.

A saúde, o tempo e a temperatura não exerceram nenhuma influência.

Relatório do terceiro subcomitê (1)

(1) Este subcomitê não pôde realizar mais de 10 sessões. Seus resultados não foram tão importantes quanto os anteriores. No entanto, algumas das circunstâncias que neles ocorreram foram estudadas com muito cuidado, limitando-nos a dar um resumo do relatório.

As pessoas que se uniram a nós, salvo em um só caso, vocês conhecem muito bem; portanto, não podemos duvidar da probidade e boa fé dos participantes... Concretizamo-nos em estabelecer uma comparação entre a força de origem desconhecida que é necessária para produzir os movimentos, e a força muscular consciente que deve ser desenvolvida para obter idênticos resultados...

Após algumas experiências realizadas com a maior atenção, comprovamos que para conseguir que a mesa de menor tamanho (2) se

inclina na direção mais favorável, ou seja, formando um ângulo de 90° com as pernas, é necessário desenvolver uma força de 21 libras e meia. Mesmo assim, é absolutamente indispensável que exista algo que segure as pernas, caso contrário a mesa facilmente escorregará.

(2) Suas dimensões são: 3 pés, 9 polegadas e meia de comprimento; 2 pés de largura; pesa de 50 a 60 libras; é feita de carvalho e repousa sobre quatro pernas sem rodas.

Mesmo que o ângulo formado seja de 45°, ainda assim haverá uma tendência maior a escorregar do que a inclinar-se ou virar; e supondo que se deseje obter este último efeito, deve-se exercer uma pressão de 43 libras e meia, sem que o ângulo formado pela mesa ultrapasse 30°.

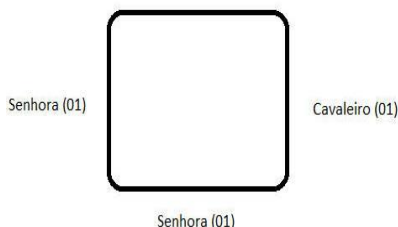
Um homem dotado de força ordinária e que tenha as mãos aplicadas sobre a mesa, poderá dar impulso ao referido móvel fazendo-o deslizar sobre o assoalho; mas a partir do momento em que tentar dar a ela um movimento de atração, não será mais tão fácil atingir esse propósito, e a dificuldade irá aumentar se ele pretende fazer a mesa se mover da direita para a esquerda e em sentido longitudinal. Se ele colocar as mãos em uma extremidade da mesa, também não conseguirá que ela se levante na extremidade oposta. Dois homens poderiam conseguir isso, mas sua ação ficará paralisada a partir do momento em que na extremidade oposta se faça uma leve pressão com a mão.

Quando as laterais da mesa estiverem ocupadas por três pessoas como vinha ocorrendo nas sessões, então haverá um impedimento considerável para conseguir que a mesa se mova, e para superá-lo será necessário verificar um esforço extraordinário e visível.

E não obstante isso, durante as sessões a mesa sacudia-se em todas as direções, sendo o movimento ora suave e regular, ora precipitado e brusco. Às vezes, os movimentos são produzidos com tanta facilidade que parecem indicar a existência de muita força latente. Outras, ao contrário, eram quase imperceptíveis. Quando os movimentos ocorriam, às vezes deixava-se ouvir-se um ruído especial, como se as pernas da mesa roçassem e se desprendessem do chão. Os participantes suspeitavam que tal ruído era devido a uma pressão inconsciente desenvolvida pelos *médiuns*; porém, mais tarde descobrimos que, se ao apoiar nossas mãos sobre a mesa exercíamos pressão para baixo, a mesa deslizava sem ruído; porém, este era produzido quando a mesa era arrastada com movimentos agitados. Isso nos mostrou que as forças em ação devem ser aplicadas para levantar e

impulsionar a mesa para a frente; enquanto as forças que poderiam vir dos músculos dos *médiuns* só poderiam ser direcionadas para baixo e para a frente.

A maior manifestação de força que ocorreu através da *mesa* ocorreu um dia em que três pessoas estavam sentadas ao seu redor, conforme indica a figura a seguir:



O Sr. Myers sentou-se em frente à Sra. (2) sem tocar na mesa e com o único propósito de observar o que poderia acontecer.

Os movimentos de oscilação produzidos pelo móvel foram muito violentos, e a queda foi tão brusca que o pavimento estremecia-se intensamente, sendo o ruído percebido em toda a casa e até mesmo fora dela.

A sessão de 8 de abril foi realmente notável. A mesa de experiências pesava mais de 90 libras, tornando difícil avaliar com precisão o esforço necessário para produzir o rápido movimento de rotação de que foi animada. Se por meio de força muscular se tivesse tentado girar a mesa, isso não seria conseguido sem desenvolver um esforço considerável; mas em se tratando de colocar a mesa em equilíbrio, apoiando-a com uma de suas bordas (como foi realizado por duas vezes na sessão) sem escorregar no assoalho, a força empregada para conseguir esse efeito não seria inferior a 85 libras. Aplicada com precaução a força no ângulo direito, para evitar o deslizamento, só precisaria desenvolver 42 libras.

Na experiência de imitação do fenômeno verificamos que, além da força para erguer, é preciso muita atenção e uma força considerável para guardar o equilíbrio sobre um ponto da borda da mesa, para ela não escorregar ou tombar.

Durante a sessão, e apesar dos vários movimentos do móvel, este manteve-se em perfeito estado de equilíbrio. Nenhum dos presentes acredita ter contribuído com sua força para tais manifestações, limitando-se a ter as mãos levemente aplicadas sobre o móvel.

Acreditamos também ter comprovado que a força que atua nessas experiências é dirigida por uma inteligência. A presença de certas pessoas foi necessária, principalmente a de dois amigos nossos.

Os relatórios dos comitês 4, 5 e 6 não oferecem nada de interessante. O médium Home ficou doente e os fenômenos foram fracos ou incompletos.

Depois de ter publicado esses relatórios, as pessoas que participaram dos experimentos expressaram suas impressões em particular e por escrito. Assim, o Dr. Augustus de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres e secretário da Real Sociedade Astronômica, disse em um livro intitulado *From Matter to Spirit*:

“Estou perfeitamente convencido de tudo o que vi e ouvi. A dúvida seria impossível. Os espíritas estão no caminho que leva ao progresso nas ciências físicas; *os contrários são os representantes daqueles que têm colocado obstáculos a qualquer avanço.*”

Capítulo III

As experiências do Dr. Crookes

São tão conhecidas as experiências do Dr. W. Crookes sobre o que ele chamou de força psíquica que me limitarei a fazer uma simples menção delas (1).

(1) O leitor que quiser conhecer esses estudos em detalhes, pode consultar o livro «*Recherches sur les Phénomènes du Spiritisme*» de William Crookes. J. R. S. Membro da Sociedade Real de Londres. — Paris, Librairie des Sciences Psychologiques, 14, rue du Sommerard.

I. — ALTERAÇÃO DE PESO NOS CORPOS.

Em várias ocasiões, o eminente químico foi solicitado a estudar os fenômenos atribuídos a algumas pessoas que residiam acidentalmente em Londres.

No mês de julho do ano de 1870, ele respondeu a tais demandas por meio de um artigo que foi inserido no *Quarterly Journal of Science* (2), e do qual vou copiar alguns parágrafos que demonstram a desconfiança que esse tipo de estudo provocava nele:

(2) Vol. 7. pág. 316. — Julho de 1870.

“Tenho lido a relação de um grande número de observações e, pelo que se desprende de seu conteúdo, deduzo que são poucos os exemplos de reuniões em que os fenômenos foram submetidos a uma verificação inteligente e imparcial (3).

(3) Nessa época, as experiências da Sociedade Dialética de Londres ainda não haviam sido publicadas.

As únicas experiências bem fundamentadas de que tenho conhecimento foram feitas pelo Conde de Gasparin, que apesar de admitir a realidade dos fenômenos, chegou à conclusão de que não eram devidos a causas sobrenaturais.

“O espírita fala dos corpos que pesam 50 ou 100 libras, que são erguidos no ar sem a intervenção de nenhuma força conhecida; mas o sábio químico está acostumado a usar uma balança sensível a um peso tão pequeno que seriam necessários dez mil como ele para fazer um grão. Ele tem razão, portanto, ao pedir que esse poder, que se diz guiado por uma inteligência que eleva um corpo pesado até o teto, faça mover sob certas condições sua balança tão delicadamente equilibrada.

“O espírita fala de cômodos e casas abaladas, a ponto de produzir estragos, por um poder sobre-humano. O homem de ciência simplesmente pede que um pêndulo, colocado sob uma campânula de vidro e apoiado em alvenaria sólida, seja colocado em vibração.

“O espírita fala de móveis pesados que passam de um cômodo a outro sem a ação do homem. Mas o sábio construiu instrumentos que dividirão uma polegada em um milhão de partes, e ele irá ter motivos para duvidar da exatidão das observações feitas, se a mesma força for impotente para mover o ponteiro de seu instrumento em um simples grau.

“O espírita fala de flores umedecidas por orvalho fresco, frutas, e também seres vivos transportados através de sólidas paredes de tijolos. O investigador científico naturalmente pede que um peso adicional (mesmo que seja apenas a milésima parte de um grão) seja depositado em um dos pratos de sua balança quando a caixa estiver trancada a chave; e o químico pede que uma milésima parte de um grão de arsênico seja introduzido através das paredes de um tubo de vidro, no qual água pura estiver hermeticamente encerrada.

“O espírita fala de manifestações de um poder equivalente a milhares de libras, e que ocorrem sem causa conhecida. O homem de ciência, que acredita firmemente na conservação da força, e que pensa que ela nunca ocorre sem o esgotamento de algo que a substitua, pede que essas manifestações sejam produzidas em seu laboratório, onde ele pode pesá-las, medi-las e submetê-las a seus próprios ensaios.

Com base nas razões expostas, vou iniciar meu trabalho de pesquisa, cuja ideia me foi sugerida por alguns homens eminentes que exercem uma influência marcante no movimento intelectual de seu país”.

Antes de dispor de instrumentos especiais, o Dr. Crookes quis entrar em contato com um certo número de sujeitos e averiguar a natureza e a realidade dos fenômenos que iria estudar.

“Eu vi, (1) (diz ele) em cinco ocasiões diferentes, vários objetos cujo peso era de 25 a 100 libras sendo influenciados; e desejando estabelecer de forma indiscutível se o fenômeno era devido a um fato físico, ou a influência da imaginação, submeti-o duas vezes ao teste da balança. Na primeira vez, tentei sucessivamente com pesos de 36, 48 e 46 libras e, a cada tentativa, aumentei o peso em oito libras.

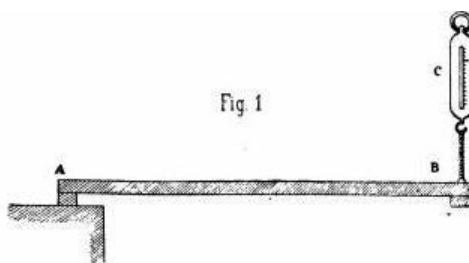
(1) *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme*, pág. 37.

Quinze dias depois, e na presença de novos observadores, três experimentos sucessivos foram feitos com pesos de 23, 43 e 27 libras, e cada vez o aumento de peso foi de oito libras. Para realizar essas experiências, consegui um instrumento de grande precisão, evitando com o maior cuidado todos os incidentes que pudessem mascarar a verdade”.

Durante os dois anos que o sábio inglês dedicou a esse tipo de estudo, ele se associou a nove ou dez pessoas dotadas do que ele chama de poder psíquico, incluindo o médium Home, e a Sra. X... com quem realizou em seu laboratório as experiências que vamos mencionar.

PRIMEIRA DISPOSIÇÃO

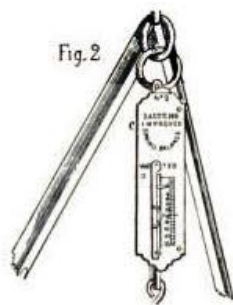
O aparelho destinado a experimentar a variação de peso de um corpo, consistia em uma tábua de mogno com 0,90m de comprimento, 0,24m de largura e dois centímetros e meio de espessura. (Figura 1)



Em cada ponta da tábua havia uma ripa da mesma madeira, com quatro centímetros de comprimento, e formando pé.

Uma extremidade da tábua repousava sobre uma mesa muito sólida, enquanto a outra extremidade estava em relação a um dinamômetro de mola suspenso em um tripé. O referido dinamômetro estava equipado com

um índice registrador automotivo que indicava o peso máximo registrado pelo fiel. (Figura 2)



Quando o aparelho estava bem ajustado, o índice da balança indicava três libras inglesas.

Na presença do Dr. Crookes, de seu irmão, do auxiliar de químico, e dos Drs. William Huggins, membro da Real Sociedade de Londres, e do Sargento Cox Doutor em direito, o médium sentou-se em uma cadeira e aplicou levemente as pontas dos dedos em A, isto é, na ponta da tábua de mogno oposta ao dinamômetro; rapidamente o fiel descia em presença dos observadores, voltando a subir em poucos segundos. Este movimento repetiu-se várias vezes como se obedecesse a sucessivas emanções de força psíquica, sendo claramente percebido o movimento oscilatório da extremidade B da tábua, correspondente ao dinamômetro.

Imediatamente o médium colocou em A uma campainha e uma caixa de fósforos comum, aplicando os dedos em cima, para mostrar que não estava exercendo nenhuma pressão. Em pouco tempo, o dinamômetro indicou que a pressão havia aumentado em seis libras.

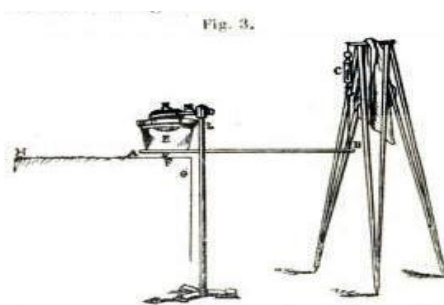
O Dr. Crookes quis então testar se era possível produzir um efeito, análogo ao que se acabava de obter, exercendo uma pressão intensa no local onde o médium havia aplicado os dedos e, para isso, subiu na mesa e apoiou um dos pés na extremidade da tábua. O Dr. Huggins, encarregado de vigiar o índice do instrumento, afirmou que a gravitação do corpo do Dr. Crookes sobre a tábua (cujo peso era de 140 libras) fazia o índice baixar em apenas uma libra e meia, ou duas, e até para chegar a esse resultado era preciso que desse uma sacudida.

SEGUNDA DISPOSIÇÃO

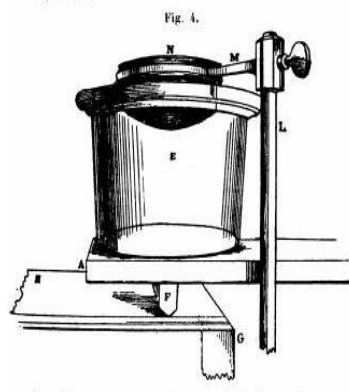
O Dr. Crookes quis verificar o fenômeno com mais rigor e, para isso, tomou uma tábua de mogno A, B, semelhante à do aparelho anterior, embora desprovida das ripas localizadas em ambas as pontas. Próximo à extremidade A, fixou um apêndice F, cortado de modo que vinha a desempenhar a função de um cutelo de balança, apoiando-se no sólido sustentáculo H, G., (Fig. 3.). A extremidade B pendia de um dinamômetro, cujo índice móvel terminava em ponta aguda, traçando esta sobre um vidro fumê, as variações de pressão do instrumento. O referido vidro estava situado horizontalmente em frente ao dinamômetro, sob a ação de um mecanismo de relojoaria.

Quando este mecanismo é acionado, na placa de vidro é produzida uma linha branca perfeitamente horizontal.

Se o movimento se detém e forem colocados pesos na extremidade da tábua, será produzida uma linha vertical cujo comprimento dependerá do peso aplicado a ela. Se, no momento em que o mecanismo de relojoaria arrasta a placa, a tensão da balança sofre alguma variação, uma linha curva será traçada no vidro, que permitirá calcular a tensão em gramas.



Na extremidade A foi colocada uma grande bacia cheia de água E (Fig. 4), de modo que seu centro de gravidade estava localizado no plano vertical que passa pelo fio do cutelo F. Na referida bacia foi introduzido um recipiente cobre N, de forma hemisférica, furado no fundo, e unido a um suporte imóvel por meio de um braço rígido M. Entre as bordas da bacia e o recipiente de cobre, havia um espaço de pelo menos cinco centímetros.



Tais disposições destinavam-se a evitar que o médium pudesse exercer influência mecânica sobre o dinamômetro ao mergulhar a mão no recipiente de cobre.

Com o aparelho assim montado, Home foi introduzido na sala e, uma vez lá, pedimos a ele para mergulhar uma das mãos no recipiente N. Enquanto o médium cumpria nosso pedido, mantivemos sua outra mão e seus pés bem seguros e, no exato momento em que ele disse ter sentido uma influência escapando de sua mão, o Dr. Crookes pôs em marcha o aparelho de relojoaria, e quase instantaneamente viu-se a ponta da tábua oscilar, e o índice do dinamômetro traçou a seguinte curva sobre a placa de vidro. (Fig. 5).

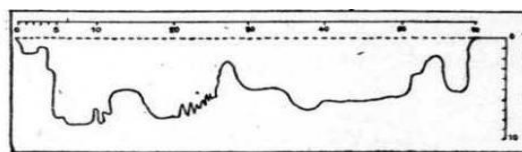


Fig. 5.*

TERCEIRA DISPOSIÇÃO

Tendo-se demonstrado que o contato através da água era tão eficaz quanto o contato direto, o Dr. Crookes quis testar se a força em questão era capaz de exercer influência sobre o dinamômetro, seja tocando um dos objetos que fazem parte do aparelho, seja por se colocar o médium em sua proximidade.

A disposição anterior foi preservada, suprimindo a bacia e o recipiente de cobre.

Home aplicou as mãos no suporte fixo, a cerca de dez centímetros do aparelho móvel. Um dos participantes encarregou-se de segurar-lhe as mãos e de apoiar um de seus pés em ambos os pés do médium.

Depois de um tempo, foi traçada na placa a curva da figura 6 .

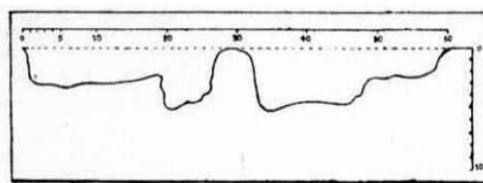


Fig. 6.ª

Em certa ocasião, quando Home estava com um humor melhor do que o habitual, ele se colocou a uma distância de um metro do aparelho, mantendo as mãos e os pés firmemente presos.

Assim que o médium deu o sinal, coloquei o mecanismo em movimento, e a ponta da tábua desceu rapidamente, subindo imediatamente de forma irregular como mostra a figura 7.

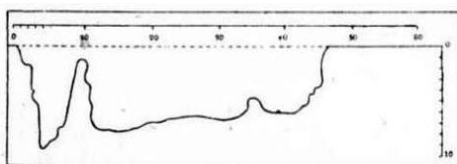


Fig. 7.ª

As curvas das figuras 5, 6 e 7 estão ligeiramente reduzidas; a escala vertical que as acompanha representa a tensão em grãos; (1) e a escala horizontal, o tempo em segundos.

(1) Cada divisão corresponde a mil grãos, ou seja, a 6 gramas 4 decigramas.

Como pode ser visto, as tensões máximas foram respectivamente em cada experiência, 5.500 grãos (33 gramas), 9.000 grãos (58 gramas) e 10.000 grãos (64 gramas).

QUARTA DISPOSIÇÃO

Convencido o Dr. Crookes de que a força psíquica existe mais ou menos desenvolvida em todos os sujeitos, imaginou um aparelho muito mais sensível, a fim de comprovar suas manifestações.

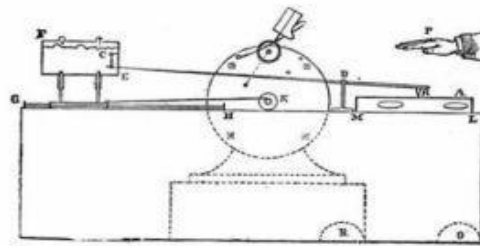


fig. 08 - O aparato visto de frente

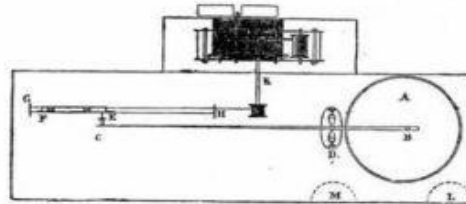


Fig. 08 - A vista do mesmo

O dispositivo consistia em um aro de madeira, dentro do qual era colocado um pedaço fino de pergaminho extremamente tenso (Fig. 8A). Uma leve alavanca B, C, perfeitamente equilibrada, girava em D, em torno de um eixo horizontal.

No ponto B, havia um indicador vertical em forma de ponteiro de relógio, tocando a membrana A; no ponto C havia outro indicador formando relevo e em contato com uma folha de vidro fumê. Esse vidro é levado paralelamente ao plano vertical, por meio de um mecanismo de relojoaria K. Na parte superior do aro, foram praticados alguns furos, para que o ar pudesse circular livremente pela parte inferior da membrana.

Algumas pessoas verificaram experiências anteriores, as quais permitiram comprovar que os choques impressos no suporte fixo não se comunicavam com a alavanca, e as linhas traçadas pelo indicador eram retas apesar de baterem com o pé no pavimento, e sacudirem o suporte.

A Sra. X... foi introduzida no laboratório. Sem lhe dar uma explicação sobre o aparelho que acabamos de descrever, foi-lhe pedido aplicar as mãos no suporte que estava fixado no ponto ML da figura 8 e no NO da figura inferior.

Esta senhora assim o fez e, enquanto isso, o Dr. Crookes segurava suas mãos, reproduzindo-se em pouco tempo curvas semelhantes às obtidas em experimentos anteriores. Ao mesmo tempo, partiam do pergaminho ruídos semelhantes aos que produziram grãos de areia sendo jogados em sua superfície. A cada batida, um fragmento do grafite colocado na membrana

era projetado no ar, e a ponta da alavanca fazia um leve movimento para baixo. Às vezes os ruídos se sucediam rapidamente como os de uma máquina de indução, enquanto outras vezes havia mais de um segundo de intervalo.

Alguns dias depois, o dispositivo foi experimentado com Home.

A experiência aconteceu, com o Dr. Crookes pegando o braço direito do médium pelo pulso, e segurando sua mão acima da membrana, a cerca de 20 centímetros de sua superfície. Outra testemunha segurava o braço esquerdo do médium.

Depois de permanecer nessa posição por cerca de meio minuto, Home disse que sentia o fluido passar. Então o aparelho de relojoaria foi acionado e todos os presentes viram o índice subir e descer. Os movimentos eram muito mais lentos do que no caso anterior, e nem todos eram acompanhados pelas batidas vibrantes já mencionadas.

O Dr. Crookes fez observar que fenômenos dessa natureza são geralmente precedidos por um esfriamento particular do ar.

Sob sua influência (diz ele), vi as folhas de papel se moverem e o termômetro cair alguns graus. Em outras ocasiões, não notei nenhum movimento real do ar, mas o frio foi tão intenso que só posso compará-lo com a sensação de mergulhar a mão em um recipiente contendo mercúrio gelado. (1)

(1) *Rec. sur le spirit... p.. 151.*

Depois de ter testemunhado o doloroso estado de prostração nervosa, em que Home ficou após ter realizado alguma dessas experiências; depois de tê-lo visto em estado de desfalecimento quase completo, pálido e sem voz, não tenho a mínima dúvida de que a emissão de força psíquica é acompanhada por um correspondente esgotamento da força vital. (2)

(2) *L.c. , p.. 67.*

É possível algum leitor se perguntar, porque outros homens de ciência não têm realizado experiências semelhantes.

A tal pergunta, responderei; que além das minhas observações, há as do Dr. Boutleroff, professor de química na Universidade de São Petersburgo. (3)

(3) *William Crookes. — Recherches sur le spiritualisme, p. 32.*

Nesses experimentos, a tensão do dinamômetro, que normalmente era de 100 libras, subiu para 150 libras, após Home ter aplicado as mãos junto ao

instrumento, com a circunstância de que qualquer tentativa de esforço por parte do médium teria diminuído a tensão ao invés de aumentá-la.

A faculdade da qual nos ocupamos é muito raro se manifestar em grau muito elevado.

Também é muito variável em seus efeitos, e é difícil não apenas encontrar sujeitos que a tenham altamente desenvolvida, mas também ter a oportunidade de experimentar neles com os dispositivos previamente preparados, necessários para que os fenômenos sejam obtidos limpamente; e por último, que aqueles que possuem um bom laboratório graças à munificência do Estado, ou não se atrevem a empreender esses delicados estudos, ou são obrigados a interrompê-los.

E no entanto, como disse Crookes, "todos os seres humanos possuem essa força, com toda probabilidade, embora sejam raros os indivíduos dotados de energia extraordinária. Durante o último ano encontrei na intimidade de algumas famílias, cinco ou seis pessoas que possuem esta força em grau suficiente para me inspirar a confiança de obter, por sua mediação, alguns dos fenômenos que acabo de descrever; no entanto, como comprovantes deveriam ser usados aparelhos muito delicados e capazes de indicar até uma fração de grão." (1)

(1) Ver, sobre esses pequenos movimentos, a obra de Reichenbach, intitulada *Les Effluves Odiques*, de cuja obra a editora Carré (Paris, Rue Racine 5), faz imprimir atualmente a primeira tradução francesa.

II. — FENÔMENOS DIVERSOS

O Dr. Crookes relata no referido livro (2) as observações que fez sobre outros fenômenos, entre os quais há alguns muito semelhantes aos obtidos em Agnélas.

(2) *Recherches*, pp. 150 a 173.

Esses fenômenos são os seguintes:

a) *Movimentos de objetos colocados a certa distância do médium.*

Numerosos são os exemplos de corpos pesados, como mesas, cadeiras, sofás, etc., colocados em movimento sem o contato do médium; indicarei brevemente alguns dos mais surpreendentes. Minha própria cadeira descrevia parcialmente um círculo, sem que meus pés tocassem o chão. À

vista de todos os participantes, uma cadeira veio lentamente de um canto distante da sala; e em outra circunstância, uma poltrona veio até o local onde estávamos sentados e, ao meu pedido, girou lentamente a uma distância de cerca de três pés. (3)

(3) Este parágrafo relembra os seguintes versos de Homero (Ilíada, canto XVIII). “Enquanto isso, Tétis chega ao palácio de Vulcano, morada de bronze, indestrutível, cintilante, suntuosa entre as dos imortais, e obra do deus deforme. Tétis o encontra ativo, coberto de suor e movendo-se em torno de seus foles. Ele fabricou vinte tripés que colocou ao redor da muralha de seu sólido palácio, providos de rodas de ouro para que por si mesmos (coisa maravilhosa) assistam à Assembleia dos Deuses e voltem, por si mesmos ao seu lugar.

Durante três noites consecutivas, uma pequena mesa circulou lentamente pela sala, em condições que previamente eu havia preparado, com a finalidade de contestar quaisquer objeções que pudessem ser levantadas contra aquele fato.

Várias vezes obtive a repetição de uma experiência que o Comitê da Sociedade Dialética considerou conclusiva, a saber: o movimento de uma mesa pesada, em plena luz, com todas as cadeiras colocadas de costas para ela, e cada pessoa estando ajoelhada em uma dessas cadeiras, com as mãos apoiadas no espaldar, mas sem tocar a mesa. Este fato ocorreu enquanto eu ia e vinha pela sala examinando a disposição dos participantes.

b) Mesa e cadeiras levantadas do chão sem o contato de ninguém.

Quando manifestações desse gênero são expostas, geralmente é feita esta observação: “Por que só mesas e cadeiras é que produzem esses efeitos? Como é que essa propriedade é peculiar ao mobiliário? (1)

(1) Quando o Dr. Parés, hoje Chefe do Hospital Militar de Figueras, viveu em Barcelona durante os anos de 1890 e 91, organizamos em sua casa várias sessões de experimentação que deram lugar a transcendentais manifestações.

O número de assistentes que participaram dessas sessões estava reduzido ao Visconde de Torres-Solanot, os esposos Grau, o Dr. Baratau, o Dr. Parés e quem isto assina. Por vezes, algum desses senhores deixou de comparecer. A esposa do Dr. Parés e um filho dos esposos Grau, chamado Juanito, atuaram como médiuns.

A personalidade dos médiuns afastava-se naquela época do comum das pessoas. Ambos eram sensitivos ao extremo, com filiação histeroepiléptica, e dotados de um grau de idealismo que conflitava com o ambiente positivista em que vivemos.

As observações foram feitas com muita imparcialidade, sem que eu deva ocultar que, da minha parte, havia grande dose de desconfiança na produção dos fenômenos. Entrei no grupo com a descrença roendo minha alma e saí do grupo convencido da autenticidade das manifestações.

O relato dos fatos ali ocorridos foi cuidadosamente redigido em uma série de atas que atualmente são publicadas no jornal La Estrella Polar de Mahón.

A síntese dos fenômenos obtidos se reduz ao seguinte: faíscas, pequenas luzes, vapores luminosos como nuvens (correntes ódicas) e luzes do tamanho de uma cabeça humana, que possuíam a característica de não se projetar sobre os objetos da sala de estudo. — Biorcorporalidade comprovada (saída do corpo astral). — Corpo fantasmático materializado que foi comprovado em inúmeras amarrações — Desatomização do corpo interior de tecido que a médium trajava, justamente impossibilitada pelas amarras, assim como em outra ocasião, pelo passe da anágua sobre o vestido. — Ruídos muito variados, pancadas fortes, um sininho vibrando no ar, um barulho muito especial como o de rasgar um pedaço de seda na porção de um metro de comprimento. — Desenhos surpreendentes feitos em um par de minutos, estando o médium J. no período convulsivo. — Comunicação precipitada sobre um papel, em plena luz e num piscar de olhos, resultando em um pensamento transcendental (místico) em nove idiomas diferentes. — Escrita direta, aportes, transportes, visões de mãos grandes e pequenas, puxões no cabelo e nas cadeiras dos participantes, e outros fenômenos muito significativos. — V. MELCIOR.

Eu poderia responder que estou apenas observando e contando os fatos, e que não vou entrar no como ou no porquê deles; mas é claro que, se em uma sala de jantar comum um corpo pesado e inanimado é levantado do chão, dificilmente pode ser outro além de uma mesa ou uma cadeira. Tenho inúmeras provas de que esta propriedade não é exclusiva dos móveis; mas, como para as outras demonstrações experimentais, a inteligência ou a força (seja ela qual for) que produz esses fenômenos, só pode fazer uso dos objetos que considera adequados para seus fins.

Em cinco ocasiões distintas, uma pesada mesa de jantar elevou-se do chão, de algumas polegadas a um pé e meio, e em condições especiais que tornavam a fraude impossível.

Em outra circunstância elevou-se do chão em plena luz, enquanto eu segurava as mãos e os pés do médium.

Repetida a experiência, a mesa ergueu-se do chão, não só sem que ninguém a tocasse, como também em condições que eu tinha previamente arranjado, de modo que viessem a demonstrar claramente a autenticidade do fato. (1)

(1) O Barão de Guldenstubbé (Pneumatologie positive, P. 83) afirma ter feito várias experiências com mesas, juntamente com o seu anfitrião, o Conde de Ourches. "Conseguimos (diz ele) colocar as mesas em movimento sem tocá-las."

O Conde de Ourches chegou a levá-las sem realizar nenhum contato.

O senhor de Guldenstubbé fez as mesas correrem com grande velocidade, sem fazer nenhum contato, nem recorrer à ajuda da corrente magnética. Ele também conseguiu produzir vibrações nas cordas de um piano, em 20 de janeiro de 1856, na presença dos condes de Szapary e de Ourches.

c) *Movimentação de vários pequenos objetos, sem o contato de ninguém.*

Sob este título proponho-me a descrever alguns fenômenos especiais que testemunhei.

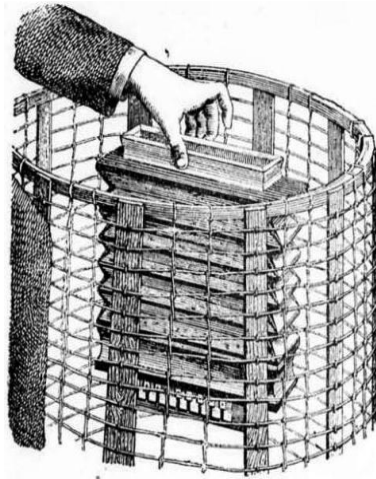
Mal posso indicar alguns dos fatos mais salientes, todos os quais, tenha-se bem em mente, ocorreram em condições que tornavam impossível qualquer trapaça. Atribuir esses resultados à fraude é um absurdo, porque, irei lembrar ainda aos meus leitores, que tudo o que aqui refiro não foi verificado na casa de um médium, mas em minha própria casa, onde seria totalmente impossível fazer qualquer preparação prévia.

Um médium circulando pela minha sala de jantar não poderia (quando eu estava sentado do outro lado da sala com várias pessoas que o observavam atentamente) fazer tocar por meio de fraude uma sanfona que eu tinha em minhas mãos com as teclas para baixo, nem fazer a mesma sanfona flutuar de um lado para outro na sala, tocando por um longo tempo. Ele não poderia trazer consigo um aparelho para *agitar as cortinas da janela* ou elevar venezianas a uma altura de oito pés; dar um nó em um lenço e colocá-lo em um afastado canto da sala; *fazer ressoar notas à distância, num piano*; fazer voar um porta-cartões pela sala; levantar um pé por cima da mesa uma garrafa e um copo; fazer levantar um colar de coral apoiando-o em uma de suas pontas; fazer um leque se movimentar e abanar os participantes, ou então pôr *em movimento um relógio trancado em uma vitrine solidamente fixada na parede*.

O Dr. Crookes, descreve (1) além disso, um experimento do mesmo tipo realizado em sua casa, na sala de jantar iluminada com luz de gás, estando presentes seu ajudante, um doutor em direito muito conhecido em Londres e um eminente físico da Sociedade Real. O médium utilizado para a experiência foi Daniel D. Home.

(1) *Recherches pp. 15 e seg.*

Foram tomados dois aros de madeira, um de 0,55m e outro de 0,60m de diâmetro; e com doze tábuas estreitas, e de 0,55m de comprimento, formou-se a armação de uma espécie de tambor, aberta nas duas extremidades. Ao redor dessa estrutura, 50 metros de fio de arame foram dispostos em 24 voltas, cada uma a dois centímetros de distância da imediata. As voltas do arame foram solidamente unidas entre si por meio de um fio de cânhamo, que vinha formar umas malhas de cinco centímetros de comprimento por dois de altura.



Home pegou o acordeão com as pontas dos dedos pelo lado oposto às teclas (1) e o inseriu com uma das mãos na armação, enquanto a mão livre repousava sobre a mesa.

(1) O referido instrumento foi adquirido pelo Dr. Crookes um dia antes da realização do experimento.

Não demorou muito e as pessoas que estavam em ambos os lados de Home viram o acordeão balançar de uma maneira curiosa, depois saíram dele alguns sons e, por último deixaram-se ouvir sucessivamente várias notas.

Dali a pouco, o acordeão foi visto mover-se, oscilar, girar por todo o contorno da jaula, e começar a tocar enquanto realizava essas evoluções. O Dr. Crookes quis testar o efeito que seria produzido pela passagem de uma corrente elétrica ao redor do fio isolado da jaula. Consequentemente, a comunicação foi estabelecida com a bateria localizada na sala imediata. Home novamente segurou o instrumento na jaula, da mesma maneira que antes, e imediatamente ressoou e balançou vigorosamente de um lado para o outro, mas não foi possível verificar se a corrente elétrica que passava ao redor da jaula veio em auxílio da força que se manifestava dentro dela, sem condutor visível.

d) Levitação de corpos humanos.

Eu testemunhei esses fatos quatro vezes no escuro.

A verificação foi completamente satisfatória, mas em fatos semelhantes é tão necessária a demonstração por meio da visão, para destruir ideias preconcebidas sobre o que é naturalmente possível, ou o que não é, que mencionarei aqui apenas os casos em que as deduções da razão foram confirmados pelo sentido da visão.

Em certa ocasião vi se elevar, a quatro polegadas do chão, uma cadeira na qual estava sentada uma senhora. Outra vez, para afastar qualquer suspeita de que fosse ela mesma quem produzia essa elevação, ela se ajoelhou em cima da cadeira, de modo que os quatro pés da dita cadeira fossem visíveis para nós. Então, elevou-se sete polegadas, pairou no ar por cerca de dez segundos e depois desceu lentamente. Em outra ocasião duas crianças, em circunstâncias diferentes, elevaram-se do chão com suas respectivas cadeiras, em plena luz e nas condições mais satisfatórias para mim, já que eu estava ajoelhado e não perdi de vista os pés da cadeira, procurando que ninguém os tocasse.

Os casos mais surpreendentes de levitação que presenciei aconteceram com o médium Home. Em três circunstâncias diferentes, eu o vi se elevar completamente por cima do pavimento da sala. A primeira vez estava sentado em uma cadeira alta; a segunda, estava ajoelhado em sua cadeira, e a terceira, ele estava em pé. Em cada ocasião pude observar perfeitamente o fato no momento em que ocorria.

Existem pelo menos cem casos bem comprovados de ascensão de Home, produzidos na presença de muitas pessoas; e através do conde de Dunraven, do lorde Lindsay e do capitão C. Wynne, tive detalhes dos fatos mais surpreendentes desse tipo.

Rejeitar a evidência dessas manifestações equivale a rejeitar todo testemunho humano, seja ele qual for, inclusive o da história sagrada e o da profana.

O acúmulo de evidências testemunhais que estabelecem as ascensões de Home é enorme.

Seria muito desejável que alguém cujo testemunho fosse reconhecido como conclusivo pelo mundo científico (se é que existe pessoa alguma cujo testemunho a favor de tais fenômenos possa ser admitido) quisesse estudar conscienciosa e pacientemente esta classe de fatos.

Muitas testemunhas oculares dessas ascensões ainda estão vivas e certamente não se recusariam a dar seu depoimento; mas em alguns anos será muito difícil, se não impossível, obter diretamente essas evidências.

Eis como Home descreve suas impressões (1):

(1) *Révélations sur ma vie surnaturelle. Paris, 1861 p. 52-53.*

Durante essas levitações, não experimentava nada em particular, exceto uma sensação habitual que atribuo a uma grande abundância de

eletricidade em meus pés; não sentia nenhuma mão que me sustentasse, e desde a minha primeira ascensão mencionada acima, (2) não senti mais nenhum temor.

(2) Ocorreu na América, pátria de Home, às escuras, e ao final da sessão de 8 de agosto de 1852, na qual se obtiveram movimentos de mesas e outras manifestações espíritas. (Home tinha 18 anos na época.) Uma das testemunhas oculares se expressou da seguinte forma. “De repente, e para grande surpresa da Assembleia, vimos Home se elevar no ar.

Naquele momento eu segurava uma de suas mãos e pude distinguir, assim como meus companheiros, que os pés do médium estavam suspensos a doze polegadas do chão. Todo o seu corpo estremecia, provavelmente devido às emoções contrárias de alegria e medo.

Mais duas vezes repetiu a levitação e, na última, chegou a tocar o teto com a cabeça e a mão.” (Revel. p. 52)

Em geral, subo perpendicularmente, com os braços rígidos e cruzados sobre a cabeça como se quisessem agarrar o ser invisível que me levanta. Muitas vezes permaneci suspenso por quatro ou cinco minutos. Um exemplo do que acabei de mencionar pode ser encontrado em um relato das sessões que ocorreram no ano de 1857 em um castelo perto de Bordeaux. Apenas uma vez minha ascensão foi verificada em pleno dia e ocorreu na América. Em Londres realizei uma levitação na presença de cinco pessoas que estão prontas para dar testemunho do fato, e a sala em que ocorreu o fenômeno era iluminada por quatro bicos a gás.

Em algumas ocasiões a rigidez de meus braços cede, e então tenho feito alguns sinais e letras a lápis, no teto, conservando-se ainda essas inscrições em algumas casas de Londres.

O Sr. Stainton Moses (1) também cita suas impressões da primeira vez que realizou a levitação.

(1) O Sir William Stainton Moses nasceu em Lincolnshire em 5 de novembro de 1839 e morreu em 5 de setembro de 1892. Desempenhava uma cátedra na University College School. Ele estudou teologia por seis meses em um mosteiro no Monte Athos. A partir do ano de 1870, foi objeto de fenômenos extraordinários, relatados nos Annales des sciences psychiques pelo Fredrich Myers (de Cambridge), membro da London Society for Psychological Research.

O Sr. Myers foi amigo íntimo dele por 17 anos, e afirma que o referido Sr. Stainton Moses era uma pessoa de muita honorabilidade. O Sr. Moses publicou a maioria de seus livros sob o pseudônimo de Oxon, que significa, vinculado à Universidade de Oxford.

Um dia (30 de agosto de 1870) senti que a cadeira em que eu estava sentado ia se afastando da mesa e, depois de dar uma volta, colocou-me de costas para os participantes. Imediatamente foi subindo a uma altura de 30 ou 40 centímetros, permanecendo suspensa por alguns instantes, e então senti que estava se separando, enquanto eu continuava subindo com um

movimento suave e lento. Apesar de ter perfeita noção do que estava acontecendo, não senti nenhuma apreensão. Quando cheguei perto da parede, fiz uma marca nela com o lápis apoiado em meu peito, marca que depois de medida resultou estar a 1,80m do chão.

Não senti nenhuma pressão sobre o corpo e, enquanto subia, parecia que estava em um elevador.

Lembro-me apenas de ter sentido uma ligeira dificuldade em respirar e depois desci suavemente até me colocar na cadeira, que já tinha voltado à sua posição inicial. Disseram-me que minha voz ressoava como se viesse de um ângulo do teto.

Essa experiência foi repetida por nove vezes, com mais ou menos sucesso.

e) *Aparições luminosas.*

Essas manifestações, sendo um tanto fracas, geralmente requerem que a sala não tenha luz. Nem preciso lembrar aos meus leitores que, nessas condições, tomei todas as precauções convenientes para evitar ser surpreendido por meio de óleo fosforoso ou por qualquer outro meio. Mais ainda; muitas dessas luzes eram de tal natureza que não tenho conseguido imitá-las por meios artificiais.

Nas condições da mais rigorosa comprovação, *vi um corpo sólido, luminoso por si próprio*, com a espessura e a forma de um ovo de peru, flutuar pela sala sem fazer barulho, elevar-se por momentos, mais do que qualquer um dos presentes na sala poderia ter feito ficando nas pontas dos pés, e depois descer suavemente até tornar a tocar o chão.

Este objeto ficou visível por mais de 10 minutos e, antes de se esvaír, deu três batidas na mesa com um ruído semelhante ao de um corpo duro.

Durante esse tempo, o médium estava esticado em uma cadeira alta e parecia completamente insensível.

Já vi pontos luminosos brotarem de um lado e de outro, e irem pousar na cabeça de várias pessoas; já recebi respostas por meio de lampejos de luz brilhante, para perguntas que eu fizera, cujos lampejos ocorreram diante de meus olhos, e no número de vezes que eu havia fixado. Já vi faíscas de luz dispararem da mesa para o teto e depois caírem sobre a mesa com um ruído muito perceptível. Já obtive uma comunicação alfabética por meio de

lampejos de luz, que eram produzidos no ar, diante de meus olhos, e pelo meio dos quais a minha mão passeava.

Já vi uma nuvem luminosa flutuar por cima de um quadro. Sempre sob as condições da mais rigorosa comprovação, aconteceu-me mais de uma vez que um corpo sólido, cristalino, fosforescente, foi colocado em minha mão por outra mão que não pertencia a nenhuma das pessoas presentes. Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliotrópio colocado sobre uma mesa, ao nosso lado, quebrar um galho dele e trazê-lo para uma senhora; e em algumas circunstâncias vi uma nuvem parecida condensar-se à nossa vista tomando a forma de uma mão e transportar pequenos objetos. Mas isso pertence antes à classe dos fenômenos que se seguem.

f) *Aparições de mãos luminosas por si mesmas, à luz comum.*

Durante as sessões escuras, ou em condições onde não é possível ver o que está sendo produzido, sente-se com frequência contato de mãos; eu vi essas mãos, mesmo que muito raramente. Não apresentarei aqui exemplos de ocasiões em que os fenômenos ocorreram no escuro, mas simplesmente selecionarei alguns dos numerosos casos em que vi essas mãos à plena luz.

Uma mãozinha, de muito bela forma, elevou-se da mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e desapareceu por três vezes seguidas, facilitando-me a ocasião de me convencer de que aquela aparição era tão real quanto minha própria mão. Isso aconteceu em plena luz, em meu quarto, enquanto eu segurava as mãos e os pés do médium entre minhas mãos.

Em outra circunstância, apareceram uma mão e um braço pequeninos, parecendo os de uma criança, e brincando em cima de uma senhora que estava sentada ao meu lado. Então a aparição veio em minha direção, deu um tapa no meu braço e puxou várias vezes meu terno. Outra vez, um indicador e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que Home usava na lapela de sua sobrecasaca e deixando-as diante de várias pessoas sentadas ao lado dele.

Muitas vezes vi, junto com várias pessoas, uma mão que apertava as teclas de uma sanfona, enquanto tínhamos à vista as mãos do médium, que às vezes eram seguradas por quem estava próximo a ele.

As mãos e os dedos nem sempre me pareceram sólidos e dotados de vida. Às vezes ofereciam mais a aparência de uma nuvem vaporosa,

parcialmente condensada na forma de uma mão. De todos os presentes, não houve nenhum que a visse distintamente.

Por exemplo; uma flor ou qualquer outro objeto pequeno, é visto se movendo; um dos presentes verá um vapor luminoso pairando sobre aquele objeto; outro descobrirá uma mão com aparência luminosa, enquanto outros não verão nada além do objeto ou da flor em movimento. Já vi mais de uma vez, primeiro o objeto se mover, depois uma nuvem luminosa que parecia se formar ao seu redor e, por último, a nuvem se condensar, tomar forma e tornar-se uma mão perfeita. Naquele momento, todos os participantes podiam ver aquela mão. Às vezes não é uma forma simples, mas perfeitamente animada e extremamente graciosa; os dedos se movem e a pele parece tão humana quanto a de todos os espectadores; no pulso ou no braço torna-se vaporosa e perde-se em uma nuvem luminosa.

Ao toque, essas mãos às vezes parecem frias como gelo e mortas; em outras ocasiões, pareciam quentes e vivas e seguravam a minha com o aperto firme de um velho amigo.

Segurei uma dessas mãos nas minhas, bem resolvido a não deixá-la escapar.

Nenhuma tentativa ou esforço foi feito para me forçar a soltar minha presa, mas paulatinamente, aquela mão como que se reduziu a vapor, e assim foi como se despreendeu da minha.

g) Formas e figuras de fantasmas.

Esses fenômenos são os mais raros de todos que já testemunhei. As condições necessárias para o seu aparecimento demonstram ser tão delicadas, e que basta tão pouca coisa para neutralizar a sua manifestação, que só tive raríssimas ocasiões de vê-los, em condições satisfatórias de comprovação. Citarei dois desses casos. No final da tarde, durante uma sessão dada por Home em minha casa, vi as cortinas se agitarem em uma janela que ficava a uns oito pés de distância do médium. Todos os participantes distinguiram uma forma sombria, escura e semitransparente, parecida a uma forma humana que estava em pé perto da janela, e agitando a cortina com a mão. Enquanto o observávamos, ele desapareceu e as cortinas pararam de se mover.

Ainda mais surpreendente é o caso seguinte. Com a intervenção do mesmo médium Home, uma forma fantástica avançou de um canto da sala,

foi pegar uma sanfona e imediatamente deslizou pelo local, tocando aquele instrumento. Essa forma ficou visível para todos os presentes por muitos minutos, vendo o médium ao mesmo tempo. O fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a certa distância dos outros participantes; aquela senhora deu um gritinho, e com isso a sombra desapareceu.

III - ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE OS FENÔMENOS PRODUZIDOS PELA MEDIUNIDADE DE DANIEL D. HOME E OS OBTIDOS COM EUSÁPIA PALLADINO (1)

(1) Artigo do Dr. Crookes publicado no jornal Lux em 1890, e traduzido pelo Sr. Descombes.

Em primeiro lugar, Eusápia Palladino produziu quase todos os fenômenos em estado de sonambulismo, sendo mais notáveis quanto mais profundo era o sono. Não acontecia da mesma forma com Home, pois sua mediunidade era tão original que não era fácil distinguir se ele estava em estado de sonambulismo. No entanto, observou-se que a partir do momento em que entrava em uma das fases da hipnose, ele tinha mais determinação, expressava-se com mais solenidade e, quando falava dele, sempre o fazia na terceira pessoa.

Antes de ir para a França, ele havia observado que em diferentes ocasiões, alguns dos objetos que existiam na sala se moviam, e que às vezes via diferentes mãos carregando flores.

Um dia ele me convidou para olhar uma sanfona que tocava um solo, embaixo da mesa, com a sala a meia-luz. Vi uma mão de aparência delicada, que levantava o instrumento, enquanto as teclas situadas na parte inferior subiam e desciam como que movidas por dedos invisíveis. A mão que segurava o instrumento parecia-me idêntica à de uma pessoa da minha família, que estava assistindo à sessão, mas de imediato verifiquei que a minha suposição era infundada, uma vez que as mãos da referida pessoa continuavam sobre a mesa.

Os casos mais surpreendentes de levitação que Home realizou aconteceram em minha casa. Uma vez, entre outras, ele se colocou na parte mais visível da sala e, após um minuto, disse que sentia estar se elevando. Presenciei perfeitamente essa levitação que foi bem pausada, e com um movimento contínuo em sentido oblíquo. Permaneceu alguns segundos a

seis polegadas do solo e desceu lentamente. Nenhum dos participantes saiu do seu lugar.

Esse poder de elevar-se é comunicado apenas às pessoas próximas ao médium; no entanto, uma vez minha esposa foi elevada junto com a cadeira em que ela estava sentada.

Home tinha uma grande aversão à escuridão.

Nas experiências que fiz com luzes especiais, nenhuma deu tão bons resultados quanto a que foi feita à luz da lua.

Os tubos de Geissler funcionaram mal, e a chama de álcool com soda, que dá uma cor amarela, permitiu obter fenômenos intensos. (1)

(1) O Dr. Crookes tratou em seu Recherches (p. 149) do importante assunto da iluminação.

“Eu disse que a escuridão não é essencial. No entanto, é fato reconhecido que, quando a força é fraca, uma luz viva exerce uma ação contrária na produção dos fenômenos.

O poder de Home é intenso o suficiente para superar essa influência contrária, de modo que, com exceção de duas sessões, em todas as outras os fenômenos foram produzidos em plena luz. Os raios que parecem mais contrários às manifestações são os que estão na extremidade do espectro.”

Uma das coisas mais surpreendentes que vi em matéria de movimento de pequenos objetos foi a levitação de uma jarra e um copo cheios de água.

A sala estava fortemente iluminada por duas grandes tochas de álcool com soda, e as mãos de Home estavam bem afastadas daqueles objetos.

Perguntei se era possível obter resposta para algumas perguntas fazendo bater a jarra com o copo, e imediatamente os dois objetos colidiram por três vezes consecutivas, o que na linguagem combinada significava "Sim". O copo e a jarra permaneceram suspensos a umas seis ou oito polegadas por cima da mesa, de frente para o público e respondendo às perguntas que eram feitas.

Este fenômeno durou cinco minutos, sendo reconhecido como autêntico por todos os presentes.

Nunca pude verificar em Home, nenhum dos movimentos suspeitos que o professor Lodge observou em Eusápia, e tenho certeza de que quando Home não está em *transe*, ele, como os assistentes, ignoram o que vai acontecer.

Frequentemente, os primeiros movimentos de objetos aconteciam quando o médium conversava animadamente com seu vizinho.

Quanto a pessoas estranhas na reunião, sou da mesma opinião do Dr. Lodge.

Algumas sessões falharam, devido às óbvias e fúteis tentativas de engano produzidas por algumas pessoas que solicitaram convite.

Um distinto cavalheiro estava assistindo a uma dessas sessões, a qual prometia ser muito boa; depois de uma hora de espera, nenhuma manifestação havia ocorrido, exceto vários movimentos e ruídos evidentemente causados pelo meu hóspede. Finalmente, o referido senhor foi embora, e imediatamente obtivemos uma comunicação na qual nos diziam que eles, (os agentes), estavam esperando que M. X... *acabasse de fazer palhaçadas*. A continuação da sessão foi excelente.

A pouca luz em que as sessões com Eusápia deviam ser realizadas parece ter sido a razão da dificuldade em observar os fenômenos. Se a luz fosse mais intensa, a vigilância das mãos e dos pés poderia ser dispensada e, conseqüentemente, evitadas as suposições que foram forjadas posteriormente.

Home sempre recusou sessões no escuro. Ele dizia que, com vontade e perseverança, os fenômenos poderiam ser obtidos em plena luz, e que se alguns não ocorrem com tanta intensidade como nas sessões às escuras, a comprovação mais exata vem compensar esse pequeno inconveniente.

Tal era a vontade que Home tinha de convencer os participantes, que muitas vezes se dirigia aos incrédulos pedindo que segurassem suas mãos e pés, *embora isso quase sempre prejudica o desenvolvimento dos fenômenos*.

Nas minhas relações com Home, que duraram vários anos, nunca vi nenhum fato que pudesse me fazer suspeitar de uma fraude. Home era consciencioso ao ponto do escrúpulo e nunca se ofendia com as precauções que eram tomadas. Nos últimos dias eu costumava dizer a ele em tom de brincadeira: “Sentemos perto do fogo, e conversando tranquilamente, vamos esperar para ver se *nossos amigos* estão lá, e querem fazer alguma manifestação. Não exigimos nenhuma prova, nem vamos tomar nenhuma precaução.”

Nessas ocasiões, quando eu estava sozinho ou acompanhado de minha família junto do médium, ocorriam os fenômenos mais convincentes.

Acreditamos que vale a pena se ocupar da demonstração da veracidade ou falsidade desses fatos, e apesar de Home ter morado muitos anos em Londres, e sempre se ter mostrado leal e prestativo na manifestação de suas extraordinárias faculdades, poucos foram aqueles que as estudaram.

Aqueles que estavam convencidos, têm sido tratados como loucos ou quase.

Capítulo IV

Experiências com Henry Slade

Desde a infância observou-se que os móveis ao seu redor rangiam em diferentes ocasiões. Em 1860 obteve pela primeira vez o fenômeno da escrita direta entre duas lousas. A partir desta época fez várias viagens pela América, Inglaterra e Rússia, a fim de demonstrar suas faculdades extraordinárias. Em 1877 estando em Berlim, foi-lhe emitido o seguinte certificado pelo prestidigitador da corte alemã:

“Feito em Berlim, em 6 de dezembro de 1877, registrado nos autos do cartório, com o número 482 do referido ano, assinado e rubricado pelo conselheiro e tabelião Gustavo Hargen.

A pedido de muitos fidalgos, altamente conceituados por sua classe social e posição, passei a estudar com a maior atenção a mediunidade física do Sr. Henry Slade em uma série de sessões realizadas em diferentes horas do dia e da noite; e, em interesse da verdade, eu certifico: que nos fenômenos produzidos por Slade não intervém nenhum aparelho ou artifício daqueles usados em ilusionismo e, conseqüentemente, qualquer suposição que tenda a incluir essas experiências entre aquelas realizadas por prestidigitadores, deve ser descartada.

Eis aqui a minha declaração escrita e assinada perante tabelião e testemunhas, em 6 de dezembro de 1877. — SAMUEL BELLACHINI.”

De Berlim, Slade foi para Leipzig, onde foi estudado pelo Dr. Zoëllner, professor de Astronomia na Universidade da referida capital, que publicou detalhes de suas experiências no segundo volume de seu *Wissenschaftliche Abhandlungen*, do qual estarei copiando alguns parágrafos (1).

(1) Eugène Nus. *Choses de l' autre monde* pp. 335 e segs.

Em 15 de novembro de 1877, Slade chegou a Leipzig. Após os estudos feitos por Crookes e Wallace, não poderia desperdiçar uma oportunidade

tão favorável para me convencer do que se comentava. Dirigi-me, em companhia de dois amigos, à casa do médium, sem intenção de preparar sessão alguma.

A impressão que Slade causou em mim foi favorável. Seu comportamento era modesto, embora reservado, e sua conversa pausada e discreta, em inglês correto, única língua que ele possui... Perguntei-lhe se já havia influenciado uma agulha magnética (fato que considero de grande interesse para todo homem de ciência) respondendo negativamente.

Um dia em que vários amigos estávamos reunidos, convidei Slade para tomar chá conosco e disse-lhe que ficaríamos muito satisfeitos se ele conseguisse desviar uma agulha magnetizada sob condições que não deixassem lugar a dúvidas.

Eu trouxe um globo celeste equipado com uma bússola e coloquei-o sobre a mesa. A uma indicação nossa, Slade passou a mão horizontalmente por sobre o vidro que cobria a bússola e, após um segundo, a referida bússola começou a se agitar violentamente, como que sob a ação de uma força magnética. Reconheci até mesmo a pele do médium e fiquei convencido de que ele não trazia nenhum ímã consigo.

Tal fenômeno confirmou os experimentos verificados pelo Catedrático Fechner.

Na noite seguinte (sexta-feira, 16 de novembro de 1877), coloquei uma mesinha de jogo com quatro cadeiras em uma sala onde Slade não havia entrado ainda. Depois que Fechner, o professor Braune, Slade e eu ficamos com as mãos unidas sobre a mesa, ouviram-se batidas neste móvel.

Eu tinha comprado uma lousa que havíamos marcado; sobre ela foi colocado um toco de lápis e Slade colocou a lousa parcialmente sob a borda da mesa; meu canivete foi projetado repentinamente à altura de um pé e depois caiu sobre a mesa... Repetindo o experimento, viu-se que o fragmento de lápis cuja posição havíamos marcado com um sinal, permanecia no mesmo lugar, sobre a lousa. Após ter limpado bem uma lousa dupla e de ter colocado dentro dela um pedaço de lápis, ela foi segurada por Slade sobre a cabeça do professor Braune. Ouviu-se o rangido e, quando a lousa foi aberta, muitas linhas de escrita foram encontradas nela.

Inesperadamente, um leito localizado no quarto, atrás de um biombo, transportou-se a dois pés da parede, empurrando o biombo para fora.

Slade estava longe do leito, ao qual dava as costas, e além disso estava com as pernas cruzadas; isso foi visível para todos.

Uma segunda sessão foi imediatamente organizada em minha casa com os professores Weber, Schreibner e eu. Uma vez lá, ouvimos um estalo violento, como se fosse a descarga de uma forte bateria de garrafas de Leyden; quando nos viramos, bastante alarmados, aquele biombo se abriu em duas partes; a armação de madeira de meia polegada de espessura estava desgarrada de alto a baixo, sem nenhum contato visível de Slade com o biombo. Os pedaços quebrados estavam a cinco pés do médium, colocado de costas para o biombo.

Ficamos todos surpresos com essa manifestação inesperada de uma força mecânica enorme, e perguntei a Slade o que tudo aquilo significava. Ele respondeu que esse fenômeno acontecia muitas vezes em sua presença.

Permanecendo o médium em pé, colocou um pedaço de giz sobre a superfície lisa da mesa, cobriu-o com uma lousa comprada e limpa por mim e apertou a superfície com os cinco dedos abertos da mão direita, enquanto a esquerda estava ainda no centro da mesa. Começou a escritura sobre a superfície interior e, quando Slade a virou, encontrou-se escrita em inglês a seguinte frase: “Não é nossa intenção causar danos; perdoem o que aconteceu.” A produção da escrita nessas condições foi feita enquanto ambas as mãos de Slade permaneciam imóveis.

Os fenômenos obtidos nos pareceram tão extraordinários que decidimos convidar nossos colegas Srs. C. Ludwig, Fiersch e Wundt para uma sessão imediata.

Às três horas da tarde do domingo 18 de novembro, já estávamos reunidos para uma sessão. Eu tinha comprado uma mesinha de nogueira e algumas lousas que foram marcadas pelos meus amigos.

O médium segurou as lousas *por cima* da mesa, à vista de todos, e muito em breve ficaram escritas três frases em inglês, francês e alemão, cada uma com uma letra diferente.

O Dr. Zoëllner ainda relata um número maior de experiências, das quais daremos apenas um extrato.

Uma bola de metal estava suspensa de um cordão de seda, dentro de um globo de vidro; colocada embaixo da mesa, foi iluminada por cima por meio de bugias preparadas para esse fim, e enquanto os professores Weber e Schreibner, bem como o professor Zoëllner, observavam atentamente, a

bola começou a oscilar e bater em intervalos regulares contra as paredes interiores do globo de vidro.

Duas bússolas, uma grande e uma pequena, foram respectivamente cobertas por um vaso de vidro e colocadas diante do Dr. Weber. As mãos do médium entrelaçadas com as dos professores, foram colocadas sobre a mesa, a um palmo de distância das bússolas. De repente a pequena começou a balançar, e acabou adquirindo um movimento constante.

A bússola maior produziu apenas algumas oscilações.

Uma vez ocorrido esse fenômeno, o Dr. Zoëllner perguntou ao Slade se queria experimentar com uma agulha não magnetizada e, estando ele de acordo, foi-lhe apresentada uma das referidas agulhas.

O médium então colocou a referida agulha sobre uma lousa, encostando-a na parte inferior da mesa. Quatro minutos depois, ele a colocou de volta na mesa e foi possível comprovar que estava magnetizada, pois atraía limalha de ferro, alfinetes, etc. A ponta magnetizada era um pólo sul.

Num copo cheio de farinha fina, encontrou-se a impressão de uma mão, com todas as sinuosidades da epiderme perfeitamente visíveis. Ao mesmo tempo, a impressão de uma mão grande, também impressa em farinha, apareceu nas calças do Dr. Zoëllner, na região próxima ao joelho.

Um minuto antes, o referido doutor havia sentido a pressão de uma mão no local mencionado. As mãos de Slade nunca deixaram a mesa e, ao examiná-las, não foram encontrados vestígios de farinha. A marca era de uma mão maior que a de Slade.

Obteve-se uma marca mais duradoura em um papel, enegrecido pela fumaça de uma lamparina a petróleo, preso a uma plaquinha de madeira e sobre o qual apareceu a impressão de um pé descalço; a pedido dos participantes, Slade se levantou, tirou os sapatos, mostrou os pés e nenhum vestígio de negro de fumo foi encontrado. Seu pé, uma vez medido, era quatro centímetros menor que a pegada.

Em outra ocasião, o Dr. Zoëllner colocou algumas folhas de papel enegrecidas com negro de fumo dentro de uma lousa dobrável. Imediatamente apoiou a lousa contra os joelhos, vigiando-a com o maior cuidado. Cinco minutos depois, sentiu duas pressões sucessivas na lousa, e a seguir ouviram-se três pancadas na mesa como sinal de haver terminado o fenômeno.

A lousa foi aberta e, em duas das folhas de papel enegrecido, foram encontradas as marcas do pé direito e do pé esquerdo, respectivamente.

Vou passar em silêncio fenômenos mais incompreensíveis ainda, de nós que foram dados em uma corda selada em ambas as extremidades, aos quais o Sr. Lodge aludiu em seu relatório sobre as experiências de Carqueiranne; limitando-me a citar que foram comunicadas reações ácidas a sais neutros, reproduzindo experimentos que têm semelhança com a luz polarizada, conforme os descritos por Zoëllner no 2º volume do *Wissenschaftliche Abhandlungen*.

...Eu sentia vivos desejos de realizar as experiências baseadas em minhas pesquisas sobre a teoria de um espaço de quatro dimensões.

As experiências magnéticas tinham demonstrado que sob a ação das influências invisíveis das quais Slade estava rodeado, as correntes moleculares que existem dentro dos corpos podem ser invertidas; eu tinha, por isso mesmo, a esperança de conseguir que o ácido tartárico, que faz o plano de polarização da luz girar para a direita, poderia ser transformado em ácido para-tartárico levogiro (que desvia a luz polarizada para a esquerda) por uma inversão molecular operada na quarta dimensão do espaço.

Para isso, preparei um pequeno sacarímetro polarizador Mitscherlich, cujo tubo continha uma solução concentrada de ácido tartárico dextrogiro. A rotação do plano de polarização era de uns cinco graus.

Eu tinha o propósito de colocar o tubo de vidro (1) com a solução concentrada, sobre uma lousa, e mandar Slade segurá-lo sobre a mesa; mas antes de realizar a experiência, quis explicar-lhe o seu significado.

(1) O referido tubo tinha 200 milímetros de comprimento por 15 milímetros de largura.

Em primeiro lugar, mostrei-lhe a ação dos dois prismas cruzados de nicol, depois de ter separado o tubo de vidro com a solução, e imediatamente convidei-o a prestar atenção ao nicol anterior e a olhar para o céu através do instrumento. Fiz o nicol anterior girar lentamente, ficando ambos os nicóis em seus planos perpendiculares, e perguntei a Slade se ele notou um escurecimento gradual do campo de visão; e para meu espanto, ele respondeu negativamente. Eu pensei que esse resultado se devia ao fato de que o médium teria sido enganado pela luz lateral, então coloquei os dois prismas no ângulo direito, de modo que nem meus amigos nem eu pudéssemos distingui-los.

Slade repetia que continuava a ver a abóbada celeste com a mesma clareza de antes e, para nos provar isso, cobriu o olho esquerdo e com o direito leu através ambos os nicóis, alguns parágrafos de uma obra inglesa que estava ali perto. Eu achei que este fato não era prova suficiente.

Essa experiência aconteceu em minha casa no dia 14 de dezembro de 1877, às 11:45h da manhã.

No dia seguinte eu havia preparado dois grandes prismas de nicol para ter um campo visual maior, cujos prismas *estavam muito próximos e podiam girar um sobre o outro*.

Envolvi-os com uma pantalha circular que vinha a cobrir completamente os olhos do observador.

Essa pantalha estava estreitamente ligada aos prismas, de modo que o observador só podia ver objetos exteriores através deles. Imediatamente peguei o livro em inglês "*Faraday as a Discoverer*", de Tyndall, e quando Slade estava ausente, sublinhei as palavras na página 81 que dizem assim:

"The burst of power utrich had filled the four preceding years with an amount of experimental work unparalleled in the history of science..."

Terminados esses preparativos, fiz Slade olhar através dos prismas cruzados, aos quais dei um movimento de rotação, e como no dia anterior, o campo visual não sofreu alteração. Então convidei o médium a sentar-se numa cadeira, e ler a dois pés de distância e através dos prismas, o parágrafo que sublinhei. Slade leu as frases marcadas sem a menor interrupção.

Então, com satisfação, fiz meus amigos notarem que a observação que acabávamos de fazer poderia ser usada como um reagente visual para reconhecer os verdadeiros médiuns.

Dez minutos depois, o experimento foi repetido e não foi mais possível para ele distinguir os objetos através dos prismas. Também não lhe foi possível apreciá-los à noite, à luz de uma bugia.

Ele me disse que de manhã, e à hora em que se faziam os preparativos para a experiência, sentiu-se possuído por uma "influência" à qual atribui a mudança produzida na sua personalidade.

Junto às observações do Dr. Fechner sobre a variabilidade do estado magnético de um sensitivo, deve-se colocar esta modificação das faculdades ópticas de Slade, ambas constituindo prova do caráter transitório dessas funções orgânicas anormais. As extraordinárias

observações que fiz levaram-me a abandonar a projetada experiência com o ácido tartárico, deixando para fazê-la mais tarde.

Da Alemanha, Slade foi para a Austrália e depois para a França, onde o Dr. Gibier o estudou cuidadosamente por 33 sessões.

Mais da metade delas deram resultados nulos; em algumas, fenômenos menores foram obtidos, e em um pequeno número, os resultados foram muito brilhantes. (1)

(1) Em uma dessas sessões realizadas na casa de Slade, às onze da manhã, e com luz natural, testemunhei a escrita produzida entre duas lousas. Percebi com muita clareza o contato de uma mão macia que acariciava o dorso da minha; vi se aproximar uma poltrona que estava a 1,50m do médium, chegando a bater na minha cadeira; com a particularidade de que esse fenômeno ocorreu alguns momentos depois de eu ter manifestado o desejo de comprovar o movimento espontâneo de um móvel e, por último, recebi uma lousa por baixo da mesa em condições que diremos mais adiante. — A. R.

Todas essas sessões, exceto três, foram realizadas durante o dia, no quarto que Slade ocupava, de frente para o Arco do Triunfo.

As três sessões restantes aconteceram na casa do Dr. Gibier.

O médium Slade apresenta, no estado de vigília, uma hiperestesia cutânea muito acentuada, ficando quase insensível quando entra em *transe*.

O Dr. Gibier comprovou que, nessa situação, a mão direita do médium faz o dinamômetro baixar para 63 quilos, e a esquerda para 50, ao invés dos 27 e 33 quilos que o instrumento indica quando o médium faz essa prova no estado de vigília.

Slade só entra em *transe* quando vai produzir fenômenos muito intensos.

Vou deixar de lado os fenômenos da escrita direta que preencheram a maior parte do tempo das sessões, para focar apenas em fenômenos puramente físicos. (2)

(2) O Dr. Gibier fez um extenso relato desses fenômenos na obra O Espiritismo. — Paris, 1882; pág. 313 e segs.

A) Fenômenos de percussão.

Sons diversos.

Na maioria das experiências que temos praticado com diferentes médiuns, deixaram-se ouvir leves rangidos e pequenas batidas secas nos móveis em que aplicávamos nossas mãos ou em outros móveis próximos. Por vezes foram produzidas a nosso pedido, sendo muito intensas em

certos casos. Na atualidade, seria infantil atribuir esses ruídos à contração dos músculos peroneais de Slade.

Quando nossas mãos estavam aplicadas à mesa, algumas batidas surdas foram ouvidas e sentidas nela.

Essas batidas também eram percebidas na cadeira de Slade, e às vezes as ouvíamos em nossa própria cadeira, como se alguém estivesse dando socos no encosto dela.

Frequentemente, essas batidas eram dadas a nosso pedido, certificando-nos de que não havia contato entre nós e o médium.

Na sessão realizada no dia 11 de maio de 1886, às 10h30 da manhã, houve uma violenta pancada no meio da mesa, estando o médium completamente quieto.

Na mesma sessão, e a pedido dos participantes, foi produzido um ruído que imitava um lápis escrevendo embaixo da mesa.

No dia 27 de maio os fenômenos de percussão foram mais curiosos. Parecia que um bando de frangos estava picotando no assoalho da sala de jantar em que estávamos, e na qual Slade era a primeira vez que entrava; e alguns da companhia sentiram pancadas não muito agradáveis nas solas dos sapatos. A sala de jantar estava iluminada por duas lâmpadas, e o médium, sentado e isolado.

B) Movimento de corpos com contato do médium.

O fenômeno mais curioso neste grupo foi a completa levitação da mesa que utilizamos nas sessões (1)

(1) Era uma mesa de abeto, pintada de preto, com 0,74m de altura, por 1,08m e 1,02m de superfície, e sem nenhum mecanismo.

Com a simples imposição das mãos, a mesa elevou-se por cima de nossas cabeças, depois voltou ao seu lugar em menos tempo do que o necessário para contá-lo. Sem querer fazer alarde de força e destreza, dizemos que, sendo nós mais dotados do que o médium, foi-nos impossível imitar o mesmo fenômeno.

C) Movimento de corpos mais ou menos pesados, sem contato com o médium.

Já testemunhamos esse fenômeno diferentes vezes. Na manhã de 29 de abril de 1886, Slade estava sentado em frente de uma janela, com os pés voltados para nós. De repente, uma cadeira localizada a 1,20m de distância deu meia-volta e veio lançar-se sobre a mesa como se atraída por um ímã.

No dia 11 de maio do mesmo ano, às 3h30 da tarde, enquanto Slade estava sentado em sua posição habitual, um baú, colocado a 75 centímetros de sua cadeira, deslocou-se movendo-se lentamente no início, até a mesa que rodeávamos, trombando nela com violência. Slade estava sentado de costas para o baú, enquanto M. A. e eu estávamos de frente para ele.

No mesmo dia, uma cadeira colocada ao lado do móvel em questão foi emborcada a mais de dois metros do médium.

No dia seguinte, uma cadeira foi lançada como por uma mola, a 1,50m de altura.

Imediatamente após a ocorrência do fenômeno, examinamos cuidadosamente os móveis, as paredes e o chão e nos convencemos de que nenhuma hipótese física poderia dar uma explicação satisfatória para aquilo.

Em várias sessões vimos uma lousa emoldurada (modelo Faber número 7) liberar-se da mão de Slade e colocar-se na nossa mão, depois de ter percorrido a mesa por baixo e ao longo de todo o seu comprimento (1,08m). No momento em que tentávamos pegá-la, notávamos uma sensação de resistência, como se alguém estivesse segurando a lousa com as mãos. Enquanto esta manifestação acontecia, o médium mantinha suas mãos e membros inferiores imóveis. Com Slade segurando um lápis apoiado sobre a lousa, vimos em várias ocasiões como o lápis descrevia um semicírculo, que terminava na parte *inferior* do centro da mesa e finalmente vinha cair no meio da lousa.

Em muitas circunstâncias vimos que a lousa, antes de ser colocada diretamente na mão da pessoa que estava à frente de Slade, manifestava-se na extremidade oposta da mesa, *para a qual o médium estava de costas*, e uma vez naquele lugar, produzia algumas batidas como se quisesse chamar a atenção; de tal forma que parecia estar segurada na extremidade superior por uma mão invisível.

Nessas diversas experiências, o médium não só não fez qualquer movimento suspeito, mas até tentou reprimir seus movimentos reflexos, aos quais está altamente predisposto.

Entre o gênero de fenômenos compreendidos neste artigo, pode ser incluído o seguinte fato, que observamos em meio a toda espécie de precauções. Slade passou a mão por cima de uma caixinha, coberta de vidro, que continha uma agulha magnética.

Na primeira tentativa nada aconteceu, mas quando repetiu a manobra pela segunda vez, pronunciou as seguintes palavras em inglês:

“Querem, por gentileza, fazer a bússola girar?” e no momento em que ele terminou de pronunciar essas palavras, a bússola agitou-se violentamente, girando várias vezes sobre seu eixo.

Esse fenômeno ocorreu em um mezanino que não possuía nenhuma instalação elétrica, e sabemos que os quartos localizados acima do andar onde ocorreu a experiência não tinham sido alugados pelo médium.

Por outro lado, esta manifestação que foi tentada outras vezes embora sem resultado, não podia ter preparação, porque *Slade desconhecia os nossos propósitos*.

D) Objetos que se quebram com o simples contato do médium.

Em seis ocasiões diferentes, testemunhamos a quebra em vários pedaços de uma lousa onde Slade aplicou sua mão. Esse fenômeno foi precedido por uma sensação de dor no braço correspondente, ou na mão que estava em contato com a lousa.

Neste momento temos diante dos olhos quatro dessas lousas quebradas, com suas respectivas molduras de buxo. Várias vezes tentamos quebrar lousas semelhantes, dando muitas batidas sobre a mesa, ou tentando dobrá-las, embora nunca o pudéssemos conseguir.

E) Materializações. Aparição de mãos visíveis à luz natural. Contatos.

Em 12 de maio de 1886, às 11 horas da manhã, assistimos a uma sessão na casa de Slade. Enquanto ele e nós tínhamos nossas mãos sobre a mesa, vimos com total claridade os dedos e a parte dianteira de uma mão que avançava em nossa direção. Não consideramos ter sido vítimas de uma

alucinação, porque permanecíamos tão serenos, como se estivéssemos em uma sessão de patologia experimental. M. N., que estava assistindo à sessão, também viu esse fenômeno.

Slade então convidou a colocarmos a mão em cima da mesa, para sentir um contato, mas não sentimos nada.

Imediatamente o médium pegou uma lousa e nos convidou a segurá-la por uma de suas pontas; de repente sentimos o contato de uma mão fria que passeava com seus dedos pela parte frontal de nosso antebraço direito. Soltamos a lousa e, pegando na mão de Slade, nos convencemos de que o misterioso membro não pertencia ao médium, pois as mãos dele tinham a temperatura normal. Olhamos embaixo da mesa e não encontramos nada que pudesse explicar-nos o fato.

Capítulo V

As experiências de Donald Mac-Nab, realizadas em 1888, em Paris

(TRECHO DO "LOTUS ROUGE." - OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1888).

I. — CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS.

Minhas observações abrangem um período de três meses, durante os quais apenas realizei uma sessão semanal. Sempre operei no mesmo local e, em todas as sessões, compareceram quase os mesmos participantes. Numa sessão realizada fora de minha casa e assistida por 15 pessoas, nenhum fenômeno foi obtido; outra sessão realizada em minha casa com a participação de 14 pessoas também deu resultado nulo, e numa terceira, que contou com 5 ou 6 pessoas, os resultados foram bastante medíocres.

Regularmente, cinco ou seis pessoas assistiam às sessões em minha casa, e em todas, menos em uma, ocorreu alguma manifestação.

Atribuo essa falta de sucesso ao tempo frio e chuvoso.

... Sempre me servi do mesmo médium, exceto em duas sessões, tendo obtido os mesmos efeitos apesar da substituição que foi preciso fazer.

Denomina-se *médium* aquela pessoa por cuja mediação ocorrem os fenômenos. Sua função é suprir a força nêurica ou psíquica. Muitas vezes é um instrumento completamente passivo. Aquele de que me servi, (M. F.) não é passivo; sua vontade entra em função e ele dificilmente fica cataléptico. Se alguma vez isso acontece, paro de experimentar; de modo que todos os fenômenos ocorridos deram-se estando o médium – ou parecendo estar – em estado de vigília, sendo assim que ele se comporta como qualquer um dos assistentes.

O médium é um histérico bem caracterizado e profundamente neurótico; ele adormece espontaneamente quando quer e, após uma curta letargia, atinge rapidamente o estado que os psicólogos chamam de percepção transcendental e que o Sr. De Rochas chama de estado de relação. Às vezes ele está sujeito a incorporações, embora eu tente evitar esse perigoso estado tanto quanto possível. O médium é músico e tem um excelente temperamento de artista; quase todos os médiuns que conheço possuem esta qualidade.

Apesar de ter sido feito por sua mediação muito espiritismo fenomênico, ele não acredita no espiritismo, e está convencido de que a causa dos fenômenos se deve a fluidos ou essências que saem dele, o que um teosofista chamaria seu corpo astral. Contudo: é presa de entidades vampíricas que vivem às suas custas, absorvendo a força vital que evolui em seu organismo, e que lhe sugerem ideias de suicídio. Daí estar física e moralmente doente. Ele fica muito nervoso quando faz música. Muitas vezes vi faíscas saírem de seus dedos quando ele toca piano no escuro, e cobrirem-se as teclas com nuvens luminosas. Nunca o peguei em fraude, se bem nenhum interesse poderia ele ter nisso. É amigo meu; convivo com ele já há alguns meses e tenho plena certeza de que ele procede com a maior boa fé. (1)

(1) Depois que Mac-Nab escreveu este artigo, encontrou uma figura de papelão em seu quarto, que não poderia ter sido transportada por ninguém além do médium, embora ele parecesse surpreso ao vê-la. Seria apenas um ensaio de fraude mais ou menos consciente, do qual a maioria dos médiuns fornece exemplos? — A. R.

Por último; em sua ausência obtive os mesmos fenômenos com um dos meus amigos (M. C.) que assistia à sessão pela primeira vez e desconhecia as minhas intenções.

Observe-se que alguns fenômenos parecem jogos de prestidigitação, o que não deve surpreender, pois os prestidigitadores tentam imitar os fenômenos reais; no entanto, basta assistir a uma das sessões para se convencer de que o artifício não intervém nelas em modo algum.

Faltam-me os meios necessários para experimentar nas condições rigorosas exigidas pela ciência moderna, tendo procurado sobretudo me dar conta dos fatos, esperando que os sábios façam experiências definitivas mais à frente.

Essas investigações serão proveitosas para a ciência positiva, fazendo-a conhecer novas leis, dando-lhe bases mais amplas e, sobretudo, evidenciando que os fatos admitidos como sobrenaturais são do domínio da natureza.

Os fenômenos produzidos podem ser classificados da seguinte forma:

- 1.º Movimentos espontâneos de objetos, sem contato; levitação; escrita direta.
- 2.º Barulhos e pancadas.
- 3.º Fenômenos luminosos.
- 4.º Transporte de objetos.
- 5.º Aporte de objetos por desintegração.
- 6.º Materialização de fantasmas.
- 7.º Comunicação de pensamentos *em estado de vigília*.

II. — MOVIMENTOS ESPONTÂNEOS DE OBJETOS, SEM CONTATO.

O fenômeno da cana parece-me um dos mais curiosos, tanto porque é fácil de comprovar, já que é realizado em plena luz, quanto porque dá a chave para todos os movimentos dos objetos sem contato.

Sentado, o médium segura uma cana entre suas pernas. Depois de um tempo ele as separa lentamente, e a cana permanece no lugar, embora um pouco inclinada em direção ao peito do médium e movendo-se como fazem as agulhas magnéticas.

O médium estava completamente imóvel, e por impulso de sua vontade fazia a cana inclinar-se em todas as direções, chegando a tocar seu peito com a ponta superior; nesta situação formava um ângulo de cerca de 60º com o chão. Ao impulso da vontade do médium, a cana voltava à sua posição original.

Eu o fiz repetir a mesma experiência muitas vezes com três canas diferentes; uma muito leve, outra contendo uma ponta de aço e a última era um junco um tanto pesado. Esta deu os melhores resultados.

Sabendo que esse fenômeno pode ser imitado por meio de um cabelo ou de um fio bem fino, meu primeiro cuidado foi certificar-me se tal truque existia, tendo verificado que o fenômeno era completamente autêntico.

Coloquei então, a 10 centímetros dessa cana, uma outra de bambu bem leve, e imediatamente ela foi avançando até tocar a primeira.

Enquanto esta experiência acontecia, o médium permanecia completamente imóvel.

Com base no que acabava de observar, tirei as seguintes conclusões, que considero muito legítimas:

O equilíbrio instantâneo, que a cana guardava durante seu movimento, era mantido: 1º pela ação da gravidade. 2º pelas forças magnéticas do campo neural do médium e pela vontade consciente. Em outros termos: as linhas de força do campo neural agiam como um mecanismo de ligação entre a cana e a vontade localizada no cérebro.

Dentre as muitas vezes que a experiência foi repetida, houve casos em que não funcionou.

Os senhores Montorgueil, editor do jornal *Paris*; de Rochas, Comandante de Engenheiros; Gaboriau, diretor do *Lotus*, e Froment, secretário do antigo *Ísis*, foram testemunhas oculares dos fenômenos que acabo de descrever. Esta experiência é rigorosamente científica, porque ocorre sempre que se dão as condições exigidas.

Sempre que o médium exterioriza seu campo nêurico com um esforço de vontade, sente um enorme cansaço. Idêntico fato ocorre na Física.

Uma máquina que desenvolve eletricidade por fricção nem sempre está em condições de liberar fluido; para funcionar regularmente necessita que o disco gire, que as superfícies receptoras estejam isoladas, que o ar não esteja úmido, etc.

O equilíbrio da cana é muito semelhante ao equilíbrio de uma boneca de medula de sabugueiro em um campo elétrico, com a única diferença de que os movimentos da cana são impulsionados pela vontade.

Generalizando estas considerações, pode-se dizer que a vontade é uma força magnética que atua espontaneamente em três direções do espaço, enquanto os centros de força elétrica atuam apenas em uma direção.

Quando a Física e a Química saírem de sua rotina peculiar, elas considerarão os centros de força molecular como espontaneidades de grau 1 e as vontades livres como espontaneidades de um grau 3.

Vamos continuar generalizando. Vimos como uma cana se movia espontaneamente em um campo psíquico, sob a influência de uma vontade. Parece evidente que o mesmo efeito deveria ser produzido com qualquer outro objeto, uma mesa por exemplo, utilizando a vontade de outra pessoa

que não o médium, pois o médium nada mais faz do que providenciar o campo neural (1).

(1) Observe-se como uma amiga minha, que nunca leu ou viu Mac-Nab, se expressou em meio ao sono magnético:

Um animal é constituído de três partes: o corpo material, o espírito e o fluido nervoso, que relaciona o espírito com o corpo. Para que o animal possa se mover, é necessário a matéria estar impregnada com uma quantidade suficiente de fluido, para vencer sua inércia.

Quando um médium se exterioriza e carrega um corpo exterior com seu fluido, uma mesa, por ex., constitui nesta mesa um prolongamento artificial do seu corpo, que obedecerá ao seu espírito, logo que esteja suficientemente vivificado. Enquanto isso não acontecer, a mesa não obedecerá melhor do que um braço mais ou menos paralisado.

A mesa não poderá executar nada além dos movimentos compatíveis com sua estrutura; mas, se ao invés de uma mesa o médium saturar uma boneca articulada, por ex., poderá fazer com que esta boneca execute todos os movimentos que suas articulações tolerarem. Se fosse um cadáver, poderia fazê-lo mover-se do mesmo jeito que um homem vivo se move. A experiência foi realizada com sucesso satisfatório por Horace Pelletier, sobre um inseto morto.

Por último; pode acontecer que o espírito do médium seja substituído por outra entidade inteligente ou invisível. — A. R.

Quais são as outras vontades que podem agir? Parece demonstrado, após as experiências realizadas pelos Srs. Janet, de Rochas, etc., sobre o segundo estado, que no homem há pelo menos uma dupla personalidade (1).

(1) Do resultado de minhas experiências, cheguei a concluir simplesmente a possibilidade de criar em um mesmo sujeito diversas personalidades fictícias, suprimindo por um momento algumas lembranças e exaltando outras. — A. R.

Pesquisando bem, encontraremos um grande número. Basta interrogar o sentido íntimo, para ter certeza de que somos uma coleção de vontades diferentes em luta contínua.

Todo desejo que reprimimos é uma vontade reconhecida; às vezes faz parte do inconsciente. Cada uma dessas vontades pode se desenvolver momentaneamente de forma anormal, e agir em nosso lugar se lhe deixarmos o campo livre. Isso ocorre em sonâmbulos e no segundo estado. Pode acontecer que os movimentos espontâneos do objeto sejam guiados por uma vontade que nos parece externa, e que momentaneamente adquire um alto grau de consciência.

Tal vontade, devidamente exteriorizada, constitui uma parte de nós mesmos.

Todo mundo sabe que uma corrente elétrica pode ser produzida sem um dispositivo *ad hoc*, como uma bateria ou um dínamo. Essa classe de

correntes é chamada de induzida, pois representa um movimento induzido por outro movimento, em um meio apropriado.

É assim como pode se entender uma conversa telefônica em um fio, ao final do qual não existe telefone.

Se o pensamento é um movimento, não deveria nos surpreender que, onde quer que esse movimento ocorra, ali o pensamento e a consciência devam existir.

Para que uma consciência induzida se desenvolva, é necessário que a consciência indutiva dirigida por um ser vivo, acione os centros de energia potencial dentro de um meio especial que é o campo neural. Se o movimento indutor for muito intenso, não deve nos surpreender que o movimento induzido persista por mais tempo do que a causa indutora, porque as perdas de energia devidas à inércia e à resistência passiva são quase nulas. A causa indutora é, por outro lado, uma vontade livre, e o induzido também é. Os centros de energia sobre os quais a indução atua são chamados de *elementais* pelos teosofistas.

Existem ainda outros centros de energia que podemos transformar momentaneamente em centros conscientes e inteligentes. São os resíduos vitais de falecidos cujo poder vital ainda não foi anulado. Têm o nome de *elementares* e deixam na consciência que momentaneamente lhes damos, certos elementos, tendências, instintos próprios a que pertenceram e cuja interpretação irrefletida deu origem ao formidável erro dos espíritas.

Agora ninguém deve se surpreender se eu disser que um objeto, uma mesa, em movimento aparentemente espontâneo, dá origem a manifestações intelectuais, externas aos assistentes, embora sem ser completamente estranhas a eles.

Observei muitas vezes esses movimentos e irei me limitar a referir alguns.

Na primeira sessão a que assisti, fiz o médium se colocar entre M. R. e eu, pois, para falar a verdade, eu estava dominado por um grande ceticismo. A sala em que nos encontrávamos estava na escuridão e, em tais condições, uma mesinha de cabeceira colocada à nossa frente, embora bastante afastada, deslizou pelo chão, e por meio de batidas respondia as muitas perguntas que lhe dirigíamos.

Em outra ocasião e na presença do engenheiro Sr. Labro, o mesmo fenômeno se reproduziu no escuro, e todos os móveis da sala também se

agitaram. A mesinha de cabeceira precipitou-se no chão, a cama foi arrastada, e todas as cadeiras que mobiliavam o quarto foram trocadas de lugar e derrubadas. Tudo isso foi realizado em um instante e em meio a uma dança espantosa.

Acendi a luz e a agitação dos móveis cessou rapidamente.

Enquanto ocorriam essas manifestações, o médium permaneceu imóvel e sentado no sofá, entre M. R. e eu.

Depois que a luz foi apagada novamente, ouvimos algumas batidas fortes vindas do piano, e após breves instantes esse instrumento tocou uma melodia.

A escuridão é uma condição favorável à produção dos fenômenos, embora suprima o testemunho dos sentidos.

Eu queria muito obter esses movimentos em plena luz, e uma tarde, enquanto M. R., o médium e eu conversávamos junto a uma janela, ouvimos algumas batidas vindas do piano. Voltamos os olhos para aquele local e vimos nitidamente que um castiçal, com um toco de vela, saltou como que movido por uma mola, indo parar atrás do piano, de onde o retiramos.

Verifiquei a seguinte experiência sob o resplendor de uma lâmpada de fotógrafo, cuja luz vermelha permite distinguir muito bem os objetos. A primeira vez aconteceu na presença e com a colaboração dos Srs. Labro e Geffroy, engenheiros de artes e manufaturas, e a segunda, com os Srs. Labro e M... Th..., também engenheiros.

Ficamos em pé ao redor de uma mesa, tocando os pés um do outro; descansando a mão esquerda no ombro do vizinho, e tendo nossas mãos direitas uma em cima da outra, em uma borda da mesa. A um sinal combinado, levantamos simultaneamente as ditas mãos a uma altura de 40 centímetros, e a mesinha subiu até tocá-las, caindo de volta ao chão.

Novamente colocamos nossas mãos direitas em maço, a 40 centímetros da mesinha, e a nosso pedido, ela subiu até tocar nossas mãos, descendo a seguir lentamente até pousar no chão sem fazer barulho.

Testemunhei muitos outros movimentos de objetos, embora no escuro.

Mas nós tínhamos o hábito de estarmos relacionados por contato; ficávamos atentos ao menor barulho, e qualquer um acendia a luz quando achava conveniente, sem avisar ninguém.

Um dia, uma espada de cavalaria que estava em um canto da sala foi desembainhada e apareceu aos meus pés; de outra vez foi um pequeno sino...

Outro dia a cama foi elevada a 50 centímetros de altura, permanecendo suspensa por meio minuto, com a particularidade de que o médium e eu estávamos sentados nela.

Em quase todas as sessões a mesinha eleva-se e fica muito tempo suspensa no ar. Sua construção é muito simples, de modo que ao menor movimento range por cima de nossas cabeças.

Uma vez ela se elevou e percebemos o barulho de um lápis que havíamos colocado anteriormente sobre o tampo. Este era circundado por uma pequena cercadura, que era um obstáculo para a queda do lápis. Quando a mesinha chegou ao teto, o lápis escreveu nele estas palavras: *a morte*. Na atualidade ainda podem ser lidas.

... Não quis acender a luz enquanto a mesinha estava no teto, pois temia que caísse na cabeça de algum dos participantes, mas na falta de uma prova *de visu*, usei o toque como meio de comprovação.

Assim, numa sessão às escuras, e quando a mesa estava elevada à altura do meu peito, apalpei-a em todas as direções sem encontrar mão alguma. Então tentei aproximá-la de mim, encontrando grande resistência. A força não estava aplicada ao eixo, mas à borda superior oposta a mim.

Uma tarde, em plena luz, a mesa levitou, ficando suspensa durante alguns segundos, a uma altura de 20 a 30 centímetros. O médium e eu tínhamos as mãos aplicadas sobre o móvel, mas tenho certeza de que nossos pés *não exerceram o menor contato*.

III. — AS LUZES.

Em todas as sessões um pouco notáveis, sempre observei alguns pontos luminosos semelhantes a fogos-fátuos.

Eles são vistos aparecendo em vários lugares, como no ar, no chão, nas proximidades do médium, etc.

Às vezes são dotados de um vivo esplendor, com uma certa tonalidade esbranquiçada semelhante à luz do magnésio. Não iluminam os corpos que os cercam, passam de um ponto a outro como pequenos cometas e correm como se fossem borboletas.

Em 8 de julho de 1888, na presença dos Srs. Gaboriau, Labro, Picard e R... coloquei três placas com gelatina bromada no escuro, sobre a mesa, ao meu lado. A meu pedido, um dos resplendores veio se colocar de repente sobre uma placa. O referido resplendor era muito vivo, de cor branca e coroado por um penacho semelhante a um redemoinho de fumaça esbranquiçada.

Tinha o formato de uma pequena língua, e dirigiu-se à placa descrevendo um movimento em zigue-zague em forma de M, e ao se retirar ainda apresentava muito brilho.

Outra chama menos brilhante depositou-se por um momento nas duas placas restantes.

Ao desenvolver os clichês por meio de oxalato de ferro, eles apresentavam a particularidade de estarem cobertos por eflúvios análogos aos obtidos com as descargas escuras de eletricidade. (Experiências do Dr. Boudet em Paris) manifestando-se em uma cor violeta, em vez das linhas pretas que uma simples impressão luminosa deixa.

Como nas sucessivas placas que utilizei sempre encontrei traços violetas, chego a supor que, independentemente da ação luminosa, produziu-se nas placas uma alteração anormal do sal de prata, devido à ação química daquela substância luminosa.

Para me certificar de que esses eflúvios não fossem provenientes de uma má composição do banho revelador, desenvolvi ao mesmo tempo uma nova placa, que ficou totalmente transparente após a fixação. Uma dessas placas quebrou acidentalmente, mas ainda tenho as outras duas, nas quais é possível ver o zigue-zague traçado pelo pincel luminoso.

Em uma sessão, levei uma dessas luzes ao nariz e senti um forte odor de ozônio.

As numerosas observações que tenho feito sobre este particular permitem-me dividir estas luzes em duas categorias.

Algumas são amareladas e apresentam uma fumaça fosforescente muito parecida à emitida pelo fósforo durante sua oxidação lenta.

A substância dessas luzes não é fósforo, nem ácido fosfórico.

É o que se chama em química de *estado nascente*.

Outras luzes são brancas, não emitem fumaça e têm contornos bem definidos.

Nas condições em que eu as tenho observado, é impossível imitá-las, pois são produzidas simultaneamente em vários pontos bem separados uns dos

outros, *mudam de forma*, deslocam-se de um lugar para outro e manifestam-se diante dos olhos das pessoas presentes.

As formas que pude ver claramente foram: um olho luminoso corado por um penacho; a metade de um rosto e dedos luminosos.

Muitos indícios me obrigam a pensar que esses resplendores servem para tornar visíveis as formas que se materializam no escuro.

Uma tarde, estando longe do médium, vi dois dedos; um indicador e um polegar, amassando um cilindro luminoso.

Na sessão do dia 20 de julho com a presença dos Srs. Labro, Th... e M... impressionei diferentes placas estando longe do médium. Ele sentou-se ao piano, nós sentamos no sofá, com a mesinha à nossa frente, e a placa foi colocada em cima da mesinha. As luzes vieram até a placa, recuando imediatamente, e então a placa e a mesinha foram derrubadas. Um pouco mais tarde, notamos que as luzes rodopiavam ao nosso redor.

Imaginando que o clichê tinha quebrado, manifestei meu desgosto pelo fato, e no mesmo instante em que fazia isso, uma mão apertou com força meu ombro direito, e a mesinha, com a placa intacta, colocou-se ao meu lado sem fazer o menor barulho.

Ao desenvolver o clichê, manifestaram-se eflúvios roxos e impressões negras, que com certeza eram devidas a dedos luminosos. As linhas da mão ficaram perfeitamente gravadas, tanto as que correspondem aos dedos quanto à palma.

Quando tentei tocar esses resplendores, sempre senti o contato de dedos. Em diversas ocasiões vi manchas luminosas saindo dos dedos do médium, razão pela qual não posso atribuir importância às que se manifestavam longe dele, o que já aconteceu inúmeras vezes.

Com frequência vi manchas fosforescentes no chão da sala, cuja presença persistia apesar de me encontrar em uma semiobscuridade; e quando tentava tocá-las, elas fugiam diante dos meus dedos.

Nos clichês que conservo nota-se, ao redor da marca dos dedos, um halo especial que não existiria se fossem apenas vestígios de dedos sujos. Por outro lado, quando examinei as placas antes do desenvolvimento, sempre as encontrei muito limpas.

Embora as luzes mencionadas possam ser imitadas esfregando os dedos com fósforo, não é possível imitar suas mudanças de forma e brilho, nem produzi-las artificialmente em número tão grande quanto aparecem nas

sessões. Já fiz essas observações com quatro médiuns diferentes, quando estava ocupado na obtenção de fenômenos interessantes por outros motivos. Não foi, portanto, uma alucinação, pois além de não ter sido o único a presenciar os fatos que acabo de narrar, fica como testemunho permanente a impressão em minhas placas.

IV. — A LEVITAÇÃO DO MÉDIUM.

A levitação do médium ocorre frequentemente durante as sessões.

Com um amigo meu, escultor de profissão e também médium, já aconteceu várias vezes esse fenômeno. Certa vez, ele nos disse que parecia subir junto com a cadeira em que estava sentado. Em efeito; a mudança em sua voz nos indicava que ele ia se afastando do nosso lado e, quando acendemos a luz, o encontramos sentado na cadeira, em cima da cama.

Em outra ocasião eu quis iluminar a sala no momento em que ele se elevava, sentado no banquinho do piano, mas imediatamente caiu ao chão de uma altura de uns 50 ou 60 centímetros, quebrando uma perna do banquinho. O fato foi presenciado pelos três engenheiros, Srs. Labro, Th. e M.

Considerando muito importante possuir uma prova tangível da levitação, consegui-a colocando no chão um pedaço de tecido indiano pouco resistente; no centro dele colocamos uma cadeira, na qual M. C. sentou. O outro médium, M. F., não estava presente.

Cada um dos participantes pegou um canto do tecido e, como éramos cinco, duas pessoas foram colocadas em um desses ângulos. Apagamos a luz e quase imediatamente percebemos que a cadeira se elevava, tornando a descer depois lentamente. O tecido não estava esticado e com o menor esforço teria se rasgado.

Esta experiência deixou M. C. estupefato e foi testemunhada por M. R., duas senhoras e eu.

Não creio que algo possa ser objetado a esta experiência, pois da forma como fomos colocados era impossível que o decorrer desta manifestação passasse despercebido para nós.

A levitação não é exatamente, como alguns pensam, a manifestação de uma força que age em sentido vertical.

Na presença do Sr. de Rochas ocorreu o fato seguinte, que observei em quase todas as sessões.

“M. C. estava sentado de costas para a janela, com o quarto às escuras. De repente, ele foi deslocado com sua cadeira para perto do piano, onde permanecia o Sr. Gaboriau. (1)

(1) O Sr. Gaboriau diz o seguinte sobre este acontecimento: “Tendo o Sr. Mac-Nab iluminado subitamente a sala, vi o médium extenuado e coberto de suor, como se acabasse de levantar um grande peso. Estou convencido de que ele passou por cima da mesa com sua cadeira, pois a sala era muito pequena e nós a ocupávamos quase inteiramente. Caso tivesse passado por trás de nós, teria necessariamente nos tocado, máxime estando no escuro”.

O ato foi tão rápido, que o barulho feito pela cadeira ao subir e descer foi quase simultâneo, e a inclinação da cadeira durante o transporte foi de cerca de 180°.

Os Srs. Montorgueil e de Rochas constataram em diferentes sessões que o médium não utilizava nenhum procedimento ginástico em sua ascensão.

V. — MATERIALIZAÇÃO DE FORMAS HUMANAS.

Com bastante frequência os médiuns têm recebido fortes bofetadas no rosto, em plena luz. Ouve-se o barulho, fica impressa no rosto a forma dos dedos e o aumento da coloração, porém nada mais é observado...

Quando os toques e contatos ocorrem no escuro, é difícil dizer a quem pertencem as mãos que tocam. Em diferentes ocasiões, encontrando-me a sós com o médium e sentado perto dele, senti contatos de cabeças encobertas e toques de mãos, cabelos e véus de gaze, que não podiam ser produzidos pelo médium, dada a posição que ocupava.

Nas condições de mediunidade fraca em que tenho operado, os contatos não duram muito, sendo curtos e de leve, como acontece ao tocar um objeto que está muito quente. Quando há interposição de roupas, o contato é mais prolongado e, no momento em que se acende a luz, desaparecem as incompletas formas que as manifestações produzem, seja porque a luz as dissolve instantaneamente, seja porque a matéria de que são compostas não projeta elementos visíveis...

Encontrando-nos em uma sala fechada à chave, sentados em semicírculo em frente ao médium, e ele com as mãos apoiadas nos joelhos, vimos na penumbra como *uma mão se materializou no ombro do médium.*

Reduzindo novamente a luz, uma mão pequena, quente e úmida apareceu, sem nenhuma semelhança com as mãos das pessoas presentes.

No momento em que ela se retirava, toquei por um instante um pedaço de gaze branca, que provavelmente envolvia a parte superior do antebraço.

(1)

(1) O artigo de Mac-Nab contém muitas outras experiências referentes a materializações completas, transportes e escrita direta, bem como um interessante ensaio de explicação desses fenômenos. — A. R.

Capítulo VI

Experiências do Sr. Pelletier em 1891

(Resumo do relatório inserido em *L'Initiation* de julho de 1891, pelo Sr. Lemerle, engenheiro e ex-discípulo da Escola Politécnica)

...Em uma pitoresca vila nas margens do Loire, o Sr. Pelletier realizou seus pacientes estudos, rodeado de simples e honestos lavradores...

Apesar de contar com apenas três sensitivos, e as sessões precisarem ser feitas ao meio-dia, acompanhadas de calor intenso, ele chegou a obter resultados muito notáveis.

O primeiro fenômeno que ocorreu foi o seguinte:

Um recipiente com água foi colocado sobre uma mesa; vários sensitivos passavam as mãos a uma distância de 5 ou 10 centímetros da superfície, evitando o menor contato com o móvel. Após pouco tempo, o líquido começou a dar sacudidas, como quando um peixe pula fora d'água. Todas as pessoas presentes estavam imóveis, ficando persuadidas de que seria necessário bater forte no chão para se obter um efeito semelhante ao mencionado. O movimento impresso na água por meio do sopro dá origem a ondas que não têm esse caráter de impulsão brusca. Esses fatos ocorrem, ora a uma ordem do Sr. Pelletier, ora em meio ao mais absoluto silêncio.

Essas sacudidas acontecem a intervalos, tendo-se observado que entre as pontas das mãos e a água era produzida uma corrente que dava a sensação muito limpa de um ar fresco.

Em determinados momentos os sensitivos diziam estar com frio, o que contrastava com o intenso calor da sala. Acreditando aumentar a intensidade do fenômeno, fizemos com que os sensitivos fossem colocados uns atrás dos outros, em isonomia, e o resultado foi contraproducente.

A seguir experimentamos sobre uma agulha magnetizada, de uns doze centímetros de comprimento, e colocada sobre um eixo vertical.

Assim que a agulha ficou orientada, os sensitivos passaram as mãos, juntos e por separado, por diversos pontos da agulha, e esta executou alguns movimentos que não deixaram os participantes satisfeitos, pois suspeitávamos que poderiam ser devido à agitação das camadas de ar, provocada pelos movimentos das mãos.

Para resolver esta dúvida, pegamos um fio de chumbo montado sobre uma haste metálica, que colocamos no meridiano magnético, a fim de determinar exatamente o plano deste meridiano, com o eixo da agulha. Com as mãos completamente imóveis, verificamos alguns desvios em declinação, embora não constantes, pois eram *impulsões*, após as quais renascia o equilíbrio, que era precedido pelas oscilações ordinárias.

Na ausência de um aparelho para medir o valor dessas impulsões, estimamos que a amplitude do desvio era de pelo menos 20º, partindo do equilíbrio.

Desnecessário dizer que o fenômeno ocorreu da mesma forma quando a mão estava no meridiano, como quando se encontrava perpendicular a este plano. Observamos que, durante o experimento, as oscilações feitas pela agulha ao recuperar o equilíbrio pareciam amortecidas, dando a impressão de que ela se movia em um meio mais resistente.

.....
O que precede diz respeito apenas a movimentos em declinação, ainda que a agulha possa adquirir alguns movimentos em inclinação, dependendo do modo de suspensão; mas não consideramos os primeiros suficientemente precisos, pois a mobilidade no plano vertical era muito maior e poderiam ser atribuídos ao simples movimento respiratório de um participante que estivesse perto.

Com o pêndulo de medula de sabugueiro, as manifestações não foram muito caracterizadas.

Mais tarde colocamos sobre a mesa dois porta-lápis; um de prata, bastante pesado, e outro de alumínio muito leve. Os sensitivos permaneciam sentados em frente à mesa sem tocá-la e, após alguns minutos, o porta-lápis de alumínio deu várias voltas sobre si mesmo, inclinando-se ora em uma direção, ora em outra. Um porta-canetas de madeira comum e uma caixa redonda de três centímetros de diâmetro

foram deslocados por uma força invisível de uma borda da mesa para a oposta.

Umhas rolhas colocadas no mesmo lugar realizaram de igual maneira os diversos movimentos mencionados nas comunicações do Sr. Pelletier, exceto pular para fora da mesinha e se afastar quando estavam juntas.

Esses movimentos já haviam sido obtidos no dia anterior, e não dever surpreender que a série não se repetisse, considerando as muitas horas que a sessão durava e estando sob a ação de um calor sufocante.

O modo de ser desses fenômenos leva a atribuir-lhes uma causa de natureza intermitente e que procede como por emissões separadas. Nenhum fato dentre os observados vem em apoio da existência de uma força contínua, por mais fraca que seja. Tudo é feito como que por impactos. O Sr. Pelletier notou que quando se dirige aos sensitivos com voz forte e comando brusco, a emissão do fluxo de força psíquica é maior. Isso nos fez pensar que, se o comando brusco aumenta o fluxo de força, é por causa da comoção sofrida pelo médium e, para provar isso, pedimos silenciosamente ao experimentador que desse um comando em certo modo negativo; e no instante em que o tom que ele costumava usar disse "Não se move", o sujeito teve um sobressalto e o objeto se moveu.

Com relação aos movimentos de objetos muito leves, vamos nos permitir formular um desejo, e é que os experimentos sejam realizados de forma absolutamente conclusiva, tomando as maiores precauções contra a ação do sopro, ou a simples respiração dos sujeitos. Esta é a primeira ideia que vem a cada pessoa que testemunha esses movimentos.

Temos plena certeza de que a maioria dos fenômenos que acabamos de mencionar eram completamente independentes dessa causa, mas muitos outros que silenciámos poderiam, em rigor, serem atribuídos a ela.

Antes de terminar estas notas, daremos conta do movimento da mesa, sem contato.

Os sensitivos, sentados ao redor da mesinha, (1) apoiaram as mãos sobre ela para saturá-la, e após alguns minutos as levantaram a uma altura de 10 centímetros.

(1) Era feita de madeira de carvalho e pesava 10 quilos.

Em tal situação, e completamente isolados da mesa, esta se elevou alguns centímetros e imediatamente tornou a descer (2).

(2) Em um artigo publicado na *Initiation* (março de 1893), o Sr. Lemerle volta a falar nessa experiência, a propósito dos estudos feitos em Milão, pelo Sr. Richet e pelo Sr. Aksakof com Eusápia, e diz: que concorreram na sua produção todas as circunstâncias que os referidos senhores julgam necessárias para estabelecer a certeza do fenômeno. De fato, isso ocorreu às 3 horas da tarde de um dia do mês de junho.

A mesinha pesava 12 quilos e foi projetada diversas vezes a 7 ou 8 centímetros do chão.

“Os sujeitos estavam em pé, e eu estava a 2,50m do grupo, para ter no meu campo visual as pernas da mesa e os sensitivos. Ninguém mais estava perto do grupo. Este estava localizado em frente à janela, o que me permitia ter a certeza de que ninguém fazia nenhum contato com o móvel, nem com as mãos, que estavam colocadas em um plano horizontal a 10 centímetros da mesinha, nem com os corpos dos sujeitos que estava a pelo menos 20 centímetros da borda da mesa, e menos ainda com os pés e as pernas, que estavam ainda mais afastados. Entre os 3 sujeitos havia dois homens, cujas calças não podiam ser enfunadas, e uma senhora, cuja saia do vestido foi lançada para trás. Nenhum desses sujeitos entrou em transe e nem apresentou a agitação acusada por Eusápia. Todos se mantiveram absolutamente imóveis durante o experimento.”

Essa experiência foi reproduzida 4 ou 5 vezes em condições idênticas, isto é, recarregando o móvel a cada vez por meio do contato, pois o Sr. Pelletier era de opinião que em cada movimento obtido produzia-se uma espécie de descarga. Contudo, depois de ter-se produzido um movimento, ficamos com as mãos no ar, reproduzindo-se aquele por duas vezes, sem novo contato.

É impossível ver algo mais limpo e verdadeiro.

Capítulo VII

Experiências do Dr. Pablo Joire em 1895

(EXTRAÍDO DA REVUE DE HYPNOTISME OUTUBRO DE 1895)

I. — Estado primitivo.

Para produzir o estado mediúnico *passivo ou induzido*, (1) ponho em prática habitualmente os procedimentos a seguir.

(1) O Dr. Joire distingue o estado mediúnico *passivo*, no qual o sujeito é movido por uma ação externa, do estado mediúnico *ativo*, no qual o sujeito age sobre objetos externos. — A. R.

Faço o sujeito ficar em pé e, depois de vendar seus olhos com um lenço, aconselho-o a fechar as pálpebras e tentar isolar-se de qualquer preocupação. Começo então a dar-lhe passes, partindo da cabeça e ao longo dos braços; passados alguns minutos observo uma mudança na fisionomia do sujeito, na qual se reflete a impassibilidade. Muito em breve nota-se um leve tremor nas pálpebras, menos pronunciado e convulsivo do que aquele que caracteriza a letargia.

Na atitude geral do corpo do sujeito, observam-se leves oscilações, parecendo manter um equilíbrio instável, cujas oscilações são semelhantes às produzidas por um arbusto quando impellido por uma leve brisa.

Durante este tempo, os reflexos não ficam abolidos ou modificados; não existe hiperexcitabilidade neuromuscular; a sensibilidade cutânea é normal, tanto ao toque, quanto à dor e à temperatura.

As funções dos sentidos não ficam abolidas, mas sua sensibilidade, embora altamente desenvolvida para tudo o que vem do hipnotizador, fica, ao contrário, diminuída para as impressões externas. Os movimentos do coração não são modificados; a respiração é lenta e profunda.

Os membros não estão relaxados como na letargia.

Quando se trata de movê-los, eles não oferecem resistência alguma. Se uma mão é levantada e depois solta, ela cai sob seu próprio peso.

Nesse estado, o sujeito não é sugestionável, nem pela palavra nem por meio do sentido muscular.

Se bem os fenômenos somáticos são negativos e pouco interessantes, o mesmo não ocorre com os de outra categoria. Esta categoria de fenômenos distingue-se particularmente, por impulsos de um caráter especial que o hipnotizador comunica à vontade, sobre o sujeito.

Os mais simples são obtidos dando passes magnéticos lentamente ao longo de um membro, sem tocá-lo. Com este procedimento obtém-se a elevação, movimento e flexão de uma extremidade, que obedece de uma maneira absoluta aos movimentos da mão dirigente, até provocar os atos mais complicados. (1)

(1) No parecer do Sr. Joire, é neste estado mediúnico que são obtidos os fenômenos de transmissão de pensamento e sugestão mental. — A. R.

...Quando um membro é levantado por meio desse procedimento e depois é deixado na posição que acaba de adotar, ele permanecerá nessa atitude por muito tempo, sem que o sujeito sinta o menor cansaço...

O estado de um membro, posto em movimento por meio de passes feitos à distância, não é o mesmo que quando é levantado com a mão.

Esses movimentos de translação podem ser obtidos, tanto para a totalidade do corpo de um sujeito, quanto para um determinado membro. Assim, quando estou situado a certa distância do sujeito, posso fazer seu corpo inclinar-se para a direita ou para a esquerda, para frente ou para trás, conforme o percurso que indico por meio de minhas mãos no ar...

Eu devolvo o indivíduo ao seu estado normal dando passes transversais na frente de seu rosto e soprando em seus olhos. Frequentemente o sujeito se lembra de quantos atos ele verificou durante o estado mediúnico passivo. (2)

(2) Tanto esse tipo de memória quanto a preservação da sensibilidade cutânea e a ausência de subjetividade parecem indicar um estado mais próximo da vigília do que aquele designado por mim como estado de credulidade. — A. R.

Para conhecer as impressões que o sujeito sentia durante tal estado, e saber como e por que obedecia às ordens que lhe eram comunicadas, acordei-o várias vezes bruscamente, no momento em que acabava de cumprir determinado ato.

...Os sujeitos são unânimes em declarar que antes de realizar o ato, sentem um impulso muito bem determinado que os obriga a cumpri-lo.

“Sentimos (diziam eles) uma sensação indefinível como nunca tínhamos sentido em circunstância alguma. - “Eu senti (disse um deles) uma leveza extraordinária nos meus braços, que pareciam ter perdido o peso; então senti meu braço separar-se de meu corpo e erguer-se no ar, apesar de mim”.

Outro me disse que seus braços se estendiam para a frente, contra sua vontade e de forma irresistível, e de fato, no início da experiência, eu dirigi seus braços para frente, cruzando-os sobre o peito.

Outros sujeitos me contaram que a impulsão era tão forte que parecia que estavam sendo puxados pela manga do vestido.

Nos movimentos de locomoção total, todos afirmam sentir-se puxados para a frente, de forma irresistível.

...Todas essas experiências eu as realizei com discípulos desprovidos de preconceitos, embora um tanto céticos, mas que, no entanto, eram animados pelos melhores desejos de estudar e analisar os fenômenos.

Por outro lado, eram jovens inteligentes, escolhidos entre os acostumados a observações fisiológicas.

Tenho feito experiências com sujeitos de ambos os sexos e os resultados que obtive foram absolutamente idênticos.

O estado da temperatura e as variações atmosféricas exercem uma influência considerável nos resultados que podem ser obtidos.

Uma temperatura elevada, com tempo claro e calmo, facilita o desenvolvimento dos fenômenos, enquanto o clima frio, úmido e agitado dificulta.

II. — Estado ativo.

...De início (1) observa-se uma moderação nos movimentos respiratórios, que também se tornam mais profundos, o pulso fica mais forte e mais rápido.

(1) O Doutor Joire diz que o estado em que se produzem esses fenômenos e que ele chama de estado mediúnico indutor, pode determinar-se espontaneamente sob a influência de uma magnetização, que leva o sujeito ao que, em meu livro sobre a exteriorização da sensibilidade, eu chamo de 3º estado. O autor acrescenta que são raríssimos os sujeitos que possuem a

propriedade de agir à distância sobre os objetos inanimados. Apesar disso, ele conseguiu encontrar alguns sujeitos com tal poder.

A maioria pertence ao sexo feminino, tem traços de histeria e estão entre pessoas de 18 a 40 anos de idade. "Com grande frequência observa-se que a histeria desses sujeitos é de forma erótica, e em todas as ocasiões é possível observar a preponderância mais ou menos grande das funções da medula espinhal, sobre as do cérebro, isto é, da esfera dos centros nervosos do automatismo sobre a esfera dos centros nervosos da vontade e da consciência. — A. R.

De vez em quando, após alguns suspiros, aparecem bocejos, acompanhados de soluços, que são frequentemente substituídos por simples contrações da faringe ou por espasmos de riso. O olhar expressa êxtase, e o rosto coberto de suor, ora adquire a cor vermelha, ora torna-se pálido.

Aos poucos os olhos tornam-se brilhantes, úmidos e muito abertos, os lábios são animados por um sorriso especial, e a fisionomia expressa o êxtase voluptuoso.

Durante essas crises, observa-se uma hiperestesia geral muito pronunciada, sobretudo, viva sensibilidade à luz.

Uma luz forte ou repentina, causa distúrbios profundos no sujeito, como palpitações, respiração acelerada, tremor geral e, às vezes, convulsões.

Quando o sujeito está no estado mediúnico ativo, exerce uma influência sobre os seres ao seu redor, tanto animados quanto inanimados.

Iremos nos limitar a enumerar os principais fenômenos que essa influência pode produzir, os quais podem ser infinitamente variados em suas combinações.

1.º O sujeito pode fazer sentir sua influência nas pessoas próximas, atraindo-as, repelindo-as ou tocando-as à distância.

2.º Sobre objetos inanimados, produz movimentos de atração, repulsão e levitação.

Convém fazer notar que quando esses últimos fenômenos ocorrem, as extremidades do sujeito ficam rígidas e o corpo apresenta-se convulso.

Ainda tentando produzir um movimento à distância, o sujeito inclina-se para o referido objeto, colocando-se na posição mais favorável para o desenvolvimento de todas as potências de seu organismo e, finalmente, depende efetivamente uma soma de forças, mais consideráveis do que aquelas que exigiria o efeito produzido de forma normal.

3.º O sujeito pode também agir, por meio de sugestão mental, sobre as pessoas que o rodeiam, provocando nelas verdadeiras alucinações, estando

a sua intensidade relacionada com a disposição particular das pessoas que recebem a sugestão. Esses diferentes fenômenos podem combinar-se de várias maneiras e ocasionar fenômenos complexos.

Ao final da crise o estado do sujeito muda completamente; a excitação é substituída por um esgotamento considerável do sistema nervoso; o rosto adquire uma expressão de sofrimento e cansaço, há grande decaimento, do qual o sujeito consegue se recuperar após um sono mais ou menos profundo. A sensibilidade à visão e ao tato é preservada, mas a memória do que aconteceu durante a crise geralmente é apagada.

Capítulo VIII

As mulheres elétricas

Um estudo mais aprofundado da eletricidade animal e uma comparação entre seus os efeitos e os da eletricidade atmosférica nos permitirão um dia compreender em parte os fatos extraordinários apresentados nos capítulos anteriores.

Tenho realizado algumas investigações e experiências a respeito deste assunto, mas ainda não obtive resultados precisos. Por enquanto, vou relatar alguns fatos notáveis citados em valiosos depoimentos.

No *Experiences sur le Galvanisme* (1), de Humboldt, são citados os nomes de vários indivíduos cujo corpo desprendia fogo ao caminhar.

(1) *Paris, 1799, p. 428.*

Mussey (2) relata o fato de uma mulher de 30 anos, de temperamento nervoso, que, durante uma aurora boreal, foi repentinamente carregada de eletricidade, e cuja presença se manifestou por meio de faíscas, no momento em que ela acidentalmente tocou com um dedo o rosto de seu irmão. Esse fenômeno persistiu por dois meses e meio, com intensidade variável.

(2) *Extraordinary case of Animal electricity (American journal. of. med. Sc. 1837. T. XXI p. 377).*

Se estava nas condições mais favoráveis e apontava o dedo para uma bola de cobre, ela chegava a emitir quatro faíscas de 3 centímetros de comprimento a cada minuto.

No *Liberal du Nord* de 4 de abril de 1837, apareceu a seguinte notícia, que foi posteriormente reproduzida por vários jornais.

Ontem, uma mulher deu à luz um menino, que produz choques elétricos como um torpedo.

O referido menino é de constituição robusta e, ao nascer, foi colocado em um berço de vime, isolado por meio de pés de vidro. Por espaço de 24 horas, manteve essa propriedade notável, a ponto de o médico que atendeu

o parto conseguir carregar uma garrafa de Leyden e realizar uma porção de experiências.

O *Petit Moniteur universel du soir*, de 8 de março de 1869, relata um fato semelhante, segundo o *Memorial de la Loire*.

Trata-se de um menino que nasceu na cidade de Saint-Urbain, o qual parecia cercado por um resplendor esbranquiçado. Os objetos de pequeno volume, como colheres, facas, etc., começavam a vibrar quando colocados nas proximidades dos pés ou mãos da referida criança, que faleceu aos 9 meses emitindo eflúvios luminosos (1).

(1) *L' Art de magnétiser*. — Paris 1886 p. 270.

Em 1839 duas jovens, de entre 18 e 20 anos, em plena saúde, produziam fenômenos extraordinários em Esmirna, relatados, no "*Echo de l'Orient*" correspondente a 9 de março, por um escritor pouco familiarizado com a linguagem científica.

Colocadas no centro de uma mesa recoberta de cera, percebia-se imediatamente uma série de rangidos semelhantes a um movimento de deslocamento; estes rangidos eram seguidos de vivas comoções e detonações sensíveis, estando as portas da sala perfeitamente fechadas. A mesa em questão foi vista movendo-se sozinha, apesar de estar longe de qualquer contato, e percorreu quase um passo, como se impulsionada por pequenas sacudidas. Quando uma dessas jovens trocava de lugar, a mesa seguia esse movimento.

Uma vez retirado o pano encerado que cobria a mesa, o movimento moderou-se notavelmente.

Tudo isso aconteceu na presença de muitos médicos respeitáveis e de pessoas recomendáveis por seu alto grau de instrução. Tratando de explicar esses fatos, concordaram em reconhecer que as duas jovens são dotadas de fluido elétrico espontâneo, em grau até hoje desconhecido, e que podem ser comparadas a uma garrafa de Leyden. Em uma delas a corrente elétrica seria positiva e, na outra, negativa.

O famoso magnetizador Charles Lafontaine diz, (1) que em 1833 ou 1834, um de seus amigos foi a Carcassonne em companhia do Sr. Berthe, professor de Física no seminário desta cidade, a fim de ver uma menina de 8 a 9 anos, que em certas ocasiões, pela sua simples presença na cozinha, fazia dançar caçarolas, atiçadores e pinças.

(1) *Cornélio Agrippa (Epístol. XLIV. liv. II) menciona uma observação feita por um de seus amigos, pároco de Sainte-Croix em Metz, sobre um menino, seu sobrinho, que de repente apareceu envolto em chamas, enquanto o seio de sua mãe estava coberto com um halo de fogo. Estas chamas não produziam queimadura alguma.*

Trataram de experimentar o fato, mas apesar de terem ficado com ela por 6 ou 8 horas, nada aconteceu. Partiram acreditando ser uma mistificação; porém, ainda não tinham dado cem passos quando a moça os chamou; eles voltaram imediatamente e a viram no meio da cozinha, e todas as caçarolas, pinças, espátulas e tudo que era de metal pulava e dançava pelo local.

Em 15 de janeiro de 1846, observou-se pela primeira vez na cidade de Bouvigny, que uma pequena e robusta menina de 13 anos chamada Ângela Cottin, física e moralmente apática, apresentava repentinamente fenômenos muito estranhos; quaisquer objetos que ela tocasse, diretamente ou por meio de suas roupas, eram violentamente rejeitados. Por vezes produzia intensas comoções nas pessoas ao seu redor, mantendo esta propriedade com mais ou menos intensidade durante um mês, oferecendo intermitências de 2 ou 3 dias.

Este fenômeno foi comprovado por um grande número de pessoas, tendo-se realizado alguns experimentos, cujos resultados foram relatados pelo Dr. Tauchou, (2).

O referido senhor viu Ângela Cottin pela primeira vez no dia 12 de fevereiro, em Paris, onde ela estava sendo exibida como curiosidade.

(2) *Enquête sur l'authenticité des phénomènes électriques d'Angelique Cottin. — Paris. — Germer Bailliere 1845. Folheto de 54 páginas.*

Em uma nota lida na Academia de Ciências em 17 de fevereiro, o Dr. Tauchou disse o seguinte:

Nas duas vezes que vi a menina elétrica, ela produziu alguns fenômenos que merecem ser registrados.

Assim, uma cadeira que eu segurava bem forte com as duas mãos e um pé, quebrou no instante em que a menina sentou nela.

Uma tira de papel, que coloquei equilibrada em um de meus dedos, foi levada como por uma rajada de vento.

Uma mesa de tamanho médio e bastante pesada mudou de lugar várias vezes, ao simples contato de suas roupas.

Uma pequena roda de papel colocada vertical ou horizontalmente sobre seu eixo, recebeu um movimento rápido, devido às emanções liberadas do punho e dobra do braço, da menina elétrica (1).

(1) Lafontaine, que também foi um dos observadores, diz, "que quando a menina elétrica aproximava seu punho esquerdo de uma bugia acesa, a chama ficava na horizontal, como se estivesse sendo soprada continuamente" (L'art de magnetiser pág. 273).

O Sr. Pelletier observou o mesmo fenômeno com alguns de seus sujeitos.

Um sofá grande e pesado, no qual eu estava deitado, foi atirado violentamente contra a parede, no momento em que a menina veio ao meu lado.

Uma cadeira aderida ao chão por braços robustos, e na qual eu estava sentado, ocupando apenas metade dela, foi arrancada de mim com violência no instante em que a jovem se sentou no lugar vago; e, coisa singular: cada vez que a cadeira era afastada, parecia aderir às roupas da jovem, seguindo-a por um instante.

Dois pequenas bolas de cortiça ou penas, suspensas por um fio de seda, são agitadas, atraídas e às vezes separadas uma da outra.

As emanções desta menina não são contínuas, aparecendo especialmente das 7 às 9 da noite.

O ponto de partida desses eflúvios é a parte frontal do corpo e, em particular, o punho e a dobra do braço. Ocorrem apenas do lado esquerdo, aparecendo o braço desse lado bastante quente e trêmulo.

Durante o tempo que observei a referida jovem, seu pulso variava de 105 a 120 batimentos por minuto, notando-se nele também alguma irregularidade.

Quando se faz a menina sentar em uma cadeira sem os pés tocarem no chão, ou quando ela apoia os pés em alguma pessoa próxima a ela, o fenômeno deixa de ocorrer. Também não ocorre quando seus pés descansam em um assoalho encerado, uma folha de vidro ou um pedaço de tafetá engomado. (2)

(2) O doutor Lemonier, médico em Saint Maurice (Orne), insiste sobre a mesma coisa em seu relatório.

"Colocada em uma cadeira, isolada do chão por quatro copos de vidro, e com os pés em cima dos ditos copos, ela não produz nenhum fenômeno. Colocada em contato com o depósito comum, volta a adquirir a propriedade elétrica, que parte do lado esquerdo."

Durante o paroxismo, a referida jovem não consegue fazer contato com a mão esquerda, tendo que direcionar o braço à distância, como se seu corpo

estivesse em chamas; *quando suas roupas tocam os móveis, ela os atrai, desloca e faz virar*. A cada descarga elétrica ela procura fugir, pois isso lhe causa dor, e diz sentir uma coceira no punho e na dobra do cotovelo. Buscando o pulso na artéria temporal, ao não poder encontrá-lo no braço esquerdo, meus dedos tocaram a nuca por acaso e, instantaneamente, a jovem deu um grito e se afastou de mim.

...Na região do cerebelo e no local de inserção superior dos músculos do pescoço, existe um ponto tão sensível que não permite ser tocado, e no qual as sensações do braço esquerdo repercutem. As emanções elétricas dessa menina parecem ocorrer em ondas, em forma intermitente, e procedentes da parte anterior de seu corpo, sendo à altura da pelve o local de maior potência.

Essas emanções manifestam-se *como uma corrente gasosa, produzindo uma sensação de frio* na mão, quando a aproximamos da pele.

A irregularidade que se observa na emissão do fluido parece depender de várias causas; em primeiro lugar, pelas preocupações constantes desta menina, que sempre olha para trás para ver se alguém a toca; em segundo lugar, do cansaço e também da atenção.

Quando ela está distraída o fenômeno se realiza com maior intensidade.

Cada fenômeno que produz lhe causa susto. Quando aproxima a ponta de um dedo em direção ao polo norte de um ferro magnetizado, ela recebe uma forte sacudida; o pólo sul não tem efeito algum sobre ela.

Embora saiba ler e escrever, sua inteligência é pouco desenvolvida, tendo-se dedicado a fazer luvas de fibra para senhoras.

Ela não tem apresentado nenhum sintoma de menstruação, e atualmente está com 13 anos.

Vou relatar mais alguns detalhes, registrados em outros relatórios.

Em 17 de janeiro, ou seja, no segundo dia do aparecimento dos fenômenos, a tesoura que ela usava, pendurada na cintura por meio de um cordão, foi-lhe arrancada sem que ela sofresse o menor dano. Este fato, o mais incrível por sua analogia com os efeitos do raio, nos fez pensar que a eletricidade deve desempenhar um grande papel na produção desses fenômenos.

Mas esta via de observação não pôde ser seguida por muito tempo, pois o fenômeno ocorreu apenas duas vezes; uma delas na presença de um sacerdote, que me garantiu a autenticidade, sob palavra de honra.

Os efeitos, quase nulos ao meio-dia, redobraram a sua atividade à noite e à hora habitual. A ação ocorreu *sem contato*, sobre corpos organizados vivos, começando com choques violentos estampados na parte de trás do joelho de uma trabalhadora que estava à frente de Angélica, e a uma distância de um decímetro. Os mesmos objetos que eram repelidos pela manhã pelo simples contato, eram então repelidos pela mera aproximação do vestido.

(Relatório do Sr. Hebert).

O relatório fornecido pelo Dr. Beaumont Chardon, médico em Mortagne, diz o seguinte:

1.º Repulsão, atração e translação de várias mesas bastante pesadas e uma poltrona de mogno muito sólida. *A movimentação desses objetos ocorreu por meio do contato voluntário ou involuntário de dois vestidos da jovem Cottin sobre os referidos móveis.*

2.º Ao sentar-se, a cadeira é repelida instantaneamente, o que não acontece quando os pés do assento repousam sobre vidro ou pano encerado, ou quando os pés da jovem não repousam no chão. *Diferentes vezes observou-se uma espécie de aderência entre a cadeira e suas roupas.*

3.º No momento em que um pedaço de madeira, uma bengala ou um pequeno alicate de ferro é aproximado de sua coluna, seu corpo experimenta uma comoção que lembra aquela produzida por uma descarga elétrica. O mesmo efeito é produzido aplicando um dedo na testa, no vértice da cabeça, na região occipital ou na flexão do braço esquerdo.

4.º Ao colocar uma barra de lacre ou um tubo de vidro convenientemente friccionados em contato ou a uma pequena distância da cabeça ou da flexão do braço, várias sensações de violentas picadas são produzidas na pessoa com a qual estamos lidando. Esses efeitos não ocorrem quando o lacre ou o vidro estão úmidos.

5.º Ao se aproximar de qualquer pólo de um ímã, a poucos centímetros da cabeça ou da mão esquerda, sente uma penosa e insuportável sensação de prurido.

Uma agulha magnética suspensa horizontalmente do teto por meio de um fio, foi desviada da direção magnética terrestre quando a menina aproximou seu braço esquerdo.

Tenho observado que, *quando ela está livre de qualquer preocupação e está alegre, seu poder elétrico aumenta.*

O Sr. de Farémont, homem inteligente e respeitado que morava em um castelo ao lado da choupana de Angélica, e da qual era protetor, testemunhou fatos ainda mais extraordinários, quando as faculdades da dita jovem estavam no auge.

Renovando as minhas experiências (escrevia a um amigo), os atizadores e utensílios da lareira foram por sua vez projetados, e o mais surpreendente do caso foi o que se conseguiu com uma gamela, que pesava pelo menos cento e cinquenta libras. Em uma de suas pontas foi inserido um prego no qual a jovem prendeu sua seda e, tão logo as *saias tocavam a gamela*, esta se erguia instantaneamente três ou quatro polegadas do chão, sendo essa manifestação renovada quatro a cinco vezes por minuto, e depois descansava.

Eu me coloquei em cima da gamela, e fui levantado com a mesma violência e regularidade: três pessoas fizeram o mesmo, e foram levantados da mesma forma, e temos de manifestar que três dos presentes não foram capazes de levantar aquela gamela, apesar dos seus esforços.

Pode-se presumir que a garota levantava os móveis com os joelhos?

Não cabe tal suposição, pois além de seu enorme peso, dificilmente ficava espaço para ela deslizar o pé entre a gamela e o chão; além disso, eu estava segurando suas saias e vigiando seus pés, que estavam afastados da gamela.

A narração dos surpreendentes fenômenos produzidos por meio da referida jovem não acaba aqui.

Às vezes, quando estava muito saturada, não conseguia ficar sentada, porque no momento a cadeira escapava, perdendo seu centro de gravidade.

Ao tentar deitar-se sobre uma pesada cama, cujo peso seria de cerca de trezentas libras, tal móvel sacudia-se de maneira incrível, não havendo outra força capaz de produzir esse movimento.

Ao se aproximar de outra cama, que estava montada sobre rodas de madeira, de seis polegadas de altura, a cama realizou uma virada completa.

Examinando essa menina, percebe-se uma *pulsção interna* em todas as partes do corpo dela. Seu pulso não é regular, pois acompanha o ritmo das pulsações nervosas.

Quando a levei a Mamers, onde ela entrou à tarde, todos os móveis que estavam impregnados com seu fluido pareciam formar uma só agrupação com ela; tão logo ela os tocava, eles começavam por estremecer e continuavam movimentando-se com viveza, como que felizes por tê-la ao seu lado.

O Sr. Ollivier, ex-discípulo da Escola Politécnica e engenheiro de pontes e estradas em Mortagne, testemunhou a maioria dos fenômenos descritos acima, tendo experimentado especialmente aqueles relacionados à eletricidade e ao magnetismo.

Aproximando nossa mão do braço da jovem, sentíamos arrepios.

As quatro pernas de uma cadeira foram colocadas dentro de copos de cristal muito secos, e a jovem Cottin conseguiu sentar-se sem sentir a menor sacudida, mantendo-se completamente calma quando apoiou os pés em uma garrafa. Depois de deixá-la nessa posição por algum tempo, aproximamos nossa mão de seu cotovelo e então ela sentiu uma sacudida.

Sentada na cadeira isolada, uma mesinha foi colocada em frente dela, com as ferramentas necessárias para fazer luvas de fibra. A mesinha também foi isolada por meio de copos de vidro e, em tal situação conseguiu trabalhar, embora com certa dor de dente...

O Sr. Beaumont trouxe uma bússola de bolso, com a qual tentamos fazer algumas experiências com o braço de Angélica, mas nada conseguimos. No entanto, ao aproximar seu cotovelo de uma grande agulha suspensa de um fio, esta se desviou por repulsão até uns 90°.

O eminente físico Aragó, juntamente com os Srs. Mathieu Laugier e Guyón, obtiveram no Observatório os fenômenos a seguir. Tendo Angélica colocado uma de suas mãos diante de uma folha de papel colocada na borda de uma mesa, o papel foi atraído por sua mão. Uma mesinha, com o tampo raspado, foi repelida na hora. Tendo se sentado em uma cadeira tocando o chão com os pés, o assento foi violentamente jogado para um lado e a jovem para o outro. Esta última experiência repetiu-se muitas vezes e sempre deu resultados, apesar dos senhores Aragó, Guyón e Laugier tentarem manter a cadeira imóvel.

O Sr. Guyón sentou-se em uma metade da cadeira e, no exato momento em que Angélica se sentou na outra metade, ele foi arremessado do assento.

Depois de um relatório favorável do ilustre secretário da Academia das Ciências, uma comissão de seus membros foi nomeada para examinar Angélica. Esta comissão tratou quase exclusivamente de descobrir a analogia que poderia existir entre a eletricidade da dita jovem e a das máquinas, ou do torpedo.

Nenhum resultado pôde ser alcançado, provavelmente devido à emoção desenvolvida em Angélica quando se viu em presença dos aparelhos de física, e possivelmente também contribuiu para o fracasso o fato de as faculdades da dita jovem estarem em declínio. Com isso, a Academia declarou nulas e sem efeito todas as comunicações que lhe haviam sido feitas anteriormente sobre este assunto.

Daí surgiu viva controvérsia e grande emoção entre aqueles que diziam ter visto, e aqueles que os chamavam de tolos.

Em 4 de março do mesmo ano, o seguinte artigo apareceu no *Siécle*.

Devemos citar um fato recente e ainda inédito, que tem notável analogia com a história da jovem Angélica, e cujas particularidades reais, resolvem-se muito provavelmente em um estado nervoso, como o da dança de São Vito.

Este fato é atestado por um eminente professor de ensino superior, em um dos colégios reais de Paris.

Autorizados previamente, vamos reproduzir uma síntese do ocorrido. “No dia 2 de dezembro, uma jovem *de uns 14 anos ou pouco menos*, aprendiz de colorista, estava ocupada em sua oficina na rua Descartes, quando inesperadamente, a mesa de trabalho produziu ruídos incomuns e variáveis, que surpreendiam todas as pessoas que passavam nas suas imediações. Logo o pincel que tinha entre os dedos escapou de sua mão, e no instante em que tentou pegá-lo, ele fugiu diante dela.

A mesa sobre a qual trabalhava recuava ou se erguia em sua presença, sendo tão notável o movimento de retrocesso que o móvel chegou a colidir com uma mesa próxima. O mesmo movimento de retrocesso aconteceu com a cadeira em que ela estava sentada.

O simples roçar do seu vestido era suficiente para atrair, repelir ou levantar uma mesa. A testemunha que subscreve este relato diz que, tendo-se sentado perto da referida jovem, foi levantado juntamente com a cadeira em que descansava.

Às vezes ela exclama que estão puxando suas meias e, de fato, verificou-se que suas ligas saíam espontaneamente e as meias estavam a ponto de sair de seus pés, até que, devido a uma reação repentina, voltavam por si mesmas ao seu lugar. Esses fenômenos têm ocorrido constantemente por uma dúzia de dias.

No momento presente ela experimenta violentos choques internos que não lhe permitem permanecer sentada. A cada momento levanta-se e volta a sentar-se, assemelhando-se nos seus movimentos a um cavaleiro montado à inglesa, e cavalgando a trote.

Em 1858, o Dr. Pineau, médico de Péluies (Cher), teve a oportunidade de atender uma menina de treze anos e meio, habitante de Haia (Indre-et Loire), cujo nome era Honorine Seguin, que era dotada de propriedades semelhantes.

Como Angelica Cottin, os fenômenos começaram inesperadamente no início de dezembro de 1857, aumentaram de intensidade por algum tempo e depois de dois ou três meses desapareceram. O Sr. Louis Figuier faz um relato deste caso na *Histoire du merveilleux* (Volume IV, p. 211-214) que diz o seguinte:

Ao chegar, o doutor sentou-se numa cadeira ao lado da jovem, colocando imediatamente outra cadeira em contacto com a orla inferior do vestido daquela.

Passada meia hora, viu-se *a referida orla do vestido inchar, dirigindo-se para um dos esteios da cadeira vazia*, o qual logo verificou um movimento de rotação, acompanhado de um rangido característico. A partir deste momento, a cadeira obedeceu a todas as ordens que Honorina lhe comunicava, e sendo assim, por indicação desta jovem, a cadeira deslizou pelo assoalho, batia, levantava duas de suas pernas permanecendo em equilíbrio, acompanhava o compasso enquanto Honorina cantava, e por fim, virou de ponta-cabeça com violência.

Se naquele momento alguém aproximava uma mão do ponto inchado do vestido, este rapidamente perdia seu estado de rigidez, mas um instante depois era visto *inchar novamente, aproximar-se da cadeira e aderir a ela, como que atraído por uma força análoga à da eletricidade*. Durante as duas horas que durou a experiência, os pés e as mãos da jovem permaneceram imóveis e visíveis, o que afasta qualquer hipótese de enganação.

Quando o doutor Pineau decidiu estudar as faculdades de Honorina Seguín, em 10 de fevereiro de 1858, elas já estavam em declínio, pois não se manifestavam há 13 dias, e para fazê-las reaparecer era necessário um *esforço prolongado por parte dela*.

Um aparelho, composto por duas bolas de cortiça suspensas por um fio de seda, não foi influenciado e, no entanto, no momento preciso, acabava de derrubar com suas anáguas uma cadeira muito pesada.

Outro curioso exemplo da mediunidade que nos ocupa, foi observado durante os anos de 1852 e 1853 na Baviera Renana pelos doutores Beutner, Depping e Frankenthal. Tratava-se de uma menina de 11 ou 12 anos chamada Singer, que produzia movimentos espontâneos de objetos pesados, e também realizava um fenômeno de atração realmente original.

Em 26 de outubro de 1852, ele se entreteve em aderir um pedaço de papel em seus dedos e depois na parede, fazendo-o se desprender sem causa aparente.

No dia seguinte à tarde, foram entregadas a ela chaves, moedas, relógios, anéis de ouro e prata, e todos esses objetos, sem exceção, ficaram suspensos em sua mão; com a particularidade de que os objetos de prata aderiam muito mais do que os compostos de outros materiais, e lhe causavam dor quando se tentava desprendê-los.

No sábado, dia 11 de novembro, um oficial do exército que estava presente, entregou a ela seu sabre com o cinto, pesando em conjunto 4 libras, e a jovem Singer aderiu-o ao dedo médio de sua mão, e o manteve suspenso por muito tempo. O singular do caso é que todos os objetos ficavam aderidos, apesar de estarem formados de diferentes matérias.

Esta propriedade magnética era comunicada pelo simples contato das mãos, àquelas pessoas que eram suscetíveis de transmitir o fluido.

O capitão cavalheiro de Zentner, que nessa época estava na guarnição de Bergzabern, e presenciou esses fenômenos, teve a ideia de colocar uma bússola perto da jovem.

No primeiro ensaio, ela desviou 15º, mas quando a experiência foi repetida, a agulha permaneceu imóvel, apesar de que a jovem Singer segurava o estojo com a bússola em uma das mãos, enquanto o acariciava com a outra.

Normalmente, quando a pequena sonâmbula está prestes a iniciar a sessão, ela chama todas as pessoas que estão em sua casa para entrarem

em seu quarto. Ela não se acalma até que consegue tê-los ao lado de sua cama, e então pede com impaciência um objeto qualquer, que fixa nos dedos ao lhe ser entregue. Frequentemente, mais de doze pessoas estiveram presentes, cada uma das quais entregou a ela vários objetos, que indefectivelmente aderiam em sua mão. Ao final da sessão, ela examina os objetos com os olhos fechados e os devolve aos seus donos sem nunca errar. (1)

(1) A maioria dos sujeitos magnéticos apresenta fenômenos análogos. Quando um objeto é dado a eles em estado de vigília e eles o apertam com força na mão, como se o impregnassem de fluido, eles sentem certa dificuldade quando tentam liberá-lo. Parece que ao pegá-los absorveram fluido, e essa absorção produziu a adesão. Quando estes sujeitos são conduzidos ao quinto estado de hipnose (estado de lucidez), apalpando as pessoas presentes reconhecem a pertença dos objetos, assumindo que os donos estão entre os reunidos.

Mesmo que alguns dos objetos que lhe foram dados sejam tirados de suas mãos, nem por isso sente sofrimento.

...Enquanto realiza as experiências, não tolera que ninguém se situe ao pé da cama, junto de um armário à distância de um pé. Em certa ocasião, recomendou aos presentes que nunca ficassem no lugar proibido, pois não queria que nenhum infortúnio lhes acontecesse.

Neste caso, o armário passa a desempenhar o papel de gabinete escuro, como ocorreu nas sessões com Eusápia e outros médiuns de materialização. Parece que os eflúvios do sujeito se condensam nesses lugares, ao abrigo da luz, e por isso evitam o mais possível que sua comunicação seja cortada.

É, portanto, injusto considerar este procedimento como um meio de favorecer qualquer fraude, que, por outro lado, seria impossível de explicar. (2)

(2) Por falta de espaço, irei me limitar a citar apenas a vidente de Prevost, cuja história foi escrita pelo Dr. Kerner, ilustre poeta e médico. Esta mulher apresentava, reunidas em um grau muito elevado, todas as faculdades que encontramos espalhadas entre diferentes sujeitos.

O Dr. Feré (médico diretor do Bicêtre) atendeu uma senhora de 29 anos que apresentava propriedades semelhantes, embora em menor grau.

Os dedos da Sra. N... (conta-nos ele) (3), atraem corpos leves, como fragmentos de tecido, papel, etc.

(3) Le Progrés Médical, 1884.

Seus cabelos soltam faíscas ao serem tocados pelo pente, e quando aproxima a roupa íntima da pele, ela se adere intensamente e produz um crepitar luminoso. Quando a Sra. N... esfrega uma dezena de vezes com as

duas mãos, um tecido de lã, ou simplesmente um guardanapo estendido sobre um móvel de madeira (corpo isolante imperfeito), o tecido fica saturado de eletricidade, e adere com força à madeira, podendo soltar faíscas de um centímetro de comprimento.

Esta aparente produção anormal de eletricidade varia de caso para caso. A Sra. N... produz descargas mais intensas depois de sofrer emoções morais muito fortes. Ela tem observado que após ouvir uma música que a emocionou, a crepitação aumenta, manifestando-se por todo o corpo e principalmente nas pernas, onde causa uma desagradável sensação de prurido.

O tempo seco favorece o desenvolvimento destes fenômenos elétricos, que se tornam particularmente intensos em épocas de frio rigoroso. Os tempos úmidos e de nevoeiro produzem o efeito contrário, sendo assim que esta senhora anuncia as variações atmosféricas com alguns dias de antecedência, através da sua tensão elétrica, que é nula em épocas de chuva e quando sopra vento Sul.

A tensão extrema coincide com um estado de excitabilidade, e a tensão diminuída com um estado de frouxidão geral. Quando uma parte de seu corpo é descarregada pela fricção, ela experimenta uma fadiga penosa nessa parte.

Diferentes vezes observamos com o eletrômetro de bola de sabugueiro que a Sra. N... estava carregada de eletricidade positiva.

A pele desta paciente é extremamente seca, razão pela quais suas pernas sofrem rachaduras com facilidade.

As propriedades anormais que acabamos de mencionar manifestam-se quase sempre no momento em que o organismo se prepara para a crise menstrual. Aliás, foi observado em várias mulheres que quando ocorre o fluxo menstrual, as agulhas quebram enquanto trabalham, e isso é feito sem choque e de forma involuntária.

A época da menopausa desenvolve manifestações elétricas de um tipo diferente.

Uma amiga minha, senhora de 53 anos, experimentou pela primeira vez há dois anos o seguinte fenômeno. No momento de afastar as cobertas da cama para se levantar, notou que os lençóis tinham uma aderência extraordinária, e ao fazer um esforço para se desvencilhar deles, ela se viu envolta em uma rede de fogo que lhe causou grande susto. Alguns meses

depois, o mesmo fenômeno se repetiu a bordo do navio em que viajava com destino à Argélia.

Um fato semelhante é registrado na obra (*Act. Phys. med. germ.*, vol. III, obs. 3).

“Uma senhora que vivia em Milão estava dormindo pacificamente uma noite quando de repente foi acordada por uma forte dor em seu punho. Ao abrir os olhos, percebeu que sobre sua cama e seu corpo desprendia-se uma chama; com os gritos que ela dava, seu marido acordou e, vendo uma chama tão intensa que com seu resplendor iluminava os objetos da sala, dirigiu a mão para ela, observando que ela se aproximava e se afastava, ao compasso dos movimentos da mão dele.

Ele repetiu esses movimentos por seis ou sete minutos; depois disso, o fogo desapareceu.”

Aos fatos relativos à eletricidade animal citados no início deste capítulo, mais alguns podem ser acrescentados.

Na América, terra clássica dos médiuns, o estado do ar é tal que, em certas ocasiões, eles conseguem soltar faíscas dos dedos, apenas esfregando os pés durante algum tempo no tapete de uma sala, sendo o suficientemente intensas como para acender um isqueiro a gás. (1)

(1) Amédée Guillemin. — *Le magnétisme et l'électricité*, pág. 555.

... O *Journal économique*, correspondente a julho de 1753, menciona o fato de uma empregada doméstica que, durante a estação fria, via sair de suas anáguas uma grande quantidade de faíscas semelhantes às que saem dos carvões quando são acesos, e uma luz semelhante à de uma chama quando se apaga.

O Abade Bertholon em seu *Electricité animale*, refere-se à observação de um sacerdote florentino, que inesperadamente experimentou uma comoção elétrica espontânea, vendo-se envolto em uma chama que queimou suas roupas e ainda deixou vestígios em sua pele. "Seus pais e servos vieram em seu auxílio, mas ele morreu depois de três dias, após um declínio progressivo das forças."

Nas *Mémoires de l'Académie des sciences de Paris* (ano 1777, p. 538), existe uma nota de Cassini, a respeito de um senhor russo que conheceu em Florença, que por muitos anos "foi dotado de um poder elétrico parecido ao do torpedo."

Capítulo IX

As casas mal-assombradas

Todos já ouviram falar em casas mal-assombradas, nas quais ocorrem movimentos espontâneos de objetos, ruídos e outras manifestações desagradáveis para os moradores, e em particular para aqueles dotados de faculdades mediúnicas.

Geralmente, a polícia pratica algumas vistorias, que não dão resultado; e como depois de pouco tempo os fenômenos cessam, o público assume que houve algum mistificador habilidoso e não se ocupa mais daquilo.

Que a mistificação pode desempenhar um papel importante nessa classe de eventos, ninguém põe em dúvida; mas muitas vezes trata-se de fenômenos reais, que aparecem na forma de uma verdadeira epidemia.

Foi o que aconteceu na América no ano de 1850, razão pela qual foi levado ao Congresso dos Estados Unidos um requerimento redigido pelo Senador Tallmadge, ex-governador de Wisconsin, e assinado por quatorze mil pessoas, algumas delas muito eminentes, pedindo fosse nomeada uma comissão composta por pessoas competentes para estudar o caso. Os fatos desse gênero são tantos que sua relação encheria mais de um volume. Quem quiser se aprofundar no assunto pode consultar a *Histoire du merveilleux*, de Luis Figuier; *Animisme et spiritisme*, de Aksakof, e os *Annales des Sciences Psychiques*, nos quais o Dr. Dariex registrou em 1892 algumas observações muito precisas.

Limitar-me-ei aqui a dar conta de uma investigação recente e inédita realizada em Limoges.

O CASO DA CONSTANTÍNIA

(Carta do Sr. Maxwell, substituto do procurador-geral)

Estimado coronel: Cumpro de bom grado o pedido que V. S. me fez sobre os estranhos fenômenos de que tem sido palco uma casa de campo situada

no distrito de Objat (Coréze), e para o qual lhe envio o máximo de informações que consegui obter.

I

A Constantínia é uma propriedade muito importante. A casa destinada a moradia está construída na encosta de uma ladeira, e é constituída por edificações em forma de esquadra.

O piso térreo contém uma grande cozinha E. (1) que abraça todo o comprimento do edifício; à direita da cozinha existe um salão F. e um dormitório G. À esquerda encontra-se a ala do edifício que compreende um piso térreo e um celeiro na mansarda. O chão do térreo desta parte da casa fica mais alto do que o piso da cozinha e dos outros cômodos.

(1) Ver plano.

Na referida ala existem quatro cômodos; um dormitório D. com duas camas, iluminado por duas janelas; uma antecâmara ou corredor C.; outro dormitório B, menor, conhecido como o aposento da Sra. Faure e, por último, um cômodo A., iluminado por quatro janelas.

Este quarto contém duas camas e comunica com o pátio ocupado pelos servidores.

O pessoal em Constantínia inclui, além de um certo número de criados para o trabalho no campo, a senhora Faure, sua sogra de 85 anos e uma pequena empregada de 17 anos chamada Maria Pascarel.

A Sra. Faure é uma mulher educada, inteligente, enérgica, e ela é a encarregada de dirigir a fazenda.

Sua família é uma das mais honoráveis.

A sogra da Sra. Faure está um tanto desorientada em razão da idade.

A jovem Maria Pascarel é inteligente, espirituosa e de gestos um tanto livres, embora do ponto de vista da probidade não se lhe possa dirigir a menor censura. Ela é baixa em estatura e delicada na aparência, e quando os eventos que vou mencionar aconteceram, ainda era impúbere. Ela tem uma irmã sonâmbula e sua família é considerada extravagante.

Os criados da Constantínia comem na cozinha sentados a uma sólida mesa de madeira, com três metros de comprimento por um de largura. A cozinha tem ainda um fogão, alguns aparadores, e uma enorme lareira cujo exaustor alberga um pequeno banco à esquerda, e duas cadeiras à direita.

Os fenômenos começaram na segunda quinzena de maio de 1895, com batidas na parede que separa a sala de jantar do quarto ocupado pela sogra da Sra. Faure. (Estas salas estão assinaladas no mapa com as letras F. e G.).

No dia 21 de maio, às nove horas da manhã, a idosa Faure disse à nora que a cama de seu quarto dava batidas na parede divisória, mas a senhora Faure (jovem) não deu grande importância ao fato, atribuindo isso a um erro. No dia seguinte, à mesma hora, o ruído foi reproduzido no mesmo local, mas desta vez a nora da anciã Faure percebeu-o com muita clareza. Em 23 de maio, nada em particular foi observado. Na sexta-feira, dia 24, o barulho se repetiu com mais intensidade. Uma hora depois, a Sra. Faure entrou na sala de onde vinha o barulho, ou seja, aquela marcada na planta com a letra G., encontrando, no chão e na maior confusão, o edredom, os lençóis, a almofada, e as cobertas da cama.

Outras desordens ocorreram na casa. Três barris vazios localizados no porão foram deslocados. A cama no dormitório marcado com a letra B. estava desmanchada, as cobertas pelo chão, uma pequena estátua da Virgem e um pote com café cheio até a borda foram deslocados da cômoda para o centro do quarto. Ao lado desses objetos jazia um Crucifixo que fora retirado da parede.

Esses fatos assustaram muito a Sra. Faure. Na noite de sexta para sábado, ela ficou para descansar no dormitório A., com sua sogra e Maria Pascarel, e como de costume, elas passaram a noite na maior tranquilidade; mas na manhã de sábado, três batidas fortes foram ouvidas como se partissem da porta do celeiro. (A escada que dá acesso a ele estava fechada por meio de uma porta que comunica com o vestíbulo C.).

As senhoras Faure e sua criada foram imediatamente para o quarto B., encontrando as cobertas da cama bagunçadas no chão e quebrado o pote do café. Sem demora dirigiram-se à cozinha e, no preciso momento em que acabavam de chegar, ouviram no dormitório B. uma algazarra espantosa.

Voltaram a este dormitório, encontrando no chão, estilhaçados, três açucareiros, uma dúzia de xícaras e alguns quadros de retratos e gravuras. O susto das três mulheres não teve limite, convencidas de que os acontecimentos ocorridos eram sobrenaturais, e embora as visitas dos vizinhos acalmassem um pouco a sua exaltação, essa calma não durou muito, pois passado pouco tempo as manifestações foram reproduzidas mesmo na presença dos próprios vizinhos.

Amelia Bayle, esposa de Madrias, mulher de 30 anos, inteligente e razoável, esteve na casa das senhoras Faure às sete e meia da manhã. Em sua presença, a tampa de uma terrina que se encontrava perto do fogão foi lançada com violência para o meio da cozinha.

A Sra. Madrias estava naquele momento sentada diante da lareira, de costas para o fogo; a Sra. Faure, Maria Pascarel e um pastorzinho estavam na cozinha; por conseguinte, a Sra. Madrias estava colocada entre a terrina e as outras pessoas presentes.

Este fenômeno a fez estremecer, por isso ela saiu imediatamente; mas às onze e meia estava de volta, encontrando Maria Pascarel recolhendo os cacos de louça que estavam pelo chão, porque a cada momento, como que por mãos invisíveis, garrafas, pratos, etc., eram arremessados. A Sra. Madrias viu ser projetada violentamente aos seus pés, uma garrafa de madeira que estava colocada sobre um aparador.

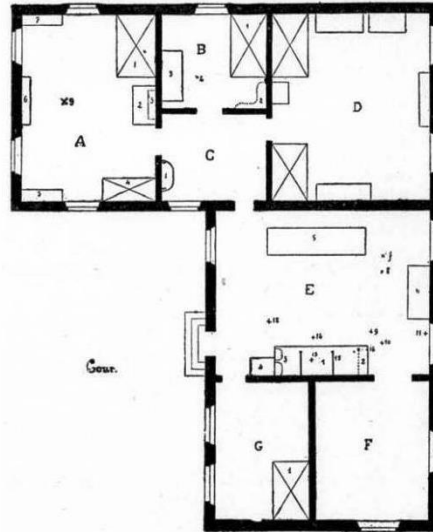
Esta senhora podia distinguir perfeitamente todos os movimentos das pessoas que se encontravam na cozinha, motivo pelo qual ela não se explica como é que a garrafa foi atirada.

Outras desordens foram encontradas no quarto A. A cama da Sra. Faure estava uma bagunça; um espelho, fora do lugar; vários jornais colocados sobre um aparador (3) que repousava em uma mesa junto à parede (2), estavam espalhados pelo chão, e num desses jornais, intitulado *Le petit centre de Limoges*, havia duas gotas de sangue úmido. Cinco minutos depois, Maria Pascarel entrou novamente na sala e observou que as gotas de sangue já eram seis.

Finalmente, uma marmitta de ferro fundido foi quebrada e um prato foi tirado das mãos da empregada. Às 3 da tarde cessaram os distúrbios.

De domingo 26, até quarta-feira 29, inclusive, não houve nenhum fenômeno; mas na quinta-feira, dia 30, os distúrbios se repetiram com intensidade crescente.

As panelas penduradas nas prateleiras da cozinha foram jogadas violentamente ao chão.



Planta de Constantina

Explicação do plano da Constantina

A. — Quarto onde dormem a senhora Faure e Maria Pascarel.

1. Cama da Sra. Faure.

2. Mesa.

3. Aparador.

4. Cama de Maria Pascarel.

5. 6 e 7. Arcas.

9. Local onde foram encontrados os jornais com manchas de sangue.

B. — Quarto da Sra. Faure.

1. Cama.

2. Guarda-roupa.

3. Arca.

4. Local para onde foi deslocado o pote de café.

C. — Vestíbulo.

1. Guarda-roupa.

D. — Dormitório habitualmente desocupado.

E. — Cozinha.

1. Lareira.

2. Banquinho sobre o qual deslizou o fole.

3. Cadeiras.

4. Guarda-comida.

5. Mesa.

6. Fogão.

7. Local onde quebrou o copo arremessado do armário 4.
 8. Local onde caiu o fole, vindo do banco 2.
 - 9 e 10. Cadeiras em que o prefeito de Objat e a Sra. Faure estavam sentados.
 11. Local onde caiu a bengala atirada em Maria Pascarel.
 12. Parte da sala onde estava Maria Pascarel durante a visita do prefeito.
 13. Local ocupado pela terrina.
 14. Cadeira em que a senhora Madrias estava sentada quando a tampa da terrina foi lançada.
 15. Atiçadores do fogão.
 16. Saliências formadas no banco pelo prolongamento das pernas; o fole deslizou entre elas.
- F. — Sala.
- G.—Aposento da idosa Faure.
1. Cama.

Às 18 horas, a anciã Faure viu como sua cama se movia sozinha; a cadeira em que ela estava sentada foi empurrada um pouco para trás e, no momento em que ela tentou se levantar, a cadeira foi derrubada. Maria Pascarel estava com a idosa Faure no quarto. Entre 7 e 8 da noite, hora em que começavam a jantar, duas toras de madeira que estavam na cozinha caíram sobre as senhoras Faure. Além disso, um livro foi atirado ao rosto da anciã Faure, e o criado Bosche levou uma bofetada enquanto jantava.

O susto dos moradores da casa aumentou até um ponto tal que as senhoras Faure e Maria Pascarel decidiram ir descansar na casa de uns vizinhos.

Na sexta-feira 31 de maio, decidiram comunicar o que estava acontecendo ao Prefeito de Objat, Sr. Delmas, pessoa de muito boa reputação. O Sr. Delmas quis observar os acontecimentos, tentando estudar suas causas, embora em princípio relutasse em acreditar que qualquer objeto pudesse ser mudado de lugar, sem contato aparente. Ele entrou na cozinha, colocou alguns pratos na mesa ao lado de uma pequena vassoura, sentando-se imediatamente em frente à lareira, à direita da Sra. Faure.

A jovem criada caminhava de um lugar para outro, ocupada em seus afazeres. De repente, e na presença do Sr. Delmas, a vassoura foi lançada com grande violência contra a chaminé.

A criada estava naquele momento a uma boa distância da mesa e, conseqüentemente, não podia ter alcançado a vassoura.

Pouco tempo depois, mandaram a criada retirar manteiga de um armário localizado à direita da lareira (E. 4.) Assim que ela o abriu, um copo de vidro que estava em uma das prateleiras do armário veio estilhaçar-se no meio da cozinha. O senhor Delmas estava convencido de que Maria Pascarel não havia jogado o copo, pois a observava em todos os seus movimentos.

As ideias do honorável prefeito de Objat, a partir de então, viram-se completamente modificadas, pois antes pensava tratar-se de algum truque; seu espanto aumentou ao ver como um fole deslizava por cima de um banco da cozinha, (E. 2.) até chegar a cair no meio do local com muito barulho, devendo registrar que enquanto deslizava pelo banco, o fole procurava evitar os relevos formados pela extremidade superior das pernas.

O prefeito imediatamente mandou despejar a casa e, no exato momento em que a ordem era cumprida, uma bengala de 0,40 centímetro de comprimento foi lançada com força contra as costas de Maria Pascarel.

Quando o Sr. Delmas acabava de chegar a Objat, foram informá-lo de que estava ocorrendo um incêndio em Constantínia.

A jovem Maria Pascarel observou que uma espessa coluna de fumaça saía do quarto usado como dormitório por ela e a Sra. Faure.

Ao entrar no referido quarto, verificou-se que saía fumaça da cama da Sra. Faure (jovem), sem que se pudesse reconhecer a existência de chamas ou brasas (sic). A própria senhora Faure usou em seu relato esta singular expressão: “o fogo entrava na cama”. Em diversas ocasiões, tanto Maria Pascarel quanto a idosa Faure observaram que uma fumaça espessa parecia sair da anágua desta senhora.

No dia seguinte, Maria Pascarel deixou o serviço das senhoras Faure sem lhes dar o menor aviso; estas voltaram a ocupar a sua casa, e a calma reinou a partir desse momento.

Esses dados me foram fornecidos por M. de N., um funcionário do Banco da França em Limoges, que faz parte de uma família que possui propriedades em Objat.

Por outro lado, um de meus amigos, M. B. Juiz de Paz de D. e amigo do prefeito de Objat, me deu indicações tão interessantes sobre o ocorrido,

que as considero suficientes para decidir ir a Constantínia, a fim de estudar os fenômenos, acompanhado pelo referido magistrado e o prefeito de Objat.

Antes, fui à casa de Maria Pascarel, obtendo dela e de seu irmão e tutor, que me acompanhassem na visita que eu faria.

De fato, eles vieram, mas quando cheguei a Constantínia e depois de ter explicado às senhoras Faure o motivo de minha viagem, elas manifestaram alguns escrúpulos em aceitar novamente sua antiga criada; finalmente atenderam meu pedido, dando-me todas as facilidades para que eu pudesse fazer as experiências que julgasse oportunas. Percorri a casa, informei-me de todos os detalhes ocorridos e fiz uma planta dos cômodos. O resultado de meus estudos foi resumido no capítulo anterior, mencionando apenas os fatos principais, pois por muitos dias ocorreram movimentos de objetos a todo instante, sem contato aparente.

O gato da casa foi arremessado um dia sobre a idosa Faure e, em outra ocasião, ela foi levemente ferida na cabeça por um dos ganchos do zíper.

A circunstância de lidar com fenômenos singularmente estranhos, seria razão suficiente para descartá-los?

A prudência aconselha que as coisas nunca sejam negadas *a priori*, mesmo sendo no momento inexplicáveis.

Ainda temos um conhecimento insuficiente das forças naturais que colocamos a nosso serviço. Podemos por acaso afirmar que no laboratório da natureza não existem outros tipos de forças que ainda desconhecemos? Estou inclinado a acreditar em sua existência e espero que o futuro irá nos revelar muitos segredos. A natureza é infinita, e mal a conhecemos.

Deste ponto de vista, o estudo dos fenômenos de Constantínia oferece considerável interesse. Achei útil descrevê-los, mas acredito não seja menos útil discutir sua realidade.

II

Essa discussão pode ser reduzida ao exame das seguintes hipóteses: Houve fraude? Houve um erro de observação por parte das testemunhas?

A segunda hipótese é inadmissível, porque as verificações materiais são irrefutáveis. Os objetos foram destruídos diante dos olhos das testemunhas; os restos deles ficaram nas imediações do local onde caíram

e, por último, ao baterem no chão, produziram um barulho forte o suficiente para confirmar o fato.

Essas circunstâncias não permitem supor que as testemunhas estivessem alucinando.

Resta a hipótese de fraude, mas caso existisse, a quem poderia ser atribuída?

Somente às senhoras Faure e à Maria Pascarel. Em efeito; a maioria dos fenômenos ocorreu na presença dessas três pessoas. Verificou-se um grande número de casos de movimento de objetos sem contato quando os outros habitantes de Constantínia estavam ausentes e, portanto, não podiam provocá-los; tais são os fenômenos observados pelo prefeito de Objat, os ruídos, a desordem nas camas etc., que aconteceram enquanto as senhoras Faure e sua criada estavam em casa; mas levando em consideração a excelente reputação das senhoras Faure, o susto de que estavam possuídas toda vez que uma manifestação ocorria, a enfermidade física da idosa Faure e a completa ausência de relação entre elas e os fenômenos, devemos necessariamente excluí-las de qualquer suposta intervenção. Por outro lado, as manifestações cessaram após a partida de Maria Pascarel; mas, em troca, nenhuma manifestação ocorreu sem a presença da referida jovem.

Razoavelmente, a fraude deveria ser atribuída a Maria Pascarel. No entanto, esta hipótese é difícil de admitir, pois se por um lado existem circunstâncias que a tornam possível, outras afastam tal suposição.

Podemos resumir as primeiras da seguinte forma:

Sempre que ocorreu um fenômeno inexplicável, Maria Pascarel estava em Constantínia.

O caráter daquela jovem deixa a desejar, pois embora seja inteligente e honesta, nem sempre se mostra educada com a Sra. Faure e às vezes mete-se em assuntos que não lhe dizem respeito; e por último, foi ela quem anunciou o incêndio.

As razões que afastam a hipótese da fraude são as seguintes:

1º Ausência de móvel inteligível.

Acontece que Maria Pascarel ocupava um cargo em Constantínia com o qual podia atender às suas necessidades, tendo encontrado dificuldades para encontrar trabalho em outro lugar, dados os costumes que

prevalecem na área rural de Limousin. Pela mesma razão, deve-se presumir que ela não estaria disposta a fazer tais brincadeiras.

Também não é provável que tenha agido instigada pela malevolência, já que nunca demonstrou sentimentos perversos, e mesmo admitindo que suas intenções visavam prejudicar as senhoras Faure, não é concebível que tenha dado o grito de alarme no momento em que reparou na existência do incêndio. Se seus desejos eram de prejudicar, por que pedir ajuda no momento mais favorável para ela?

Por último, teria sido extremamente temerário incendiar a cama da Sra. Faure no momento em que a atenção de todos estava mais desperta, e quando recaíam sobre a Pascarel algumas hipóteses de participação direta ou indireta nos acontecimentos que mencionamos.

Acrescente-se ainda a essas considerações, que os fenômenos só ocorriam durante o dia, e facilmente se deduz que se uma pessoa fosse motivada por más intenções ou desejos de mistificação, teria escolhido de preferência a noite para realizar seus propósitos, visto que a escuridão predispõe ao medo e à credulidade, e isso dá segurança ao ator.

Será que sua intenção era mistificar ou fazer supor que ela possuía poderes sobrenaturais? No primeiro caso, as mistificações teriam resultado em um aumento significativo de trabalho, já que ela era obrigada a recolher restos de objetos quebrados, refazer as camas e, por fim, arrumar a desordem causada nos locais onde ocorreram os fenômenos, expondo-se a ser descoberta e demitida de Constantínia, em condições que teriam prejudicado sua reputação, e tornando difícil para ela encontrar um novo lar para servir.

No segundo caso, ela seria considerada uma feiticeira, e a Pascarel não poderia desejar isso, porque os camponeses de Limousin sentem uma verdadeira repugnância pelos feiticeiros.

2. Necessidade de uma destreza incomum.

Esta circunstância é essencial para tornar a fraude admissível. Lembre-se que durante muitos dias e a todo o momento ocorreram movimentos de objetos sem contato aparente, na presença de inúmeras testemunhas.

Uma fraude grosseira teria sido descoberta na hora, especialmente se levarmos em conta a prevenção que algumas pessoas sentiam, e em particular o prefeito de Objat.

O testemunho deste magistrado, das Sras. Faure, da Sra. Madrias e do criado Bosche, são justificados.

O prefeito colocou alguns objetos sobre a mesa e, ao lado deles, uma pequena vassoura. Esta foi projetada com violência em direção à lareira.

Será que Maria Pascarel, que estava bem vigiada, poderia tê-la lançado?

Pode alguém supor que no ato de abrir um armário de cozinha, e quando o prefeito observava os menores movimentos da Pascarel, fosse ela quem lançasse um copo de vidro que estava dentro daquele armário? Como explicar que ela fosse a autora do lançamento do fole, de um banco da chaminé, para o meio da cozinha? Este último fato foi realizado quando a Pascarel estava a muitos metros de distância, enquanto o prefeito estava localizado entre ela e o fole. Será que ela poderia lançá-lo por meio de um fio? Não, porque seria visto.

Além disso, é implausível que uma camponesa de 16 anos realize em plena luz do dia e na presença de muitas pessoas um truque tão hábil que o mais habilidoso ilusionista não conseguiria realizar três vezes consecutivas sem ser descoberto.

O exame das circunstâncias em que ocorreram os fenômenos relatados pela senhora Madrias confirma esse ponto de vista especial.

Na noite de 30 de maio, enquanto jantavam na cozinha, o prato de Maria Pascarel foi retirado abruptamente, e a mesma força o atirou no meio do local. Tudo aquilo que estava sobre a mesa, em torno da qual as senhoras Faure e os criados estavam sentados, também foi derrubado.

Uma cesta cheia de lascas de madeira colocada no canto da lareira também foi derrubada, e as lascas começaram a voar pela sala, caindo sobre as senhoras Faure e os criados, chegando mesmo a ferir levemente a cabeça de um certo Bosche. Cabe nisso qualquer possibilidade de engodo?

Sem entrar em maiores detalhes, é necessário reconhecer que a hipótese da fraude é inadmissível e que, se o testemunho humano merece algum crédito, os fenômenos que acabamos de mencionar devem ser aceitos como verdadeiros. As declarações de tantas testemunhas, sinceras e que gozam de excelente reputação, certamente convenceriam um júri e até mesmo os magistrados de um Tribunal Supremo.

Em resumo: ou a realidade desses fenômenos inexplicáveis deve ser admitida, ou então deve ser declarado que, sendo impossíveis *a priori*, houve necessariamente uma fraude que as testemunhas não souberam ver.

De minha parte, creio ter dado razões suficientes, demonstrando a improbabilidade da existência de fraude.

III

Se o caso da Constantínia fosse um caso isolado, eu seria o primeiro a considerá-lo indigno de atenção, mas não é assim, visto que eventos da mesma natureza foram observados por várias pessoas e em lugares diferentes.

No entanto, considere como do maior interesse o caso de Constantínia, pela variedade dos fenômenos ocorridos e sua complexidade.

Nossos leitores poderão distinguir entre as manifestações que ocorreram em presença de testemunhas tão formais como o prefeito de Objat, as senhoras Faure e Madrias, e aquelas que tiveram lugar em ausência de testemunhas, como as manchas de sangue e o incêndio.

Nesta segunda parte de minhas observações, tratarei apenas da comparação geral entre os fatos ocorridos em Constantínia e outros eventos semelhantes que tenho apontado.

Os fenômenos verificados em Constantínia foram os seguintes:

- 1.º Batidas repetidas.
- 2.º Desordem nas camas e nos móveis.
- 3.º Transporte de diversos objetos.
- 4.º Movimento de objetos, sem contato aparente.
- 5.º Quebra dos referidos objetos.
- 6.º Manchas de sangue.
- 7.º Incêndio.

Não tenho conhecimentos sobre a literatura que trata especificamente deste assunto e, pelo mesmo motivo, não farei uma história completa dos casos análogos ao de Constantínia, limitando-me a apresentar algumas observações do mesmo gênero.

Antes de relatar essas observações, convém lembrar que os caracteres clássicos encontrados nas outras casas mal-assombradas não existiram em Constantínia.

Aqui as manifestações ocorreram quase sempre durante o dia, e revestiram um aspecto puramente físico, (1) enquanto nas outras casas mal-assombradas os fenômenos ocorrem à noite, e são complicados pelo

barulho de passos e de ferrolhos, movimentos de portas abrindo e fechando e sons de vozes humanas.

(1) No *Psychische Studien*, 1881, pág. 1, o professor Boutlerow, membro da Academia de Ciências de São Petersburgo, refere um caso observado em 1880, que apresentava caracteres idênticos.

1.º BATIDAS REPETIDAS. — No quarto da idosa Faure ouviu-se um barulho parecido com o que a cama faria batendo na parede divisória, e além disso houve algumas batidas nas janelas. Ouviram-se também na porta do celeiro. Este fenômeno é o mais frequentemente observado.

Compilações especiais abundam em fatos desse gênero. (Ver no *Psychische Studien*, de 1889, as notas sobre o caso de Resau).

2.º DESORDEM NA CAMA E NOS MÓVEIS. — Esse fenômeno já é mais raro. M. d'Assier em *Humanité Posthume* cita vários casos recentes, relatados a ele por pessoas dignas de toda credibilidade. Ver em particular o caso da Bastida de Sérrou. (Cap. I, p. 30) e o relato dos fenômenos verificados no castelo de T. (*Annales des sciences psychiques*, 1892 e 1893).

3.º TRANSPORTE DE DIFERENTES OBJETOS. — O Doutor Dariex cita um exemplo nos *Annales des sciences psychiques* 1893, p. 32, e 1892, p. 192. Casos do mesmo gênero foram verificados no castelo de T. (*Annales des sciences psychiques*, 1892 e 1893).

4.º MOVIMENTO DE OBJETOS SEM CONTATO APARENTE. — Neste grupo inclui o transporte de objetos sem contato aparente, em presença de testemunhas. Este tipo de manifestações foram comprovadas no castelo de T. (*Annales des sciences psychiques*, 1892 e 1893). Nos *Proceedings* da Society for Psychical Research de Londres (vol. VII, p. 384), é relatado o extraordinário acontecimento ocorrido em uma oficina de carpintaria, em que as aparas e lascas espalhadas pelo chão foram deslocadas de um lugar para outro sem contato aparente, e na presença dos trabalhadores.

5.º QUEBRA DE VÁRIOS OBJETOS. — Existem vários exemplos. Ver os fenômenos ocorridos no castelo T.

6.º MANCHAS DE SANGUE. — Esta manifestação não é frequente. D'Assier (*Humanité posthume*, cap. 1), diz, que se verificou no ano de 1830 na Bastida de Sérrou.

Consultar também o Conde de Larmandié em sua obra *Eôraka*, p. 137, e Bodisco, *Trails de Lumière*, p. 40.

7.º INCÊNDIO ESPONTÂNEO. —Também é um fenômeno raro. No *Psychische Studien*, li uma observação desse tipo feita na Holanda, alguns anos atrás.

O Sr. Aksakof (*Animisme et spiritisme*, p. 298), cita, segundo o *Modern Spiritisme* do Sr. Capron, o caso de uma combustão espontânea ocorrida em 1850 em Stratfort (Estados Unidos). Caso semelhante aconteceu dentro de uma gaveta trancada, de propriedade do diretor de um dos principais estabelecimentos de ensino de Paris. (1)

(1) *Entre os vários casos de produção espontânea de luzes e chamas mencionados pelo Sr. Aksakof (Animisme et spiritisme), vou me referir ao de uma mulher do distrito de Ouralsk, que durante um período de seis meses foi objeto de manifestações diversas, como batidas repetidas, transporte de objetos, aparecimento de globos luminosos (págs. 301, 309 e 310) e início de incêndio (págs. 309 e 310).*

Em 25 de julho de 1853, ocorreu um incêndio na vila de Lipzy, que foi precedido por manifestações semelhantes, e deu origem a uma investigação administrativa e judicial, da qual o Sr. Aksakof conserva a documentação autêntica.

O estudo de tais fatos é de grande importância do ponto de vista das investigações judiciais.—
A. R.

IV

Os fenômenos verificados em Objat não são, portanto, únicos em seu gênero, uma vez que numerosos exemplos de fatos idênticos são citados.

Que conclusão corresponde extrair?

Após as observações feitas, entendo que podemos deduzir as seguintes circunstâncias:

1. Relação entre os fenômenos e Maria Pascarel.
2. Os objetos são direcionados com frequência, embora nem sempre, para o local onde ela está.
3. O movimento que desenvolvem é extremamente rápido; "elétrico", dizem os observadores.
4. O barulho que eles fazem quando caem geralmente é desproporcional à sua massa. Esse fenômeno impressionou bastante o prefeito de Objat.

A direção desses movimentos não parece ser presidida por uma inteligência. Eles têm um caráter mais de travessura do que de maldade, exceção feita do incêndio. (Ver no *Sphynx* um artigo de Kieservetter, intitulado *Der Spuk im Munchenhof*).

Poderíamos supor a existência de algum vínculo entre os movimentos da Pascarel e os fenômenos, pois eles só ocorrem quando ela está em estado de vigília.

Para terminar, devo acrescentar que na viagem que fiz a Constantínia, tentei realizar uma sessão na sala onde ocorreram os fenômenos mais notáveis. (Sala A., manchas de sangue e incêndio). Estavam presentes o prefeito e juiz municipal de Objat, Maria Pascarel, e outra pessoa.

Nenhuma manifestação evidente foi obtida; alguns sussurros foram ouvidas e pequenas batidas que partiam da mesa (1), sendo facilmente explicáveis pela pressão exercida pelos nossos dedos, sobre o velho e desunido tampo do móvel.

(1) Utilizamos um tripé antigo, de 0,80m de altura, com uma mesa circular de 0,50m de diâmetro.

As experiências precisaram ser interrompidas, porque o irmão de Maria Pascarel quis integrar-se ao grupo e logo o desarmonizou. Retomadas as sessões no local D., também não deram resultado.

Com a autorização prévia do irmão e tutor da Pascarel, tentei colocá-la para dormir, mas depois de um quarto de hora, tive de suspender meu trabalho de hipnotização, porque o irmão de Maria estava atrás de mim e continuamente distraía a jovem. Nem um nem outro concordaram em me deixar usar o método de Braid, tendo de me limitar à fixação do olhar e ao contato das mãos.

Achei Maria Pascarel muito fácil de hipnotizar, e creio que desde o primeiro ensaio o sono teria ocorrido, se ela não tivesse tanta relutância em participar nesse tipo de experiência.

Conclusões

Do exposto podemos extrair as seguintes conclusões:

1.º Os fenômenos observados nos diferentes médiuns apresentam grande semelhança com os produzidos pelos místicos de todos os tempos e países. A única diferença que existe depende do grau de intensidade e do obstáculo mais ou menos grande que a luz opõe à sua produção. Observa-se a progressão contínua, da atração dos sujeitos pelo magnetizador ou pela ação dos eflúvios digitais (1) sobre corpos levíssimos, até os mais espantosos milagres.

(1) Ver Les effluves odiques de Reichenbach. — Paris, Carré 1896.

2.º Alguns desses fenômenos, como os globos luminosos, guardam certa analogia com as manifestações ainda inexplicadas da eletricidade atmosférica (relâmpagos globulares); outros parecem ser devidos a um desenvolvimento anormal de eletricidade no organismo, desenvolvimento que ocorre espontaneamente em algumas jovens e na época da puberdade (2).

(2) Esses fenômenos são muito complexos e, embora pareça que a eletricidade desempenha um papel importante naqueles mais simples, isso não ocorre nos mais transcendentais.

O famoso eletricista inglês Varley, realizou vários experimentos que a London Dialectical Society deu a conhecer em 1871, mas a questão está longe de ser resolvida e é de grande necessidade que os esforços dos homens de ciência sejam realizados nesse sentido.

3.º Todos eles têm origem em algum eflúvio que sai de certas partes do corpo de algumas pessoas, de preferência em certas horas, em forma comparável a um vento elétrico. Esses eflúvios podem ser direcionados pela vontade do sujeito para o ponto onde tentam produzir algum efeito, e escapam por ondas, cuja intensidade corresponde ao esforço que as produz. A sua emissão é acompanhada por dores mais ou menos violentas que o sujeito tenta atenuar diminuindo o esforço e aproximando-se do objeto com o qual tenta relacionar-se. A luz exerce uma ação dissolvente, e parece que os fenômenos são mais intensos quando o sujeito está em contato direto com o chão, sem a interposição de substâncias isolantes da eletricidade.

Eis uma força não estudada, mas definida em parte pelas propriedades que acabo de indicar.

Que ações recíprocas são exercidas entre esta força e as forças antigamente conhecidas? Que relação há entre estas e os eflúvios cuja existência demonstrei em minhas experiências de exteriorização da sensibilidade?

De que maneira essa força é aumentada e transformada, para dar origem às manifestações transcendentais que, tanto objetivas quanto subjetivas, constituem um problema tão interessante? (1)

(1) *M. Pouchet, professor do Museu e um dos mais ferrenhos opositores de nossas ideias, escreveu em "Le Temps" em 12 de agosto de 1993.*

«Demonstrar que um cérebro, por uma espécie de gravitação, age à distância sobre outro cérebro, como o ímã sobre o ímã, o sol sobre os planetas, a terra sobre o corpo que cai. Chegar à descoberta de uma influência, de uma vibração nervosa que se propaga sem um condutor material... O prodígio é que muitos dos que nisto acreditam não parecem em modo algum ignorantes!... Mas apresentem-nos provas disso e seus nomes figurarão na imortalidade, muito mais do que o de Newton, e eu respondo a vocês, que os Berthelots e os Pasteurs lançarão seus chapéus a seus pés!»

Não pedimos tanto.

Tais são as questões que me proponho a estudar em um próximo livro intitulado "*Fantomes des vivants*" no qual irei expor a teoria do corpo fluídico, uma teoria que, já aceita pelos filósofos do Oriente e pelos Padres da Igreja, parece ser confirmada hoje com evidências.

Não esqueço que estou me afastando do domínio onde deveria encerrar-se um espírito POSITIVO, segundo os escolásticos, que pretendem limitar a ciência aos fatos que estudam, e aos métodos que utilizam; mas essa ciência não é a Ciência por excelência, aquela para a qual se dirigem aqueles que vislumbraram que do corpo do homem pode destacar-se ALGO que pensa e sente. Por esta razão, quando as investigações chegaram até essas forças sutis, é possível concluir que ALGO pode sobreviver à destruição da carne, e já neste terreno, substituímos o hesitante ato de fé das religiões positivas, por uma convicção inabalável na vida futura.

